
DISCRETION
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
KARINA HALLE



AVISOS

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas de Facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras, digam que leram no original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?

LEIA NO ORIGINAL

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WICKED LADY, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WICKED LADY poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WICKED LADY de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

WICKED LADY

Staff

Tradução: Lilly Draconi

Revisão Inicial: Onica

Revisão Final: Ju

Leitura Inicial e Conferência: Ellen

Formatação: Enne Polle



Série
The Dumonts

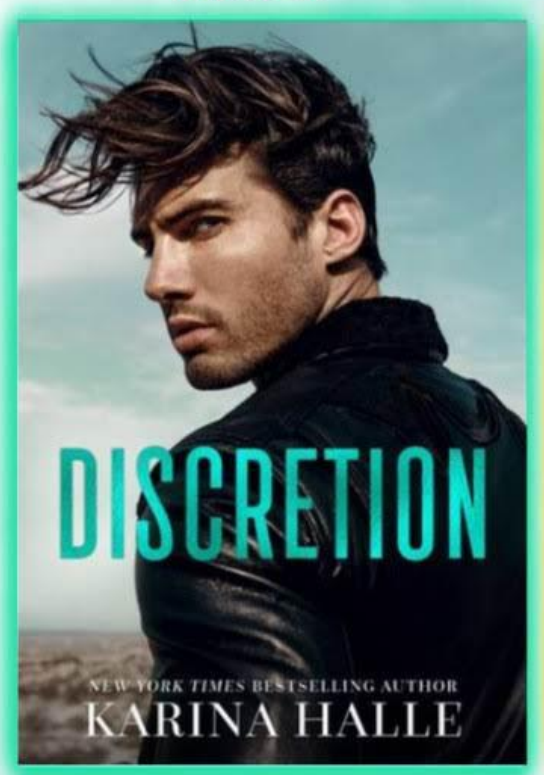
DISCRETION
KARINA HALLE

WICKED LADY

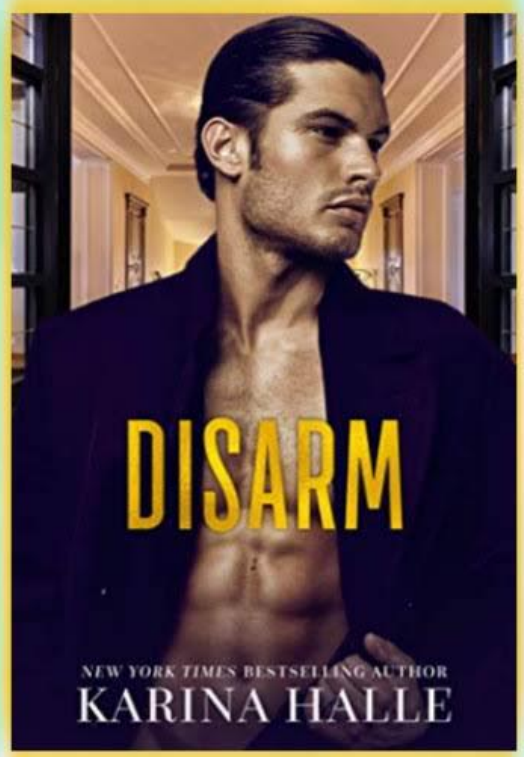
SÉRIE
THE DUMONTS

Ordem De Leitura

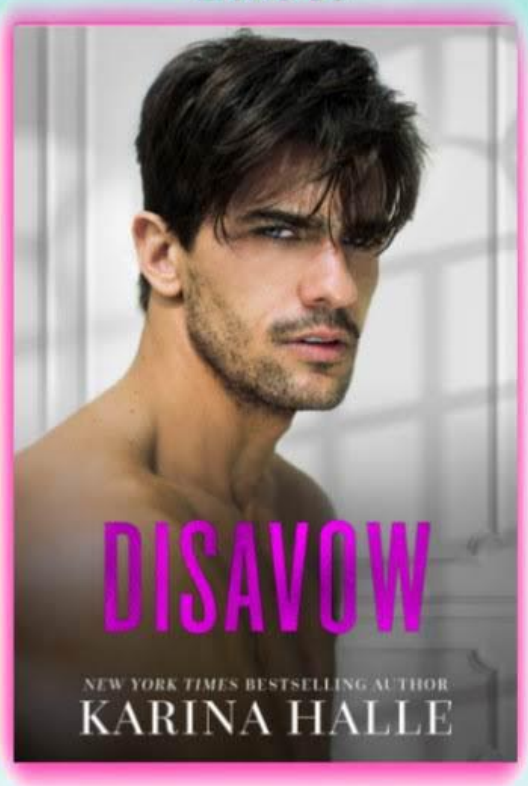
LIVRO 01



LIVRO 02



LIVRO 03



KH

Sinopse

A Riviera significa indulgência - se você tem dinheiro. Para Sadie Reynolds, uma aluna sem sorte, a Riviera significa albergues duvidosos e ruas sombrias. Quando um turno errado a coloca em risco, a última coisa que ela esperava é ser salva pelo estranho mais bonito ela já viu. Mais tarde, quando acorda em uma suíte de luxo com uma vista para o mar mediterrâneo, está sendo cuidada por seu salvador: Olivier Dumont, o solteiro mais cobiçado da França, bilionário hoteleiro e herdeiro da fortuna do Grupo Dumont.

Olivier também possui sua reputação escandalosa. Mas Sadie é diferente de qualquer mulher que ele já conheceu. Sua personalidade humilde e inocência selvagem prometem verdadeira paixão. Ele também está prometendo a Sadie algo: qualquer coisa que ela queira. De Bordeaux a Cannes e Paris, o passado de Sadie na América é varrido e substituído por uma fantasia boa demais para ser verdade.

Puxado para a órbita de riquezas, glamour e excessos de Olivier, Sadie descobre que a dinastia Dumont vem com um legado de segredos perversos. E os segredos de Olivier podem ser os mais danosos de todos.

Copyright © 2019 by Kharina Halle

Para Scott (mesmo que você não acreditasse em mim quando eu disse que estava procurando bolsas para propósitos de pesquisa)

Prólogo

Olivier

Há dez anos Grasse, França.

Ainda consigo sentí-la nos meus lábios.

Almiscarado, macio e doce. O néctar de um anjo caído.

Eu fecho meus olhos, respiro fundo, tentando segurar enquanto tudo se desvanece. Eu posso sentir a memória dela minguando, o gosto se transformando em algo amargo, como moedas debaixo da língua[1].

Agora tudo acabou.

Tudo que eu já tive, tudo que eu já conheci.

Tenho apenas vinte anos e minha vida está prestes a mudar para sempre.

---

[1] - Os ritos fúnebres dos gregos antigos incluíam, a colocação de uma pequena moeda sob a língua de uma pessoa morta para pagar Caronte (barqueiro de Hades) que carrega as almas pelo rio Estige e Aqueronte.

Em minha frente está o homem que segura todo aquele poder em suas mãos, aqueles dedos cruéis que nunca trabalharam um único dia real de sua vida.

Meu tio.

Ele está apenas sentado ali me observando, de pernas cruzadas tranquilamente, batendo vagarosamente com os dedos ao longo do braço de veludo da cadeira.

Marine já se foi há muito tempo. Mas cheguei tão longe que temo nunca mais poder vê-la. Provavelmente é melhor assim, mas ainda causa arrepios ao meu coração, como se uma âncora estivesse alojada ali, arrastando-a lentamente para longe.

Eu tento não pensar nela.

Eu tento não pensar sobre o que meu tio vai fazer a seguir.

Porque ele vai fazer alguma coisa.

Ele sempre faz.

O orgulho do meu tio é tão frágil como o gelo na primavera. Sólido a olho nu, mas trincando facilmente sob pressão.

"Há quanto tempo isso vem acontecendo?" Ele finalmente me pergunta, não sei dizer se segundos ou minutos se passaram nesta sala escura. Parecia uma eternidade. Lá fora, a lua estava pairando baixo sobre os campos de lavanda, e eu juro que não estava lá há um minuto.

Eu olho para minhas mãos, sabendo que não posso mentir. Eu sou um bom mentiroso, mas tio Gautier é melhor.

"Seis meses," eu disse a ele.

Ele respira fundo. "Entendo."

Eu poderia tentar justificar, poderia protestar, dizer a ele que estava errado. Mas, novamente, ele saberia. Na verdade, ele já se decidiu sobre o que vai fazer comigo.

Não será indolor.

"Olivier," diz com sua voz ficando mais suave. Ele é mais ameaçador quando está calmo, um tubarão caçando em silêncio. "O que você fez viola a mais sagrada confiança que temos. Você sabe que confiança é essa?"

Não digo nada. Eu não consigo.

"A confiança de família," prossegue ele, com os dedos continuando a bater metodicamente contra a cadeira. "Você envenenou os laços entre todos nós. Seu sangue, meu sangue, o sangue do seu pai. Somos todos um só. Todos Dumont. O que você faz afeta a todos nós. Se você sangrar, nós sangramos. Você sabe disso. Oh, como eu tenho estado lá por você por todos esses anos, Olivier, intervindo quando seu pai estava muito ocupado para poupá-lo do trabalho. E é assim que você me paga."

É claro que ele iria fazer isto a respeito dele e não de Pascal.

Eu engulo em seco, tentando encontrar o remorso, para pelo menos fingir. O problema é que não há nenhum. Eu odeio Pascal, e é por isso que eu não hesitei a princípio.

Gautier se inclina para frente em seus cotovelos, seu relógio pegando a luz fraca da cozinha. Esse relógio custa duzentos mil dólares, algo que ele lhe dirá mais de uma vez. Ele também lhe dirá que o trabalho duro terá os mesmos resultados. Mas como ele, está todo este tempo na aba do meu pai. O nome Dumont, a fortuna Dumont, nada disso importaria hoje se não fosse pelo meu pai.

Gautier também sabe disso.

É por isso que ele se tornou o oposto do meu pai. Seu antagonista. Ele nunca teve que conquistar nada disso. Só soube se aproveitar.

Meu pai é muito confiante para enxergar isso.

Mas eu vejo.

É claro, que agora eu estou em uma enorme confusão, então nada mais importa. Eu decepcionei meu pai dando a Gautier a vantagem.

Porra.

"Você se arrepende, não é?" Pergunta ele, e quando eu olho para cima, os olhos dele estão devidamente posicionados em minhas mãos. Eu estou esfregando-as. De raiva, não de arrependimento, mas deixei que ele visse o que queria.

Eu concordo. "Eu sinto muito."

"Eu estava me perguntando quando você diria isso," diz ele, lentamente se levantando. Ele é alto, assim como meu pai, assim como todos os meus irmãos e primos, mas ele usa sua altura como uma ameaça. Pascal também, eles são muito parecidos.

Pergunto-me o que teria acontecido se fosse com Pascal que eu estivesse conversando. Ele é muito mais imprevisível e instável. Gautier pelo menos sabe que não pode me tocar, que não pode me machucar fisicamente. De qualquer maneira, eu seria capaz de enfrentá-lo.

Mas Pascal é uma besta cruel e sofisticada que joga sujo. Do pior tipo.

Meu tio caminha lentamente em minha direção até que ele está pairando sobre mim, sombras caindo sobre seu rosto. “Eu poderia arruinar você. Você sabe disso, não sabe?”

Sempre com as perguntas.

Eu aceno de novo.

"Poderia dizer ao teu pai o que você fez, poderia contar a Pascal. Eu poderia contar ao mundo. E eu me certificaria de que você nunca mais voltasse a trabalhar. De que você não seria nada. Porque um homem que quebra os laços com sua família não deve ser nada,” ele pausa, inclinando a cabeça como se estivesse considerando-me. Talvez ponderando se ele iria me matar agora. Tenho certeza de que com suas mentiras e manipulações, ele pode fazer com que parecesse um acidente. Sei que disse que posso enfrentá-lo fisicamente, mas quem sabe quantas pessoas ele tem em sua

lista de contatos para as quais ele poderia simplesmente ligar? Pessoas que sabem como se livrar de pessoas de forma adequada.

Pela primeira vez desde que Gautier invadiu minha casa, tenho medo por minha vida.

Os segundos se esticam em minutos novamente, meus batimentos cardíacos crescendo mais alto na minha cabeça.

Finalmente, ele solta um longo suspiro. “Você é jovem, Olivier, cometeu um erro. Eu vejo isso. Lembro-me de como é ter vinte anos, ser rico e ter o mundo a seus pés. Você não se importa com nada além de sexo, mulheres e poder, e fará qualquer coisa para obtê-los. Eu sei, não pense que não sei. Mas a juventude não te isenta da punição. Não desiste dos seus pecados.” Ele me encara. “Tenho uma proposta para você, Olivier. Uma única saída. Você gostaria de ouvir?”

Eu pisco para ele, meus olhos tentando se concentrar nas sombras do seu rosto, mas tudo continua mudando de forma.

Uma transação com meu tio é um acordo com o diabo.

Mas que outra escolha eu tenho?

"E o que seria?" Eu pergunto, lambendo meus lábios secos enquanto falo, minhas palavras saindo em um murmúrio.

“Isso garantirá que nem Pascal nem seu pai ouvirão de sua indiscrição. Ninguém saberá, e você poderá continuar vivendo sua vida estúpida, egoísta e imprudente como tem sido. Fodendo tudo que anda,

gastando seu dinheiro em coisas inúteis e insípidas, continuará a ser Olivier Dumont, um herdeiros do império Dumont, o solteiro mais cobiçado da França.”

Eu limpo minha garganta. "E então o que eu tenho que fazer?"

Apesar de seu rosto estar sombrio, consigo ver um sorriso espalhar-se por ele, o branco dos seus dentes a destacar-se como o do gato Cheshire.

"Assine um documento, isso é tudo."

Mas isso não seria tudo.

Nada é tão simples assim com os Dumonts.

"Ok," eu digo baixinho, sabendo que vou ter que concordar com o que ele diz.

Estarei assinando com sangue.

Capítulo Um

Sadie

Nice, França dias atuais.

Passagem de trem?

Confere.

Celular?

Confere.

Carteira ridícula que envolve a minha perna?

Humm...

Bem, merda.

Eu procuro nos compartimentos da minha mochila, remexo na minha bolsa transversal, e olho ao redor do dormitório vazio, tentando me lembrar freneticamente onde coloquei a maldita coisa. Acontece que nela está o meu dinheiro, cartões de crédito e passaporte.

Eu passei a manhã correndo pelo calçadão e só tinha levado alguns euros comigo para meu café pós-treino, depois passei o resto do dia na sala comum do albergue comendo os restos do churrasco de ontem à noite. Nos dias em que não preciso gastar meu dinheiro com comida, eu aproveito. Sou como um chacal[2], mas de batom.

Só que agora eu não vou poder comprar outro batom a menos que eu encontre a minha carteira.

Aí me lembro de ter caído na minha cama ontem à noite depois de muitas bebidas no bar e de ter ficado de repente desconfiada de todos no quarto.

Eu me aproximo e levanto a beirada do colchão.

Tã-dã. Minha carteira.

Suspirando, eu pego e a seguro no meu peito.

Depois de dois meses mochilando pela Europa, você pensaria que eu teria uma ideia melhor de onde colocar minhas coisas, mas hey, pelo menos eu estava sendo cuidadosa depois de uma garrafa de vinho. Já ouvi histórias pavorosas o suficiente das pessoas que conheci até agora para saber que o pior dos cenários está inevitavelmente ao virar da esquina.

E neste momento o meu pior cenário seria perder meu passaporte ou a minha carteira, por isso que uso, o horrendo e desconfortável acessório amarrado ao redor da minha barriga. Dependendo do aspecto do albergue

---

[2] - Chacal - mamífero carnívoro, que se alimenta principalmente com os restos deixados pelos grandes animais, no sentido figurado um oportunista.

em que estou hospedada, aquela carteira às vezes fica em mim até enquanto durmo. Ontem à noite eu aparentemente pensei que escondê-la debaixo do meu colchão seria satisfatório.

Puxo a perna das minhas calças de linho, que estão enrugadas para além da compreensão, e prendo a carteira, então dou uma última olhada em volta do quarto sujo com beliches caídos e fedorentos por causa de dois suíços que chegaram ontem, e que pelo visto não tomaram banho há algum tempo. Eles provavelmente estão nos clubes agora, mas seu cheiro azedo permaneceu no quarto.

Boa sorte para este buraco de merda.

Quando vim para a Europa pela primeira vez, eu jamais sonhei em ficar em um albergue de mochileiros degradados como esse, no entanto, eu estava com meu ex, o Tom, e eu só tinha amor e aventura na minha frente, sem falar da segurança pela primeira vez na minha vida.

Apesar de eu ter economizado o máximo de dinheiro que pude, trabalhando na livraria da universidade depois das aulas, foi o Tom que realmente planejou essa viagem com antecedência para nós dois.

Viajando como um casal, era raro que ficássemos em albergues, e quando ficávamos, era sempre em um quarto particular. A maior parte do tempo ficávamos em um hotel. Nada chique, mas nada que cheirasse a peidos injetados por álcool.

Então, um mês depois das nossas viagens, recebi um e-mail de minha amiga Chantal, era o e-mail que mudaria a minha vida. Chantal me

disse que Tom tinha dormido com nossa amiga Jen ao longo dos dois anos do nosso relacionamento e basta dizer, que foi uma separação épica para acabar com todas as outras separações, bem no meio da estação de trem em Viena.

Por isso, agora Tom voltou para Seattle, e eu mantive nosso roteiro e fiquei mochilando pela Europa com um coração partido e uma conta bancária em declínio, tentando descobrir o que fazer comigo mesma. Eu tenho três semanas antes de ter que voltar para casa, e não tenho ideia do que vou fazer se souber que Tom está na maioria das minhas aulas em setembro.

Merda, eu nem sei o que vou fazer com o meu período. Embora a separação tenha ocorrido há quase quatro semanas, eu não estou nem perto de ter superado. Em cada novo lugar que me deparo, me entristece não ter alguém ao meu lado para compartilhar, a nova experiência.

Eu suspiro e pego minha mochila cada vez mais pesada, jogando-a nas costas em um grunhido. Tínhamos começado nossa viagem em Londres, onde gastei muito dinheiro comprando roupas e bugigangas, e tenho andado carregando muita merda para apenas uma pessoa.

Provavelmente deveria começar a deixar coisas para trás ou mandar algumas coisas para casa, mas sou muito sentimental para a primeira opção e estou muito falida para a segunda.

Eu saio para o corredor e aceno para o cara da recepção, Ryan da Nova Zelândia.

"Sadie," ele diz para mim, fazendo beicinho. "Você está indo embora?"

"Tenho um trem para pegar, lembra?" Digo-lhe, ajustando a mochila nos meus ombros. Ele tem flertado comigo a semana inteira desde que cheguei a Nice, e eu elegantemente evitei cada um de seus desastrosos avanços.

"Mas você está indo tão tarde," diz ele com um sorriso desleixado. "Por que não fica mais uma noite e vá para Barcelona pela manhã?"

"Não posso," digo a ele. “Se eu pegar o trem das onze horas, durmo de um dia para o outro e não preciso pagar por outra cama. Obrigada por me deixar guardar minhas coisas no dormitório, a propósito.”

"Sem problemas, tem certeza que não quer ficar?”

"Está tudo reservado e não é reembolsável." Eu olho para o relógio por cima do ombro. "E tenho quinze minutos para chegar à estação."

Dou-lhe um aceno rápido e saio dali antes que ele tente me convencer a ficar um pouco mais. Adorei usar Nice como base para explorar cidades como Menton e Cannes até mesmo Mônaco, mas já superei a Riviera Francesa. Quando você não tem dinheiro em lugares como estes, você realmente se sente fora do contexto. Espero que Barcelona esteja mais de acordo com o meu espírito, e que a Espanha se torne o país para me curar antes de voltar para casa. No mínimo, é suposto ser mais acessível ao meu orçamento.

A noite está quente e úmida, e a brisa do mar vindo do Mediterrâneo não parece chegar tão longe na cidade. A pousada fica próxima a estação de trem, talvez dez minutos a pé, mas fica em uma parte simples da cidade.

Se você estivesse com Tom, talvez estivesse em um dos hotéis chiques da Promenade des Anglais, não consigo deixar de pensar.

Mas pensamentos assim são fúteis.

Eu tiro meu telefone da minha bolsa e vejo as rotas a pé pelo labirinto de ruas, mas à medida que os blocos ficam mais sujos e abandonados - as lojas fechadas, as pessoas se arrastando pelos becos - decido que o flash em volta do meu iPhone poderia não ser a melhor ideia.

Utilizo da minha memória mental.

Vire à direita nesta rua.

Vire à esquerda nessa outra.

Siga em frente até...

Uma tosse baixa atrás de mim faz meu coração pular.

Eu olho por cima do meu ombro para ver um homem grande andando alguns metros atrás de mim. Não consigo distinguir seu rosto - ele está olhando para o chão e não para mim, o que acho que me alivia um pouco.

Ainda estou no limite. Estou andando por um bairro estranho em Nice à noite com uma mochila grande que está tornando meu ritmo consideravelmente mais lento.

Não entre em pânico, digo a mim mesma. *Só um pouco mais adiante.*

E, no entanto, ao entrar pela primeira vez à Rue d'Alger, o homem me segue.

Oh, foda-se.

Minha boca fica seca de medo.

Acelero o passo, tentando dizer a mim mesma que é uma coincidência e ele não está me seguindo, não posso desconfiar de todos.

E ainda assim tudo parece mais vazio e mais escuro de alguma forma, eu estou começando a entrar em pânico, ouvindo seus pesados e sombrios pés atrás de mim.

Tenho que ter certeza.

Virei à direita novamente, então estou basicamente voltando pelo caminho que vim, em direção ao albergue, para tentar afastá-lo da minha direção.

E ele continua em meu encalço.

Ele está me seguindo porra!

Foda-se, foda-se.

Agora o que eu faço?

Eu quase posso sentí-lo nas minhas costas, cada vez mais perto, o pavor ao redor do meu coração apertando.

O que eu faço, o que eu faço?

Eu agarro minha mochila ao redor dos meus ombros, mantenho minha cabeça erguida com uma falsa confiança, meus olhos correndo de um lado para o outro, tentando ver uma saída para essa situação. Mas não há mais ninguém por perto. Nem uma alma, teria uma chance melhor de chegar ao albergue ou pelo menos a uma loja se encontrasse alguma ainda aberta antes de eu chegar à estação de trem.

Deveria pelo menos atravessar a rua. Se ele me persegue, então eu sei que tenho que correr. A última coisa que quero é me assustar à toa por nenhuma razão e parecer uma idiota, mas isso seria definitivamente um sinal sólido de que *você precisa correr, vadia.*

Observo a rua e noto um carro virando a esquina, os faróis iluminando a rua escura apenas o suficiente. Eu arrisco e olho pela rua abaixo, esperando dar uma boa olhada nesse cara só para o caso de alguma coisa acontecer comigo.

Tudo o que vejo é um homem grande careca correndo em minha direção com as mãos para fora e em seguida, um vislumbre de seus olhos selvagens.

Tudo acontece em um borrão.

Eu grito e giro para fugir dele, mas assim que eu estou saindo do meio-fio, ele pega a parte de trás da minha mochila, puxando-me para seu lado.

Meu pé esquerdo aterrissa em um ângulo não natural.

Eu grito quando uma dor aguda sobe do meu tornozelo, e rajadas quentes correm ao longo da minha coxa, até meu coração, me congelando no local, tanto de terror quanto de dor.

E mesmo assim eu estou caindo de qualquer maneira, meu ombro batendo no chão, minha pele em chamas, enquanto o homem tenta colocar minha bolsa sobre minha cabeça, a alça do corpo cruzando cavando em minha traqueia.

Estou gritando tanto, mas está saindo distorcido, e estou tentando chutá-lo com apenas uma perna, porque a minha outra está explodindo de dor. Através dos meus gritos e grunhidos roucos do homem enquanto ele luta pela minha bolsa e mochila, eu ouço o guincho dos freios - e então de repente há outro homem em cena.

Enquanto me esforço, tentando freneticamente sair, vejo esse novo homem atacando meu agressor, trazendo sua gigantesca estrutura para o chão, e então estou livre de suas garras.

Mas não consigo correr, mal consigo mexer o pé, só movimento as palmas das mãos e cotovelos raspando ao longo da calçada áspera, antes de cair na rua em posição fetal, sentindo a dor correr por todo o meu corpo.

Os homens continuam se socando - é como duas bestas selvagens em uma luta até a morte - e então o cara novo está dando socos pesados e selvagens no meu assaltante. Ouço a fratura de ossos, vejo o jorro de sangue e fecho os olhos, desejando poder acordar desse pesadelo violento.

Então tudo fica em silêncio.

Quando uma mão toca meu ombro, meus olhos se abrem e eu solto um grito estridente de puro medo.

"Est-ce que ça va?" O homem pergunta, agachado ao meu lado. "Você está bem?" Ele muda para o Inglês, seu sotaque é como veludo.

Eu balancei minha cabeça, deixando escapar um gemido enquanto as lágrimas correram por meus olhos.

"Onde dói?" Pergunta ele, olhando-me. "Você pode se levantar?"

"Não," eu sussurro. Eu não quero me levantar. Eu não quero me mexer, só quero deitar aqui sozinha, sem este estranho ao meu lado, mesmo que ele tenha batido no outro cara.

Oh merda, se meu atacante estiver morto? Aqueles socos foram implacáveis.

Eu levanto minha cabeça para olhá-lo. Com os faróis meio iluminando o gigante homem, posso ver seu peito subir e descer. Seu rosto está ensanguentado, mas ele está se mexendo levemente. Não está morto.

"Você conhece aquele homem?" O sujeito me pergunta, seguindo meu olhar.

"Não," sussurro. "Eu estava apenas a caminho da estação de trem. Achava que ele me seguia por alguns quarteirões e..." *Merda, meu trem.* Eu olho para o cara de olhos arregalados. "Eu tenho que pegar meu trem."

Embora eu não possa ver seu rosto corretamente nas sombras, o vejo franzir a testa. "Trem?" Ele repete incrédulo.

"Eu tenho que ir," digo a ele, tentando rolar para me levantar, mas minha mochila me prende.

O homem se move mais para a luz, piscando para mim em descrença enquanto ele agarra meus ombros para me manter imóvel e então tira as alças de cima de mim até que eu esteja livre da mochila. "Você não está pegando nenhum trem," diz ele. "Você vai direto para o hospital."

Demoro um momento para olhar para ele, e fico momentaneamente atordoada. Cabelos escuros, olhos escuros, barba perfeitamente aparada sobre uma grande mandíbula e um queixo com covinhas. Ele parece que pode estar na casa dos 20 a 30 anos. Eu devo estar mais fodida do que eu pensava, porque não há como esse cara ser de verdade. Pode ser o homem mais bonito que eu já vi.

É assim que eu o conheceria.

De alguma forma eu consigo parar de encará-lo. Na verdade, a dor latejante ao redor do meu tornozelo torna mais fácil. Eu fecho os olhos com força enquanto estremeço.

Filho da puta.

"Eu não posso ir para um hospital," eu digo com os dentes cerrados.

"Por que não? Você está ferida, precisa ir para o hospital, depois para a delegacia para registrar queixa contra esse homem.” Ele gesticula para o homem espancado com desgosto antes de enfiar a mão no bolso da frente da camisa branca que agora está salpicada de sangue e tira seu celular."Eu estou chamando para você uma ambulância."

"Por favor, não," eu digo rapidamente. “Não. Estou bem,” consigo me afastar de seu alcance, tentando ficar de pé.

Sua carranca se aprofunda, criando uma linha afiada entre suas sobrancelhas baixas e escuras. Ele afasta o telefone. “Você não está bem. *Allons-y*[3]*”*.

Ele vem por trás de mim e coloca seus braços sob as minhas costas, me segurando firme enquanto me levanta para eu ficar sentada, estou ciente de quão inútil eu me sinto e quão perto este estranho está de mim. Ele tem um cheiro incrível - um traço fraco de colônia que não posso reconhecer - como se ele tivesse nascido no mar. Traz uma imagem de um oceano azul calmo, como a cor que a água estava nessa manhã em minha corrida.

É isso, focar no cheiro dele, digo a mim mesma. *Não pense no tornozelo. Não pense na dor. Calmo oceano azul, calmo oceano azul.*

Então ele prende seus cotovelos debaixo dos meus braços e gentilmente me levanta. Meu tornozelo esquerdo brande de dor em protesto, e solto um grito.

"Não coloque pressão sobre ele, apoie-se em mim," diz, puxando meu braço em seu ombro. Inferno, ele tem ombros largos como uma rocha, e ainda assim seus movimentos são completamente fluidos, e elegantes.

[3] - *Vamos.*

Eu coloco meu peso nele assim que ouço um grunhido e um som de movimentação atrás de nós. Nós dois nos viramos para ver o atacante cambaleando aos seus pés.

"Arrête[4]!" O homem grita com ele, mas o atacante está dando o fora daqui. Sem olhar para nós, ele começa a tropeçar pela rua.

"Foda-se," o Cara Francês Sexy brada, e eu posso sentí-lo começar a se afastar como se ele estivesse prestes a correr atrás dele.

"Vá," eu digo a ele. "Eu vou ficar bem."

Por mais que eu não queira que ele me deixe aqui sozinha, também não quero que o atacante fuja com o que ele fez.

Mas ele olha para mim e balança a cabeça. Eu vejo a tensão em sua mandíbula, a nitidez em seus olhos. "Não. Eu não vou te deixar assim."

"Ele vai fugir."

"Não," ele diz com uma voz endurecida. "Ele não vai."

Não? O atacante literalmente se levantou e correu. O que ele vai dizer a polícia, seguir as gotas de sangue por toda a cidade?

"Vamos," diz ele, virando-nos para o carro que parou no meio da estrada. "Se você não quer uma ambulância, então eu vou levá-la para o hospital eu mesmo."

[4] - *Pare.*

"Não," eu imploro. "Na estação de trem está ótimo."

Ele olha demoradamente para mim e meus olhos estão momentaneamente presos nas profundezas dos dele. No começo eu pensei que talvez eles fossem marrons, mas quanto mais nos aproximamos dos faróis, mais eu posso ver que eles são de um verde escuro deslumbrante.

"Onde você está tentando se esconder?" Pergunta ele.

"Esconder?" Eu repito, tentando manter minha voz baixa, considerando que seu rosto está a poucos centímetros do meu. A última coisa que quero é respirar o churrasco que comi em cima dele.

“Como se locomover em um trem é mais importante do que ver um médico? Onde você está indo, *lapin*?”

Lapin? Eu não entendo.

"Barcelona," digo a ele, grunhindo de dor enquanto ele me ajuda a mancar mais perto do carro, que agora noto ser uma Mercedes nova e reluzente. "Este é o seu carro?"

"Oui," diz ele. "E o que é tão importante em Barcelona?"

"Eu não sei," eu digo, me sentindo estranhamente defensiva. Por que esse estranho quer saber minha grade de programação? E o que um homem muito bem vestido e incrivelmente bonito, em um chique esportivo Mercedes está fazendo nesse bairro?

"De onde você é?" Pergunta ele, depois de mais uma inspeção do meu rosto. É bastante irritante, o jeito como ele está olhando para mim.

"Seattle," eu digo automaticamente. "América," acrescento.

“Sim, eu ouvi falar disso. E você está sozinha?”

"Sim," eu digo a ele. Infelizmente.

"Você vai a Barcelona se encontrar com alguém?"

"O que? Não, por quê?"

Ele me leva para o lado do passageiro. “Então eu definitivamente não estou colocando você em um trem. Sozinha."

Eu suspiro pesadamente, odiando admitir o que estou prestes a fazer, especialmente quando ele está abrindo a porta para seus assentos de couro imaculados. “Olha, eu estou quebrada, ok? Sou apenas uma mochileira, uma estudante universitária, e para resumir minha história, meu dinheiro está contado, e não posso me dar ao luxo de ir a um hospital, nem perder essa viagem de trem. Eu já reservei e paguei por isso.”

Ele balança a cabeça lentamente, não acho que esse cara tenha estado no meu lugar. Desde o relógio até a camisa até o carro, tudo nele grita *dinheiro*.

"Não se preocupe com isso," diz e gesticula para o assento. "Entre."

"Fácil para você dizer."

"Porque, você está tendo problemas para se mover?" Ele pega meu braço e tenta me ajudar a entrar. Eu resisto.

"Não, porque é fácil para você dizer que não precisa se preocupar em perder dinheiro com a passagem de trem."

Ele inclina a cabeça para trás, examinando meu rosto. "Você é sempre tão teimosa com pessoas que acabaram de salvar sua vida?"

"Salvar minha vida?" Eu repito, quase rindo. “Aquele cara estava apenas tentando me assaltar, certo? Salvar minha vida é um pouquinho de exagero.”

Percebo como eu soo ingrata quando ele dá de ombros. “Talvez, mas se você revidasse e fizesse uma cena, eu não sei. Nice é uma cidade segura, mas sempre há uma exceção. Você tem sorte de eu estar aqui.”

Acho que toda a dor e a adrenalina da situação me atenuaram da realidade. Só conseguia pensar em pegar aquele trem - o trem que com certeza já partiu, sem mim nele. Isso me impediu de me concentrar na terrível e brutal verdade de que fui atacada nas ruas de Nice. Se não fosse por esse cara, quem sabe o que poderia ter me acontecido? Há uma chance do agressor nem estar tentando me assaltar para começar. Ele poderia ter me arrastado para um beco, e eu ficaria completamente impotente.

Jesus....

"Hey," diz o cara francês sexy, depois de um momento, sua voz ficando mais suave. Ele dá um leve aperto no meu ombro. “Você passou por muita coisa. Vamos para o hospital. Eu prometo a você, que não precisará se preocupar com dinheiro por enquanto.”

Eu engulo em seco, arqueando uma sobrancelha para ele. Depois do que eu acabei de passar, deveria estar desconfiada desse cara também, oferecendo-se para pagar por mim e tudo mais. Ele poderia ter me ajudado e lutado contra o meu agressor, mas não tenho certeza se posso confiar nele. Quem sabe quais são suas intenções?

"Se você quiser, eu posso chamar uma ambulância como eu disse que faria," diz ele depois de um momento, pegando seu telefone. "Você certamente não precisa entrar no meu carro."

Ele está falando sério. Não sei como posso dizer, mas sinto, e não tem nada a ver com o quão bem estruturado e respeitável ele se parece. É algo em seus olhos, algum tipo de suavidade e compreensão.

E, ok, talvez o fato de que quanto mais eu olho para ele, mais meu coração salta.

Eu realmente deveria pensar bem, porque esse tipo de pensamento é banal depois do que me aconteceu, mas essa também é a primeira vez que eu acho qualquer homem atraente depois de Tom, então eu vou com ele. É melhor do que pensar em como estou realmente fodida.

"Está tudo bem," digo a ele. "Vamos ao médico."

Eu deixo ele me ajudar no carro e apertar o cinto quando gentilmente fecha a porta, então corre para o meio-fio onde minha mochila está. Ele a ergue como se ela não pesasse e depois a joga no porta-malas. Depois que ele entra e começa a dirigir, eu inclino minha cabeça para trás contra o banco e tento descobrir o que eu vou fazer sobre Barcelona, mas antes que

eu possa formar um único pensamento coerente, me desligo para um sono escuro e frio.

Quando eu acordo, estamos no estacionamento de um hospital, e o cara sexy francês está me sacudindo gentilmente.

"Chegamos," diz ele baixinho, olhando para mim. "Você bateu com a cabeça quando caiu?"

Estou tão grogue que mal consigo falar, e quanto mais tempo fico acordada, pior fica a dor. "Não, meu ombro amorteceu a queda," consigo dizer.

"Eu só queria ter certeza de que não tenha uma concussão," diz ele. "Você estava desmaiada pelos últimos dez minutos."

"Foi uma noite infernal," eu digo a ele, tentando sorrir.

Ele não sorri de volta. "Ainda não acabou," diz ele. Então ele abre a porta. “Vou te trazer uma cadeira de rodas. Fique aqui."

Antes que eu possa dizer a ele que não se preocupe e que eu não vou a lugar nenhum, ele está correndo para as portas da sala de emergência.

E percebo que nem sei o nome desse cara.

Capítulo Dois

Olivier

"Posso pegar uma cadeira de rodas?" Pergunto à mulher carrancuda atrás do balcão da sala de emergência.

Ela levanta a sobrancelha devagar. Você pensaria que ela estaria acostumada a lidar com emergências. "Para que você precisa dela?"

Para o que você acha?

“Tenho uma mulher no meu carro, ela foi atacada hoje à noite. Acho que seu tornozelo pode estar torcido ou quebrado,” digo a ela.

A expressão da mulher não muda. "Atacada?"

"Sim," eu digo impacientemente, batendo meus dedos no balcão.

"Por quem?"

"Eu não sei. Por um homem."

"Você vai ter que chamar a polícia."

"Eu vou," digo a ela. "Assim que você receber a garota, e para isso eu preciso de uma maldita cadeira de rodas."

A outra sobrancelha arqueia. Ela obviamente não está acostumada a ser tratada assim, mas eu não estou acostumado a ser tratado assim também.

"Qual é o nome dela?" Ela pergunta depois de um tempo.

Porra. Eu não faço ideia.

"Jane," eu digo rapidamente, pensando no nome mais americano que conheço. “Jane Doe[5]. Agora posso ter uma cadeira de rodas, ou tenho que roubar uma?”

Ela estreita os olhos para mim e eles momentaneamente voam por cima do meu ombro. Eu me viro para ver algumas cadeiras de rodas dobradas e empilhadas contra a parede.

"Obrigado," eu digo a ela e corro para pegar uma antes que ela possa protestar.

Isso certamente não era como eu imaginava que estaria passando a noite de sexta-feira.

Então, novamente, minha noite não estava sendo como eu planejei para começar.

[5] - *Jane Doe –um nome que é usado quando o nome verdadeiro de uma pessoa é desconhecido.*

Primeiro, havia o meu encontro, Celine, que eu sabia que ela estava me usando. Todas elas usam, passo por isso desde que eu era adolescente, e as modelos são as piores nesse assunto. Não me impede de fodê-las, mas fica cansativo depois de um tempo quando tenho que fingir que não vi isso acontecendo.

Neste caso, hoje eu deveria pegar Celine de seu trem que chegava de Paris, e depois levá-la para jantar em Cannes em um dos mais novos e badalados restaurantes. O que, claro, é inútil, porque conheço modelos e sei o quanto elas só *fingem* comer. Em vez de levar uma para jantar fora, é melhor poupar o seu dinheiro e deixá-las ter champanhe e cocaína ilimitada em seu quarto de hotel, juntamente com um par de azeitonas para matar suas dores de fome antes de fodê-las sem sentido.

Não que desperdiçar dinheiro seja muito importante para mim, mas continua a sendo a principal razão. E nesse caso, eu não só estava levando a Celine para uma refeição que ela só fingiria comer, como eu estava sendo usado sem saber como um peão em algum esquema de ciúmes. Acontece que o dono do novo restaurante, um ex-namorado da Celine, é um chef de cozinha vindo recentemente de Londres.

Basta dizer que as coisas ficaram um pouco estranhas, e tenho certeza de que havia cuspe na minha sopa de alho poró. Eu consegui sair de lá sem entrar em uma briga - que é o que eu tenho certeza que Celine queria para que ela pudesse ser notícia de primeira página com dois homens brigando por ela - eu a larguei de volta na estação de trem. Não havia como eu levá-la de volta para o meu hotel.

Então fiquei um pouco abalado e desorientado depois disso, especialmente desde que Celine começou a chorar grandes e gordas lágrimas de crocodilo assim que eu a coloquei no trem, e acabei entrando na rua errada.

Ou talvez fosse a rua certa. Eu desisti do destino neste momento da minha vida, mas estremeço ao pensar no que poderia ter acontecido com essa garota se eu não estivesse passando por ali naquele momento.

Eu olho para os meus dedos sangrando enquanto empurro a cadeira de rodas em direção ao meu carro, afinal de contas dei uns socos no cara.

Coloquei-a ao lado do carro e abri a porta. A garota americana adormeceu de novo, o que me deixa um pouco nervoso por ela. Vou fazer questão de mencionar isso ao médico.

Eu limpo minha garganta. *"Lapin?"* Pergunto, inclinando-me para sacudí-la gentilmente.

"Essa é a segunda vez que você me chama assim," diz ela, com sua voz grogue, e eu suspiro de alívio. Ela cautelosamente abre os olhos e olha para mim.

Os olhos dela fazem a mesma coisa comigo que quando eu os olhei pela primeira vez naquela rua escura. Eu nunca vi olhos tão grandes, redondos e incrivelmente azuis antes. Eles estavam me hipnotizando, dando a ela uma beleza de outro planeta, como se ela saísse de uma fábula que minha mãe costumava ler para mim.

A maneira como eles olham para você, cheios de uma inocência selvagem, faz algo tremer no meu peito. E combinado com seu rosto redondo, bochechas cheias e bem, orelhas grandes e um pouco pontudas, ela me lembra de um coelho de estimação que eu tinha enquanto crescia, antes que o cozinheiro o matasse para o jantar uma noite. Eu amava aquele maldito coelho.

Mas eu não sou insensível, e não vou contar a essa pobre garota que ela me lembra de um amado coelho de estimação. Eu dou-lhe um sorriso gentil e digo: "Qual é o seu nome, então?"

Ela limpa a garganta e lentamente se endireita. “Sadie. E o seu?"

Sadie. Eu gosto desse nome também. Pode ser francês. Muito melhor que Jane Doe.

"Olivier," digo a ela, estendendo minhas mãos e agarrando-a pelos cotovelos para puxá-la para fora do carro.

Ela é pequena e embora tenha uma grande quantidade de curvas - uma mudança refrescante das modelos de passarela de pele e osso - ainda é leve. Eu praticamente a pego e cuidadosamente a coloco na cadeira.

Ela está estremecendo com todo o movimento, mas depois encobre assim que ela me pega olhando. "Estou bem, estou bem."

"Tenho certeza de que o médico lhe prescreverá uma quantidade generosa de drogas para tirar a dor," digo a ela, colocando minhas mãos nas maçanetas e levando-a para as portas. "E se ele não fizer, eu sei onde posso conseguir algumas."

Ela olha para mim por cima do ombro. "Dinheiro fala, né?"

Normalmente eu estaria mais atento, mas tenho a sensação de que ela não faz ideia de quem eu realmente sou. Como ela poderia? Ela provavelmente pensa que eu sou um francês rico com um novo Mercedes que estava no lugar certo na hora certa.

"Sabendo falar francês é o que *'fala',*" digo a ela. "Acho que você compreende muito pouco do idioma."

"Eu entendo *merci* e *bonjour* e *'Zut alors*'! Escapou-me um..." Diz ela com um sotaque ridículo. "Essa última parte é da Pequena Sereia," acrescenta.

"Eu acho que você é um pouco jovem para conhecer esse filme."

"Tenho vinte e três anos," diz ela rigidamente. "E cresci assistindo a desenhos animados. A animação é muito mais interessante que a realidade."

E isso explica um pouco.

Uma vez dentro da sala de emergência, eu a levo de volta para a enfermeira na recepção.

"É a Jane Doe?" Pergunta a enfermeira.

"O que ela está dizendo?" Sadie me pergunta com aqueles grandes olhos. "Jane Doe?"

Eu dou-lhe um rápido sorriso e volto minha atenção para a enfermeira. "O nome dela é Sadie."

"Sadie o que?"

Eu olho para Sadie. "Seu sobrenome?"

"Reynolds."

"Sadie Reynolds," informo a enfermeira.

"E ela não é francesa?"

"Não, ela é americana. De Seattle."

“Ela tem seguro? Isso não é gratuito para todos, você sabe.”

"Não se preocupe com isso, eu vou cobrí-lo."

Outra sobrancelha levanta. "E quem é você?"

"Por que isso importa?"

"Porque eu preciso do seu cartão de crédito."

"Já? Ela não pode ver um médico primeiro?”

“É para segurá-lo. É o fim de semana. Muitos turistas são tratados aqui para Deus sabe o que e não pagam a conta."

Eu suspiro e enfio a mão no bolso, puxando minha carteira.

"Sério, você não tem que pagar por mim," diz Sadie.

"Não se preocupe com isso," eu digo, não querendo explicar que não pagar, esse é o problema aqui.

Entrego a enfermeira meu American Express Black e ela olha para ele.

"Olivier Dumont?" Ela repete.

"Sim, sou eu."

Ela aperta os olhos para mim, mas há algo mudando em sua expressão. Ela está amaciando, e não de um jeito bom. “Você quer dizer *o* Olivier Dumont? Filho de Ludovic Dumont. Da família Dumont. Das bolsas.”

Bolsas, perfumes, alta costura. A marca Dumont está no mesmo nível da Chanel e da Hermès em termos de bilhões de dólares em receita e sendo essencial à cultura e a sociedade francesa. Fora da França, ninguém sabe realmente que estamos por trás do rótulo, graças aos desejos de meu pai de permanecer o mais discreto possível. Dentro da França, porém, todo mundo sabe quem somos.

Você compra um Chanel para mostrar ao mundo que você comprou isso. Você compra um Dumont para mostrar a si mesmo que você foi capaz de adquirí-lo.

Pelo menos é assim que meu pai faz isso. E funcionou para ele.

"Sim," eu digo a ela rudemente, não querendo que continue com as perguntas. "Sou eu."

"O que está acontecendo?" Sadie pergunta, as sobrancelhas franzidas, e eu percebo que ela não consegue entender uma palavra do que estamos dizendo. Graças a Deus. "Há algo de errado?"

Ainda não, eu acho. O problema é que nem tenho problema em ser reconhecido. E que, pelo que vale a pena, prefiro que Sadie continue pensando que sou um cara aleatório, e quero mantê-la fora das manchetes. Ela pode ser uma estranha para mim, mas já passou por muita coisa, e a última coisa que ela precisa é espalhar-se pelos jornais como a garota misteriosa que "salvei".

Quanto a mim, bem, esta pode ser a última chance que tenho de permanecer como sou aos olhos do público. O relógio está correndo e só tenho três semanas até que eu precise fazer uma escolha. Se eu escolher errado, o mundo não vai sorrir muito gentilmente para mim - meu tio vai se certificar disso.

"Nada está errado," digo a ela. Então eu abro minha carteira, tiro um maço de euros e deslizo na direção da enfermeira. "Isso," eu digo, abaixando minha voz e me inclinando. "É para você ficar quieta sobre *isso*. Eu não conheço essa garota, eu a vi sendo atacada na rua. Ela é uma pobre estudante americana. Ela não merece ser vendida para os jornais de forma alguma, nem eu, você me entende?"

A enfermeira olha com olhos arregalados para o dinheiro e depois acena com a cabeça rapidamente, estende a mão para alcançá-lo, mas eu não o solto. Eu dou-lhe um olhar duro. "Quero que você me diga que você me entende."

"Eu entendo," diz ela.

"E quero ver um médico imediatamente," eu digo a ela, que rapidamente pega o dinheiro e coloca em seu uniforme. Agora ela é toda sorrisos.

"Claro," diz ela. "Deixa-me ver o que posso fazer."

Levanta-se e sai de sua cadeira, passando pela sala de espera cheia de pessoas doentes e de aparência miserável.

"O que foi tudo isso?" Sadie pergunta.

"Eu apenas me certifiquei de que poderíamos ver um médico o mais rápido possível," digo a ela, dando-lhe um sorriso fácil.

"Você deu a ela uns quinhentos euros!" Exclama ela suavemente.

Eu dou de ombros. "Você recebe o que você paga."

Sadie suspira, parecendo afundar de volta em sua cadeira, e eu posso dizer que ela está extremamente desconfortável com toda essa situação. Que pena. Uma vez que eu decido fazer algo, é difícil eu não conseguir. É a única razão pela qual eu cheguei até onde cheguei na vida.

Mas o dinheiro 'fala', e não demora muito para sermos levados a uma sala de exames, onde o médico faz um exame aprofundado, com raio-X. Eu fico do lado de fora durante a maior parte do tempo, verificando e-mails no meu telefone, porque apesar de ser sexta-feira à noite, o trabalho nunca para. Deveria haver umas férias decentes, apenas alguns dias sem ter que

fazer nenhum trabalho, mas eu costumo pensar que quando eu chego à Riviera, isso nunca acontece.

Então, assim enquanto Sadie está sendo enfaixada por torcer o tornozelo e o médico ter prescrito remédios para a dor, a polícia aparece, e nós dois temos que dar declarações.

Naturalmente, a polícia está mais interessada que foi Olivier Dumont quem salvou a estrangeira americana do que qualquer outra coisa. Mas neste caso, funciona a nosso favor, porque agora eles têm mais razões para localizar este homem, e com a minha propensão para lembrar rostos, eu dou uma boa descrição dele. Se eu tivesse que localizá-lo em um reconhecimento, poderia fazê-lo com facilidade.

"A polícia achou que eu estava fingindo tudo?" Sadie me pergunta depois enquanto eu a levo para o carro. Acabou de tomar os analgésicos, mas eles ainda não fizeram efeito, e eu estou carregando as muletas dela debaixo do meu braço.

"O que você quer dizer?"

"Eu não sei. Eles estavam agindo de forma estranha."

"Provavelmente é porque você não fala francês."

"Eles estavam cautelosos com você."

Eu levanto minha testa. "É mesmo? Eu não tinha notado. Venha." Abro a porta do carro e me inclino para ajudá-la a sair da cadeira.

"Eles estavam, o médico também estava. E a enfermeira. Eles trataram você de maneira diferente.”

"Talvez eles não estejam acostumados a ver alguém tão bonito quanto eu."

Ela começa a rir e eu tento não me sentir insultado. Não é que eu duvide da minha aparência nem por um minuto, mas não faria mal se essa linda garota pensasse em mim dessa maneira.

"Talvez," diz ela com um sorriso irônico, e ela se inclina no assento.

Enquanto ela se acomoda, jogo as muletas no banco de trás. Então deixo a cadeira de rodas do lado de fora das portas do hospital e entro no carro. Quando eu dou partida no carro, olho para ela e pergunto: "Para onde?"

Ela pisca para mim. "Eu acho que é tarde para pegar um trem."

"Isto é."

Ela balança a cabeça, determinação sobre seu rosto. “Bem, tudo bem, acho que você pode me levar de volta para o albergue. Ninguém tomou a minha cama o dia todo, por isso ainda deve estar disponível. Ryan pode até me deixar ficar de graça.”

Por alguma razão, meu peito parece quente. "Quem é Ryan?"

“Oh, ninguém. Ele só trabalha na recepção do albergue.”

"Então você quer que eu te deixe em um albergue?"

"Se não for muito trabalho," diz ela, fixando seus grandes olhos azuis em mim. *Merde*. Ela está falando sério. Como se eu fosse levá-la de volta para um albergue, de todos os lugares, para que ela possa se cuidar sozinha com um bando de mochileiros sujos.

"Eu não vou te levar para um albergue," eu digo a ela. "Mesmo que não estivesse nessa condição."

Ela bufa alto, não tenho certeza se ela quis dizer que sair desse jeito ou se é os analgésicos, mas é adorável. “Por favor, estou acostumada. Acredite em mim, não tenho problemas com a pobreza. Passei por isso toda a minha vida."

"Eu vou hospedá-la em um bom hotel."

Ela balança a cabeça, pressionando os lábios por um momento. "Eu prefiro que você não faça."

"E eu prefiro fazer, *lapin*."

Ela revira os olhos e pega sua bolsa e o celular. “*Ok*, eu preciso saber o que diabos *lapin* significa.”

Eu me aproximo e coloco minha mão sobre o telefone dela, segurando-o. "Significa que você me lembra de algo bom."

Quero dizer que isso significa que ela é fofa, mas tenho a sensação de que ela ouve muito disso e, na minha experiência, as garotas não parecem gostar dessa palavra. Eu também quero dizer que ela é incrivelmente sexy, mas sei que em algum momento ela vai descobrir que

estou chamando-a de coelhinha, e ela provavelmente vai pensar que eu tenho alguns parafusos soltos.

Um lampejo de algo dança em seus olhos, fazendo-os parecer mais leves. "Contanto que seja uma coisa boa," diz ela suavemente. Então ela limpa a garganta. "Quem sabe do que me chamaram até agora nessa viagem? Homens gritam comigo em francês, italiano, alemão. Duvido que seja algo bom. Provavelmente tem a ver com os meus peitos."

Eu rio do argumento dela e luto para manter meus olhos colados na estrada e não em seus peitos, que são os mais fantásticos que eu já vi.

"Suponho que vem com o fato de estar mochilando sozinha," eu ofereço.

Ela encolhe os ombros e solta um suspiro pesado antes de recostar a cabeça no encosto do banco. "Sim. Quero dizer, eles fizeram isso quando eu estava com Tom também, mas é claro que ele não se importou. Agora eu sei porquê."

De novo, um calor no meu peito. "Quem é o Tom?

Que outro cara ela vai mencionar?

"Tom é meu... meu *ex*-namorado," diz ela. "Foda-se, idiota de merda."

Pelo menos ele é seu ex. "O que aconteceu?"

"Bem, para lhe dar a versão abreviada, ele e eu estávamos juntos, planejamos essa viagem juntos, começamos essa viagem juntos e depois de um mês, terminamos. Ele está de volta em casa. E eu estou aqui."

“Você sabe que vai ter que me dar mais do que isso. O que aconteceu?"

"Ugh," diz ela em um gemido. “Vamos apenas dizer que ele me traiu. O que importa, de qualquer forma? Nós terminamos."

"Quanto tempo você planeja ficar na Europa?"

"Estava programado passar as minhas últimas três semanas na Espanha. Meu voo sai de Madri. Na esperança de poder sobreviver comendo tapas o dia todo, mas quem sabe se vou conseguir sair do meu albergue, já que mal consigo andar?"

Sinto-me mal por ela. Não apenas passando por um rompimento, mas tendo que lidar com seus ferimentos também. "Você não pode adiantar seu voo?"

"Não. Não há como trocá-lo, meu voo foi uma pechincha. Provavelmente estou acomodada no banheiro."

"Você pode reservar outro voo de volta."

"Com que dinheiro?"

Ela olha para mim, e eu sei que ela está quase me desafiando a dizer: *"Meu dinheiro."* Mas tenho a sensação de que ela vai ver isso como caridade e ficar na defensiva novamente. “Você não tem pais ou alguém em casa para ajudá-la? Isso é um tipo de emergência.”

Com um aceno de cabeça, ela bufa novamente. "Pais? Não, meu pai foi embora quando eu era jovem. Minha mãe está falida pra caralho. Eu a ajudo quando posso, não o contrário."

Nós dirigimos em silêncio por alguns momentos enquanto eu puxo para a autoestrada, indo para o sul. "Seu pé vai sarar rápido. O médico disse que foi uma torção muito leve. Você estará andando em pouco tempo."

"Mm-hmm," diz ela, e parece estar cochilando. De repente, ela levanta a cabeça. "Para onde você está me levando?"

"Para um hotel. Como eu disse."

"Onde? Vamos sair de Nice. Certo? Lá atrás era Nice, não era?"

"O hotel não é em Nice."

Ela fica tensa e me olha com os olhos arregalados. "Onde fica o hotel?"

"Relaxe," digo a ela.

"Você está me sequestrando?"

Eu dou-lhe um olhar firme. *"S'il vous plaît*[6]*."*

[6] - *"Por favor."*

"Eu não sei, não te conheço. Sei que seu nome é Olivier, você não fez nada além de ser agradável e gentil até agora, mas ser removida de Nice não fazia parte de toda essa missão de caridade."

"Não é uma missão de caridade," eu digo pacientemente, mesmo que ela esteja testando a minha paciência. "Vou levá-la para Antibes, para o hotel onde estou hospedado. Posso te arranjar um quarto lá. Você não terá que se preocupar com nada."

Ela fica quieta depois disso, e acho que pode ter adormecido. Estou começando a me perguntar no que me meti. Já são duas horas da madrugada, e tenho a sensação de que essas drogas vão bater forte, muito em breve.

Talvez ela fique mais tranquila.

"Por que você está fazendo tudo isso?" Eventualmente diz, suas palavras se arrastando levemente. "O que você quer de mim?"

Eu não posso deixar de me amedrontar com isso. Essa garota parece saber onde dói.

"Eu não posso ser apenas um cidadão preocupado? Um cara legal?"

"Não há caras legais," diz ela. Sua voz é baixa e ela olha pela janela para a escuridão. Ela foi *definitivamente ferrada*.

"Talvez você esteja procurando no lugar errado."

"Eu não estou procurando por ninguém," diz ela bruscamente. "E de qualquer maneira, não há caras legais com dinheiro."

Eu não sei como argumentar contra isso. Penso em Pascal e Blaise, meus primos. Eu penso no tio Gautier. Eles são piores do que Sadie pode até imaginar. Eu passei a maior parte da minha vida tentando sair a meu pai, tentando me diferenciar deles. Eu tentei ser visto como o cara legal, mas é uma linha difícil de andar, e é um mundo sujo.

"Você só vai ter que confiar em mim," eu digo a ela depois de um momento. “Isso é tudo que você pode fazer. Se você realmente quer que eu dê a volta nesse carro e te leve de volta para Nice, para aquele albergue, para que um cara chamado Ryan possa cuidar de você, então eu farei.”

Ela parece calar a boca com isso.

“Se isso ajudar,” prossigo. “A polícia nos viu juntos. Acredite em mim, se alguma coisa acontecesse com você - e não aconteceria, mas você parece estar terrivelmente desconfiada - eles me procurariam primeiro. Eles sabem quem eu sou.”

"E quem é você?"

"Olivier Dumont," eu digo simplesmente. "E estou tentando ser um cara legal, *d'accord*?"

O nome não lhe diz nada. Ela não me conhece. Eu sinto um grande alívio por dentro.

"Tenho o direito de estar terrivelmente desconfiada de todos depois do que acabou de acontecer comigo," diz ela depois de um momento.

Eu suspiro, minhas mãos apertando o volante. "Você está certa. Você está absolutamente certa."

"Mas estou escolhendo confiar em você," acrescenta ela em voz baixa.

Eu olho para ela. Seus olhos estão pesados, seu sorriso fraco.

Ela está desmaiando.

Por sorte, o trajeto até Antibes é de apenas trinta minutos, especialmente neste carro e em uma rodovia quase vazia. Não demorou muito até eu chegar ao Hotel du Cap-Eden-Roc. Estaciono o carro bem na frente das portas e corro para o lado dela.

"Sr. Dumont," Felix, o manobrista, me cumprimenta, enquanto ele desce as escadas. Ele faz uma pausa quando me vê tentando tirar Sadie de dentro do carro.

"Posso ajudar?" Pergunta ele.

Eu coloco seu braço em volta do meu ombro, e sua cabeça pendendo de um lado para outro como uma boneca de pano. Isso não vai funcionar se ela não puder andar.

"Só pegue a mochila e as muletas," digo a ele. "Eu vou levá-la para o meu quarto."

Enquanto Felix faz isso, eu me inclino e pego Sadie em meus braços, subindo as escadas para o hotel com ela. Atravessei o saguão, feliz por não ser reconhecido por ninguém - não que alguém aqui ousasse relatar qualquer coisa sobre os convidados. A discrição é absoluta -

juntamente com as comodidades de luxo e o mar - é a razão pela qual tantas celebridades e políticos permanecem aqui.

"Marie," eu digo para a recepcionista da noite quando passo por ela. "Você tem alguma das villas disponíveis hoje à noite?"

Ela olha para a menina desmaiada em meus braços por um momento antes de lembrar-se de suas maneiras. “Deixe-me verificar.” Enquanto espero pelo elevador, ela faz uma busca rápida no sistema. “Villa Eleana está livre. Aquela banda de K-pop foi embora esta manhã.” Ela se afastou, olhando de novo, desta vez para o pé enfaixado de Sadie. “Ela está... bem?"

"Ela está bem. Apenas uma torção, e o médico lhe receitou alguns analgésicos,” digo rapidamente, não querendo que ela se intrometesse mais.

“E a villa é para...?"

"É para mim," eu digo a ela quando as portas do elevador se abrem e eu entro. "Esta é Sadie. Ela vai ficar no meu quarto.”

Ela faz um movimento com a boca assim que as portas se fecham. É a primeira vez que Marie me vê levando uma garota ao hotel para conseguir um quarto separado para ela.

Há uma primeira vez para tudo.

Capítulo Três

Sadie

A dor invade meus sonhos.

Então ilumina atrás das minhas pálpebras.

No momento antes de abrir os olhos, tento descobrir onde estou. Há um pouco de atraso nos meus pensamentos e por isso, sou grata. Eu sei que normalmente eu estaria em pânico porque...

Espera.

Espera.

Eu *deveria* estar em pânico.

Os flashes da noite passada voltam como uma tempestade de granizo.

Caminhando para a estação de trem.

O homem me seguindo.

O olhar selvagem em seus olhos quando ele me atacou.

A dor no meu tornozelo, meu ombro atingindo o chão.

Então...

Olivier.

Movendo-se para bater naquele homem.

Isso realmente aconteceu?

Será que ele realmente... me salvou?

Quem Olivier realmente é?

Onde estou?

Abro os olhos e pisco com força quando a luz flui através das cortinas brancas. A luz é suave, e há uma brisa vindo através das portas francesas. Cheira a mineral fresco. O mar.

Eu lentamente levanto a cabeça e vejo o Mediterrâneo brilhando azul no horizonte, a superfície brilhando como diamantes. Um grande terraço com espreguiçadeiras e uma banheira de hidromassagem gigante e redonda construída no piso de madeira[7]. Parece, que estou num navio.

Eu olho para baixo e, com algum alívio, observo que ainda estou com as mesmas roupas da noite passada: regata de gola alta e calças de linho - ambas rasgadas em alguns lugares e parecendo piores do que antes, mas pelo menos estou vestida.

---

7 - 

Não que eu suspeitasse que Olivier fizesse qualquer coisa. Eu sei que realmente não deveria confiar em ninguém no momento, mas pelo menos até nos separarmos hoje, quando eu pegar o próximo trem, vou dar a ele o benefício da dúvida.

Além disso, parece que ele me colocou em um hotel muito caro. Eu cuidadosamente viro a cabeça e olho ao redor do quarto, que é cerca de três vezes o tamanho do último dormitório em que fiquei que abrigava seis beliches.

Eu solto um assobio baixinho enquanto absorvo tudo. Desde a cama king-size com dossel até as poltronas bordadas e os candelabros, parece que eu estou em algum luxuoso castelo à beira-mar.

Oh meu Deus!

Por uma fração de segundo, parece que ser atacada foi a melhor coisa que podia ter acontecido - até que o menor movimento traz a dor de volta ao meu tornozelo.

Merda. Ow, ow, ow.

Eu rolo minha perna da calça e olho para as ataduras. Não me lembro do que o médico disse sobre elas. Eu as troco? Aperto? Quanto tempo é para ficar assim? Nem me lembro de usar muletas.

E, no entanto, lá estão elas, parecendo lamentavelmente fora do lugar, descansando contra um antigo guarda-roupa branco em frente à cama.

"Ok," eu digo em voz alta, respirando fundo. “Pense, Sadie. O que o médico disse?"

Mas eu não me lembro de nada, sou apenas uma aleijada falando sozinha e me injuriando por não entender francês. Eu deveria ter feito mais perguntas. Agora Olivier provavelmente já se foi e eu estou sozinha aqui e...

Uma batida na porta.

Meu coração pula.

"Olá?" Eu grito, tentando descobrir como mancar para a porta para abrí-la, me movo para balançar minhas pernas sobre a beira da cama, mas é tão doloroso que tenho que parar.

“Sadie?” A voz de Olivier entra pela porta. "Você está decente?"

"Sim," eu digo, e antes que eu possa me forçar a levantar, ele abre a porta.

Que porra é essa? Como ele tem uma chave?

A porta se abre, e sua cabeça aparece ao entrar no quarto, as sobrancelhas levantadas de preocupação. "*S'il vous plaît*, não se levante!"

Em seguida, a porta se abre ainda mais e de repente, o que parece ser um mordomo está empurrando um carrinho coberto com pratos de metal.

"*Merci*, Marcel," diz Olivier baixinho para o mordomo, que sai tão rapidamente quanto entrou. A porta se fecha, e fico no quarto com ele, meus olhos saltando de Olivier para o carrinho e depois de volta para Olivier.

É claro que não é segredo porque meu olhar continua voltando para ele porque, *Cristo*, agora à luz do dia e comigo fora de perigo, a dor sendo apenas um tanto excruciante, estou realmente vendo ele pela primeira vez.

O homem é *lindo*.

Quero dizer, o tipo de cara que você vê em um anúncio da Hugo Boss ou algo assim. O tipo de cara que Deus definitivamente não fez o suficiente. O tipo de cara que você provavelmente só encontra no sul da França.

E ele está aqui. No meu quarto de hotel. Ou talvez eu esteja em seu quarto?

"Como você entrou aqui?" Eu pergunto depois de encontrar minha voz.

Ele segura uma chave, e diz tranquilamente: *"La clé."*

“Eu suponho que isso significa chave? Por que você tem uma chave?”

Ele inclina a cabeça enquanto um pequeno sorriso divertido provoca seus lábios. “Por que eu não teria? Este é o meu quarto."

"Seu quarto?" Eu exclamo, olhando em volta. Meu Deus, ele dormiu aqui comigo?

Eu sinto um calor entre as minhas pernas. Santo inferno, o mero pensamento disso não deveria estar me excitando.

"Não," ele diz com naturalidade. “Eu dormi na villa. Eu teria colocado você lá, mas estava um pouco longe. É normalmente ocupada por famílias reais ou celebridades em viagens, mas estava livre na noite passada.”

Eu olho para ele. "Eu não entendo."

Ele gesticula para o carrinho. “Este é o seu café da manhã, não sabia o que você queria, então pedi praticamente tudo do cardápio.”

Vá. Foda-se. Vá embora.

Eu balancei minha cabeça, zombando. "Não. Isso não pode ser real. Você não é real."

"Eu sou muito real."

"Então, estou sonhando."

"Eu posso beliscar você se quiser," diz ele, com sua voz sedosa, e um brilho malicioso em seus olhos. O tipo de olhar que aumenta o calor entre minhas coxas. Oh, foda-me, estou com problemas. Ele não deve saber o quão perigosos são esses olhares. Ou talvez ele saiba.

Eu o observo, camiseta branca com decote em V que parece especialmente macia, exibindo sua pele morena, escurecida pelo sol do verão, é mais alto do que eu me lembrava, pelo menos 1,85, o que faz dele um gigante comparado ao meu um metro e cinquenta e oito, e ele é todo músculo. Não o tipo grande e volumoso que se ganharia em horas no

ginásio, o tipo que parece vir naturalmente - antebraços fortes, peito largo e firme, ombros largos, quadris estreitos.

Ok, preciso parar de olhar.

Eu me endireito, tentando entender tudo e colocar alguma realidade em mim. Além de tudo o que ele já fez por mim, eu ocupei seu quarto de hotel, que provavelmente custa uma pequena fortuna, e ele me trouxe serviço de quarto.

Cada merda do cardápio.

"Ok, qual é o seu propósito com tudo isso?" Eu não posso deixar de perguntar, sei que deveria ser grata, isso é muito a se fazer por um estranho.

"Propósito?" Ele repete, cruzando os braços, e seu relógio brilhando.

Uau. Uau, sim, eu adoro esses braços.

"Uh-huh," eu digo devagar. "Você está tentando, eu não sei, me seduzir?"

Eu me arrependo no momento em que digo isso.

Ele abre um sorriso devastador, do tipo que poderia roubar meu fôlego e nunca o devolver. "Você quer que eu te seduza?" Pergunta ele, passando os dedos longos pelo comprimento da sua mandíbula, como se agora estivesse considerando isso.

"*Nãoo,*" eu digo rapidamente.

Tenho certeza que estou mentindo.

"Bom," ele diz, sorrindo. Eu vejo uma sugestão de sua língua rosa quando ele morde o lábio. "Porque, acredite em mim, *lapin*, você não seria capaz de lidar com isso."

Ok, isso me faz lembrar que eu preciso descobrir o que esse *lapin* de merda significa e muito rápido. Nós não nos conhecemos o suficiente para trocarmos apelidos.

No entanto, você está em seu quarto chique de hotel, prestes a tomar café da manhã na cama, enquanto faz insinuações.

Com as minhas bochechas em chamas, limpo a garganta e mudo prontamente de assunto. Infelizmente, tudo o que quero saber nos envolve.

"Então, uh, não consigo imaginar como você me trouxe para o quarto ontem à noite."

"Eu te carreguei," diz me oferecendo um prato do carrinho. "Isto é uma omelete de clara de ovos."

Eu enrugo meu nariz. "Eu preciso da minha com algumas gemas."

Ele ri disso, seus olhos apertando deliciosamente. "Meu tipo de garota."

Oh cara, eu não gosto de como esse comentário me fez sentir.

"Você realmente, me carregou no colo?" Eu pergunto. "O que os funcionários do hotel disseram? Você não foi preso?"

Ele acena e levanta outro prato. “Eu expliquei o que aconteceu. Crepes, se você quer algo doce.” Ele me mostra o prato - mirtilo e o que parece ser Nutella. Meu estômago ronca, embora eu não seja uma pessoa de doces no café da manhã.

"Eu acho que a equipe talvez esteja desconfiada desde que eu estava, oh, inconsciente e em seus braços e tudo."

“Eles confiam em mim. Como você deveria.”

“Por que eles deveriam confiar em você? Você se hospeda aqui com frequência?"

Ele apenas sorri e levanta outro prato. "Torradas de Abacate. Todos os jovens americanos aqui o solicitam. Este tem trufas[8] e rabanetes.”

“Você quer dizer geração Z[9]. Da qual eu pertenço. E não, eu não entendo isso como um insulto.”

"Nenhum insulto pretendido," diz ele suavemente. "E, finalmente, bacon e ovos," diz ele, levantando outra tampa.

Meu estômago literalmente geme com a visão do bacon e ovos pochê. O som enche a sala e eu estremeço interiormente.

---

[8] - *As **trufas** são fungos, espécie mais rara e nobre de todos os cogumelos, de aroma e sabor marcantes. São silvestres e até hoje não se descobriu uma forma de cultivá-las, pode custar de US$ 222 (R$ 621) a US$ 1,3 mil (R$ 3,6 mil) o quilo.*

[9] - *A Geração Z é a definição sociológica para a geração de pessoas nascida, em média, entre meados dos anos 1990 até o início do ano 2010.*

Seus olhos se iluminam. "Eu acho que seu estômago gostaria deste."

Ele pega o prato de bacon e ovos, além do guardanapo e talheres, e leva tudo para a cama, entregando-o para mim.

"Estou supondo que você quer café também?" Ele pergunta enquanto eu tomo o prato de suas mãos, ainda estupefata com o que está acontecendo. "Com leite?"

"S'il vous plaît," digo a ele enquanto ele volta para o carrinho.

"Ah, agora você conhece outra palavra," diz ele, servindo-me uma xícara. "Eu fiz o cozinheiro fazer um americano, já que sei que você provavelmente está sentindo falta do café de casa."

Ele entrega a xícara para mim, mas eu já estou um pouco desequilibrada com o prato no meu colo, e o café derrama sobre a colcha branca imaculada.

"*Porra,*" eu digo. "Eu sinto muito."

Eu não posso imaginar como esse hotel chique reage a merdas assim.

"Não se preocupe com isso."

“Mas você não vai receber uma conta de limpeza ou algo assim? Eu derramei café na minha camisa favorita uma vez, e isso nunca saiu. Eu ainda usava porque não podia comprar outra, então por semanas parecia que alguém tinha cagado em mim.”

"Eu disse para não se preocupar com isso," ele repete, pegando uma xícara de café expresso e sentado no canto da cama, como se nós dois fizéssemos isso todas as manhãs.

Senhor, só na minha imaginação.

"Você não vai comer nada?" Pergunto a ele quando começo a mastigar.

"Eu tomei café mais cedo," diz ele antes de tomar um longo gole, seus olhos nunca deixando os meus.

Ótimo. Nada que eu queira mais do que o homem mais sexy do mundo me observando atentamente enquanto encho minha cara com comida.

"Mas isso deve ter custado uma fortuna," digo-lhe entre as mordidas mais delicadas que posso reunir.

"Está tudo bem."

Eu dou a ele um olhar carregado. "Não está nada bem. Você me coloca em um quarto de hotel com uma maldita vista para o mar com seu próprio terraço e banheira de hidromassagem, e pede tudo no cardápio do café da manhã, e então eu deixo cair café por toda a cama. Vai ser uma conta dos diabos para você."

Não que eu pudesse realmente fazer muito para compensar isso com minhas economias cada vez menores, mas não parece certo que ele esteja gastando por tudo isso, não importa quanto dinheiro ele tenha.

Ele termina seu café expresso e olha para a xícara vazia, parecendo refletir sobre alguma coisa, talvez a conta. Suas sobrancelhas escuras se juntam e, de alguma forma, ele parece ainda mais sexy.

De repente se levanta, pega a xícara de expresso e o pires, e caminha até a parte azulejada do chão. Então ele os levanta no ar antes de os jogar no chão, onde eles se estilhaçam em pedaços.

Eu soltei um grito, derramando meu café novamente, desta vez em cima de mim mesma.

"Que porra é essa?" Eu grito. "O que você está fazendo?"

"Você conhece Alfred Hitchcock?" Pergunta ele, olhando para os pedaços quebrados espalhados pelos azulejos.

É assustador saber exatamente o que ele está prestes a dizer. "Sim. Ele costumava esmagar a porcelana no chão todos os dias porque isso o fazia se sentir melhor."

Ele olha para mim por um momento, sobrancelhas levantadas. "Você me impressiona, Sadie."

"Bem, eu amo os filmes do homem, mas ele mesmo era um verdadeiro monstro."

"Bem, verdade. Isso mostra como monstros se escondem dentro das pessoas mais respeitadas."

Do que ele está falando?

“Então é isso que você faz, apenas quebra as coisas nos quartos de hotel? Você quer ser expulso? Você está vivendo suas fantasias de Johnny Depp dos anos 90?”

Quero dizer, ele meio que tem a barba dele.

"Às vezes isso ajuda," diz ele.

"Ajuda no que?"

Eu quero saber?

Ele encolhe os ombros. "Não importa. Vou mandar alguém limpar tudo.”

Ele caminha até o telefone e disca, fala em francês e depois desliga. "Marcel irá subir em breve."

A maneira como ele está apenas fazendo o que quer e mandando as pessoas ao redor me faz pensar que ele é mais do que um convidado permanente. "Você mora aqui ou algo assim?"

"Às vezes," diz ele, seu olhar escuro vagando para a vista do mar e as cortinas ondulantes. "Só quando eu quero um pouco de sol e uma mudança de ritmo."

"Onde você normalmente mora?" Eu pergunto antes de mastigar um pedaço de bacon. Por mais que a teatralidade dele com a porcelana tenha me chocado, não posso negar a fome que sinto.

"Eu tenho um apartamento em Paris," diz. “Propriedades em Bordeaux, Cannes, Lyon, Biarritz. Não, espere, acabamos de vender esse.”

"Nós?" Eu repito. Eu ignoro o fato de que ele acabou de divulgar uma lista de propriedades e focar nos *nós*. Meu Deus, o Olivier tem uma esposa?

Eu nunca noto as alianças, mas, à segunda vista, ele não tem uma. Ainda assim, isso não parece significar muito na Europa.

"Bem, a empresa," explica ele.

"Que empresa?"

"Minha empresa," diz ele, assim quando há uma batida na porta.

Ele se aproxima e abre, e Marcel entra no quarto.

"Monsieur Dumont?" Marcel pergunta-lhe interrogativamente.

Olivier apenas aponta para a bagunça no chão e Marcel começa a limpá-lo.

“*S'il vous plaît. Merci*, Marcel.”

Eu não tenho certeza se eu deveria continuar fazendo perguntas enquanto Marcel está aqui, mas tudo isso ficou tão estranho.

"O que, uh... qual empresa?" Pergunto, não posso evitar.

Olivier caminha até a mesa de cabeceira e me joga o bloco de notas do hotel para que ele pouse ao meu lado.

Eu o pego com meus dedos gordurosos de bacon. Há duas coisas nele que me fazem ofegar.

Uma é que o hotel em que estou hospedada é o Hôtel du Cap-Edén Roc, e até eu sei que é onde ficam todas as celebridades e membros da realeza do mundo. Eu não posso acreditar nisso, de todos os lugares, é onde eu estou.

A outra é que acima do nome do hotel há um logotipo que diz “Grupo Dumont.”

Dumont.

Como… *Olivier Dumont*?

Eu olho para ele bruscamente. "Este é o *seu* hotel?"

Ele acena com apenas um toque de um sorriso em seus lábios carnudos. *"Oui, madame."*

E agora tudo faz sentido, as peças se encaixam no lugar. O seu dinheiro, o seu acesso a este hotel, a sua *villa*, a forma como a equipe parece conhecê-lo, a maneira como ele não se importa com a conta ou o café derramado. Ainda não explica toda a imitação de Alfred Hitchcock, mas eu não me importo com isso.

Ele acrescenta: "E você está livre para ficar aqui pelo tempo que quiser."

Eu pisco para Olivier por um momento enquanto suas palavras se instalam no confuso nevoeiro do meu cérebro. Por uma fração de

segundos, imagino uma versão diferente de mim mesma. Uma que leve a sério o que ele está dizendo, que acabe por não frequentar a faculdade, e fuja das responsabilidades das quais eu não posso escapar por uma vida de vinho e linho perfumado com lavanda, pelo azul brilhante do Mediterrâneo, da minha pele bronzeada e brilhante, meu sorriso tão despreocupado como a brisa do mar que sopra o meu cabelo à minha volta.

Mas essa versão de mim se desintegra tão rapidamente quanto aparece.

"O que você diz?" Pergunta ele.

"Sobre o fato de que você de repente ser o dono de uma cadeia de hotéis muito famosa?"

Ele sorri, o canto de seus lábios subindo. Ele sempre parece se divertir comigo, eu sinceramente não me importo.

“Não, não de repente. Temo que eu esteja trabalhando nisso há muito tempo e às vezes parece mais.”

“Mas você é... jovem," eu digo a ele.

"Trinta," diz ele. “O que, sim, é jovem. E eu ouço muito isso. Mas estava preparado para isso desde o dia em que nasci.”

Começo a rever tudo o que sei sobre esses hotéis, o que não é muito, exceto que os ricos e famosos se hospedam aqui. E a julgar pela forma como a mulher na recepção do hospital e a polícia o trataram ontem, eu diria que não é só a parte rica que ele tem na mão.

"Dumont," eu digo devagar. "Espere, você não tem algo a ver com as bolsas, tipo, a linha de roupas francesa?"

O sorriso no rosto dele vacila, só por um segundo.

"Bien sûr," diz mas agora sua descontração parece um pouco forçada. "Mas o meu pai e a minha irmã dirigem esse lado da empresa."

"Não possui interesse em moda?" Acho difícil acreditar, já que ele está tão impecável.

Ele encolhe os ombros. "Eu me importo, me preocupo em geral sobre isso e especialmente sobre a marca Dumont. Mas não o lado comercial das coisas. Ser um hoteleiro é mais - qual é a expressão – minha praia." Olivier me parece o tipo de homem que tem muitas "praias", nenhuma dos quais eu me importaria de explorar. "Eu asseguro que posso contar mais sobre isso... se você ficar."

Marcel sai assim que Olivier diz isso, deixando nós dois sozinhos no quarto novamente. O ar parece mais pesado agora, como se estivesse cheio de promessas e possibilidades. Não ajuda que o olhar de Olivier esteja se intensificando a cada segundo que passa.

"Você está brincando," digo a ele.

"Eu não estou," ele diz suavemente. "Fique comigo. Apenas por alguns dias. Só até você se curar."

Mesmo que eu possa sentir um sorriso espalhado por meu rosto, ele está oscilando em descrença. "Eu não posso fazer isso."

Ele inclina a cabeça. “*Pourquoi pas?* Por que não?"

"Por causa de um milhão de razões."

"Que são?"

Ele não parece entender.

Eu faço um gesto para o quarto. "Por um lado, não posso pagar por este lugar."

Ele parece lutar contra o desejo de revirar os olhos. "Obviamente, você não precisa se preocupar com isso."

"Eu não quero aceitar sua caridade."

“*Caridade* implica que eu estou ajudando você a sair do meu coração altruísta. Garanto-lhe que tenho uma razão muito egoísta para querer que você fique.”

Não diga, não diga, não diga.

"Porque você quer dormir comigo."

Ugh. Eu disse.

Ele sorri, e mais uma vez meu mundo se inclina em seu eixo. "Eu nunca disse isso. Não vou dizer que você está errada, mas talvez haja uma maneira melhor de dizer isso, eu gostaria de conhecer você.”

"Tenho certeza de que você tem muitas pessoas que gostaria de conhecer."

"Não particularmente."

Ok, eu já deixei escapar o que deveria ter sido filtrado, e eu não quero ficar toda insegura agora com ele, mas honestamente, eu não tenho ideia do que esse cara poderia querer comigo. Eu não sou nenhuma modelo, eu não sou francesa, não sou rica. Eu sou tudo menos essas coisas, e ainda assim esse cara quer passar um tempo comigo e me conhecer? Ele não tem ideia de como eu sou realmente chata.

"Você não parece acreditar em mim," diz ele com um encolher de ombros. “Eu não tenho certeza do que dizer sobre isso. Tudo o que sei é que você não precisa estar em lugar nenhum. Você já perdeu seu trem, precisará relaxar nos próximos dias com o tornozelo, e eu dificilmente acho que você deva viajar em sua condição. Então, por que não facilitar as coisas para a sua saúde e seu coração simplesmente ficando aqui?”

Coração?

Ele lê a confusão no meu rosto e explica: "O stress afeta o teu coração. Você está estressada. Eu posso dizer. Não apenas por causa da coisa terrível que aconteceu com você ontem à noite, mas por outras também. Deixe seu coração bater livremente por um tempo, com nada te sobrecarregando, nada te retraindo." Ele gesticula para as portas e para o céu azul e brilhante lá fora. "Lá fora está o mar. As ondas entram, as ondas saem. Entre no ritmo por um tempo."

Tudo parece tão tentador e quase bom demais para ser verdade - e é por isso que acho que preciso manter minha guarda, apesar de todas as coisas poéticas que continuam saindo de sua boca.

Deus, e que boca.

Eu tiro meus olhos do rosto dele.

"Você assistiu o filme *Vertigo*[10]?" Eu pergunto a ele.

Ele pisca para mim. "Claro. Você acabou de me ver estilhaçar uma xícara. Eu vi tudo o que Hitchcock fez."

"Então você provavelmente não vai me culpar por pensar que você está ficando um pouco Jimmy Stewart com minha Kim Novak[11]."

"Porque eu acho que você é um fantasma?"

"Porque ela pulou em San Francisco Bay, e ele salvou sua vida. E qual foi à frase que ele usou? *'Os chineses dizem que uma vez que você salvou a vida de uma pessoa, você é responsável por ela para sempre.'* Então, como ele disse, você está comprometido."

Ele cruza os braços sobre o peito, divertido novamente. "Na verdade, os chineses não têm tal ditado. Foi inventado para o filme. E se bem me lembro, ontem à noite você agiu como se nunca estivesse em perigo algum."

Ele está certo e me sinto mal por isso.

---

[10] - No Brasil: Um corpo que cai. Um filme do final da década de 50, dirigido por Alfred Hitchcock; Sinopse: O detetive aposentado John Scottie sofre de um terrível medo de alturas. Certo dia, um amigo pede a John que siga sua esposa. Ele aceita a tarefa e começa a segui-la por toda parte. Ela demonstra uma estranha atração por lugares altos, levando o detetive a enfrentar seus piores medos. John começa a acreditar que a mulher é louca, com possíveis tendências suicidas, quando algo estranho acontece nesta missão.

[11] - Atores que interpretaram os protagonistas do filme.

“Bem, vamos apenas dizer que eu estava em choque. Mas eu quero dizer quando digo que te devo minha vida. Estava tentando apenas ignorar o que aconteceu, mas...”

“Não ignore isso. Nunca ignore um trauma. Isso só vai traumatizar você de dentro para fora. Você teve toda a provação, e vai levar algum tempo para chegar a um acordo com isso. Então você também pode chegar a um acordo com isso aqui. Comigo.”

Meu Deus, ele é persistente, não posso acreditar que estou enfrentando tanta luta como eu estou. Minha amiga Chantal estaria batendo na minha cabeça agora mesmo se soubesse o quão teimosa estou sendo, especialmente porque ela tem me pressionado para encontrar um cara europeu gostoso dormir com ele como um gigantesco *"foda-se"* para Tom.

Mas isso não é da minha natureza. Eu não tive namorados no ensino médio. Perdi minha virgindade aos dezessete anos com meu melhor amigo, só para acabar com isso. Eu me sinto desconfortável e tímida com os homens, especialmente com qualquer coisa sexual, já que Tom tem sido o meu mundo por tanto tempo.

E, no entanto, aqui estou sentindo um nível de familiaridade e conforto com Olivier que nunca senti antes com ninguém. Não com um estranho, de qualquer maneira.

Provavelmente tem tudo a ver com o fato de que ele te salvou, digo a mim mesma.

Mas e daí?

Por que não apenas ir por uma vez, mesmo que seja contra a minha natureza?

Eu olho para ele e realmente observo seu rosto, passando por todas aquelas barreiras bonitas que me tiram o fôlego para realmente sentir quem ele é. Está na curva de seus lábios, no calor de seus olhos. E sim, o fato de que ele é provavelmente um bilionário.

"Ok," eu digo baixinho.

"Ok?" Ele repete, sobrancelhas levantadas.

Eu aceno e mordo o sorriso no meu rosto.

"Eu vou ficar," digo a ele, em seguida, acrescento rapidamente. "Mas só até que eu esteja melhor, e mesmo que eu não esteja, não vou perder meu avião de volta para casa. Eu tenho a faculdade, e tenho minha mãe, tenho... uma vida que eu preciso voltar."

"Mas isso não significa que você não possa viver outra vida até então," diz ele, como se já soubesse que isso não é algo que Sadie Reynolds normalmente faria.

Outra eu, outra vida.

Só por um momento.

Capítulo Quatro

Olivier

Eu acho que nunca conheci uma garota tão teimosa antes, embora isso seja provavelmente parte da razão pela qual eu estou tão fascinado por Sadie. Por mais insensível que pareça, estou acostumado a estalar os dedos e ter uma lista de mulheres prontas, então o fato de que agora ela sabe quem eu sou e ainda precisa de mais convencimento para ficar, torna-a um desafio ainda mais atraente.

No entanto, não quero ser mais persuasivo do que já fui. Depois que ela concordou em ficar, decidi deixá-la algum tempo sozinha enquanto eu cuidava de alguns negócios.

Infelizmente, não era o meu negócio habitual. Era um e-mail da minha irmã, Seraphine, perguntando se eu queria me encontrar para tomar um drinque em Paris esta noite. Sou muito próximo dela e a vejo pelo menos uma vez por semana quando estou na cidade, mas sei que esta noite ela estaria falando de negócios. O negócio do nosso pai. Com a Semana de Moda de Paris se aproximando e os lançamentos de outono chegando, ela faz tudo o que pode para tentar me colocar nesse lado das coisas.

Eu não estava mentindo quando disse à Sadie que não estava interessado nessa parte da marca Dumont. Estou muito feliz em ser um hoteleiro, ao invés de me preocupar com as mudanças que acontecem com a marca várias vezes ao ano. É cruel, estressante, e muito complicado quando você junta todos na minha família com suas diferentes atividades.

Também sei que seria bom nisso, seria ótimo nisso. Eu sei que meu pai não deseja nada mais do que eu seguir seus passos, e passei os últimos dez anos tentando me distanciar de todas as maneiras possíveis. Não porque eu necessariamente queira, porque preciso.

O que me coloca em um ponto ainda mais difícil é que eu sei que Seraphine está precisando de mim ao lado dela. Sempre foi ela e meu pai contra Pascal, Blaise e Gautier. Tem estado mais desequilibrado do que deveria, e a culpa é minha.

Mas minha irmã e meu pai não sabem da verdade. Eles não sabem o que eu fiz, eles não sabem o que eu assinei. Eles não sabem que o fim se aproxima, e eu terei que ceder as minhas ações da empresa à Gautier, ou o mundo saberá da minha indiscrição. Eles só sabem da mentira, e eu tenho que fazer tudo ao meu alcance para manter isso vivo.

É quase meio-dia quando volto para a villa para verificar Sadie. Naturalmente, não estou de mãos vazias - tenho duas garrafas de champanhe Dumont aninhadas em um balde de gelo dourado. Mesmo que nenhum de nós tenha almoçado ainda, acho que nós dois merecemos um pouco de conforto.

Eu bato na porta dela e a chamo suavemente, e quando ela não atende, então uso o meu cartão para desbloqueá-la, tenho que admitir, eu sinto que estou ultrapassando um pouco os limites fazendo isso.

"Sadie," eu chamo, abrindo a porta devagar, olho para dentro e vejo sua cama cuidadosamente arrumada, as bandejas de comida empilhadas ao lado da porta. Eu deveria ter lembrado a ela que poderia ligar para Marcel a qualquer momento, e ele teria lidado com isso.

Uma das portas do terraço está aberta, e posso ver Sadie do lado de fora, sentada em uma das espreguiçadeiras. Ela está vestindo uma blusa preta simples e shorts jeans, o cabelo puxado para trás em um coque bagunçado, enquanto se inclina e observa as bandagens ao redor de seu tornozelo.

"Boa tarde," eu digo a ela, que salta um pouco assustada ao som da minha voz, seus olhos pousando em mim. Ela sorri quando encontra meu olhar, e seu comportamento fica mais espantado quando vê o champanhe.

"Eu não ouvi você entrar," diz ela timidamente.

Eu cruzo o terraço e puxo a cadeira ao lado dela, colocando o balde na pequena mesa de madeira entre nós.

"Acho que estou acostumado a me esgueirar por aí," digo a ela.

"Eu aposto que você está," ela comenta, mas apesar do tom de sua voz, não há malícia em seus olhos.

"Eu sou o mais novo," eu explico. “Enquanto meu pai estava sempre ocupado com meu irmão ou irmã, eu era o único que saía pela minha janela. Às vezes eu passava pela porta da frente, e ninguém notava.”

"Oh, veja, eu teria pensado que talvez você tivesse que roubar suas mulheres," diz ela.

Eu levanto minha testa. "Mulheres?"

O canto de seus lábios se torceu em um sorriso, fazendo algo em seus olhos dançar maliciosamente. É um olhar que eu quero ver mais vezes. "Eu posso ter passado as últimas horas pesquisando sua vida."

Eu reviro meus olhos e suspiro. *"Mon Dieu."* Não há como dizer que informações ela conseguiu desenterrar nesse tempo, mal sei o que está sendo dito sobre mim. Mesmo com a minha persona pública possa ir a vários encontros, ainda consigo manter as coisas sobre a minha vida pessoal muito discreta. Se sou fotografado com uma garota diferente toda semana - ou toda noite - isso não importa muito para mim, sei que as pessoas nunca saberão como me sinto sobre elas. A única coisa sobre a qual falo na imprensa são dos meus hotéis. Eu não comento sobre a linha Dumont, deixando tudo isso para minha irmã e meu pai.

Mas quanto mais privado eu sou, mais a imprensa tende a enlouquecer com rumores. Eles precisam imprimir alguma coisa, afinal, e se algum dos meus primos não fizer nada que gere manchete, a mídia eventualmente se voltará contra mim.

"Bem, fique tranquilo, não acredito em tudo que as pessoas dizem," diz Sadie. "Especialmente quando contradiz do que vi até agora."

"Ossos do ofício," eu admito e depois gesticulo para o champanhe. "Acho que eu trazendo champanhe para você não é uma surpresa."

"Oh, acredite em mim, tudo ainda é uma gigante surpresa," diz ela, olhando em volta com os olhos arregalados. “Eu queria me beliscar algumas vezes para descobrir se estou sonhando ou não. Felizmente, meu tornozelo assumiu esse papel muito bem.”

Eu olho para baixo. "Ainda dói? Você tirou as ataduras?”

Ela sacode a cabeça. "Eu tentei, e então me lembrei de que talvez não saiba como envolvê-lo novamente."

"Você se importa se eu der uma olhada?"

"E você é médico agora?"

Eu sorrio e me levanto. "Você não leu isso sobre mim?" Eu brinco. "Fique aí. Vou pegar algo para a dor primeiro.”

Eu desapareço no quarto, e pego duas taças champanhe do armário, e volto com elas. "Aqui vamos nós."

Espero que ela me diga que não quer nada, mas, em vez disso, seus olhos nunca me deixam quando eu pego a rolha de champanhe e a deixo sobre o peitoril da varanda.

"Você provavelmente não vai ficar muito chocado, mas eu nunca tomei champanhe Dumont antes," diz ela enquanto eu cuidadosamente lhe ofereço uma taça. "Ou qualquer coisa Dumont, por falar nisso."

Isso vai mudar, eu penso comigo mesmo, e quando ela encontra meus olhos, eu juro que vejo um lampejo de calor queimando atrás deles, como se ela soubesse exatamente o que estou pensando.

Sirvo-me de uma taça e levanto-a até à dela, limpando a minha garganta antes de dizer: "Um brinde a estar no lugar certo na hora certa."

Ela me observa atentamente, e diz. "Eu entendo que é lugar errado na hora errada, você não acha?"

"Sim, mas eu estava pensando em mim."

Ela zomba, e solta uma risada seca. "Ok, bem, então eu estou brindando com a sorte que tenha sido você, de todas as pessoas, que por acaso me salvou. Duvido que eu tivesse experimentado um lugar como este de outra forma."

"*Santé!* Você nunca sabe," eu digo a ela enquanto eu tilinto minha taça contra a dela. "Talvez nós tivéssemos nos encontrado de alguma outra maneira."

Os olhos dela brilham para isso, e eu sei que talvez eu esteja sendo um pouco presunçoso, mas acho impossível ser outra coisa senão isso ao redor dela. Eu tomo um gole da minha bebida, e quando ela pausa com a dela, e pego o fundo da sua taça a para que ela termine a maior parte de uma só vez.

"Para a dor," eu a lembro.

Ela sorri, lambendo os lábios de uma maneira que quase me desfez. “É para isso que servem os analgésicos. Se eu não soubesse melhor, diria que você estava me deixando bêbada.”

"Bêbada?" Repito. "Não. Nós não nos embriagamos aqui na França. Nós ficamos alegres. Agora, deixe-me dar uma olhada no seu pé.”

Coloquei minha taça na mesa e me sentei ao lado dela na espreguiçadeira, gentilmente segurando sua panturrilha em minhas mãos e colocando seu tornozelo sobre minhas coxas. Sua respiração bate, e ela se tenciona quando se move de volta para se acomodar. Eu dou-lhe um olhar reconfortante, lendo a apreensão em seu rosto. "Eu não vou te machucar, eu prometo."

"Como você pode ter tanta certeza?" Ela pergunta depois de um instante, e há um peso nas palavras dela, como se ela estivesse falando de outra coisa.

Eu não deixo minha mente ir por esse lado. Em vez disso, eu lentamente e cuidadosamente começo a desatar as ataduras em volta do tornozelo dela. Obviamente não tenho treinamento médico, mas Seraphine costumava fazer balé, e tenho lembranças de minha mãe ajudando-a com os pés em dias particularmente difíceis.

Sadie ofega quando eu separo o envoltório final, mas seu tornozelo não está tão ruim quanto eu pensava que estaria, está apenas inchado e inflamado, com hematomas muito leves.

"Parece bom," digo a ela.

"Não está bom," diz ela. "Parece gangrenoso."

Eu ri. “Não está gangrenado. Está apenas inflamado. Mais alguns dias de muito descanso e mantendo o tornozelo no alto, você deve ficar bem. Eu não te machuquei, não é?”

"Bem não. Mas você tem que colocar de volta, então sempre há outra chance.”

Eu não posso deixar de sorrir. Ela pode ser tão espinhosa, aceno para a bebida dela. "Sirva-se de outra taça e beba."

"De volta a me embebedar."

"Eu vou acompanhá-la em um segundo."

E não estou mentindo. Com o mesmo cuidado de quando tirei o curativo, o envolvi. "Não está muito apertado?" Pergunto, seus tornozelos ainda descansando em minhas coxas.

"Estou impressionada," diz ela, tomando um gole de sua bebida. "Assim como estou impressionada com este champanhe, este hotel, você e tudo mais que você por acaso toque de alguma forma."

"Bem, estou feliz por poder impressionar você pelas coisas que faço e não pelas coisas que leu sobre mim."

“Oh, acredite em mim, eu fiquei impressionada. Mesmo com as mentiras descaradas, não imaginava que você teve um bebê secreto com a

princesa de Mônaco.” Ela faz uma pausa, estreitando os olhos. “A menos que seja...”

"Mentira descarada," digo a ela. "Embora eu ache que meu primo teve alguns flertes com ela."

"Qual?"

"Você sabe sobre eles?" Eu praticamente me arrepio.

"É difícil fazer pesquisas sobre Olivier Dumont sem aprender sobre o resto da família dele."

"O que você aprendeu?" Eu pergunto com cuidado.

Ela encolhe os ombros. “Muito, mas quem sabe o que é verdade e o que não é? Sua família parece estar em conflito. Eles parecem tão diferentes um do outro, seu pai e seu tio.”

"Como assim?" Claro, que sei a verdade, mas estou sempre curioso para ver como nós aparecemos para o resto do mundo, especialmente para as pessoas de fora da França que não foram criados com meu pai e tio dominando as notícias de vez em quando.

“Os sites de fofoca gostam de pintar você como se estivesse em uma disputa familiar. Há o chamado lado bom com você e sua irmã e irmão e pais. E depois há o seu tio e tia e seus filhos. O chamado lado ruim. Embora às vezes eles apenas os chamem de progressistas, então eu acho que 'ruim' é apenas um termo relativo. Por assim dizer."

Ela não tem ideia. "Você está certa. Eles são mais progressistas," eu admito. "Meu pai sempre acreditou em administrar tudo na Dumont da mesma forma que nosso avô, digamos que ele não vê com bons olhos adequar as mudanças de acordo com os novos tempos."

Ela me olha intrigada, rapidamente termino minha taça. "E em que você acredita?" Ela pergunta. "Você concorda com seu pai?"

"Eu concordo, me adapto do meu jeito quando se trata do meu lado nos negócios. Meus hotéis sempre terão uma aparência de velho mundo em termos de serviço e localização, na comodidade que as pessoas precisam quando imaginam um lugar como este. Mas obviamente eu me adapto, como todos os outros hotéis. O mundo do marketing online para os indivíduos é tudo. Usando o Instagram, e outras mídias sociais, pode ser muito útil para alavancar os negócios. Se você não acompanhar as mudanças, não consegue manter-se em crescimento."

"E seu pai? Ele não tem uma loja online."

"Bem, os produtos estão online. Ele simplesmente não deixa você comprar dessa maneira. Você precisa ir a uma loja."

"Você não acha que isso é um inconveniente?"

Já ouvi esse argumento tantas vezes, e sei de todas as maneiras que isso pode dar certo. "Pode ser inconveniente, mas impede que a marca se torne fashion ou barata."

Ela começa a rir. "Barata? Eu verifiquei o valor das bolsas, elas custam em média cinco mil dólares."

"Assim como a Chanel, e você não vê ninguém reclamando do preço."

“Oh, estou reclamando disso também. É ridículo. Toda a minha viagem e estadia na Europa custaram metade disso.”

Ela tem razão. Pela primeira vez estou sem palavras.

"Olha," diz ela depois de um momento. “Eu não quero insultar você ou seu pai. Tenho certeza de que tudo vale a pena. É apenas um mundo totalmente diferente para mim, e é um que duvido que algum dia eu entenda. Nossos mundos não poderiam ser mais distintos.”

“E ainda aqui estamos nós. Você e eu. Sentados no terraço da minha villa do Hôtel du Cap-Eden-Roc, bebendo champanhe. Parece que nossos mundos colidiram muito bem.”

"É temporário," diz ela. "E é só por causa da sua generosidade."

“Eu acho que eu deveria estar lisonjeado por você não ter chamado de caridade, pelo menos uma vez.”

"Estou me esforçando para ter boas maneiras," diz ela. "E não sei se estou fazendo um bom trabalho."

Eu estendo a mão e coloco minha mão em seu joelho, sentindo sua pele quente sob a palma da minha mão, consciente de quão perto ainda estamos sentados um do outro, com suas pernas em minhas coxas, exalando uma familiaridade que provavelmente não deveria existir ainda. "Você está fazendo um bom trabalho, está sendo honesta e todos nós precisamos de pessoas honestas em nossas vidas, senão continuaremos

cometendo os mesmos erros. E se você acha que as bolsas são muito caras ou não - mesmo com o trabalho e os materiais que as envolvem - nós poderíamos definitivamente ser mais progressistas. Mas também vejo grande valor em manter o passado. Isso nos mantém responsáveis. Claro, talvez meu tio ficasse mais feliz se pudéssemos acessar a mercadoria na internet e começar a cortar despesas para obter um lucro maior, mas eu admiro meu pai por manter sua posição."

E agora acho que falei demais. Não me lembro da última vez que realmente me abri sobre minha família ou os negócios, mesmo que por um minuto. Minha família é tão complexa e em camadas, que é como abrir uma lata de minhocas, o que significa que é uma tampa que precisa ser definitivamente selada.

Eu limpo minha garganta. “Mas eu não quero te entediar com os meus negócios. Que tal falarmos sobre o almoço?”

"Honestamente, não estou nem um pouco entediada," diz assim que seu estômago ronca.

Eu ri, achando particularmente fofo o quão envergonhada ela fica por isso. "Eu acho que seu estômago iria discordar."

"Imaginei que eu tinha comido demais no café da manhã, mas suponho estar enganada."

“Bem, ter apetite é um bom sinal. Você gostaria de ir a Cannes para o jantar? Antibes? Nós também podemos comer no restaurante daqui ou pedir serviço de quarto.”

"Eu não deveria forçar o tornozelo."

“Eu posso te garantir, você não estará andando em lugar nenhum. Poderíamos até almoçar no barco.”

"Claro que você tem um barco," diz ela secamente, mas está sorrindo. E quanto mais ela sorri, mais eu me encontro querendo manter esse sorriso, não importa o que seja preciso. Não me interpretem mal, eu sempre ofereço a uma mulher um momento agradável, algo para ser lembrado, mas não me lembro da última vez que tive o desejo de fazer todas essas coisas. O engraçado é que não é preciso quase nada para impressionar Sadie.

Na verdade, essa é a maneira errada de encarar. Não é que ela seja fácil de impressionar, mas as coisas que a impressionam vêm de um lugar diferente e mais sincero.

Mais uma vez, um desafio.

Mas, por mais que Sadie seja um desafio para mim, quando se trata do almoço, ela não briga tanto. Ela acha que está malvestida para ser vista em público, mesmo que esteja errada, posso dizer que a ideia a deixa desconfortável. Então, decidimos pedir o serviço de quarto para o almoço, e eu peço ao chef mandar algo do cardápio, qualquer coisa que seu coração deseja.

O desejo dela é um simples hambúrguer americano, que ela come em um segundo. Claro, foi feito com carne Wagyu[12], mas eu não preciso dizer isso a ela. Seguimos com mais champanhe, desta vez misturado com licor de cassis para preparar o Kir Royales[13], e logo estamos empanturrados e bêbados e nos sentindo muito bem.

Pelo menos eu estou. É bom ter um dia em que não preciso me preocupar com nada, onde o futuro é apenas o horizonte: uma linha fina e desbotada à distância.

O horizonte agora é um azul rico, oscilando sempre tão devagar nas ondas. Nós dois estamos encostados no peitoril e olhando para a grande piscina de raia empoleirada na borda rochosa da margem [14] . As espreguiçadeiras estão todas ocupadas, algumas pessoas brincando na água, algumas sendo servidas pelos garçons. É alta temporada ideal para observar as pessoas.

Mas minha atenção está na garota ao meu lado, a brisa soprando alguns fios soltos de cabelo do seu rabo-de-cavalo, um brilho dourado e avermelhado capturando ao sol. As poucas sardas no rosto dela parecem ainda mais pronunciadas, como se ela estivesse florescendo diante dos meus olhos.

---

*[12] - Wagyu é uma das quatro raças japonesas de gado de corte, uma peça de contrafilé da raça **wagyu** é vendida por R$ 4.4 mil, valor equivalente ao de quatro bois inteiros.*

[13] - Kir Royal é um coquetel francês. Consiste em crème de cassis coberto com champanhe.

[14] - 

Seu olhar está preso em um veleiro que corta suavemente a água, a vela branca contra o vibrante azul do Mediterrâneo, então ela olha para mim. Eu nunca tinha notado como o azul de suas íris combinava tanto com o mar.

"O que você está olhando?" Ela pergunta, sua voz assumindo um tom tímido.

Mais uma vez, sei que provavelmente estou deixando-a desconfortável, mas não consigo me controlar. "Seus olhos. O tom de azul deles é igual ao azul do mar."

Ela sorri, a cor de suas bochechas se aprofundando quando ela evita meus olhos. "Você sabe, quando eu estava pesquisando sobre você, não era a única coisa que estava investigando."

"Oh, é mesmo?"

"Sim, e descobri o que significa *lapin*."

Eu deveria ter imaginado que isso iria acontecer. Para seu crédito, no entanto, ela não parecia zangada. Apenas divertida.

"Eu posso explicar," eu digo a ela.

Ela ri. "É melhor você explicar porque eu pareço um coelho."

"Você não parece um coelho," eu digo a ela, estendendo a mão brevemente para tocar seu braço, sua pele parece ficar quente ao meu toque. "É só que..."

Suas mãos voam para seus ouvidos. “Sim, meus ouvidos. Eu sei que eles se destacam. Acredite em mim, quando eu era adolescente, era chamada de 'Arwen[15]' por todos da minha turma.”

"A Arwen era linda," indico.

“Sim, quando ela foi interpretada por Liv Tyler. Confie em mim, ninguém pensou que eles estavam sendo elogiosos quando disseram que eu parecia um elfo.”

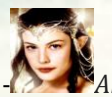
Eu deveria ter percebido que esse era um assunto delicado. "Provavelmente vai parecer estranho se eu explicar, mas confie em mim quando digo que é um elogio."

Ela me olha por um momento, seu olhar se estreitando antes de encolher os ombros. “Eu acho que tenho que aceitar sua palavra. Os franceses têm uma maneira estranha de expressar as coisas.”

“Não culpe os franceses. Apenas culpe a mim. Eu não estou exatamente no padrão do país quando se trata de romantismos.”

"A esta altura, era esperado que já houvesse praticado o suficiente, até agora," diz ela com naturalidade.

---

15 -  *Arwen Undómiel é uma personagem fictícia nas obras de J. R. R. Tolkien. Ela aparece em seu romance, O Senhor dos Anéis.*

"Você imaginaria," eu digo a ela. “Mas talvez nós precisemos jogar no mesmo patamar, apenas um pouco. Você parece saber muito sobre mim, mas eu não sei praticamente nada sobre você.”

"Não há muito a dizer," ela diz, tentando tirar uma mecha de cabelo dos olhos.

Eu estendo a mão e coloco o fio atrás da orelha dela. Para minha surpresa, não recua ao meu toque desta vez. "Todo mundo tem uma história. Eu aposto que a sua é muito mais original e interessante do que você pensa. Conte-me sobre onde você cresceu.”

Ela faz uma careta, franzindo o nariz. "Não é um lugar do qual você tenha ouvido falar."

"Diga-me de qualquer maneira."

Ela solta um longo suspiro. "Ok. Bem, eu nasci em um lugar chamado Wenatchee no estado de Washington. É no interior do estado, então não é nada perto de Seattle. É muito seco e desértico, mas há alguns lagos bonitos ao redor, e nós somos famosos por nossas maçãs."

"Parece bom."

"Tudo bem, estou te pintando um cenário melhor do que é."

“E o que seus pais fazem? Cultivam maçãs?”

Ela ri. “Isso teria sido legal, mas não, meu pai trabalhava num banco, e minha mãe era uma garçonete. Eles não ganhavam muito, então vivíamos em um parque de trailers. Mas era um bom trailer, pelo

menos. Eu tinha meu próprio quarto e era feliz...” Ela sai andando, parecendo o oposto de feliz.

"Irmãos?"

"Não."

"Seus pais ainda estão juntos?"

Ela balança a cabeça, olhando para as pessoas à beira da piscina de um jeito meio vazio. “Meu pai foi embora quando eu era pequena, não sei onde ele está agora e não me importo.”

Eu sei que não devo perguntar mais nada sobre ele.

"Então eu presumo que você é próxima de sua mãe?”

"Sim," ela diz e se cala.

“Ela ficou preocupada com sua viagem?"

"Um pouco. Eu acho... acho que ela sente falta de me ter por perto, moro com ela em Seattle, perto da universidade, sei que ela está mais preocupada agora que estou sozinha.”

“Quer dizer agora que você não está mais com seu namorado. Qual é o nome dele mesmo? Dom?”

"Tom," ela diz rapidamente e estremece, como se até dizer o nome dele fosse demais. “Ela gostava bastante dele, e lhe dava tranquilidade saber que ele estava cuidando de mim. Bem, você entende o que quero dizer.”

"Você vai contar a ela sobre mim?"

Ela levanta as sobrancelhas. "Sobre você? E o que devo dizer sobre você?"

"Que você conheceu um francês muito bonito que prometeu cuidar de todas as suas necessidades."

Ela balança a cabeça lentamente, um sorriso se espalhando por seu rosto. "Você é inacreditável."

Eu me inclino perto dela, respirando seu perfume doce de baunilha misturado com o cheiro do mar. "*Lapin*, você *não* tem ideia," eu digo baixinho em seu ouvido.

Capítulo Cinco

Sadie

"Então me conte tudo sobre a Espanha," diz minha mãe. “Como é Barcelona? Ou você está em Madri? É difícil acompanhar.”

"Estou em Barcelona," digo a ela. Eu odeio mentir para minha mãe, mas não há maneira de contornar isso agora. Se eu lhe dissesse a verdade sobre o que aconteceu comigo, ela ficaria preocupada, e ela já está tão estressada, que é a última coisa que ela precisa. É melhor deixá-la pensar que está tudo bem.

Há uma longa pausa na linha. "Você está bem?" Ela pergunta.

Limpo minha garganta e tento soar mais alegre. "Ah, sim. Com certeza, apenas um pouco cansada de todas as viagens, você sabe.”

Outra mentira. Estou com um pouco de ressaca, e grogue por causa de todos os analgésicos. Ontem bebi um pouco demais durante o dia com Olivier, o que resultou em eu ir para a cama na hora do jantar. Na verdade, acho que estava cochilando quando ele estava prestes a pedir comida, e tenho vagas lembranças dele me trazendo para a cama, depois ele foi embora, e fiquei debaixo das cobertas e desmaiei.

Com esse cara, não tenho sido nada além de uma dama, *argh*.

"Eu sabia que deveria ter esperado mais uma hora para ligar," diz ela. "Eu não tinha falado com você há tanto tempo, e você disse que era impossível dormir até tarde em um albergue de qualquer maneira."

"Não, você fez bem. Estou feliz por você ter ligado. Então, como foi o trabalho?"

Minha mãe teria acabado de sair de seu turno da noite no restaurante, seu atual trabalho. Normalmente, minha mãe passa por empregos a cada poucos meses, incapaz de segurar um por muito tempo, graças à sua constante batalha contra o transtorno bipolar, mas parece que este tem sido bom o suficiente para ela.

"Foi tudo bem," diz ela com um suspiro. "No outro dia, tive um dia difícil..." Ela despista, e sei que ela não quer me contar o que aconteceu. Mas, ao mesmo tempo, eu sei que sim. Ela não tem mais ninguém além de mim para conversar.

"E?" Pergunto a ela.

"Bem, a boa notícia é que ainda tenho emprego." Ela dá uma risada nervosa e depois geme. Eu posso imaginá-la agora, esfregando a mão na testa como se ela pudesse penetrar no seu cérebro dessa maneira. "Querida, eu estava em péssimo estado, simplesmente não conseguia sair da cama. Aquele buraco negro, aquele vazio, me pegou, e honestamente pensei que nunca mais conseguiria sair dele."

Meu coração se aperta. Eu sei do que ela está falando. Eu mesma já estive nesse vazio. Mas eu sei que não é nada comparado com o que ela sente e lida diariamente.

Eu tenho medo de perguntar, mas pergunto. "Quantos turnos você perdeu?"

"Dois," diz ela depois de um momento. "Mas eles foram muito compreensivos. Na verdade, Agnes, que trabalha comigo - acho que eu te contei sobre ela em um e-mail que te mandei – foi maravilhosa, me disse que assumiria quaisquer turnos perdidos. Então, se eu tiver dificuldades, posso sempre ligar para ela, e ela me cobrirá."

Suspiro aliviada. Ela nunca teve esse nível de apoio antes em seus trabalhos. Eu sei que minha mãe tende a manter todos à distância, e por uma boa razão, mas talvez por eu ter me afastado nesses dias, ela tenha sido capaz de se expandir. Ela confiou em mim por tanto tempo para ter companhia e apoio emocional, e por mais que eu nunca venha a virar as costas para minha mãe, isso me afeta. Eu tenho carregado seus fardos há tanto tempo quanto me lembro, mesmo antes de meu pai nos deixar.

"Eu pensei ter visto o Tom outro dia," diz ela, mudando de assunto para outro ainda mais desagradável.

Eu gemo por hábito, mas tenho que admitir que desde que conheci Olivier, Tom não tem estado em minha mente como de costume.

"Fiquei tentada a atropelá-lo," acrescenta minha mãe. "Eu nunca vou perdoá-lo pelo que ele fez com você."

"Nem eu. Mas isso não importa mais."

"Ele arruinou suas férias, querida."

Estou sorrindo, só um pouquinho. "Está melhorando, prometo."

Fico no telefone por mais alguns minutos enquanto minha mãe faz um chá para dormir e se prepara para deitar. Então eu desligo e tento invocar energia para me levantar da cama.

Não me ajuda que ela seja insanamente confortável, e deitar aqui é como ser amparada na palma da mão do céu. Mesmo com minha cabeça martelando e o leve latejar no meu tornozelo parecem sem importância – diante da suavidade e do luxo desse quarto.

Agora que estou completamente acordada, minha mente naturalmente vai para Olivier.

Como não poderia?

Quero dizer, bom Deus!

Eu não sei se isso é karma por ter uma infância de merda, ou Tom ter me deixado, ou o que, mas sei que eu deveria parar de questioná-lo e começar a me divertir com ele. O homem é simplesmente extraordinário demais para ser real, começando com o café da manhã ao estilo Uma Linda Mulher na cama, seguido por garrafas de champanhe, *garrafas de seu próprio champanhe* sob o sol do Mediterrâneo. A conversa fluiu facilmente, desde que não estivéssemos falando de mim, e houve várias ocasiões em que ele me tocou de alguma forma. Toda vez que a pele dele fazia contato

com a minha, eu sentia que estávamos nos conectando em algum nível celular, como se algo dentro de mim reconhecesse algo dentro dele.

Mas tudo isso é apenas conversa de loucos. Estou obviamente encantada com o fato de ele ser extraordinariamente lindo, totalmente francês, obscenamente rico e bem-sucedido. Qualquer outra coisa é provavelmente um produto da minha imaginação muito ativa. Quero dizer, além de ele tocar meu tornozelo, ou minha coxa, ou empurrar um fio de cabelo para fora do meu rosto, ele não fez nenhum movimento real em mim.

Imaginei que o faria, especialmente quando ele ficou com esse olhar quente em seus olhos mais de uma vez e se aproximou um pouco mais. Normalmente, eu me assustaria, e mesmo que estivesse em um turbilhão por dentro, por fora eu estava em frangalhos.

Mas não. Ou o homem era uma provocação, ou estou captando os sinais errados.

Ou talvez ele seja um cavalheiro que não acredita em ir atrás de mulheres jovens feridas, eu lembro.

Só pode ser isso. Não há como negar que há química entre nós, é apenas uma questão de como agir sobre isso, eu com certeza não vou fazer nenhum movimento, não quando mal consigo me locomover para começar.

E, no entanto, quando consigo sair da cama, meu corpo parece menos rígido e dolorido do que ontem. Talvez Olivier estivesse certo, o

champanhe realmente era melhor para os meus níveis de estresse. E o que ele disse sobre o mar? Que é bom para o meu coração?

Levanto-me cuidadosamente e vejo que há um envelope debaixo da porta. Eu manco até lá, com muito medo de colocar qualquer peso no meu tornozelo.

Rabiscado em uma caligrafia elegante no papel timbrado do hotel há uma nota:

Mon Lapin,

Espero que você tenha conseguido um descanso muito necessário. Eu estarei trabalhando a maior parte do dia, então espero que você se sinta livre para se divertir. Se quiser comida ou bebida, por favor, peça o que seu coração desejar. Se você quiser ir para a piscina, ou ao restaurante, em qualquer lugar que você queira, por favor, chame o concierge, ele, Marcel estará à sua disposição. Eu estarei de volta para você às sete horas da noite para o jantar. Há alguns vestidos do lado de fora da porta, caso você queira usar um para a ocasião.

Olivier Dumont

Oh. Meu. Deus.

Abro minha porta e espio lá fora, e suspiro. Há uma arara de roupas do lado de fora da porta com numerosos sacos de trajes pendurado.

Consigo manter a porta aberta e puxar o suporte para dentro do quarto, rapidamente começo a desempacotar as sacolas admirando cada vestido escondido lá dentro. Eles são todos pretos - suponho que seja a escolha mais segura e elegante - tudo no meu tamanho, e tudo com o selo Dumont. Meu estômago revira, sabendo que cada vestido tem que valer pelo menos mil dólares.

Merda. Ele quer me levar para jantar hoje à noite, com meu tornozelo estropiado e falta de preparo? Pode ser capaz de me encaixar em um vestido elegante e bonito, mas pode ser semelhante a colocar batom em um porco. Ou pelo menos roupas de grife em uma garota de um parque de trailers.

Eu cuidadosamente experimento cada um, tentando fazer o papel de princesa, mesmo que apenas por um dia. Gostei de um de renda, decotado que mostra os meus peitos e se estende até o joelho. Bônus por não ter que usar um sutiã com ele.

O maior desafio é tentar me ocupar nas próximas dez horas. Felizmente, o tempo passa rapidamente. Eu peço um café da manhã grande o suficiente, com quantidades generosas de café, para não precisar de nada para o almoço, depois passo a tarde deitada na banheira de hidromassagem privada e tomando sol. Quando às sete horas chegam, eu estou levemente queimada, tonta e nervosa, mas o vestido fica ótimo em mim, e consegui fazer leves ondas nos meus cabelos para que ele se

espalhe nos meus ombros. Eu não me incomodei muito com maquiagem enquanto viajava, já que tudo parece derreter em meu rosto, mas eu faço o que posso para parecer bonita e apresentável.

Só não sei se estou bonita o suficiente para Olivier Dumont, bem, isso vamos descobrir muito em breve. *Mas foda-se*, eu posso ficar insegura outra hora. Vou aproveitar essa noite - esse tipo de encontro é único, é como um conto de fadas, dessa outra vida que estou vivendo - e vou crer que mereço cada minuto dela.

Olivier é pontual. Há uma batida na porta exatamente às sete horas, e é preciso toda a minha concentração para me impedir de enlouquecer.

Eu ando até a porta, com meu chinelo de um pé e a atadura no outro, e abro.

Foda-se.

Olivier está parado ali com um buquê de rosas cor-de-rosa na mão, mas é o resto dele que me tira o fôlego.

Primeiro que tudo, ele está vestido um smoking. Ou seja, trata-se de um terno completo com gravata borboleta e sapatos brilhantes. Em segundo lugar, seu cabelo está elegantemente desgrenhado com uma espécie de produto e afastado de seu rosto, deixando aqueles deslumbrantes olhos brilharem. E, claro, aquele sorriso arrogante como o inferno que eu podia encarar a noite toda.

"Você está linda," ele me elogia, deixando seus olhos lentamente subirem e descerem por meu corpo, parando brevemente nos meus seios. "Você fez a escolha certa sobre esse vestido."

Eu estou corando. *Droga*.

"Eles eram todos tão adoráveis," digo a ele, sentindo-me toda estranha, porque agora ele está aqui, e essa coisa é tão real. “Eu tive dificuldade em escolher. Desculpe, mas eu não tenho o calçado certo para complementá-lo.” Eu aponto meu pé mutilado para ele.

"Eu não vou olhar para os seus pés, não se preocupe," diz ele. "Posso entrar?"

"Claro, é o seu quarto."

Ele sorri para mim enquanto entra na sala, e eu sinto o cheiro fresco de sua loção pós-barba. Hortelã, cedro e algo limpo. "Seria muito perigoso para eu pensar em meus hotéis desse jeito," diz ele, pegando um vaso no canto do quarto e enchendo-o com água no banheiro antes de arrumar as rosas nele.

"Oh, eu tenho certeza que muitas mulheres - e homens - não se importariam se você insistisse nisso."

"Você parece muito preocupada com a ideia de mim e de outras pessoas," ele disse-me, colocando as rosas junto à minha cama. "Enquanto eu estiver diante de você, as outras pessoas não existirão. Serei somente eu e você." A maneira como os olhos dele estão grudados nos meus é tão

intensa que eu posso sentir meu corpo esquentar. "Especialmente você. *Tu comprends?*"

Eu me sinto um pouco envergonhada. Não sei por que continuo falando sobre isso, acho que é porque realmente é a única coisa que eu sei sobre ele. E, quero dizer, apenas olhe para *esse cara.*

"Ok," eu digo baixinho, dando-lhe um sorriso tímido. "É só você e eu." Eu limpo minha garganta, mudando de assunto. "Então, onde você está me levando esta noite?"

Seus olhos vão para as portas francesas e para o sol poente além, que está pintando os tons do céu de lavanda e pêssego. "Eu espero que você não fique enjoada."

"Você está me levando no barco?"

Ele concorda. "Só você e eu...ah, e Marcel e Philippe. Ele é um excelente chef, já ganhou muitos prêmios."

Eu só posso piscar para ele.

"Então, eu ainda posso surpreender você," diz ele. "É bom saber." Ele vem até mim. "Agora, se você não se importar, temos um barco para apanhar." Ele arqueia o braço para mim. "Você pode me usar como muleta, ou posso carregar você em meus braços."

"Claro, você não quer me colocar em um carrinho de mão? Tenho certeza que vamos virar algumas cabeças."

"As pessoas aqui viram coisas mais estranhas, tenho certeza."

Já que estou descansando a maior parte do dia, acho que me dou muito bem com a pressão na ponta do pé, por sorte, o carrinho de mão está fora de questão. Eu tomo seu braço e sorrio para ele, meus nervos dançando em quão perto estamos fazendo minha pele ficar ruborizada e formigando.

"Vamos?" Ele pergunta, sua voz assumindo essa qualidade gustativa e sedosa que me faz morder o lábio.

A viagem até o barco é indolor. O caminho é nivelado e bem cuidado, tornando mais fácil apenas apoiar-me nele. Os sons de pássaros e cigarras enchem o ar colorido da noite, e eu respiro os cheiros de alecrim e cedro.

"Deus, isso aqui é lindo," digo a ele. "É tão bom estar fora do quarto."

"Eu posso imaginar," diz ele.

“Por que você mora em Paris? Eu moraria aqui se pudesse.”

Ele ri baixinho, e quando eu olho para ele, posso ver o céu de fogo refletido em seus olhos. “Sou jovem demais para morar aqui. Esse lugar é para onde você vai quando se aposenta.”

"Tenho certeza que pode se aposentar amanhã se quisesse, não tem que trabalhar um dia em sua vida se não desejar."

Ele acena com a cabeça, com os lábios pressionados. "Você está certa. Eu não tenho que trabalhar. Mas eu quero. É... o que me revigora. E Paris é onde está o trabalho, onde está a vida. Quando eu sinto que estou trabalhando demais, então eu venho até aqui e relaxo por alguns dias."

“Eu aposto que não. Acredito que é sempre um negócio para você.”

Ele me lança um rápido sorriso. "Você está fazendo suposições, ou você é apenas observadora?"

Eu dou de ombros. “Um pouco da coluna A, um pouco da coluna B.”

Ele franze a testa. "Eu não entendo o referencial."

"Você não precisa."

O barco é na verdade um veleiro enorme ancorado ao longo de uma doca com alguns outros navios ridiculamente grandes próximos a ele. Olivier deixa escapar que um deles pertence a um casal muito famoso, não tenho dúvidas que são Jay-Z e Beyoncé.

Mas antes que eu tenha tempo de me maravilhar com a impressionante embarcação, estou a bordo do iate de Olivier, que é todo em madeira e creme, tanto moderno quanto vintage. Eu não sei nada sobre barcos e estive em apenas um, durante uma viagem de campo no décimo ano, mas eu sei que essa coisa é top de linha.

Com Philippe, o chef, preparando a comida na cozinha, Olivier e eu nos acomodamos nos confortáveis bancos na popa, com Marcel ao volante do barco, que se afasta do cais e sai para o mar.

"Existe alguma coisa que você não possa fazer, Marcel?" Brinco com o concierge.

"Absolument pas[16]*,"* Marcel diz com uma piscadela.

"Mas sério," eu digo, voltando-me para Olivier, que tem o braço ao longo do encosto do banco. Com seu smoking e as luzes do pôr-do-sol, as ondas escuras brilhando como ouro atrás dele, ele se parece com um James Bond francês. “Eu não teria imaginado você sendo um marinheiro... você não precisa de muito tempo para isso?”

Ele me dá um sorriso torto. "Sim é preciso, entretanto, Marcel é um marinheiro muito melhor do que eu. Este barco realmente pertence ao meu irmão, Renaud.”

“Onde está Renaud agora? Ele não se incomoda de você usar o barco dele?”

"Tantas perguntas." Ele estende a mão e puxa algumas mechas do meu cabelo.

“Eu gosto de saber as coisas, gostaria de conhecê-lo, melhor. O verdadeiro você, não aquele sobre o qual eu li.”

Seu olhar cai para os meus lábios, e por um momento inebriante, meu mundo começa a girar, e eu penso, *é isso, ele finalmente vai me beijar.*

Mas o feitiço é quebrado quando ele olha para o horizonte escuro, nuvens se espalhando pelo céu como uma confusão de tinta. Meu coração está batendo alto no meu peito, esperando, esperando...

[16] - *Absolutamente não.*

"Renaud mora na Califórnia," ele finalmente fala tranquilamente. “Ele começou a trabalhar em algumas de nossas vinícolas aqui em Bordeaux e depois continuou expandindo e expandindo. Agora mora em sua maior vinícola em Napa. Na verdade, ele está tentando fazer com que eu desenvolva um hotel lá por um tempo, mas....”

"Você não quer sair da França."

"Não é isso. Eu amo a Califórnia e ainda não expandi para os Estados Unidos. Mas... Eu acho que preciso ficar perto da minha família. Por enquanto."

Eu não quero perguntar mais do que já fiz. Em minhas pesquisas sobre Olivier, descobri que sua mãe morreu em um acidente de carro há cerca de quatro anos, então imagino que ele possa estar apoiando o pai de várias maneiras, mesmo que ele não queira fazer nada com esse lado do negócio.

"Você já esteve na Califórnia?" Olivier me pergunta. A pergunta parece natural, mas já posso dizer que ele está apenas tentando mudar de assunto. Digo-lhe que estive lá com um amigo - na Universal Studios - para ver a Harry Potter World. Na verdade, eu fui com Tom, mas não quero trazer esse idiota para a conversa.

Não posso dizer que o culpo por ser um pouco cauteloso com a família dele. Em muitos aspectos, nós ainda somos totalmente estranhos, e eu sei que normalmente leva muito tempo até que eu comece a me abrir com as pessoas sobre minha vida. E eu me refiro às partes reais, mesquinhas, e as não tão mesquinhas. Na aparência, podemos parecer duas pessoas

completamente diferentes com vidas totalmente distintas, mas talvez não sejamos tão diferentes se você cavar um pouco mais fundo.

Mas, como sempre ao redor de Olivier, eu estou me adiantando um pouco. Eu não sei por que eu continuo tentando fazer disso algo que não é, quando não é nada para começar.

E, no entanto, aqui estou eu no iate de sua família, sob um cintilante céu noturno, flutuando no mar Mediterrâneo, enquanto um chef com estrelas Michelin nos serve um banquete de frutos do mar como nunca vi antes. O vinho Dumont está excelente, e Olivier está me dando toda a sua atenção, como se estivesse deleitando-se comigo com seus olhos e ouvidos.

Eu gostaria de me deleitar com ele de outras maneiras.

Quem me dera, ter a coragem para tocá-lo, beijá-lo, fazer algo quanto a isso.

Estou ficando assustada, mas eu não tenho mais medo do que pode acontecer - tenho medo do que pode não acontecer.

Quando eu vi Olivier pela primeira vez, quando ele cuidou de mim e me trouxe até aqui, eu tinha tanta certeza de que seu objetivo principal era me seduzir. Eu não conseguia explicar o porquê, sejamos realistas, eu não sou o tipo habitual dele, mas isso é honestamente o que eu achava. Então, quando os dias foram passando e começamos a nos conhecer de uma forma puramente platônica, bem, então aquela minha pequena teoria começou a esvair-se.

Se no começo eu estava nervosa com borboletas no meu estômago por causa da ideia de Olivier e eu juntos fisicamente, então aquelas borboletas dentro de mim agora se transformaram em bestas desesperadas e vorazes.

Quero consumir esse homem e quero que ele me consuma.

Eu quero conhecer esse lado dele antes de nos despedirmos e o conto de fadas acabar, e minha velha vida iniciar novamente.

Quero Olivier antes que seja tarde demais.

É logo depois da sobremesa - um prato de merengue e amêndoa com coulis de framboesa - e Marcel lança a âncora, com correntes ruidosas barulhentas no mar.

"Onde estamos?" Eu pergunto, olhando em volta, estávamos voltando às muitas luzes da terra estavam mais próximas quando ancoramos. Nós não estamos tão longe da costa, eu podia ver as bordas rochosas e descoradas da terra brilhando sob a lua e os arbustos dançando na brisa leve do mar, e posso ouvir o som das ondas batendo suavemente sobre as rochas.

Olivier sorri para mim, seu sorriso sombreado pelo brilho das luzes da cabine e começa a desfazer sua gravata borboleta.

Enquanto isso, Marcel desce as escadas até o barco, jogando algumas toalhas felpudas.

"O que está acontecendo?" Pergunto, embora eu tenha uma pista.

“Importa-se de dar um mergulho?” Pergunta Olivier, com a gravata agora solta, as mãos habilmente desabotoando a camisa.

Oh Deus.

"Hum," eu consigo dizer debilmente: "Eu não tenho roupa de banho."

"Venha de lingerie."

"Eu não estou usando um sutiã."

Ele sorri. "Eu notei." Então ele tira seu blazer e camisa até ficar com o peito nu.

Mesmo na penumbra, percebo que ele é um espetáculo a ser visto. Peito largo e firme, abdômen rígido, quadris estreitos – tudo isso embrulhado em um suave pacote dourado.

Falando em pacote, agora seus dedos estão desfazendo o cinto, e não tenho certeza se estou pronta para o que vem a seguir.

"Eu vou entrar," ele me diz. “Você está livre para se juntar a mim. Eu recomendo um mergulho no Mediterrâneo. O sal do mar daqui será bom para a sua alma.”

Vou lhe contar o que mais é bom para a alma: observar Olivier Dumont tirando a roupa, é isso. O som quando ele desfaz o zíper é tão alto que parece saltar das ondas.

Eu rapidamente desvio os olhos, mesmo que a tentação de olhar seja avassaladora, e então ele se move para a minha visão: seus ombros

perfeitos, costas largas e sim, um inferno de uma bunda, tudo iluminado pela suave luz do luar.

Ele para na popa do navio, sobe no corrimão e com um rápido sorriso para mim por cima do ombro, mergulha nu no mar com apenas um respingo.

Levanto-me e corro o mais rápido que posso com o tornozelo e olho para o lado.

Ele está nadando e sorrindo para mim, seu cabelo molhado caiu em seu rosto. Mas essa não é a única coisa que está me tirando o fôlego.

A água ao redor dele está iluminada, como se o brilho da lua a tivesse inundado. A luz continua ao redor dele ao longo das ondas escuras, como trilhas brancas frias serpenteando pelo mar.

"É chamado *ne mer de lait* [17] ," diz ele. "O mar de leite. É bioluminescência de um tipo de molusco do mar."

"É mágico," eu digo sem fôlego, tentando absorver tudo. "Temos algo assim no noroeste do Pacífico, mas é mais azul e verde. Isso é como... você estar nadando na Via Láctea."

"Não faz você querer pular?"

---

17 - 

Claro, que sim. E o mesmo acontece com o fato de que ele está tão facilmente balançando nas ondas.

"É seguro?"

"Muito."

"Quente?"

"Bien sûr."

Penso nisso por um minuto. "E o meu tornozelo?"

“Você pode usar as etapas e a plataforma na parte de trás, ali. Desenrole seu tornozelo para que o curativo não molhe, e nós vamos colocá-lo de volta em você depois."

"E o fato de eu estar sem roupa de banho?"

"Eu acabei vindo nu."

"Eu não vi nada," eu digo a ele rapidamente.

"Não? Isso é uma pena. Esse era o objetivo."

Sorrio, sentindo-me extremamente tonta de repente, como se tudo dentro de mim estivesse aceso e pronto para partir. Foda-se sim, eu vou entrar.

"Tudo bem," digo a ele, caminhando para os fundos, onde há um degrau que leva a uma ampla plataforma de natação de madeira. Eu sentei

no degrau e começo a desenrolar o meu tornozelo. "Mas você tem que se virar quando este vestido sair."

"Você sabe que a maioria das mulheres na França nadam e tomam banho de sol de topless de qualquer maneira?"

“E você sabe que eu não sou francesa, nem a maioria das mulheres,” digo a ele, tirando o resto do curativo e deixando-o de lado antes de me levantar. "Ok, vire-se agora."

Ele suspira, mas gira na água, então está de frente para a praia. Eu rapidamente pego e deslizo minha calcinha, não querendo molhá-la, então retiro meu vestido e puxo-o sobre a minha cabeça, e olho de volta no convés e olho para ver se ele está espiando.

Para seu crédito, ele não está, mas ele está deixando um assobio dissimulado como se ele pudesse ter espreitado antes.

"É melhor você não ter visto nada," eu o aviso enquanto manco até a borda.

"Minha imaginação é muito boa em preencher os espaços em branco," diz ele, e eu posso ouvir o sorriso em seu rosto. "Embora não tenha dúvidas, de que não será justo quando eu ver a coisa real."

"Quando?" Eu pergunto com uma risada seca, mas por dentro um milhão de fogos de artifício estão estourando.

Está na hora de eu saltar literalmente.

Não há nada tão excitante como o momento antes de você estar prestes a pular, quando algo passa de um conceito sobre o qual você disse e considerou, para uma coisa verdadeira e real. É assustador. Não importa se é a tua primeira viagem ao estrangeiro ou se você vai saltar no Mar Mediterrâneo à noite. O que se transforma em realidade é o enigmático.

Por isso fecho os olhos, respiro fundo e salto.

Capítulo Seis

Sadie

Com uma respiração profunda do ar quente e perfumado da noite, eu pulo no frio refrescante do mar. Eu sinto cada centímetro da minha pele nua arrepiar enquanto eu caio mais fundo no mar, até que eu estou envolvida no oceano cintilante como uma criatura mítica.

Então eu estou subindo para a superfície, provando o sal em meus lábios, e minhas pernas chutando para ficar flutuando.

Afasto meu cabelo molhado do rosto e limpo meus olhos para ver Olivier sorrindo para mim enquanto nada.

"Você conseguiu," diz ele, e não sei como é possível, mas estar na água o transformou em algo monumental, como se ele fosse um ser mitológico.

"Eu disse," digo, e meu olhar está lutando entre encarar fixamente o brilho das estrelas brancas na água ou a natureza sexual lânguida de seus olhos.

De repente, estou muito, muito consciente do fato de estar nua, os bicos dos meus seios estão brilhando ao luar, e ele está cada vez mais perto de mim enquanto nadamos juntos na água.

Meu coração está realmente tremulando agora, não só pelo impulso de adrenalina do salto, mas porque eu posso me sentir atraída por ele como estrelas rumo a um buraco negro. Se meu corpo pressionasse contra o dele, eu sentiria cada centímetro de seu corpo, e tenho certeza que eu entraria em combustão, e o fogo se espalharia ao redor da água.

"Você é deslumbrante, Sadie," ele me diz, com seu queixo mergulhado na água enquanto ele me olha atentamente através de seus longos cílios.

Pela primeira vez, eu resisto ao impulso de rir ou me subestimar, como geralmente faço quando alguém me elogia, não faço nada disso, porque parece que Olivier está me oferecendo isso em sinal de reverência. Como se significasse alguma coisa.

Engulo em seco, incapaz de dizer qualquer coisa. Eu só consigo olhar para ele e para a água brilhante refletida em seus olhos.

E então acontece.

Sua mão quente está nas minhas costas como uma corrente, puxando-me gentilmente para frente até que minha pele esteja raspando contra sua, e a água se torna viva. Uma mão vai até minha bochecha, me agarrando suavemente, enquanto a outra mantém os dois flutuando. Ele se inclina para frente, e sinto que o que quer que isso seja, tal como um

encontro cósmico de universos acima e abaixo de nós colidindo em um mar de estrelas.

Outra vida que se torna mais real que a primeira.

Seus lábios pressionam contra os meus suaves e calmos, com necessidade e carência.

Eu suspiro de fome enquanto sinto sua ereção pressionar contra meu quadril, deslizando contra mim enquanto minha mão vai até seus ombros para mantê-lo ali.

"Nenhuma das palavras em inglês servem. Nenhuma das palavras em francês servem também. Não há nenhuma língua que possa descrever o que eu vejo diante de mim."

Eu estou derretendo. Se não estivesse segurando forte em seus ombros, eu estaria afundando como uma rocha.

E ao mesmo tempo em que estou derretendo, eu estou em chamas. E as labaredas estão se acumulando no meu sexo, coisa que eu nunca senti antes.

Eu o beijo com força, querendo tanto dele, continuando a beijá-lo e me afogando em suas profundezas. Minhas mãos estão vagando por todos os lugares do seu corpo conforme suas mãos fazem o mesmo que as minhas, mal conseguimos nos manter flutuando.

Mas se eu me afogasse aqui, acho que só precisaria do beijo dele para me manter viva.

Eu não sei por quanto tempo nós ficamos assim, banhados em água incandescente, curtindo a sensação um do outro pela primeira vez, mas eventualmente um barulho nos tira de nosso estado febril.

Olhamos para cima para ver Marcel ao lado do barco, desviando seus olhos. Ele diz algo a Olivier em francês e depois sai para voltar ao convés.

Olivier acena com a cabeça e olha para mim, me dando um sorriso preguiçoso enquanto afasta o cabelo molhado do meu rosto. "Devemos voltar agora," ele me diz. "Vamos."

Nadamos até a parte de trás do barco, e Olivier sai primeiro, e novamente ele não está escondendo nada, mas desta vez eu estou admirando como se fosse uma pervertida.

O homem é deslumbrante.

Ele é bem-dotado como um cavalo. Um cavalo francês, um pau elegante, não apenas grande.

Posso sentir o rubor em minhas faces, e feliz por estar escuro aqui fora.

Uma vez que ele subiu a bordo, eu faço o mesmo, sempre atenta aos meus seios nus, mas, felizmente, ele me joga uma toalha para que eu possa me cobrir antes que me ajude a subir para o iate.

"Vamos nos vestir," diz pegando nossas roupas, e eu o sigo até a cabine, onde Marcel e o cozinheiro continuam fingindo que não estamos aqui.

Eu me troco em uma das cabines, sorrindo o tempo todo.

Aconteceu.

Ele me beijou.

E o melhor ainda está por vir.

Não vai acabar aí nessa água iluminada pelo luar.

Estamos apenas começando.

O retorno ao cais é rápido e devagar. Lentamente, porque mal posso esperar que fiquemos sozinhos de novo no meu quarto. Rapidamente, porque estou nervosa, e assustada. Mesmo que estivemos nadando nus no mar, *é o Olivier*, e esta é a primeira pessoa com quem vou transar desde Tom. Tom, era familiar, seguro e previsível.

Com Olivier, não sei o que esperar. Eu não sei como isso vai me fazer sentir. Não sei se ficarei vulnerável demais ou se tudo mudará entre nós, dificultando a minha partida.

Mas quem eu estou enganando? Já será difícil ir embora.

Saímos do barco e Olivier é minha muleta e guia enquanto ele me leva de volta ao quarto. Meus nervos dançam para cima e para baixo na minha espinha, e me sinto tão viva, tão em sintonia com o ar, o céu e as estrelas que tudo é possível, e qualquer coisa pode acontecer.

"Devemos tomar um banho," diz ele, uma vez que entramos e fecha a porta atrás de nós.

Eu levanto minhas sobrancelhas, preciso enxaguar aquela água salgada do Mediterrâneo antes de ir para a cama hoje à noite, mas não tenho certeza se isso é um convite ou...

"Fique nua e entre", diz ele, sacudindo a cabeça para o banheiro. *"S'il vous plaît."*

Eu engulo em seco. *Ok.* É um convite.

Eu passo por ele até o banheiro, esperando até que eu esteja lá para começar a me despir.

Ele me segue, tirando a calça, a camisa - tudo saindo até que ele esteja completamente nu.

Mais uma vez, estou sem fôlego. Sem palavras. A visão dele em toda a sua glória nua com aquele perfeito pau entre suas pernas é demais para meu cérebro.

"Você precisa de ajuda?" Ele pergunta, inclinando-se para abrir as portas de vidro do box para ligar o chuveiro.

"Não," digo a ele, tirando meu vestido, agora completamente nua.

Os olhos lascivos de Olivier me bebem, desde meus lábios até os dedos dos pés, e pela primeira vez não me sinto mais tão envergonhada. Eu apenas me sinto poderosa. Como se eu fosse toda mulher. Ele me faz sentir como a mulher mais desejada do mundo.

"Eu ainda não encontro palavras," ele murmura enquanto me beija, em seguida, pega a minha mão e me puxa para o chuveiro, para o fluxo quente de água que corre em cima de nós.

Ele despeja sabonete em uma esponja e então passa a ensaboar meu corpo, levando o tempo dele enquanto passa por cima dos meus seios, entre as minhas pernas.

Eu me sinto como uma bomba-relógio, e o vapor e o calor do chuveiro só estão me fazendo sentir mais quente. Não quero essa provocação suave, quero ele.

Eu quero tudo dele.

Estendo a mão para baixo e corajosamente agarro seu pau, sobre seu comprimento firme e duro, e então movo minha mão para cima e para baixo, ele suspira, e rola os olhos para trás deixando cair à esponja.

Meu movimento fica cada vez mais rápido, a espuma servindo como lubrificante, e então quando soa como se estivesse prestes a gozar, ele abre os olhos e agarra meu rosto, me beijando profunda, dura e desesperadamente.

Estamos nos beijando em uma torrente de lábios, dentes e língua enquanto saímos do chuveiro e do banheiro, batendo em balcões e paredes, e eu sei que será um milagre se chegarmos até a cama. De certa forma, Olivier consegue me levantar no ar e depois me carregar, praticamente me jogando nela, então eu caio de costas, com meus seios balançando livremente.

Eu olho para ele, meus lábios latejando de seus beijos, e então observo enquanto ele se aproxima da mesa de cabeceira e puxa um preservativo. Eu não tenho certeza se há sempre uma pilha deles lá dentro como cortesia aos convidados ou se ele os colocou lá, mas, de qualquer forma, eu não estou reclamando, estou tomando pílula, mas eu gosto de estar segura ao invés de me arrepender, e com ele assumindo o comando assim, elimina preocupações futuras.

Tudo que eu quero é ele dentro de mim, estou praticamente doendo por ele.

Posso dizer isso por ele também, porque seus olhos estão focados na minha boceta enquanto ele coloca o preservativo.

"Abra bem suas pernas," diz em um tom de voz áspero, o tipo de tom que lhe dá arrepios. "Deixe-me ver sua linda boceta."

Eu suspiro e faço o que ele me pede.

Sua expressão se torna ainda mais lasciva, como se isso fosse possível, e suas pálpebras ficam pesadas, e as narinas dilatadas.

Ele vai me devorar, eu penso comigo mesma.

Eu abro minhas pernas e, antes que saiba o que estou fazendo, estou brincando comigo mesma, correndo meus dedos por meu clitóris inchado e escorregadio de uma maneira provocante, admirada com o que isso está fazendo com ele.

Então ele rosna como um animal, e me agarra pelos quadris e colocando seu pau em mim.

Meu pulmão está vazio e eu grito de dor, prazer e surpresa.

"Sem mais provocações," ele diz através de um grunhido, e então seu braço fica mais apertado, e ele começa a bater em mim, implacavelmente.

Eu mal consigo respirar, meu coração parece que está saindo do meu peito, o prazer se acumula mais e mais rápido conforme seu pau afunda mais profundamente, e logo a dor e o choque se foram.

Agora tudo que eu sinto é ele e seu desesperado impulso feroz.

Ele puxa meus quadris para cima até que minhas pernas estejam ao redor de suas costas e então mantém o ritmo.

Minha cabeça rola para o lado, olhando para as portas da varanda. Eu posso ver vagamente nosso reflexo: seu corpo alto, magro e musculoso ao pé da cama, meus quadris se ergueram para cima enquanto ele me empurrava, meus seios balançando com cada estocada rápida de seus quadris.

É tão fodidamente erótico que mal posso acreditar que está acontecendo.

Parece um filme pornô, tão selvagem e...

Espere um minuto.

Parece que há mais alguém no quarto conosco.

Há outro rosto, olhando para mim.

Olho para o lado oposto da cama, mas não há ninguém lá.

Então eu olho de volta para a janela.

Ainda vejo o reflexo, juro, um homem está lá fora nos observando...

As investidas de Olivier diminuem.

"Você está bem?" Pergunta ele.

Eu olho para ele com olhos arregalados. "Você viu...?"

Olho de volta para a janela, mas desta vez o reflexo se foi.

Ele também olha e franze as sobrancelhas, depois solta meus quadris para limpar o suor da testa. "Vi o que?" Ele pergunta, sem fôlego.

Eu sacudo minha cabeça. "Nada."

"Que tal mudarmos as coisas," diz ele, lentamente saindo. "Vire-se."

Dou uma olhada furtiva para a janela novamente e, quando ainda não vejo nada, me viro para ficar de quatro, de costas para ele. Pelo menos assim, não preciso olhar para a janela e me assustar sem motivo.

Não é que a ideia de ser observada durante o sexo seja tão esquisita.

Isso é algo que a velha Sadie nunca admitiria.

Ele coloca a mão dele em meus ombros e me empurra gentilmente para o colchão. Eu estou basicamente achatada contra a cama, com minha

bunda no ar. Ele começa a estocar para dentro de mim, e eu agarro os lençóis, segurando firme. Mesmo que eu esteja molhada como pecado e gananciosa por seu pau, o tamanho dele me tira o fôlego, e eu tenho que me lembrar de respirar através dele, deixando-o entrar cada vez mais e mais à medida que minha bunda fica mais elevada.

Ele ajusta seu ângulo atrás de mim e então empurra, e eu me sinto expandir em torno de sua espessura, seu pau arrastando sobre cada nervo desesperado dentro de mim.

Um gemido dolorido sai da minha boca.

"Ma chérie," diz ele com voz rouca. "Vou me desfazer somente com seus sons."

Deus por favor. Eu quero que ele se desfaça.

Mas, mesmo quando penso nisso, sei que ele quer que eu me goze primeiro.

Ele começa a estocar mais e mais rápido, a cama batendo contra a parede. Eu juro que pode estar se movendo alguns centímetros para a direita.

Eu suspiro, segurando os lençóis com mais força, minhas mãos suadas, mal posso segurar, mesmo com a minha bochecha pressionada no colchão. Eu estou tão cheia dele dentro de mim, e ele continua batendo no lugar certo de novo e de novo, de modo que nada mais importe para mim agora, exceto gozar rápido e forte.

"Você gosta disso?" Ele sussurra.

Eu só posso acenar e fazer pequenos sons necessitados.

Eu juro que posso ouví-lo sorrir.

Ele empurra dentro de mim, seus quadris circulando rapidamente, e a sensação dentro de mim cresce e se constrói e aperta até que eu sinto que posso desmaiar. Nossa pele bate forte uma contra a outra, nossos grunhidos ecoando pelo quarto, me excitando ainda mais.

Com um movimento suave, ele puxa meus quadris para cima, se inclinando para baixo em um longo e poderoso empurrão e batendo no meu ponto G em um ritmo quente e perfeito.

Doce Jesus.

Eu acho que estou prestes a ver estrelas.

Então toda a tensão arrebenta, e mais uma investida até não haver mais para onde ir, e então...

Vou-me embora.

Meu grito, voa pelo espaço na velocidade do som, meu corpo tremendo como se tivesse mente própria. É como se eu deixasse de existir, e o orgasmo é a única coisa que resta, a única coisa que importa nesta galáxia.

"Olivier," eu consigo dizer, lentamente lembrando de onde estou e que coisa abençoada está acontecendo.

Olivier geme enquanto eu pulso ao redor dele, e seu ritmo acelera. Ele está conduzindo a si mesmo, tão duro e profundo, que eu não tenho certeza se ele vai parar ou se ele está tentando me quebrar em duas. E eu ainda estou sentindo meu orgasmo, cada impulso brutal me mantendo na onda, como se eu continuasse gozando enquanto ele está dentro de mim. Estou tão alto e não consigo descer, mesmo que tenha tentado.

Então ele goza, soltando grunhidos roucos que me enchem de desejo e uma sensação estranha de orgulho, e eu posso sentir o suor escorrendo dele e nas minhas costas, ouvindo sua respiração irregular e frenética.

Finalmente, ele puxa para fora e desmorona ao meu lado na cama, assim quando eu deixo meus quadris caírem. Meu corpo ainda está tremendo com o orgasmo e a tensão, meu cérebro ainda está tentando entender esse belo mundo novo, e meu coração ainda não voltou ao meu peito.

Depois de alguns momentos, ele estende a mão e passa as mãos pelo meu corpo, tirando o suor ao redor. "Estamos sujos de novo," ele murmura, colocando um beijo quente e molhado em meus lábios. “Acho que vamos precisar de outro banho. Podemos precisar de muitos banhos hoje à noite.”

Eu vejo quando ele tira seu preservativo e eu sorrio. "Acho que vamos precisar de muitos preservativos também."

Ele sorri. "Você tem sorte que está lidando com um homem que lida com tudo em excesso," diz ele. "Além disso, que bom que está com um homem que só está começando."

Meu coração pula com isso, meu corpo voltando à vida e embora as ondas e o zumbido anterior não tenham me abandonado.

Ele está apenas começando.

Estamos apenas começando.

Este homem.

E eu.

Capítulo Sete

Olivier

Eu acordei antes dela.

Para ser justo, eu mal dormi. Nenhum de nós dormiu, não quando eu estava fodendo-a sem sentido durante a madrugada, mas quando ela finalmente adormeceu, exausta e satisfeita, meus olhos permaneceram abertos e meu cérebro continuou trabalhando.

Devo dizer que foi uma sensação muito singular. Pela primeira vez em muito tempo, deixei de pensar no trabalho como uma virtude. Comecei a pensar no trabalho como um obstáculo na minha vida. Se não fosse pelo trabalho, não teria que me despedir dela.

Mas isso tudo assumindo que ela não iria querer se despedir de mim. É por isso que eu demorei meu tempo com Sadie - eu não conseguia entender o tipo de garota que ela era. Num momento ela é tímida, no outro é ousada, em outro é um livro aberto, no outro ela é fechada. Ambos lados dela anseiam por aproveitar todas as riquezas e experiências oferecidas, e depois escapam no minuto seguinte.

Eu ainda não a entendo. Tudo o que sei é que confio nela por alguma razão, talvez apenas por um curto período de tempo, talvez por algo mais

que isso. *Não sei.* A coisa mais fascinante é que eu quero que haja mais do que aquilo que existe. Mas as chances de ela sentir o mesmo, ou sentir o suficiente para ficar, são poucas.

Ela geme, soltando um suspiro antes de rolar na cama.

Lentamente, muito devagar, ela abre os olhos e olha para mim através de longos fios que caíram em seu rosto.

Eu não posso deixar de sorrir para ela assim. Tão inocente, perversa, nua e desgrenhada. Eu chego e afasto o cabelo, para que eu possa olhar em seus infinitos olhos azuis.

"Bon matin, mon lapin[18]*,"* eu digo, sabendo que estou sendo brega pra caralho, mas esperando que o fato de eu estar falando francês vá compensar isso.

Ela explode em risadas, e eu sei que ela está zombando de mim. "Realmente? A primeira coisa que você me fala de manhã são esses versos?"

Eu rapidamente corro minha mão pela pele lisa e suave de suas costas e a puxo em minha direção. "Eu quero que você saiba, que não é tão fácil rimar logo cedo pela manhã," eu digo a ela, me inclinando para colocar um beijo em seu pescoço.

[18] - *"Bom dia, minha coelhinha."*

"Mmm," ela murmura, deslizando a mão pela lateral da minha cintura e sobre meu quadril. "Talvez você devesse se ater nas coisas em que você é realmente bom."

Bem, bem, bem. Eu gosto disso, gosto que seja na manhã seguinte, e todas as formalidades e constrangimentos tenham se dissolvido, e parecemos nos conhecer em outro nível.

Ou talvez ainda existam muitos níveis para serem descobertos.

Talvez cada nível esteja em nossas mãos.

Eu belisquei sua pele, sentindo-a se contorcer debaixo de mim, ouvindo-a ofegar e gemer.

"Você sabe que eu vou sonhar com esses sons por muitos anos," digo a ela, correndo minha língua até o lado de seu pescoço. "Você tem na boca cada fantasia molhada e quente, liberada."

"Você me lisonjeia," ela diz, agindo de forma sedutora.

"Só espere," eu a aviso.

A noite passada não foi suficiente.

Eu não acho que isso será suficiente.

Eu a coloco de lado, minhas coxas de ambos os lados dos seus quadris, e me estendo para baixo para deixar beijos suaves nas suas costas. Ela tem um gosto mais doce que champanhe, eu passo minha língua sobre sua pele, sentindo-a estremecer ao meu toque.

Afasto-me alguns centímetros para poder beijar e lamber até seu estômago, seus mamilos endurecem, expostos aos meus olhos famintos. Eu imediatamente mergulho minha cabeça e os beijo gentilmente até que ela geme, arqueando suas costas. Ela é tão perfeita - a percepção dela, a forma, o jeito como seu corpo responde a todos os meus gestos.

Por que eu não posso ter isso por mais do que alguns dias?

Eu fecho meus olhos e afasto esses pensamentos, não posso pensar nisso, não agora. Acabamos de nos encontrar, é muito cedo para pensar em como isso poderia acabar.

Sadie passa os dedos dela por meu cabelo provocando, e eu momentaneamente fecho meus olhos ao toque dela, amando o jeito que isso me faz sentir.

A ternura.

Quando foi a última vez que senti isso?

Uma coisa tão subestimada, uma parte tão importante da vida.

E com uma ternura que eu sei que irá crescer até o fogo em chamas, eu beijo seus seios do suave volume externo até os mamilos, e com a língua, vou lambendo-os e saboreando-os.

Mas logo a ternura de antes começa a ficar áspera e impaciente. Suas unhas estão cavando no meu couro cabeludo, e ela está ficando inquieta, e eu sei que ela não quer nada mais do que minha língua ou meu pau entre suas pernas, para enfiar dentro dela, trazendo seu orgasmo.

Ela tem de aprender a ser mais paciente.

Eu continuo a trabalhar em seus seios, trilhando o caminho quente em direção aos bicos inchados, e mordisco delicadamente, trazendo rajadas afiadas de dor com o curso calmante de minha língua, alternando entre os dois até que ela comece a se contorcer abaixo de mim, seu rosto contorcido com essa necessidade angustiada por mais.

"Olivier," Sadie murmura baixinho, seus dedos apertando meu cabelo mais forte. "Venha dentro de mim. *S'il vous plaît.*"

Eu sorrio e aprecio sua tentativa em falar francês, mas não estou com pressa esta manhã.

"Relaxe, *mon lapin,*" eu digo a ela, com minha voz grossa. "Eu vou fazer valer a pena."

Ela suspira com uma mistura de prazer e frustração e afunda mais para dentro da cama. Eu tomo minha boca e a coloco nivelada sobre os picos duros dos seus mamilos, sugando-os suavemente e trabalhando com minha língua, minha atenção completamente neles, fazendo seus os olhos brilharem, e suas coxas tremerem.

"Olivier, por favor," ela suspira, lambendo os lábios.

Mas eu persisto, ela se torna ofegante, quente e intensa, o que inflama meu próprio desejo. Eu dou e dou até que ela esteja se contorcendo abaixo de mim e puxando meu cabelo com toda a força.

Aperto-lhe os seios, mordo seus mamilos, e é quase suficiente para fazê-la gozar.

Eu rapidamente deslizo minha mão entre suas pernas, passando por seu clitóris, então seu corpo começa a tremer incontrolavelmente, palavras sem fôlego vêm de sua boca, ansiosa, selvagem e animalesca.

Uma boca tão perfeita.

Então seus tremores ficam lentos, e seu corpo relaxa no colchão.

"Oh meu Deus," ela diz, com os olhos arregalados olhando para o teto.

"Mon Dieu," digo a ela, sorrindo. "Se você ainda está tentando aprender minha língua."

"Bem, o que você acabou de fazer para mim transcende qualquer idioma, eu te garanto isso," ela consegue dizer ofegante. “Você tem dedos mágicos, sabe disso? Não, espere, você provavelmente já sabe.”

"Você é a única que é mágica, aqui," eu lhe digo quando ela chega e corre os dedos sobre os meus músculos. Há uma fome ainda em seus olhos, como se isso fosse apenas o começo.

Eu não estive dentro dela.

Eu sei o que ela quer, eu sei do que ela precisa.

Beijo-a, em seus lábios doces e macios, e recuo o suficiente para olhar em seus olhos, minhas mãos subindo e descendo as suaves encostas

de seu corpo, meus dedos a seguindo como se isso fosse me ajudar a lembrar dela anos depois, assim como está agora.

Seus olhos travam nos meus, e eu sei que ela tem que sentir da mesma maneira, que estamos passando por isso juntos, o que quer que seja.

Tudo que sei é que é bom.

É muito bom.

Sadie murmura alguma coisa, então me beija duro, selvagem, sondando, e eu movo meu corpo para cima dela. Meus dedos saltam por seu estômago e quadris e se acomodam entre suas coxas. Ela ainda está molhada e quente de seu orgasmo anterior, e me sinto em casa com ela, como se este fosse o lugar que eu tenho procurado, um lugar que eu acabei de encontrar, um lugar que eu nunca quero deixar.

Eu deslizo meus dedos ao longo de sua boceta e dentro dela, enfiando profundamente e esfregando contra ela com uma pressão uniforme.

Eu amo a maneira como o corpo dela cede às minhas mãos, como se eu pudesse moldá-la em qualquer coisa que eu quisesse. Claro, tudo o que eu quero, tudo o que eu preciso agora, é ela.

Bem desse jeito.

Ela arqueia as costas, joelhos subindo para me dar melhor acesso, e eu deslizo os dedos para fora e posiciono meu pau lá em vez disso.

Eu empurro lentamente, centímetro por centímetro, e deixo a sensação inundar através de mim. Bonito. Poderoso. Meus olhos se fecham e, quando me aprofundo tanto quanto posso, nos tornamos um só. Nos movemos como um, respiramos como um. Tenho certeza de que nossos corações podem começar a bater como um. Há energia aqui entre nós, crepitando no ar, crepitando em ondas.

"Como está meu pau?" Eu pergunto, minha voz áspera quando eu empurro com cada impulso lento e úmido.

Ela me dá um sorriso preguiçoso, embora seus olhos estejam fechados. "Como um deus."

Coisa certa a dizer.

"Seu deus?" Eu entro mais fundo, e ela solta um gemido.

"O único." Ela abre os olhos luxuriosos para me olhar, e por um momento eu acho que ela vai dizer outra coisa. Mas então a cabeça dela volta para o travesseiro, e seus olhos se fecham, e ela sucumbe ao prazer quando eu começo a empurrar mais fundo, mais forte, como se eu pudesse me colar nela desse jeito.

Mesmo com o ritmo dos meus quadris acelerando, eu ainda estou no controle, desesperado para afastar as perguntas que estão esperando por nós do outro lado. Além deste hotel, além desses dias ensolarados um com o outro.

"Olivier," ela sussurra rudemente, lábios no meu ouvido. "Estou gozando."

Um tremor desce-me pelas minhas costas, piscinas de suor entre nossos corpos superaquecidos, nossas mãos deslizando umas sobre as outras, desejando se segurar. Estou determinado, mas ela também.

Eu não posso mais me conter.

Eu sou levado até o limite em um instante, e antes mesmo que eu possa gemer, eu estou me soltando. Entrei com tanta força nela que a cama tremeu e perdi todo o controle. Meu mundo se estende para um milhão de galáxias e encolhe até ser só ela. Eu estou gritando o nome dela, alto, grunhindo, soltando poderosos gemidos enquanto esse prazer me destrói. As unhas dela penetram nas minhas costas, e ela está chorando sem fôlego, praguejando uma e outra vez. Ela pulsa ao meu redor, e nós dois continuamos gozando, como se não pudéssemos ou não quiséssemos parar.

Mas eventualmente nossos corpos não conseguem lidar com isso. Eu caio em cima dela e enterro meu rosto em seu pescoço, segurando seus braços e tentando respirar, tentando mantê-la aqui nesta cama comigo, segurando este momento até que ele se transforme em outros.

Nossas vidas são feitas apenas de momentos.

Mas eu quero viver com ela em cada um desses momentos.

"Tem certeza que não quer que te consiga alguma coisa?" Eu pergunto a Sadie enquanto eu visto meu terno que Marcel deixou para mim.

"O que você me traria? Eu tenho tudo," diz ela levemente, gesticulando para a sala, está sentada na cama amarrotada com o roupão de algodão egípcio e fofo da casa Dumont que nós fornecemos a todos os convidados (no valor de dois mil dólares, se você estiver perguntando). Seu pé está na frente dela em um travesseiro, embora já não esteja mais enfaixado, e o inchaço está quase completamente desaparecido. É errado lamentar o momento em que ela esteja completamente curada, quando ela não encontre mais razão para depender de mim?

Estou sendo ridículo, é claro. O que, para ser honesto, é uma coisa nova para mim. Eu tive meu pau sugado e entrei nela mais do que o suficiente para considerá-la fora do meu sistema, mas ela só penetrou ainda mais, escorregou sob a minha pele como uma espécie de seda que se liga aos seus ossos.

"Eu volto já," digo a ela. "Vou trazer uma surpresa para você."

Ela ri, inclinando uma sobrancelha para mim. "Eu nem sei o que isso pode significar vindo de você."

Eu a deixo e saio da villa em direção ao saguão para dizer à recepção que estarei em Saint-Tropez se alguém ligar. Eu não deveria estar na região por mais de um dia, mas por sorte, um de nossos investidores está

em sua casa de veraneio aqui e quer se reunir comigo. Salvando-me de uma viagem até Paris.

Estou caminhando pelo saguão, com os convidados indo e vindo sem prestar atenção - provavelmente porque a maioria deles são famosos e sem tempo para pensar em mais ninguém - quando de repente sinto o ar mudar.

Parece uma loucura. Sempre parece loucura, mesmo quando tento explicar para mim mesmo, mas essa é a verdade.

O ar fica mais acentuado, mais ácido, como se uma tempestade elétrica estivesse vindo, do tipo que você sabe que vai arruinar seu dia brilhante e ensolarado.

E lá está ele.

Sem pensar eu paro de andar, parando no meio do saguão, e minha cabeça gira em direção ao canto perto dos elevadores.

Lá está ele, em um terno vermelho ferrugem, camisa branca desabotoada, sem gravata, cabelo desgrenhado, barba que poderia ser aparada especialmente acima do lábio.

Meu primo Pascal Dumont.

Seus olhos azuis-claros estão fixos em mim, como se ele estivesse me observando por um tempo, talvez mesmo enquanto eu saí da villa - olhos que me dizem que eles sabem tudo, até mesmo coisas sobre mim que eu não sei.

Olhos que não são gentis.

Aparentam ser gentis. Eles são fotogênicos em sua intensidade, se enrugam nos cantos quando ele dá um sorriso tranquilo, estão sempre repletos de milhões de emoções, emoções que você pode pegar e fazer suas próprias, se transformando em qualquer coisa que te faça sentir melhor sobre você mesmo.

Mas não são gentis.

Ele não é gentil.

E, claro, ele não está aqui por acidente.

Minha garganta já está grossa, imaginando o que diabos ele poderia querer.

A coisa com Pascal é que ele poderia querer qualquer coisa.

E para a maior parte da minha vida, tenho estado disposto a dar-lhe qualquer coisa.

Para compensar as coisas que eu fiz.

As coisas terríveis que fiz.

Ele me dá seu sorriso torto, sem dentes, e acena, se aproximando de tal forma que me permite saber que ele está esperando há muito tempo por este momento.

Não me lembro da última vez em que o vi. Talvez no começo do verão no aniversário de sua mãe. Eu fui com Seraphine por cortesia, comemos um pedaço de bolo e depois fomos embora.

Nós nunca ficamos muito tempo naquele ninho de víboras.

"Primo," diz Pascal, parando a apenas 30 centímetros de distância. Ele tem um jeito de fazer com que suas palavras soem como o óleo parece viajar através da água, algo tão sinuoso e insidioso que permeia as partes boas de você.

Então, novamente, todo mundo desse lado da família é assim.

"O que você está fazendo aqui?" Eu pergunto bruscamente, incapaz de fingir qualquer formalidade.

Pascal finge estar chocado. “Por que você acha que estou aqui? Você sabe, Olivier - você não é o único que consegue viajar de férias.”

"Eu não estou de férias," digo a ele.

Um pequeno e sábio sorriso puxa de seus lábios, e ele balança a cabeça. "Não. Não, claro que não. Você nunca tira férias. Ainda assim, não posso deixar de me perguntar, já que você deveria ter voltado a Paris no outro dia.”

Eu estreito meus olhos para ele. "Você não tem mais nada para fazer além de bisbilhotar meu itinerário?"

Sua boca se espalha em seu sorriso fácil e desequilibrado. "Oh, nós temos outras pessoas fazendo essas coisas por mim, mas às vezes eu

prefiro ver em primeira mão. É sempre mais divertido assim. Chame isso de hobby. Mas ouve, agora que te vi em carne e osso, posso dizer-lhes para se afastarem".

"O que você quer?" Eu pergunto secamente.

"Nada. Bem, além de estar preocupado com o seu paradeiro."

"Meu paradeiro não é da sua conta."

O canto do lábio dele treme. "Hmm. Sim, mas é claro que é. Você tem fingido nos últimos dez anos, Olivier. Fingir que o tempo não está acabando para você, que você não tem que tomar uma decisão. Mas você tem. Muito em breve. E quando você foge assim no último minuto, você não pode culpar a mim ou ao meu pai por pensar que você está tentando sair disso."

Dou-lhe um olhar firme, recusando-me a ser intimidado, embora a menção do contrato e do prazo faça meu coração bater duas vezes. "Eu não fugi de lugar nenhum. Este é o meu hotel."

"Pois é. Uma excelente desculpa. Sabe, isso me fez pensar que talvez eu devesse fazer uma pausa nos negócios também. Há muito em nossos pratos com a próxima temporada. Meu pai ainda acha que essa deve ser a ocasião, o ano em que anunciaremos nosso lançamento no e-commerce. Para nos juntarmos ao resto do mundo. Você sabe."

"Isso é bom," eu disse a ele. "Certifique-se de mencionar isso com ele na próxima reunião do Grupo Dumont."

Eu me afasto para passar por ele, mas Pascal estende a mão e empurra meu ombro para trás com sua mão. "Você está me dispensando tão cedo?"

Eu olho para a mão dele e penso em todas as maneiras que eu poderia facilmente quebrá-la. Meus olhos atravessam a sala até a recepcionista, que está tentando checar um casal me olhando como se estivesse pedindo desculpas. Ela sabe que deveria me ligar se alguém da minha família aparecer enquanto eu estiver por aqui.

"Não se zangue com ela," Pascal diz suavemente, olhando para a mesma garota. "Disse-lhe para guardar segredo. Eu posso ser muito persuasivo, você sabe."

Eu nem quero saber o que aconteceu ali. Tudo o que sei é que a pobre garota está agora sem emprego. Não posso empregar um funcionário que não seja leal a mim e que prefira foder ou flertar com meu primo. Desde que meu tio fez dele o rosto da colônia "Red" da Dumont, e os anúncios foram espalhados pelo mundo inteiro, Pascal tornou-se ainda mais famoso do que era antes.

"Eu tenho uma reunião," digo-lhe.

"Oh, então você está mesmo trabalhando, enquanto está de férias," diz ele, tirando a mão.

"Sim."

"Pensei que talvez você estivesse ocupado fodendo uma pequena e doce coisinha americana."

Todos os sentidos dentro de mim parecem como se eu tivesse sido atingido por um dardo.

Americana?

Eu respiro fundo pelo nariz, tentando medir minhas próximas palavras. Eu não posso dar a este homem qualquer munição extra. "E você achou que eu tinha um tipo?"

Pascal me encara por um longo momento e depois solta uma risada. "Um tipo? Você? Bem, eu imagino que todo esse tempo aqui eu pensei que você preferia francesas, simples e... casadas."

E aí está. Outro lembrete passivo que Pascal sabia.

Que ele tem de saber.

Que há dez anos atrás eu tive um caso com sua então esposa, Marine.

Que há dez anos atrás eu cometi o maior erro da minha vida.

Um erro que me assombraria até o dia em que eu morrer.

Por causa das garantias que assinei ao meu tio com meu sangue.

Por causa das garantias com que tive que conviver, mentir e fingir não me incomodar.

Com um sorriso azedo, digo. "Você obviamente sabe que eu não sou muito exigente."

"Mas é aí que você está mentindo, primo," diz ele, batendo a mão dele nas minhas costas. "Você tem uma reputação, assim como eu. Talvez não tão ruim quanto a minha, já que você é o eterno solteirão, e eu, bem, eu fui casado uma vez. Lembra disso? Lembra de quando fui casado?"

Foda-se.

Absorvo grosseiramente e encontro os olhos dele, me recusando a recuar, me recusando a deixá-lo ver alguma vergonha em mim. "Eu me lembro."

"Bom," ele diz, sorrindo. "Meu pai também. Até agora, somos os únicos. Eu não tenho certeza de quanto mais tempo isso vai durar."

Essa é uma frase muito pesada.

Eu fico olhando para ele. “Isso é tudo?”

Os olhos dele estreitam momentaneamente. Ele odeia ser dispensado, especialmente por mim.

"Você se lembra de quando éramos jovens, apenas crianças estúpidas, passando aquele verão na praia em Tarragona? Nossos pais ainda estavam em Paris, fazendo negócios, trabalhando o dia inteiro, então éramos só nós, só as crianças e nossas mães, vagando sem nenhum cuidado no mundo?"

Não faço ideia de por que ele está mencionando isso, e a memória em si é muito vaga. Todos os verões foram praticamente como ele descreveu, embora em locais diferentes por toda a Europa.

Ele continua, entretanto eu vejo uma centelha de raiva em seus olhos, como se algo estivesse começando a ferver em fogo baixo. "Lembre-se que um dia, você e eu estávamos construindo castelos de areia, tentando superar um ao outro. Um concurso. Você faria mais alto, eu construiria o meu mais alto. Para cima e para cima eles foram, até que o seu começou a cair. Sua estrutura na base não era sólida. A minha era. Eu sabia que tinha te vencido, por isso chamei as nossas mães para nos julgarem. Você se lembra do que aconteceu então?"

Eu abanei a cabeça, mesmo sabendo que sim. Está tudo voltando para mim, porém eu não tenho certeza do por que Pascal está falando sobre isso agora, de qualquer forma.

"Tenho a certeza que sim. Está tudo bem. A verdade é que eu sabia que tinha ganho e que o meu era melhor. Mas sua mãe insistiu que nós dois vencemos. Ela te deu pontos de pena - disse que você ganhou pela criatividade, enquanto eu ganhei pela engenharia. Mas então minha mãe teve que dar seu veredito. Ela disse que me faltava visão e que o meu pai ficaria descontente. Não sei por que isso me incomodou, já que ela sempre foi assim, mas me magoou mesmo assim. Acho que me incomodava ainda mais que sua mãe tentasse me fazer sentir melhor depois disso. Ela insistiu que eu fiz um ótimo trabalho, e como eu era... habilidoso. Como se a sua mãe soubesse o que faltava à minha mãe. Compaixão, imagino. E foi então que percebi: você sempre vai pensar que é melhor do que eu."

Eu olho para ele claramente. Essa admissão me pegou de surpresa. Pascal sempre foi surpreendente e levemente louco, mas isso é outra coisa.

"Sinto muito," eu digo, mesmo não me importando, e me amaldiçoo por dizer isso.

Seu olhar se torna perverso, sua postura se endurece. "Não há nada para se desculpar, primo. Meu objetivo é que você vem de uma mãe que o amava e tinha fé não apenas em seus filhos, mas também nos dos outros. Você vem de uma linhagem do tipo altruísta e boa. E, no entanto, você é tudo menos isso. Você finge ser o bom filho, aquele que queria fazer coisas maiores. Mas é só fingimento. É tudo uma mentira. E, talvez, o mundo venha a conhecer a mentira. Saiba quem você realmente é e o que você realmente fez. E o que isso vai custar à sua família."

Ele não está me ameaçando, está?

Então ele sorri e me dá um tapinha no ombro.

“Eu vou deixar você ir à sua reunião. Só para você saber, eu ainda posso estar aqui quando você voltar. Eu estarei na suíte do outro lado da *villa*.”

A maneira como ele diz "*villa*" me diz tudo o que preciso saber.

A villa é onde Sadie está.

Eu mal consigo respirar, e ainda assim tenho que agir como se tudo estivesse normal. Se eu disser alguma coisa, se eu reagir da maneira que eu gostaria de reagir - protetoramente - isso vai dizer a Pascal tudo o que ele precisa saber.

Vai dizer a Pascal para ir lá enquanto eu estiver fora.

Mesmo que eu tenha Marcel posicionado do lado de fora da porta dela, não posso confiar no que pode acontecer.

Parece que minha imaginação está tirando o melhor de mim.

Quem se importa se meu primo sabe que estou transando com Sadie?

Mas o problema é que ele não se importaria se ela fosse apenas uma das modelos que eu normalmente fodo por uma noite.

Ele se importaria se ela fosse algo mais do que isso.

Isso fazia parte do acordo.

Essa era a coisa em que eu nem sequer pensava.

Eu tenho que jogar isso direito, ou então eu vou perder tudo.

E até este momento, eu não tinha percebido o quanto isso é.

"Ok," eu digo a ele. "Talvez eu te veja então."

Então eu me viro e vou embora.

Fora do saguão e descendo os degraus.

Para o meu carro aguardando lá embaixo.

O tempo todo, meu coração está rastejando pela garganta acima com cada pulsar, mas eu estou mantendo a fachada até que eu saia da entrada do hotel e vá em direção à autoestrada.

Eu liguei rapidamente para a linha direta da villa e segurei minha respiração nos primeiros toques, mesmo sabendo que Sadie não poderia ter ido a lugar algum.

"*Bon... jour?"* Ela responde, e eu não posso deixar de rir.

"Muito bem, você está cada vez melhor," eu digo a ela.

"Sim, certo. Então, uh, você acabou de sair, e já está me checando?"

Eu limpo minha garganta, tentando descobrir a melhor maneira de dizer isso. “Me chame de paranoico, só queria ter certeza que você está mesmo bem. Especialmente desde que a polícia não pegou o homem que te atacou ainda.”

Uma pausa. “Muito obrigada por me lembrar. Por que você teve que sair novamente?”

"O dever me chama," eu digo. "Não é assim que se diz na América?"

“Mmm, na América nós temos um ditado melhor, que diz: *Não deixe a garota nua e necessitada sozinha na sua cama.*"

Eu ri. “Eu gosto desse ditado. É uma pena que você não tenha me ensinando antes.”

"Oh não, isso não é culpa minha!"

"Bem, de qualquer forma. Eu me sentiria melhor se você se certificasse de que suas portas estão trancadas, à frente e o terraço. E não

atenda a porta a menos que você olhe pelo olho mágico antes, mesmo que você tenha ligado para o serviço de quarto."

O silêncio enche o ar. "Você está bem?”

"Eu estou bem. Eu só me preocupo com meus convidados, e uma em particular."

"Você normalmente tem arrombamentos aqui?”

"Apenas tenha cuidado, isso é tudo. Estarei de volta em algumas horas."

"Ok, ok, ok," ela diz, e eu posso ouvir seu grunhido, como se ela estivesse saindo da cama. "Você sabe, depois do que aconteceu comigo na outra noite, você não precisa me dizer duas vezes. Eu acho que todo o sexo me distraiu de tudo de feio e cruel lá fora no mundo."

O mais óbvio é que o mesmo vale para mim.

Mas agora, depois de ver Pascal, estou extremamente consciente de tudo.

Minha reunião transcorre sem problemas, mas assim que termina, corro de volta para o hotel, esperando que Sadie tenha ouvido minhas instruções, esperando que eu esteja me preocupando sem motivo.

Eu marchei até a garota da recepção de antes. "Onde ele está? Ele foi embora? Pascal Dumont.”

Eu sei que você sabe quem ele é.

Ela me dá um olhar suplicante. "Sim, ele entrou numa limusine logo depois que você saiu. Sr. Dumont, eu sinto muito, eu não sabia..."

Levanto a minha mão para silenciá-la, grato por alguém a despedir por mim. Este é o tipo de trabalho sujo que tento evitar. "Não importa. Enquanto ele estiver fora."

"Ele se foi," diz ela rapidamente. "Está tudo bem."

Mas não tenho certeza se isso é verdade.

Você nunca será muito cuidadoso o suficiente com Pascal.

Estou começando a pensar que você nunca pode ser muito cuidadoso com ninguém.

Capítulo Oito

Sadie

"Se importa se eu me juntar a você?"

Eu me viro no chuveiro para ver Olivier do lado de fora do vidro embaçado do box. Mesmo que sua imagem seja nebulosa, ele está nu e é completamente de tirar o fôlego.

Ele abre a porta e sorri para mim, com seus olhos passando de cima abaixo em meu corpo.

Eu não posso deixar de sorrir, mesmo que eu automaticamente me mova para encobrir meus seios. "Por que toda vez que eu estou no chuveiro, você acaba vindo também?"

"Eu acho que eu só gosto de ver você ficar limpa depois te deixar muito suja."

Muito suja, de fato. Esta manhã não fizemos nada além de sexo em praticamente todas as posições imagináveis, em todos os lugares possíveis. Nunca pensei que me transformaria em uma daquelas garotas sexualmente aventureiras, mas há algo em Olivier que me faz depositar

toda minha confiança nele. Provavelmente porque o homem me faz ver estrelas durante meu orgasmo. Eu sei que o que ele quer fazer comigo vai valer a pena.

"Aqui, vire-se," diz ele, entrando e pegando uma esponja para lavar meu corpo.

"Acha que não estou limpa o suficiente?"

"Na verdade, eu gosto de você um pouco suja," diz ele, esfregando a esponja ensaboada nas minhas costas. Eu estava praticamente pronta no chuveiro, mas não tenho como sair agora.

"Eu não sei o que vou fazer em casa," eu digo a ele, mesmo que a palavra *casa* coloque um gosto amargo na minha boca. “Não vou ter ninguém para me fazer uma boa esfoliação. Você me estragou.”

A esponja para no meio das minhas costas, e uma tensão espessa enche o ar fumegante.

"Então não vá," diz ele, suavemente.

"Eu desejaria, poder ficar," digo olhando para ele por cima do meu ombro. Seus olhos estão em mim, muito intensos.

"Estou falando sério Sadie," diz. "Não vá."

Ele se encolhe, seu cabelo já está úmido do vapor e grudado na em sua testa. "Por quê?”

"Você sabe porquê. Eu tenho a faculdade. Eu tenho a minha mãe. Eu tenho uma conta bancária muito vazia."

"Você sabe que eu vou cuidar de você."

"Olivier, nós mal nos conhecemos."

Mas apesar de ser verdade, ele hesita um pouco, quase como se eu o tivesse esbofeteado.

Lambendo os lábios enquanto estuda as paredes do chuveiro, diz. "Talvez não, mas parece que nos conhecemos a vida toda. Eu sei que você também sente isso."

Ele tem razão. Mas isso não muda a realidade.

Ele continua, olhos no meu rosto, curioso e esperançoso e todas as coisas que eu desejo nele. "Venha comigo a Paris."

É como se uma rede cheia de borboletas tivesse sido liberada dentro de mim, suas palavras as libertando.

"O quê?" Eu sussurro, sentindo cada parte do meu corpo dançar com promessas.

Ele pega uma das minhas mãos e a levanta até os lábios, beijando meus dedos. "Eu quero que você volte para Paris comigo. Fique comigo. Se você ainda precisar voltar em três semanas, então vou me certificar de que você volte para casa. Mas até então, não quero me separar de você. Eu não quero que isso seja nosso adeus."

Eu dou-lhe um sorriso fraco, muito feliz que ele queira estar comigo, que ele me quer o suficiente para me convidar a ficar com ele em sua casa em Paris, desfrutando de todas as palavras e gestos românticos, mas estou profundamente entristecida. Porque sei que tenho de usar a cabeça para me apoiar durante este tempo. Que meu coração e meu corpo têm que tomar o banco de trás se eu quiser fazer a coisa certa.

Eu lentamente balanço minha cabeça, e é como se a rede voltasse, levando todas aquelas borboletas para longe. “Eu sinto muito. Eu queria poder. Mas eu não posso fugir das minhas responsabilidades, meus problemas. Estes últimos dias aqui foram alguns dos melhores de toda a minha vida, se não os melhores, mas não posso continuar fingindo ser outra pessoa.”

"Não é preciso. Você é apenas Sadie. Eu serei Olivier. E nós ficaremos juntos."

"Até que eu tenha que sair de novo."

Ele fecha os olhos, narinas queimando enquanto ele respira fundo. "Até então." Então ele os abre e acena com a cabeça. “Pelo menos eu tentei. Não poderia ter vivido comigo mesmo se eu não tivesse perguntado. Mas eu respeito seus desejos, Sadie. Eu sempre respeitarei."

Ele se inclina e me beija, suavemente no começo, então os braços dele vão atrás das minhas costas, e ele esfrega a esponja ainda ensaboada para cima e para baixo, me fazendo tremer. Eu ignoro o estrondo no meu baixo ventre, porque tenho certeza que ele está ignorando o dele, e nós

caímos naquele ritmo fácil e inebriante que nossos corpos conhecem tão bem.

Todo o arrependimento e desapontamento lavam meu corpo, girando no ralo até que ele desapareça.

Por enquanto.



Já faz dois dias que Olivier me pediu para ir a Paris com ele.

Dois dias desde que eu recusei.

Dois dias que passei quase todas as horas em seus braços, dentro do toque um do outro. Além da vez em que ele teve que ir a Saint-Tropez para uma reunião, não nos largamos.

É como se nos tivéssemos fundido de alguma forma que nunca pensei ser possível.

Aquele nível molecular de conexão de que eu estava falando antes?

Sim, bem, isso foi *antes* mesmo de dormirmos juntos.

Agora que estamos fazendo sexo constantemente, ele se transforma em algo completamente diferente. Um simbionte? Quem diabos sabe?

Tudo o que sei é que tenho que deixá-lo hoje, e cada parte do meu corpo, coração e alma estão *gritando* comigo.

Dizendo que tomei a decisão errada - deveria ter concordado em ficar.

Dizendo que estou me prejudicando se eu for.

Dizendo-me que meu corpo realmente pertence ao dele, como dois ímãs mantidos separados em gavetas separadas, subindo e subindo, tentando alcançar um ao outro.

É loucura.

Eu sei.

Machuca meu coração saber que me sinto assim, porque vai contra todas as células lógicas do meu corpo.

Isso não é algo que Sadie Reynolds sinta.

E definitivamente não é assim que a sã Sadie Reynolds se comporta.

Eu sou a garota que perdeu a virgindade com seu melhor amigo para acabar com isso.

Eu sou a garota que saiu com Tom porque ele parecia o cara mais chato do planeta e, portanto, o menos provável a quebrar meu coração ou me dar alguma surpresa.

E eu sou a garota que jogou fora todo esse cinismo arduamente conquistado para ter um flerte com o cara francês quente e rico, que salvou sua vida.

Mas isso se tornou mais do que uma aventura de uma noite, e tem a chance de se transformar em algo ainda mais profundo. Não me interprete mal - eu não tenho nenhuma ilusão de que se eu fosse com ele a Paris nós nos transformaríamos em algo mais do que um romance de férias. Ele tem seus negócios e a sua vida lá, e eu tenho a minha vida em Seattle: faculdade, minha mãe e a minha conta bancária em declínio.

É só que... Eu tenho uma chance de manter isso funcionando. Eu tenho uma chance de me entregar a este homem e a tudo o que ele está me oferecendo. Isso não tem que ser um adeus.

E, no entanto, terá que ser adeus em algum momento, então pode muito bem ser agora.

"Aí está você," diz Olivier atrás de mim.

Eu estou de pé no peitoril do terraço olhando para o mar, a brisa salgada revigorando meus sentidos, me fazendo duvidar de tudo.

Lentamente me viro para olhar para ele. “Você e essa sua maneira de entrar sorrateiramente,” digo a ele.

Ele atravessa a porta, sua pele especialmente bronzeada contra as cortinas brancas atrás dele. Com seus óculos de sol aviador refletivos - da marca Dumont, sem dúvida - ele parece um astro de cinema.

"Você está com tudo embalado?"

Eu aceno com a cabeça e lentamente ando em direção a ele. Estou mancando pouco agora, mas pelo menos eu posso colocar pressão no meu

pé. "Leva cerca de dois minutos para colocar todas as minhas coisas na minha mochila. Pelo menos está tudo lavado agora."

Ele se encolhe enquanto me observa andar e rapidamente se apressa, e me agarra. "Você tem certeza que não quer levar suas muletas?"

"Você já tentou manobrar muletas em um trem? Eu não tentei. Mas parece terrivelmente estranho. Vou ficar bem."

A mão dele passa por meu rosto. "Mas eu não estarei, não vou conseguir parar de me preocupar com você, serei incapaz de parar de pensar em você."

Dou-lhe um pequeno sorriso, tentando mascarar esse pedaço de tristeza que está rastejando pela minha garganta. Seus dedos se estendem ao longo da minha mandíbula, segurando meu queixo em um aperto quente. Eu fecho meus olhos. "Eu também não vou conseguir parar de pensar em você," eu disse a ele.

"Não tem que ser assim," ele diz rudemente, e então ele coloca um beijo suave em meus lábios.

Eu sou fraca contra ele - a sensação de seu abraço contra a minha pele, seus lábios e língua se movendo suavemente contra os meus. Ele sabe o que está fazendo comigo, ele não precisa implorar ou perguntar. Ele pode me convencer apenas com seu corpo e com o jeito que ele deixa o meu. Intimamente, honestamente, faminto.

Afasto-me, ofegante, meu rosto corado e meus joelhos moles, e isso não tem nada a ver com meu tornozelo. "Eu gostaria que as coisas fossem diferentes."

Ele suspira e passa a mão no rosto antes de puxar a parte de trás do pescoço. "Eu também. Mas passamos quase uma semana juntos aqui. Por que ir para a Espanha para mais duas? O que há para fazer lá? Por que você está fugindo de mim?"

"Eu não estou fugindo de você," eu digo, soando mais defensiva do que pretendia ser. Eu me viro e sento na espreguiçadeira, no tecido imaculado e quente do sol. "Estou apenas tentando fazer a coisa certa."

"Eu iria com você para a Espanha se pudesse, mas sou necessário em Paris. Não apenas com os hotéis - eu poderia encontrar alguém para fazer o meu trabalho por um tempo, mas é a temporada de outono. Minha família precisa de mim. E eu preciso de você."

Porra. Eu sei que, apesar de todas as palavras românticas que geralmente saem da boca de Olivier, eu não deveria ficar afetada com esse apelo, mas fico. Eu posso sentir sua paixão nisso, a angústia que eu mesma estou fingindo não sentir, os mesmos sentimentos que venho evitando nos últimos dias.

Você está sendo teimosa. Uma garota idiota e teimosa, eu penso.

E provavelmente estou certa.

Eu olhei para ele, estremecendo com o brilho do sol. No reflexo de seus óculos escuros, pareço tão pequena e minúscula. Eu pareço uma impostora. Eu pareço alguém que está prestes a fugir.

"Quanto mais cedo eu entrar naquele trem, mais cedo poderei voltar a ser uma mochileira. Isso é quem eu realmente sou. Eu sou pobre, uma estudante com dificuldades. Deveria estar dormindo em dormitórios novamente, lavando minha calcinha na pia, aproveitando as promoções e sobrevivendo de tapas[19] para economizar, porque é disso que se trata a minha vida. E eu realmente deveria conhecer a Espanha também. Depois disso, volto para casa e volto para a minha vida. É o que preciso fazer. O que tenho de fazer."

Ele balança a cabeça lentamente, mordendo o lábio. Eu gostaria de poder ver os olhos dele embaixo dos óculos. "Eu entendo isso, Sadie, realmente entendo. Como eu disse antes, eu respeito seus desejos, mesmo que eu deseje que eles fossem diferentes."

Espero que ele diga outra coisa, que ofereça alguma outra maneira de tentar me convencer, mas ele não o faz.

É como se ele estivesse desistindo.

Eu tenho que admitir, é como se fosse uma droga.

Isso significa que este é realmente o fim.

---

[19] - ***Tapas***, *na Espanha, são aperitivos servidos em bares e restaurantes.*

Talvez todo esse tempo eu estivesse esperando algo para me convencer, quando na verdade eu tenho todos os motivos para estar convencida já.

Olivier se senta ao meu lado, apoiando os cotovelos nas coxas. "A que horas o seu trem sai?"

Ele sabe. Já discutimos isso algumas vezes, mas não me importo que pergunte.

"Em uma hora e meia."

Ele balança a cabeça e empurra os óculos de sol sobre a cabeça enquanto ele olha para mim.

"Isso é muito tempo para fazer você gozar," diz docemente. "Mais de uma vez."

Eu lentamente balanço minha cabeça para ele. Nós já fodemos algumas vezes esta manhã - uma vez na cama, uma vez no chuveiro - então eu certamente não estava esperando por essa proposta. Mas não estou surpresa. E eu certamente não estou desapontada.

"Você está sempre me prometendo a lua," eu digo, sentindo meu corpo corar com suas palavras.

"Eu não prometo a lua, *mon lapin,*" diz ele, inclinando-se. "Eu apenas garanto que você gozará tanto que você acabará esquecendo o seu próprio nome."

"Eu certamente não vou esquecer o seu nome."

Ele abre um sorriso arrogante. "Nunca." Ele então acena para mim. "É melhor você se apressar e ficar nua."

Eu dou uma olhada nele. "Eu?”

"É mais fácil fazer você gozar assim. Mas eu gosto de um desafio."

"Você é insaciável," eu o provoquei e Deus, porque não o teria de outra forma.

Ele suga o lábio inferior dele por um momento e então me beija, suas mãos desaparecendo no meu cabelo, me empurrando de volta até eu cair na cadeira.

Então ele está me agarrando pelos ombros e me torcendo para que ele esteja deitado de costas, as mãos dele desfazendo habilmente o cinto e voando. "Monte-me," sussurra, a voz dele já cheia de luxúria.

Eu pisquei para ele por um momento, e na parte de trás da minha cabeça eu sei que isso significa que minhas próprias calças têm que sair, e que eu tenho um trem para pegar, mas no momento em que eu o vejo tirar seu pênis cheio e grosso das calças, todos esses pensamentos são considerados inúteis.

Embora não seja muito gracioso, eu rapidamente tiro minhas próprias calça e calcinha até eu ficar nua da cintura para baixo, e ele está me encarando com tanto desejo que está praticamente salivando.

Ok, bem, isso definitivamente me ajuda a entrar no clima - ser vista assim, ser desejada dessa maneira.

Ele segura seu pau ereto, e está tão rígido e duro que é absolutamente formidável. Mas eu sei que consigo lidar com isso. Eu sei o prazer que ele me proporciona.

Com cuidado, espero pacientemente para me posicionar sobre ele até que ele o envolva em um preservativo. Uma vez que ele faz isso, eu uso as costas da cadeira para alavancar e lentamente, muito lentamente, me abaixar em cima de seu pau.

"*Sadie,*" geme e então murmura algo mais em francês, suas palavras saindo em grunhidos e gemidos enquanto seus olhos se fecham e sua cabeça vai para trás.

Eu mal consigo respirar, muito menos falar, cada estocada parece que estou perdendo todo o ar em meus pulmões, e eu estou sendo preenchida com cada centímetro dele, é quase doloroso, mas é uma dor doce, do tipo que você pode ficar viciado.

Finalmente, eu estou exalando, e ele está com todo seu comprimento em mim, e eu sou atingida por uma sensação de que eu vou ficar oca e vazia sem ele. É quase bobo pensar nisso quando você está no meio do sexo, mas é a verdade. Isso é mais do que sexo, isso ultrapassa ao sexo. Eu não sei exatamente o que é, mas agora... somos nós.

"Monte-me," ele grunhe, agarrando meus quadris e me movendo para cima e para baixo. *"S'il vous plaît,"* diz ele.

"Fale um pouco de francês sujo para mim," digo a ele, moendo as palavras enquanto ele começa a me mover mais e mais rápido.

E assim ele faz. Ele solta uma série de palavrões ofegante, sem esforço e sujo de uma só vez. Eu não tenho ideia do que ele está dizendo, é claro, mas a intenção está toda lá, e ele está deixando seu pau fazer toda a comunicação.

Eu continuo a cavalgá-lo, eu no comando da profundidade com meus quadris, ele em alta velocidade enquanto estoca para dentro de mim. É tão bom, é bom demais, especialmente quando seu polegar esfrega meu clitóris e minhas costas arqueiam e estou olhando para o sol e o céu está ofuscante e bonito.

Tudo sobre nós é ofuscante e bonito.

"Eu preciso gozar," digo a ele com voz rouca, e eu olho para baixo para vê-lo olhando para mim com o olhar mais intenso e apaixonado que eu já vi, o tipo de olhar que mantém seus próprios olhos como reféns e promete nunca mais largar.

Eu não quero que ele me deixe ir.

E eu não quero ir.

Nem agora, nem nunca.

Percebo que ele está prestes gozar, mas como sempre garante que eu esteja saciada primeiro, nem tenho escolha ele me acaricia habilmente no clitóris, e seus impulsos se aprofundam, e eu estou me abrindo cada vez mais até estar livre, caindo e caindo.

O orgasmo nos leva ambos ao mesmo tempo. Ele desliza a mão pelas minhas costas e depois explode em uma chuva de fogos de artifício e eletricidade, e eu estou gritando seu nome, tentando o meu melhor para manter meus quadris bombeando apesar de meu corpo não saber em que direção está indo.

Nem minha mente.

Nem meu coração.

Estou despedaçada por esse homem, e depois disso, não tenho certeza se ele vai ser capaz de me juntar novamente, porque ele não vai estar lá.

"Sadie, Sadie," ele geme enquanto abranda, suas mãos acariciam meus quadris. "Minha linda garota."

Mas eu mal o ouço. Eu ainda estou em algum lugar do universo, girando entre galáxias estranhas, não querendo esse sentimento - o fato de que ele estar impregnado em mim - para sempre.

Mas, é a pura verdade.

Eu caio contra ele e rolo para o lado, assim quando ele tira o pênis de mim, e abre espaço na espreguiçadeira ao meu lado, segurando-me em seus braços por alguns segundos, seu coração batendo em seu peito, como se quisesse se juntar ao meu.

Quando volto a pousar na Terra e o céu azul acima de mim para de girar, sou atingida por uma onda de emoções tão intensas que preciso piscar meus olhos.

Porra.

Era isso.

Essa foi à última vez que ele esteve dentro de mim, movendo em meu corpo com tanta habilidade, determinação e luxúria que não consigo imaginar como sobrevivi por tanto tempo sem ele. Como fui capaz de passar pela vida sem saber o que era ter alguém tão sintonizado com cada célula do seu corpo, cada gota de sangue escorrendo em suas veias? É como se antes de conhecê-lo, eu achava que só ter comida, água e abrigo era o suficiente para mantê-lo em funcionamento. Mas não é verdade. Sexo é tão importante, e sexo com esse homem, esse homem lindo, incrível, é tão vital para o meu corpo e minhas necessidades quanto qualquer outra coisa.

Acho que posso me desintegrar sem ele.

"Devemos ir," ele sussurra para mim quando se levanta, fechando as calças e se livra do preservativo.

Eu aceno com a cabeça e me sento lentamente, virando para longe dele, com medo de olhá-lo caso ele veja as lágrimas nos meus olhos. Eu rapidamente puxei minha camisa para baixo e ajustei meu sutiã, meus mamilos ainda estão duros e minha pele coberta de arrepios.

"Ei," ele diz, e eu olho para ele estendendo a mão para mim. "Venha, aqui."

Coloquei minha mão na dele, que me levanta, então envolve seus braços ao meu redor e me puxa para um abraço. O abraço dele é quente e reconfortante e torna qualquer coisa certa de novo. Afastar-me de seus braços é enfrentar um mundo cruel e incerto. Ficar aqui é uma felicidade.

"Vou sentir muito a sua falta," diz ele, sussurrando duramente no meu pescoço.

"Você só vai sentir falta do sexo," eu digo, e eu sabia que era a coisa errada a se dizer no momento em que abri minha boca.

Ele puxa minha cabeça para trás e me olha atentamente, uma linha profunda formada entre suas sobrancelhas. "Por que você diria isso?"

"Eu estava apenas brincando," eu digo tentando olhar para o outro lado.

Puxando levemente meu cabelo diz. "Não. Não é só sexo. Eu tive muito sexo com muitas mulheres, e sei quando é só sexo, e o que aconteceu entre nós, não foi só sexo, me importo com você, Sadie. Mais do que eu imaginava ser possível. Sim, só nos conhecemos há uma semana, mas nesta semana..." Ele olha para o outro lado, lambendo os lábios enquanto procura pelas próximas palavras. "Esta semana foi uma das melhores semanas que já tive, em toda a minha vida."

Eu pestanejo para ele, de olhos arregalados.

Uau.

Como é que isso é possível? Quero dizer, ele tem que ter uma das vidas mais abençoadas do mundo.

"Estou falando sério," diz e seus olhos voltam para encontrar os meus. "Estando com você... posso finalmente ser eu mesmo. Ou eu poderia finalmente ser outra pessoa. Ou talvez ambas essas coisas sejam as mesmas coisas. Tudo o que sei é que me senti querido, feliz e livre, e não me lembro da última vez que tive isso."

Eu sugo meu lábio inferior enquanto meus olhos vagueiam por todo seu bonito rosto, tenho tanta dificuldade em aceitar a ideia de que na vida dele não teve todas essas coisas, que não teve tudo o que sempre quis.

"Você tem tudo," eu digo suavemente. "Como isso poderia ser...? Como eu posso significar tanto para você?"

"Eu não sei. Apenas é. Diga-me tudo isso significou algo para você?"

"Claro que sim. Significou tudo. Eu ainda estou tentando entender o que aconteceu aqui. Comigo e com você. Sobre tudo isso. Foi um sonho, um sonho do qual tenho tido tanto medo de acordar. Um sonho do qual terei que acordar muito em breve, e quando o fizer, vai doer como um filho da puta."

Isso o faz sorrir. "Às vezes, esqueço o quão eloquente você pode ser," diz ele. "Talvez eu sinta mais falta dessa parte, da sua boca safada e suja."

"Oh, pare," eu digo empurrando de volta seu peito firme. "Provavelmente é bom que nos separemos agora, ou então eu o transformaria de um francês charmoso a um marinheiro desbocado."

"Você sabe que eu posso ter uma boca suja dentro de mim," diz inclinando-se para pegar meu lóbulo da orelha entre os dentes e puxar.

Soltei um gemido suave. Não consigo evitar. Apesar de termos feito sexo há cinco minutos, eu já estou pronta para repetir.

"Desculpe," diz ele com um sorriso malicioso. "Eu sei que essas suas orelhas são um dos seus gatilhos."

"Como mais do que um gatilho emocional?" Eu brinco, não que eu me importe mais com meu apelido de coelhinha.

"Mais para um gatilho sexual. É uma pena não termos tido tempo suficiente para eu descobrir todos os outros. Eu aposto que se eu lambesse o interior do seu joelho, ele poderia fazer a mesma coisa. Um pouco difícil de alcançar, mas podemos fazer com que funcione."

Eu estremeço com a sugestão. "Acho que devemos ir antes que as coisas fiquem fora de controle novamente."

"Sempre a voz da razão," diz e me leva de volta para o quarto, e então pega minha mochila assim que eu coloco minha bolsa transversal sobre meu ombro. Estou quase fora da porta quando algo me faz parar e dar uma boa olhada nesse lugar. Este quarto - é onde minha outra vida começou. Foi aqui que Sadie Reynolds foi capaz de se tornar outra pessoa. Ou talvez seja como disse Olivier, e eu me tornei outra pessoa e eu mesma

ao mesmo tempo. Talvez seja disso que se trata quando você se deixa ser livre de tudo o que já te impediu.

Eu posso sentir o calor fazendo cócegas no meu nariz, e eu sei que tenho que sair daqui antes de começar a chorar.

Por sorte, não choro quando me despeço do famoso hotel ou enquanto Olivier me leva à estação de trem de Cannes. Eu deveria estar olhando para a janela para as montanhas escarpadas e o azul profundo do mar, o mar que se tornou um amigo e companheiro constante por uma semana. Eu deveria estar absorvendo tudo.

Mas eu prefiro pensar em Olivier em vez disso.

Claro, eu sei que ele vai viver na minha memória, e sempre que eu quiser posso procurá-lo na internet e olhar para ele, lembrando dos bons momentos que passamos.

Mas não vai ser como agora, com ele mesmo ao meu lado. Tão real e mortal em carne e osso, não uma imagem, não uma memória, mas um momento que estou vivendo agora, um momento que estou tentando esticar até o infinito. Um momento que eu sei que vai eventualmente desaparecer.

Então eu mergulho nos detalhes: o brilho do relógio Dumont em seu pulso, os pelos finos e escuros que o provocam, a grande extensão de suas mãos ao volante, unhas em minúsculas meias luas. O homem deve fazer manicure às vezes, porque não há como as unhas de ninguém ficarem tão bonitas naturalmente.

Assim os meus olhos se movem ao longo do seu pescoço, na cavidade da sua clavícula, o caminho em que a sua pele brilha contra a sua camisa branca.

Em seguida, admiro os traços penetrantes de suas feições, aquela boca que pode me derrubar em dois segundos, ou sugando meu clitóris, ou soltando mil obscenidades sujas em meus ouvidos. A altura de suas bochechas fortes e o toque sexy de suas sobrancelhas escuras sobre seus olhos.

É dos olhos dele que eu terei dificuldade em lembrar.

As fotos não lhes fazem justiça.

Elas não captam a forma como ele olha para mim. Eles não mostram a luxúria e o desejo e a necessidade e a reverência - a reverência de que eu sou a joia mais preciosa da terra, encontrada em um lugar que ele nunca pensou em procurar.

Mesmo que o fizessem, não se compararia.

E então, antes que eu perceba, estamos aqui, parando na estação de trem.

Eu não tive tempo suficiente, uma voz grita dentro de mim. *Isso foi muito rápido, não houve tempo suficiente.*

Como uma pessoa louca, eu freneticamente tento olhar para ele uma última vez, como se isso finalmente cimentasse sua imagem na minha cabeça, como se isso o mantivesse lá para sempre.

Mas é tarde demais.

"Você está bem?" Ele me pergunta, franzindo as sobrancelhas enquanto me observa.

Eu aceno para ele. "Não. Não, quero dizer, sim. Eu estou bem, mas..."

Ele suspira, parecendo chateado. "Eu sei. Eu sei."

E mesmo que ele não o diga, eu ainda consigo ouví-lo na minha cabeça. Talvez não seja a voz dele, talvez seja a minha.

Não tem que ser assim.

É preciso muito esforço para o chão e minhas pernas e braços estivessem cheios de chumbo. O mesmo se aplica quando entramos na estação de trem. Eu não posso nem culpar meu tornozelo, é difícil colocar uma perna na frente da outra e ir embora.

Finalmente, paramos bem ao lado do trem. As pessoas estão fazendo fila, embarcando. Parece um caos.

Viro-me para olha-lo. "Acho que é isso."

Ele acena para o compartimento. "Eu vou te ajudar com sua bolsa."

"Eu estou bem, realmente," eu disse a ele, pegando a mochila.

Ele suspira e levanta-a, e eu me viro para que ele possa colocar as alças sobre meus braços.

Parece mais pesada do que antes. É engraçado, quando você está de mochila - e especialmente quando você está por conta própria - sua mochila se torna parte de quem você é. É um amigo, é um travesseiro, é algo para abraçar à noite quando você está sozinho.

Mas agora, a mochila está diferente. Como se pertencesse à outra pessoa. Talvez tenha pertencido.

Um dos maquinistas do trem apita, e as pessoas começam a se empilhar no trem mais rápido.

É isso aí.

Está na hora.

"Diga-me que nos veremos novamente," diz Olivier, colocando as mãos nos meus ombros e inclinando sua testa na minha. "Prometa-me isso."

Não gosto de fazer promessas, especialmente quando sei que as chances de o ver novamente são escassas. Então eu digo: "Vou fazer tudo o que puder."

Ele engole, acena com a cabeça uma vez, e então me beija rapidamente. "Adeus, *mon lapin*."

"Adeus, Olivier," eu sussurro.

Então o cara do trem apita bem no meu ouvido, gritando algo em francês.

Até Olivier parece assustado.

Nós nos separamos, e eu entro no trem.

Olho para ele.

Dou um pequeno aceno.

Ele acena de volta.

Então eu vou e procuro meu lugar.

O trem se afasta, e eu me esforço para ver Olivier através das pessoas que se instalam, mas eu não consigo.

Ele se foi.

Estou indo.

Eu deixei sair um longo suspiro, sentindo a tristeza atravessar meu corpo, e encosto minha cabeça na janela. Eu nem percebo como ela vibra quando o trem passa por cima dos trilhos.

Próxima parada: Barcelona.

Próxima parada: A mesma Sadie de sempre.

Um bip alto do meu telefone toca, interrompendo a escuridão na minha mente e o aperto no meu peito, e começo a pensar que talvez seja ele. Nós trocamos números de telefone no outro dia - talvez ele tenha me mandado uma mensagem para dizer alguma coisa, qualquer coisa que melhore a situação.

Mas não é ele.

É um e-mail da minha mãe.

Como é o meio da noite em casa, estou instantaneamente preocupada que algo esteja errado.

Mas quando abro o meu e-mail, são alguns parágrafos.

Dizem eles:

Querida filha,

Tive um sonho contigo agora mesmo. Você era um bebê pássaro, e eu era uma mãe pássaro. Talvez uma gaivota. Eu não tenho certeza, mas eu tinha que te vigiar de longe, e você estava aprendendo a voar. Você não queria sair do ninho. Você continuou olhando para mim, e eu continuei dizendo para você fazer isso. Que você precisava, ou morreria. Então, eventualmente, você abriu suas asas, e saltou do ninho.

Você caiu! No começo você não bateu suas asas, e eu fiquei com medo que você caísse para sempre. Mas então você começou a voar. Você levantou no vento e então, você foi embora, e por mais triste que eu estivesse sozinha, eu estava ainda mais feliz sabendo que você estava finalmente por sua conta. Você estava finalmente livre para ser você mesma.

Não sei por que estou te contando isso, mas sinto que talvez você deva saber.

Eu sei que vai voltar para casa daqui a duas semanas, e sei que sente que deve fazer por causa da faculdade e por minha causa, mas só quero que saiba: se quer continuar a voar, continue voando. Você merece. Você merece tudo, minha menina.

Vai, e seja livre!

Com Amor,

Sua mãe maluca

Estou atordoada. Não que a minha mãe me tenha escrito isto – ela me escreve muitas vezes sobre sonhos e outras coisas que lhe chegam de repente. Ela é muitas vezes inesperada e impulsiva.

É que isso é o que eu estava esperando para ouvir. Não voltar para casa é ridículo - eu não tenho dinheiro para isso, e eu não seria capaz de conseguir um emprego na Europa a menos que fosse ilegal. Preciso voltar para ela, e preciso voltar para a universidade, e apesar do que ela diz, essas coisas não são negociáveis.

Mas posso continuar a voar.

Devo continuar a voar.

O meu coração começa a acelerar mesmo antes dos pensamentos se formarem na minha cabeça.

Eu olho para o painel eletrônico na frente das portas da cabine.

A próxima parada é Cannes-La Bocca, perto da água.

Quando o trem começa a diminuir, eu me levanto pego minha mochila e saio, provavelmente para o estranhamento das pessoas atrás de mim.

Quando estou na plataforma do trem, ele começa a se afastar, e eu me amaldiçoo por possivelmente cometer o maior erro da minha vida. Afinal, se isso não der certo, não tenho como chegar à Espanha agora.

Mas não saberia se não tivesse arriscado.

Tiro o meu telefone e mando uma mensagem para Olivier:

Vem me buscar na estação de Cannes-La Bocca?

Estou sorrindo quando pressiono "Enviar". Nervosa como o inferno e tonta, tudo ao mesmo tempo.

Ele manda mensagem de volta imediatamente:

Você está falando sério?

Meu sorriso se espalha pelo meu rosto até que eu temo que ele possa quebrá-lo ao meio.

Absolutamente. Ainda não acabei com você.

Capítulo Nove

Olivier

Paris, França

Ao contrário da crença popular, a sede da empresa Dumont não está localizada no centro de Paris. Qualquer turista (e até alguns parisienses) diria que está lá, mas o endereço atual é em Neuilly-sur-Seine, entre o icônico Arco do Triunfo e o feio Grande Arche de la Défense. Meu pai lutou durante anos para mantê-lo em nosso antigo local em Montparnasse. Não era a margem direita[20], mas pelo menos era em Paris.

Mas então a Chanel mudou de local, e Gautier pensou que faria sentido fazermos o mesmo - ao ponto da matriz global da Dumont estar agora localizada em frente à da Chanel.

Secretamente, acho que a única razão pela qual meu tio vai ao escritório é para espionar os designers da Chanel do outro lado da rua.

O escritório é um lugar onde eu tento o meu melhor para ficar longe. Primeiro de tudo, eu não trabalho realmente lá, sempre apareço para

[20] - *A margem direita podemos referir como um nível de elegância e sofisticação não encontrado na margem esquerda mais boêmia.*

visitar Seraphine ou meu pai, e ainda assim de alguma forma eu sempre me envolvo em algo no minuto em que entro. Esse é o preço por ter Dumont como meu sobrenome - e o fato de que a maioria das pessoas acredita que eu deveria estar ocupando o cargo de presidente no setor de moda ao invés de Seraphine, mesmo que ela tenha lutado muito por isso e mereça mais do que ninguém.

Em segundo lugar, o trânsito, é uma merda chegar lá do meu apartamento em Le Marais, e me recuso a pegar o metrô.

Terceiro de tudo... Sadie.

Mon lapin.

Outro dia, tive a surpresa da minha vida.

Depois de me despedir de Sadie e colocá-la no trem, fiquei resignado com a ideia de que talvez não a visse nunca mais. Era uma sensação de que eu estava lutando havia uma semana, aumentada quando Pascal apareceu no hotel, fazendo ameaças vagas e, felizmente, ele foi embora logo depois sem causar problemas.

Então ela me mandou uma mensagem dez minutos depois, e foi isso.

Eu dirigi como um doido ao longo da orla até que eu parei na estação de trem e a vi parada ali, com a mochila aos seus pés e o maior e mais puro sorriso em seu rosto.

Fez algo no meu coração vibrar, como se uma rolha de champanhe finalmente tivesse estourado.

Agarrei-a, e a beijei, e lhe disse que ela seria a minha morte.

Eu me pergunto o quanto isso pode vir a ser verdade.

Independentemente disso, ela está de volta ao meu apartamento, na minha cama, esperando por mim, e eu estou aqui enfrentando o trânsito como um maldito guerreiro, esperando egoistamente que a reunião com minha irmã e meu pai seja rápida para que eu possa voltar para ela.

Agora que eu a tenho por mais duas semanas, cada segundo que temos juntos é valioso.

Naturalmente, eu não posso contar-lhes sobre ela. Eu sempre fui notoriamente discreto em relação aos meus encontros, mesmo quando se trata da minha família. Eu estive presente por Seraphine em todos os momentos agonizantes de seu recente divórcio, mas não é o contrário.

Estaciono o carro na esquina. Eu dirijo uma Mercedes quando estou no sul do país, mas aqui em Paris eu tenho um pequeno Audi. Eu gosto de carros alemães, de preferência os mais velozes e discretos possíveis.

Caminhando para o prédio, posso ver o carro do meu primo Blaise estacionado na vaga de Gautier. É uma Ferrari vermelha, o oposto do meu carro. Enquanto que o meu lado da família acredita na discrição e em ocultar sua fortuna - *até certo ponto* – o outro lado acredita em ser o mais banal e vulgar possível.

Mas eu deveria estar feliz que seja apenas Blaise no escritório hoje. Eu não gosto dele, mas ele não é Pascal, e ele não é seu pai, o que significa

que eu posso pelo menos ignorá-lo. Eu não posso realmente fazer isso com os outros dois, especialmente do jeito que eles se concentram em mim.

Eu entro no prédio, e a recepcionista e o concierge acenam para mim enquanto entro, subo as escadas até o terceiro andar.

"Sr. Dumont," Nadia, a recepcionista de meu pai, me cumprimenta, levantando-se. "Eu não sabia que você estava vindo."

"Eu não estou surpreso," eu digo a ela, olhando ao redor do escritório. Apesar de toda a sua elegância silenciosa, com vidro e paredes brancas e detalhes em pretos, é absolutamente caótico, com funcionários arrogantes correndo por todo o lado. Com os lançamentos de outono chegando às lojas, o Paris Fashion Week próximo e o baile anual de Máscaras Dumont na próxima semana, todos estão perdendo a cabeça.

Ah, o mundo da moda. Faz com que ser um hoteleiro pareça um passeio no parque.

"Devo anunciá-lo?" Nadia me pergunta.

Eu levanto minha mão. "Tudo bem. Eles sabem que estou chegando, eles provavelmente esqueceram de te contar. Estão no escritório do meu pai?"

Ela acena com a cabeça. "Eles têm indo e vindo. Blaise está lá também."

Ah, porra. Eu esperava que ele tivesse ficado em seu grande escritório de esquina no lado oposto do prédio.

Eu passo pelo corredor, respiro fundo e bato na porta que diz “Ludovic Dumont, CEO.”

Alguém grita freneticamente “Entre” e eu abro.

O escritório do meu pai está um caos. Ele era normalmente bem arrumado e organizado, mas era realmente minha mãe quem o mantinha na linha. Desde quando ela morreu... bem, alguns segmentos de sua vida se perderam, por assim dizer, e é sempre mais aparente quando ele está no limite de prazos quando estamos perto de lançamentos.

Agora mesmo, ele está de pé, encostado em sua mesa e olhando para uma pilha de papéis, mexendo em seus óculos como se o problema fossem eles. Mais papéis estão empilhados em cantos ao redor da sala, alguns sendo soprados por um ventilador próximo da janela meio aberta. Certificados e prêmios pendurados nas paredes de maneira aleatória, e suas prateleiras são empilhadas com livros, sobre livros e ocasionalmente bolsas em exibição.

No canto, Blaise está ligando a máquina de café, dando-me um fraco olhar, enquanto Seraphine está de pé junto à mesa com os braços cruzados, obviamente no meio de uma conversa com meu pai sobre qualquer coisa.

"No ano passado, alcançamos uma receita de 9,6 bilhões de dólares," anuncio quando entro, fechando a porta atrás de mim. "Pai, acho que você tem condições de comprar um ar condicionado para o seu escritório."

"Bobagem," diz meu pai, olhando brevemente para mim. Ele acena com o braço na direção do ventilador. "Esse ventilador funciona muito bem."

"O escritório em Montparnasse pelo menos tinha ar-condicionado," diz Seraphine, olhando para Blaise.

Ele apenas dá de ombros e toma um gole casual de seu café expresso. "Que também não conseguiu lidar com todo o novo crescimento, especialmente com o crescimento que se aproxima assim que iniciarmos o serviço online."

Oh Deus, eles estão discutindo sobre isso ainda? Novamente? Já?

Seraphine zomba, seus olhos se estreitando em fendas. "Você é estúpido ou apenas ingênuo?"

"Bem, estou feliz que vocês tenham me convidado para esta reunião," eu digo rapidamente, antes que as coisas se descontrolem. Seraphine é uma garota durona, mas ela se dá bem com todo mundo. Ela até tolera Pascal e Gautier. Mas por qualquer razão, Blaise realmente lhe tira do prumo, e ele pode ser tão afiado quanto ela. Eu nunca entendi a briga deles, mas também não entendo muito sobre essas pessoas que eu tenho que chamar de família.

"Eu não convidei você," Blaise diz quando ele termina seu café e passa por mim. “E eu disse ao seu pai e sua irmã que você geralmente só complica as coisas. Você escolheu trabalhar com hotéis. Não há necessidade de você estar aqui.”

"Blaise," meu pai o repreende. "Você está parecendo Gautier agora."

"A maçã não cai longe do pé," Seraphine corta.

Blaise dá de ombros, com uma mão na porta. "Apenas sendo honesto. Alguém aqui tem que ser."

Então ele sai, nos deixando na sala.

Eu sinalizo para a porta. "Por que ele está aqui mesmo? Bebendo do seu café?"

"Sua máquina está quebrada," meu pai diz cansado, folheando os papéis. "E, gostemos ou não, temos que trabalhar juntos."

"Como vai você, irmão?" Seraphine pergunta, afastando a animosidade para longe de seu rosto brilhante. Ela vem até mim e me dá um beijo na bochecha. "Parece que você andou tomando muito sol."

"Com tanto trabalho..." Meu pai diz baixinho.

"Eu estava trabalhando," digo a ele, o que não é uma mentira. "Acredite em mim, há um mundo fora do escritório."

"Mm-hmm, então quem é ela?" Seraphine diz com um sorriso abafado.

"Ela?"

"Você não tira férias, Olivier, então tenho que assumir que havia mais alguém na área. Alguém que talvez te convencesse a relaxar no mar por uma semana e apanhar um pouco de sol."

"Não há ninguém," digo-lhe, e ela fica desapontada. Ela sempre está me pedindo para encontrar alguém e sossegar - se ao menos ela soubesse a verdade - mas eu certamente não vou contar a ela sobre Sadie.

O que me lembra.

"A propósito, você tem visto Pascal ultimamente?" Eu pergunto.

Ela franze a testa. “Ele esteve aqui ontem por um minuto. Você sabe que ele está sempre entrando e saindo.”

"Eu o vi em Cap-Eden-Roc," digo-lhes. “Apenas aleatoriamente. Como se ele estivesse me espionando.”

"Você é sempre tão desconfiado," diz meu pai, endireitando-se e colocando as mãos na parte inferior das costas com um gemido.

"Todos deviam ser um pouco mais cautelosos," eu digo a ele. "As suas costas estão bem?"

"Oh, sim, sim," diz ele, acenando e andando até o ventilador para ajustá-lo. "Você também estaria com dor se tivesse que lidar com tudo isso."

"E se você tivesse que ficar debruçado sobre a mesa, também," diz Seraphine, indo até ele e apertando gentilmente seu braço. “Nós sabemos que você está no comando, mas acho que enquanto estou no escritório, você deve respeito à sua filha, o que significa ouvir o que ela diz. Sente-se."

Ela puxa o braço dele e com relutância, ele se dirige para a cadeira, onde se senta.

"E você está certo, Olivier," Seraphine diz para mim enquanto ela luta com a janela por um momento até que ela é capaz de abrir uns centímetros extras. “Sempre devemos ser mais cautelosos.”

“Não foi assim que sua mãe e eu criamos vocês,” meu pai diz irritado, tomando seu tempo para encarar Seraphine e eu.

"Não, você nos criou para sermos anjos perfeitos," diz ela, apertando os ombros dele e beijando-o no topo de sua cabeça careca. “Mas, infelizmente, seu irmão criou um monte de demônios e temos que trabalhar lado a lado, e neste negócio, é matar ou ser morto.”

"Vocês são família."

"E é pela família que eu sou muito grata," diz ela. Meus pais adotaram Seraphine quando ela tinha nove anos, esteve no serviço social por algum tempo antes disso, pulando de família em família, diz que fomos a sua primeira família de verdade.

Ela continua: "É só que realmente não havia razão para Pascal aparecer no hotel de Olivier."

"Como ele sabia que eu estava lá?" Pergunto.

Ela morde o lábio por um momento, mas que de alguma forma não estraga seu perfeito batom vermelho. Deve ser o novo modelo de longa duração da marca de cosméticos, aquele que ela insistiu em nomear com

o nome dela. "Ele perguntou onde você estava, e eu disse a ele," diz ela. "Desculpe, eu obviamente não sabia que ele tomaria o próximo avião."

"Então, seu primo queria verificar o hotel, nada de errado com isso," diz meu pai. "Podemos voltar aos problemas de verdade?"

"Quais?" Seraphine pergunta secamente.

"Sim," eu digo, consciente do tempo. "O que exatamente você quer de mim?"

"É um pouco brusco da sua parte, filho." Meu pai me repreende.

"Desculpe," eu digo com um suspiro, deslizando minhas mãos em meus bolsos. Eu raramente sou rude com meus pais, outro traço que eles passaram para mim, mesmo que tenha havido uma ou duas vezes quando o meu temperamento tomou o melhor de mim. "É que eu tenho um compromisso."

"Novamente, quem é ela?" Seraphine pergunta.

Eu a ignoro.

O mesmo faz meu pai. "Bem, como você sabe, nós temos o baile e o desfile se aproximando, e estamos com falta de pessoal."

"Então contrate mais pessoas. Podemos pagar, não podemos?"

Ele assente, apertando a ponta do nariz. "Podemos. Mas preciso de alguém para ajudar a mantê-los na linha."

"Eu presumo que você quer se referir à nossa família, cujos elogios você simplesmente estava cantando."

"Há uma diferença entre cantar elogios a alguém e não ser desconfiado e desdenhoso a cada momento. Temos que ponderar, Olivier, e você deveria aprender isso." Ele suspira e se remexe na cadeira. "O mesmo vale para você, Seraphine. Agora, Gautier, Pascal e Blaise estavam realmente pressionando para que os lançamentos de outono coincidissem com nossa primeira loja online. Isso não vai acontecer por enquanto, não vai acontecer nunca mais. Basta dizer que tenho a palavra final, mesmo sobre o meu irmão, e é assim que vai ser. Até que, é claro, você assuma o meu trabalho."

Isso de novo. Eu endureço imediatamente, minhas mãos ficam pegajosas, meu coração pulsa contra o meu peito. Em breve, meu pai vai descobrir que estou perdendo todas as minhas ações para Gautier, e ele não vai entender o porquê. Ele já está profundamente desapontado por eu ter me distanciado da empresa e mesmo assim, posso dizer que ele acha que vou voltar para assumir o cargo em breve, talvez quando eu tiver perdido o interesse nos hotéis. Vai matá-lo quando eu tiver que entregar tudo.

Seraphine limpa a garganta com força e dá ao meu pai um olhar afiado.

"O quê?" Diz ele. "Oh, você sabe que Olivier foi preparado para isso desde o começo. Está escrito nos contratos, sempre esteve. Gautier ainda assinou o contrato. Quando me aposentar, Olivier tomará meu lugar."

"Mesmo que ele não saiba nada sobre como administrar uma empresa," minha irmã diz sarcasticamente.

"Hey," eu digo a ela, apontando o dedo. "Eu administro minha maldita empresa. Eu não preciso disso."

"Tudo bem," diz ela, revirando os olhos. "Mas essa é a marca Dumont, e fizemos as coisas do nosso jeito durante tanto tempo. Você não tem ideia de como é administrar esse lugar."

"Não estamos discutindo esse assunto novamente," diz meu pai. "Não vou seguir por esse caminho e todos sabem que não vou a lugar algum. Eu acabei de fazer meu checkup anual. Mentalmente e fisicamente, estou tão em forma quanto um violino e afiado como uma navalha."

"Bom," eu digo a ele. "Porque eu não tenho planos para assumir, este lugar. Especialmente quando a minha irmã aqui me daria um tiro na cara se fosse necessário."

"Você é tão dramático," diz ela.

"De volta ao assunto... esse calor está deixando todo mundo louco? Há uma razão pela qual todos nesta cidade viajam em agosto. Nós somos as únicas pobres almas presas aqui, escravizadas pela moda," continua meu pai.

"Você está se escravizando por dinheiro, não se esqueça disso," eu o lembro. "E mais uma razão pela qual estou feliz em gerir os meus hotéis: Não tenho semanas de moda ou lançamentos para me preocupar."

Meu pai olha por cima do ombro para o ventilador na janela. "Talvez eu devesse pegar outro ventilador para refrescar melhor a sala..."

“Pai...” Seraphine lembra. “...Foco. Olivier obviamente tem compromissos.”

"Certo, certo. E aqui estava eu falando sobre como eu estava afinado. De qualquer forma, há muita briga interna agora mesmo, querido rapaz, e seria bom ter outra mão no convés. Se você pudesse comparecer de vez em quando e ver o que Seraphine necessita que você faça, isso seria fantástico."

Seraphine exala bruscamente. "Certo. Bem, para começar, eu poderia precisar de alguma ajuda com o baile de máscaras. Eu tenho meu assistente passando pela lista de convidados, mas sei que você está mais sintonizado com a alta sociedade do que eu. Talvez você possa passar por isso e ver se há algum problema em potencial. Atrizes que não se dão bem, modelos barraqueiras. Esse tipo de coisa.” Ela faz uma pausa. "Você está obviamente trazendo uma convidada."

Eu sacudo minha cabeça. "Não."

Ela franze a testa. "Isso é muito diferente de você. Tem certeza que está bem?"

"E aí você estava tão certa de que havia alguém na área."

"Sem encontro, Olivier?" O meu pai medita, de volta à leitura dos seus papéis e escrevendo algo num caderno de couro. "Você está planejando se transformar em Blaise?"

Blaise está sempre sendo pressionado por sua falta de vida amorosa. Os jornais especularam dizendo que ele era gay e tem medo de sair do armário, mas eu não acho que seja o caso. Já vi como ele olha para as mulheres e de qualquer forma, metade da equipe masculina aqui é gay. Ninguém realmente se importaria.

Mas só porque não vou ter um encontro em público não significa que vou sozinho.

Se eu estiver no comando da lista de convidados, posso facilmente colocar o nome de Sadie nela.

E como é um baile de máscaras, ninguém ficará sabendo, quem ela é.

Impulsionado por essa nova descoberta, eu me desculpo da reunião e digo a meu pai e irmã que estarei aqui para eles sempre que precisarem de mim, mesmo que isso signifique parar no escritório a cada poucos dias. Deus sabe que a última coisa que eu quero fazer é passar mais tempo longe de Sadie, especialmente porque tenho meu próprio trabalho para atender, mas não tenho muita escolha.

Mas vou compensá-la.

No caminho de volta para o apartamento, passo por uma encantadora loja de vinhos, para pegar pão, vinho, queijo, carnes e uma cesta de piquenique.

Desde que estivemos em Paris nestes últimos dois dias, não fui visto com Sadie em público. É muito arriscado. Então, enquanto eu estou fora,

ela está explorando Paris sozinha. Esta manhã, antes de partir, ela lamentou dizendo que queria fazer um piquenique comigo debaixo da Torre Eiffel, como tinha visto todos os turistas fazendo.

Eu tive que dizer a ela que não podia ser visto com ela em público, e me senti horrível, expliquei que os paparazzi me observam como falcões quando estou na cidade, e eu quero protegê-la disso, mas não é nem perto da verdade. Às vezes os paparazzi tiram minha foto, mas geralmente são em eventos - e eu vou a muitos eventos. Mas andando pela rua, comendo em um restaurante, ou em um encontro? Não. A mídia aqui é muito mais respeitosa do que na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Então, decidi fazer um piquenique em casa, seria uma maneira de compensar isso. Espero que ela pelo menos ache encantador.

Depois de estacionar, vou para o prédio, acenando com a cabeça para o porteiro, e depois pego o elevador até o quarto andar, que é todo meu.

O prédio tem cerca de cem anos, e eu gosto de pensar que estava sendo construído ao mesmo tempo em que meu avô, Alex Dumont, estava tendo a ideia de criar uma bolsa. Eu aprecio a história de tudo isso, a elegância discreta, as ideias do velho mundo que parecem fundir-se perfeitamente com o presente.

Sadie, claro, ficou muito impressionada. Não apenas pelo tamanho do lugar, mas pelo jeito que eu transformei o apartamento em uma espécie de galeria. Quando eu estava começando a trabalhar no ramo hoteleiro, passei algum tempo aprendendo sobre arte. Viajei e estudei, entrando realmente na ideia de ter galerias nos meus hotéis. Isso não aconteceu,

embora a maioria dos meus hotéis tenha uma tendência artística para isso.

Mas é no meu apartamento que tudo o que admiro ganha vida.

Alguns podem chamá-lo de desorganizado. O meu irmão Renaud diz muitas vezes que é uma visão para os olhos doloridos, e a Seraphine brinca que tenho um problema de acumulação para obras de arte. Mas o meu pai compreende isso. Acho que gosto de colecionar coisas bonitas tanto quanto ele gosta de criá-las.

Eu rapidamente destranco a porta e entro enquanto carrego a sacola de compras, procurando a coisa mais bonita de todas.

Lá está ela, sentada no sofá de veludo, tomando uma xícara de chá.

"Querida, cheguei!" Eu digo a ela na minha melhor imitação de Ricky Ricardo.

Ela sorri para mim. "E você trouxe coisas!"

"Eu trouxe, fresco das ruas de Paris," eu digo a ela quando ela coloca o chá na mesa e vem até mim, jogando os braços em volta do meu pescoço e me puxando para um beijo.

Deus, ela tem um gosto tão bom. Eu não tinha percebido o quão carente e faminto eu estava por ela o dia todo até esse momento.

"Eu senti sua falta," ela sussurra contra meus lábios, e eu tenho que ajustar minhas calças antes de largar as compras.

"Eu também senti sua falta," eu digo, beijando-lhe no canto da boca. "Lembre-me de nunca mais deixá-la."

"Isso seria legal."

Eu me afasto e coloco a sacola no balcão da cozinha antes que tudo caia. "Então o que você fez o dia todo?"

"Não muito," diz ela com um encolher de ombros, fazendo uma pequena pirueta no chão de ladrilhos. "Bem, eu tentei aprender piano." Ela aponta para o piano branco de cauda no meio da sala de estar. Era propriedade de Liberace[21]. “Mas o fantasma de Liberace não me favoreceu. Então tentei estudar toda a arte do seu apartamento.”

Ela olha uma pilha de livros de arte sobre a mesa de café. “Infelizmente, adormeci quando cheguei a Monet. Não sei o que ele tem, mas ele me aborrece até as lágrimas."

"Aparentemente," eu comento. Mas secretamente, estou entusiasmado por ela se interessar por isso.

"Então, o que é tudo isso?" Ela pergunta, olhando para as sacolas.

"Eu pensei que você estivesse com fome," eu disse a ela, começando a separar as compras. "Eu também sei o quanto você queria aquele piquenique debaixo da Torre Eiffel. Então eu pensei que a melhor coisa a fazer era trazer a Torre Eiffel aqui."

[21] - *Wladziu Valentino Liberace, foi um popular pianista e showman americano.*

Eu tiro uma réplica da torre, do tipo que você encontra em cada esquina, e a coloco na sala de estar perto da janela. Então eu pego uma manta vermelha de linho do armário e a coloco no chão. Eu gesticulo para ela. “Voilà. Sente-se."

Ela me dá um olhar descrente. "Vamos fazer um piquenique aqui dentro?"

"Não aja como se não estivesse impressionada, *lapin*. Agora se sente e eu farei o resto."

Ela toma um assento hesitante no chão, cruzando as pernas e depois me observa com interesse quando começo a colocar os itens em sua frente. Começo com uma garrafa de vinho tinto Dumont porque sei que é a chave para o coração dela. Depois que ela pega a taça, coloco os queijos, carnes e baguetes.

"Na verdade, isso é o mínimo que posso fazer," admito, sentando ao seu lado. "Sinto-me terrível por te ter deixado você sozinha assim."

"Olivier, por favor," ela diz enquanto bebe seu vinho. "Eu sabia o que significaria vir a Paris. Eu sabia que você estaria trabalhando. Ok, talvez eu não soubesse sobre isso de me esconder, mas *hey*, eu não sou nada se não adaptável."

"Eu não estou escondendo você," eu digo a ela, desejando que eu pudesse dizer a verdade. Mas então o que ela pensaria de mim? *Sadie, eu não quero que meu primo ou tio saibam que eu tenho alguém como você na minha vida, ou eles vão fazer da missão deles nos separar. Porque Pascal*

e meu tio estão fazendo isso por mim, por causa de algo que eu fiz, porque o meu lado e o lado deles sempre estiveram em conflito.

"Está tudo bem," diz ela. “Estou feliz que você esteja aqui agora. Quero dizer, você não tem amigos que precisa ver também?”

Eu dou de ombros. “Eu tenho amigos, claro. Alguns da universidade, a maioria dos negócios do hotel. Mas eles são tão ocupados quanto eu.”

E para ser honesto, eu me mantive escondido nestes últimos dez anos. É difícil ser aberto com as pessoas, fazer verdadeiros amigos e deixar sua alma nua quando você sabe que está escondendo algo delas, do mundo. Às vezes eu sinto que é tudo ou nada comigo.

É assim que eu me sinto com Sadie. Eu quero dar a ela tudo, mas eu não sei como eu posso, e eu não sei que futuro nós podemos ter, mesmo que eu diga a ela minha verdade.

"E de qualquer forma," eu disse, "Eu não ouvi você falar muito sobre seus amigos."

Ela me dá um pequeno sorriso, e eu sinto que posso ter tocado um nervo. Ela começa a arrancar pedaços da baguete, levando o seu tempo. "Eu tenho amigos. Eu simplesmente não tenho muitos amigos. Sempre fui um pouco solitária, sinceramente. Quando meu pai foi embora e era só eu e minha mãe, especialmente naquele primeiro momento, eu queria estar lá para ela o máximo que pudesse. Você não entende... ela estava uma bagunça. Muito mais do que ela é hoje. Se eu não conseguisse mantê-la firme, ela se desintegraria sozinha. Além disso, o fato de que eu estava

estudando como louca para conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade e trabalhar tanto quanto eu pudesse... eu simplesmente não tinha tempo para mais ninguém. Quero dizer, na faculdade eu conheci Chantal na minha aula de comunicação, mas ela é a única que eu consideraria uma amiga próxima."

"E o seu ex," eu digo.

“Sim, Tom. Mas ele não se tornou um bom amigo, não é?”

"Você namorou por muito tempo," eu menciono, e eu sei que é ruim para mim falar no ex dela, mas eu não posso evitar. "Vocês devem ter sido próximos."

"Nós éramos," diz ela lentamente enquanto ela coloca um pedaço de baguete em sua boca. “Mas não tão próximos quanto você pensa. Na época eu achava que ele era meu melhor amigo, sabe? Mas eu não acho que o deixei entrar como eu pensava, ele não me deixou entrar também. Quanto mais penso nisso, o final provavelmente demorou a chegar para nós.”

"Ele ainda era um idiota por terminar com você no meio de suas férias."

Ela ri secamente. “Bem, tecnicamente eu terminei porque descobri que ele estava me traindo, mas sim. Ele é um idiota, se eu realmente o conhecesse, eu teria percebido o que estava acontecendo. Em vez disso, eu fui pega de surpresa. Começo a pensar que o meu orgulho foi o mais atingido de todos."

Não deveria me sentir bem com isso, mas me sinto. O fato de que o que ela tinha com Tom não era verdadeiro - e certamente não era forte - significa que ela não está apaixonada por ele, ou pelo menos não está esperando por ele.

"Mas, honestamente," ela continua. "Eu não penso mais nisso. E de certa maneira, estou feliz que ele tenha feito o que fez. Eu não teria tido as aventuras e a independência que ganhei por ter que viajar sozinha. E eu não teria conhecido você."

A maneira como ela encontra meus olhos, vulnerável e quase tímida, faz meu coração bater mais rápido, e meu pau duro em segundos.

"Uh-oh," diz ela, baixando o pão.

"O quê?"

"Eu conheço esse olhar," diz ela.

Eu me ajoelho e começo a rastejar em sua direção, afastando a comida. "Que olhar é esse?" Eu murmuro, parando para que meu rosto fique a poucos centímetros do dela.

"Aquele que me diz que você está prestes a me devorar ao invés da comida."

Eu sorrio. "Você me conhece tão bem." Eu me inclino e a beijo suavemente. "Vamos comer tudo mais tarde e chamar de sobremesa," eu murmuro contra sua boca antes dela deitar no chão, rindo enquanto eu começo a me banquetear com ela.

Capítulo Dez

Sadie

"Bonjour, madame," o garçom diz para mim. Eu olho para cima do menu que estou tentando decifrar e dou-lhe um grande sorriso.

“Bonjour.”

"Você gostaria do cardápio em inglês?" Pergunta ele, mudando rapidamente para o inglês depois de ouvir meu sotaque.

"Oui, merci," digo a ele, teimosamente tentando permanecer na língua. Embora Deus saiba que nas últimas vezes que tentei encomendar em francês, as coisas deram terrivelmente errado.

"Algo para beber? Café, água? Sem gás ou com gás?"

“Com gás, por favor, e um expresso duplo. Não, faça um triplo.”

Ele repete o pedido quando digo expresso triplo, como se estivesse medindo o quanto eu precisava de cafeína, e então se afastou.

Eu suspiro e olho pela janela através do rio Sena, na Île de la Cité e na parte de trás da Notre Dame, e tento invocar alguma emoção de que estou em Paris.

Não me interprete mal - estou entusiasmada por estar aqui. Eu amo Paris, provavelmente mais desta vez do que quando eu passei por aqui antes com Tom. Sinto-me como se estivesse me reconectando com a cidade depois de me despedir, da mesma forma que estava com Olivier depois de ter subido no trem.

Mas parte do problema é apenas isso: eu estive aqui primeiro com Tom, então muitas das minhas primeiras memórias são com ele. Muitos primeiros foram contaminados. Como eu disse a Olivier na outra noite, eu não penso muito em Tom, e não estou sofrendo por ele, mas é difícil não comparar com as memórias recentes. Você pensaria que estando aqui agora, como amante de um parisiense de verdade, essas memórias seriam enterradas rapidamente.

Exceto... que elas não foram.

Porque estou aqui há cinco dias e mal vi Olivier.

Ele está sempre trabalhando.

E eu sei que isso não deveria ser uma surpresa, e eu não deveria reclamar, sabia de tudo isso quando aceitei vir com ele. Foi uma das razões pelas quais eu seguiria meu roteiro e voltaria à Espanha, sabendo que ele tinha uma vida que precisava voltar.

É apenas difícil.

Não temos muito tempo juntos.

Pouco mais de uma semana antes de ter de voltar para casa.

Sabia que os dias iriam passar rapidamente, mas pensei que iria ter mais de Olivier neles.

Então agora eu percorro as ruas de Paris, sozinha, tentando me encantar com essa cidade sedutora, tentando manter o romance vivo no meu coração.

Porque, acredite, ele está lá.

Mais do que deveria estar.

Apesar da ausência de Olivier, eu o desejo mais do que qualquer outra coisa.

Meu corpo dói por seu toque, meu coração bate por suas palavras. Quando estávamos no sul da França, fiquei deslumbrada com o quão romântico ele era, viciado em sexo, com a forma como ateava chamas na minha pele e alma.

Agora nos tornamos outra coisa. O próximo nível, mesmo que algo dentro de mim estivesse me avisando para nunca mais deixar chegar a isso. Agora eu me tornei viciada nele em geral. O jeito que ele me faz sentir, o jeito que ele faz meu coração vacilar cada vez que ele entra em seu apartamento.

A maneira como meu coração encolhe toda vez que ele sai.

Eu tenho um mau pressentimento.

Não há outra maneira de dizer isso.

Apesar de todo o meu ceticismo, sofrimento e impulso para revirar meus olhos em tudo o que é romântico e amoroso, algo mudou dentro de mim. Um interruptor foi acionado. Talvez seja somente um truque, talvez seja apenas porque, para que conste, eu ainda estou vivendo outra vida, uma vida com uma data de expiração.

Mas o que eu sinto por ele, o modo como ele me faz sentir...

É como se todas as músicas cafonas que eu ouvia no rádio de repente se tornassem verdade, e o espaço em meu peito que eu nunca pensei que pertenceria a ninguém novamente - ele preencheu todas as frestas ocas nele. Quando ando pelas ruas de Paris, estou praticamente flutuando, mesmo quando não estou fazendo nada além de sentir a falta dele.

O garçom volta e me dá o expresso e minha água com gás. Eu não sei se é porque estou tentando falar francês ou se sou mais receptiva, mas os parisienses são muito mais simpáticos desta vez. Talvez eu esteja apenas os vendo sob uma perspectiva diferente.

Preciso admitir, eu gosto do fato de que Olivier ser tão tradicional. Ele tem falado muito sobre a empresa e a forma como a família Dumont tem feito às coisas, e eu admiro como ele se agarra a seus argumentos. Fala da forma como ele valoriza a sua família e a sua tradição. É preciso coragem para defender algo quando todos os outros no mundo querem que você mude.

Com certeza, ele é um homem rico de 30 anos com o mundo a seus pés. Mas há algo intrinsecamente sexy para mim sobre alguém que é forte em suas convicções.

Eu só desejava... bem...

Mesmo quando ele não está no escritório de seu pai ou em sua própria empresa, eu gostaria que pudéssemos sair juntos pelas ruas de Paris. Jantar em um bom restaurante. Ou, diabos, até mesmo um boteco. Apreciando a paisagem. Caminhar de mãos dadas ou pelo menos perto um do outro. Mas ele é tão insistente que não podemos ser vistos juntos.

Eu sei que ele disse que é porque ele não quer que a mídia faça um grande negócio disso, mas não tenho certeza se é esse o caso. Eu tenho perseguido Olivier Dumont online desde o momento em que o conheci, e embora a imprensa tenha definitivamente o fotografado, normalmente é em um ambiente bastante público, como um desfile de moda ou a abertura de um hotel ou restaurante. E sim, as garotas em seus braços estão sempre mudando, mas não parece haver nenhum alarido sobre ele. É só quem ele é.

Será que ele tem medo de que se formos vistos juntos, pareça que somos um casal? Talvez seja disso que ele tenha medo: do fato de não sermos um casal, e supostamente eu deva voltar para casa em oito dias.

Ou talvez seja pior.

Ele se envergonha de mim?

E não quer ser visto comigo? Ou que ele está com uma estudante americana?

Afinal de contas, comparado com as belezas que ele sempre está, e algumas delas até mesmo atrizes famosas, eu não sou... ninguém. Não chego nem aos pés delas. Eu tremo, sentindo dúvidas misturadas com tristeza. É por isso que eu odeio estar sozinha hoje em dia, isso me dá muito tempo para pensar. Tomo um gole do meu expresso e praticamente sinto meu cabelo arrepiar na minha nuca. Eu esperava que a cafeína levantasse meu espírito, mas no final eu acho que vai me dar um ataque de pânico.

Quando termino e pago a conta – e minha conta bancária está reclamando a cada segundo, mesmo que Olivier insista em me financiar - eu saio de volta às ruas.

Estava movimentada e caótica, era pouco antes do meio-dia. Hoje comecei tarde, e agora o sol está com força total, atingindo todos os turistas que lotam as ruas estreitas do Marais.

"Bem, você está em Paris," eu me digo em voz alta, tentando me alegrar. *"Vá a algum lugar, faça alguma coisa."*

Eu nem sequer passei nos museus e pontos turísticos, e tenho de resistir à vontade de ser engolida pelo movimento das pessoas e fazer com que elas me conduzam de volta ao apartamento. Por mais glorioso que seja sua casa, uma vez que estou lá, sei que tudo o que vou fazer é lamentar e esperar por ele.

Eu decido ir visitar o museu Picasso. Toda a arte que Olivier coleciona renovou meu interesse por ela, e sei que ele se diverte com o fato de eu poder conversar com ele sobre algumas coisas. Talvez depois do museu eu possa ensinar-lhe uma coisa ou duas sobre o temperamental artista.

Estou esperando o semáforo mudar quando sinto um calafrio estranho sobre meus ombros, o que é duplamente estranho, já que está fervendo aqui fora.

Eu lentamente me viro, esperando ver alguma coisa, embora eu não saiba o que, mas só vejo turistas sorridentes.

Então um homem passa, rapidamente se escondendo em uma loja de celulares. Eu só o vejo de perfil e só por um segundo, mas há algo familiar sobre ele, tenho a sensação de que ele é bonito, mesmo que eu não tenha visto o suficiente dele para chegar a essa conclusão.

Meu coração dispara - talvez porque, por um segundo, imagino que seja Olivier. Havia algo sobre o homem que me lembrava dele, talvez sua mandíbula e seus movimentos suaves.

Mas o cara não era tão alto, e não há nenhuma boa razão para que Olivier estivesse me seguindo pela rua. Ele quer que eu o veja, não é?

O semáforo muda, e eu sou conduzida através da rua pela multidão.

Eu pego meu telefone e olho para as direções, tentando ler as ruas no mapa e descobrir onde na verdade estou. Eu esbarro em várias pessoas

e quase piso na merda de cachorro antes de decidir colocar meu telefone de lado e puxar o mapa mental na minha cabeça.

É então que eu tenho o calafrio novamente.

Paro e viro-me, os cabelos nos meus braços arrepiados, e meu corpo zumbindo de tensão elétrica.

Há um homem a alguns metros de distância, de costas para mim enquanto ele se inclina contra uma parede. Ele está de boné na cabeça, cobrindo o grosso e escuro cabelo que ondula até a sua nuca. Seus ombros são muito largos, como os de um nadador, e eu colocaria a altura dele a cerca de 1,80 de altura.

Olhando para ele, eu não posso deixar de encará-lo, quase desejando que ele se vire.

E então, como se ele sentisse meu desejo, ele olha para cima do que está fazendo e move a cabeça apenas um centímetro, apenas o suficiente para que eu possa ver a ponta dos seus óculos de sol. Apenas o suficiente para que ele esteja olhando para fora do alcance de sua visão periférica.

Os ombros sob sua camiseta cinza ficam tensos.

Aguardando.

Isso provoca algo sombrio dentro de mim, como se tivesse ativado um botão de pânico interno.

Eu preciso ir para o museu.

Eu preciso sair daqui.

Eu começo a andar, agora mais rápido, esperando que eu não vá me perder. Eu faço isso cerca de um quarteirão antes de ter que parar no próximo semáforo.

Olho por cima do ombro, novamente.

O homem está caminhando na minha direção, com as mãos enfiadas nos bolsos do jeans, cabeça para baixo e boné puxado para frente para que eu só possa ver o fundo do queixo dele.

É um queixo aristocrático.

É por isso que parece tão familiar.

Como se eu já tivesse visto antes.

Por algum motivo, uma imagem passa pela minha mente, uma lembrança.

A primeira noite de sexo com Olivier.

Imaginando ter visto o homem na varanda nos observando.

O queixo.

Acontece que não pode ser isso.

Ninguém esteve lá.

E com ele caminhando na minha direção no ritmo que ele está, não quero ficar por perto para ver se o conheço.

Eu viro à esquina, não quero esperar mais para atravessar, e corro por outra rua, andando tão rápido que estou quase correndo, meu pobre tornozelo gritando pelo impacto extra.

Eu faço isso por três quarteirões, essencialmente fazendo duas voltas à esquerda e indo em círculos em direção de onde eu comecei.

Eu não olho para trás, não até chegar ao final, porque eu sei que se eu olhar e ele ainda estiver lá, significa que ele está lá atrás de mim.

Mas eventualmente eu tenho que saber.

Eu paro ao lado de um carvalho do lado de fora de um pequeno café com algumas mesas na rua, pessoas reunidas lado a lado, fumando e vendo o dia passar. Pelo menos eu me sinto segura.

Olho para trás e, por um momento, acho que o vejo. No fundo de uma fila de turistas japoneses, apenas a insinuação do seu boné.

BIP.

Meu telefone vibra, assustando-me, e eu rapidamente olho para baixo para ver que é um texto de Olivier. Eu respiro um suspiro aliviada apenas vendo o nome dele e olho para trás, esperando ver aquele homem de novo, mais próximo.

Mas não há ninguém lá agora, apenas um pombo andando de um lado para outro, arrulhando, e seguindo os turistas.

"Você está sendo paranoica," eu me repreendo, desejando que eu não tivesse colocado muita pressão no meu tornozelo, que agora está latejando novamente. Ou talvez seja a lembrança de ser atacada nas ruas de Nice.

Eu acalmo meu coração e dou uma olhada melhor no texto de Olivier:

Encontre-me hoje à noite no Hôtel Rouge Royale. Sete da noite. Quarto 508. Use algo bonito... ou nada.

Embora eu esteja sorrindo, estou um pouco magoada porque isso significa que não vou ver Olivier até esta noite. Mas uma rápida pesquisa no Google procuro pelo hotel. *É foda pra caralho* - e, claro, um da rede de Olivier.

Bem, pelo menos isso me dá algo para fazer agora.

Que se lixe o museu Picasso. Vou comprar lingerie.



Às seis e quarenta e cinco, entro no saguão opulento do Hôtel Rouge Royale e entro como se soubesse onde estaria indo. Eu viro algumas cabeças, mas felizmente, não é porque eu não pareça pertencer ao ambiente.

Olivier se certificou disso.

Depois de receber seu texto, eu fui às compras para hoje à noite.

Claro, no meu orçamento todas as compras deveriam ser feitas na H&M[22]. Eu não podia nem pagar por Zara.

E eu só peguei um sutiã de renda preta e nada mais.

Mas quando voltei ao seu apartamento para me arrumar, tive um grande choque.

Ele tinha ido às compras por mim.

Colocado em sua cama enorme estava um sutiã cor de vinho, todo intrincado com rendas e fitas, juntamente com uma tanga para combinar e meias com ligas. Naturalmente, eles eram todos do meu tamanho, assim como o par de Louboutins de salto baixo pretos. Assim como o sobretudo preto da marca Dumont, dobrado na ponta da cama com a nota: *Pour ce soir.*

Para esta noite.

Ele quer que eu use o casaco e nada mais por baixo, exceto a lingerie.

Pelo menos, espero que seja o que ele quer, porque é o que estou vestindo agora mesmo enquanto ando o mais confiante possível em direção aos elevadores. Sinto que todos podem dizer que estou praticamente nua por baixo e que vou subir para ter uma aventura selvagem com alguém.

[22] - *É uma loja de departamento com varias filiais ao redor do mundo; Estilo C&A, Renner.*

Mas se eles percebem, certamente não se importam. Assim são os franceses - eles são muito bons em cuidar de sua vida, especialmente quando se trata de sexo, e eu não tenho dúvida de que este hotel, com as suas cortinas de cetim vermelho e sofás de veludo e pisos de mármore preto, é um matadouro chique.

O pensamento envia uma emoção através de mim quando eu entro dentro do minúsculo elevador e aciono o quinto andar.

A velha Sadie pensava que os boquetes eram o melhor em sexo sujo.

A nova Sadie não pensa em nada, veste lingerie sob um sobretudo para encontrar seu amante francês secreto em um encontro proibido.

Ok, eu não acho nada disso.

Tão íntimo quanto nós fomos todas as noites, isso ainda é tudo tão novo para mim, e Olivier é sempre cheio de surpresas. Isso diz muito sobre como eu mudei e no quanto estou disposta a seguir com o que quer que ele tenha planejado.

Quando chego ao quinto andar, eu ando devagar pelos corredores, me maravilhando com a sorte que tenho de estar aqui, que o homem que estou encontrando para o sexo quente é o mesmo homem que é dono deste hotel. O mesmo homem que escolheu minha lingerie.

O mesmo homem que me colocou nestes sapatos horríveis.

Ai, mesmo que sejam de saltos baixos, e tenho certeza que ele pensou que estava sendo sensato ao não me colocar em salto alto, pensando no

meu tornozelo e tudo mais, a verdade é que Christian Louboutins pode parecer bonito, mas eles machucam como o inferno.

Sem dor, sem ganho, lembro a mim mesma quando vou até a porta do quarto do hotel e respiro fundo antes de bater.

Alguns segundos se passam antes que a porta se abra.

Eu suspiro.

Em primeiro lugar, o quarto de hotel é enorme, com grandes janelas de vidro e velas acesas em todos os lugares.

Em segundo, Olivier está segurando uma garrafa de champanhe em uma mão e uma rosa na outra.

Em terceiro, ele está usando um terno.

E uma máscara.

Como uma máscara teatral que você encontraria em Veneza.

"Uau," eu digo. Mesmo com a máscara cobrindo seus olhos, ele está deslumbrantemente bonito. "Você está fazendo uma audição para o Fantasma da Ópera?"

Ele sorri para mim. "Sim, sim. Você acha que vou conseguir o papel?"

"Acho que você vai conseguir todos os papéis que quiser," eu digo a ele enquanto entro e olho ao redor. "Você possui algum hotel de merda, ou todos eles são adequados para reis e rainhas?"

Ele ri e me dá a rosa. "Isto é para você."

"Obrigada," eu digo a ele e levo a flor ao meu nariz. Por alguma razão, não espero que cheire a nada, mas cheira. "Acho que nunca cheirei uma rosa assim."

"Isso é porque a maioria das rosas é criada para serem duradouras, a fim de serem enviadas ao redor do mundo como elas são. É o custo do perfume. Mas estas rosas são do jardim da minha mãe."

"De sua mãe?" Pergunto-lhe quando ele abre a garrafa de champanhe.

"Minha mãe costumava cultivá-las. Ela era obcecada por seu jardim e suas rosas, especialmente." Ele faz uma pausa antes de estourar a rolha. "Agora é mantida pelo jardineiro. Tenho certeza de que, se a minha mãe ainda estivesse aqui, se queixaria da desordem em que estão metidas, mas acho que têm um visual e cheiro tão bons quanto antes."

Ele me dá um fraco sorriso antes de colocar o champanhe nas taças, mas mesmo com a máscara eu posso ver a insinuação de tristeza em seus olhos. "Deve ser bom, de certa forma, ter seu legado crescendo assim, mesmo depois que ela foi embora."

Ele acena, mastigando o lábio por um momento antes de me entregar a taça. “Memórias não são apagadas facilmente, não importa o que as pessoas digam. Aqui.” Ele levanta a taça para mim. "Um brinde à criação de novas memórias."

Eu tilinto minha taça contra a dele e mantenho contato visual enquanto tomo um gole, não estou prestes a arriscar sete anos de sexo ruim, ou qualquer que seja a superstição. Eu tenho muito em jogo agora.

"Então, sobre a máscara," eu digo. "Não que eu esteja julgando, quero dizer, eu não estou usando praticamente nada por baixo disso, então você sabe vou aceitar qualquer coisa."

Ele desliza a máscara pela cabeça, e eu vejo seu rosto maravilhoso de novo. "Eu estava experimentando quando abri a porta. Eu também tenho uma para você. E, não, eu não os comprei para esta noite, a menos que você queira experimentar."

Ele desaparece no quarto e sai segurando uma máscara branca e dourada com plumas de penas douradas saindo dos olhos.

"Isso é para você," diz ele.

Eu pego e acaricio as penas admiravelmente. "Isso é lindíssimo."

"Eu esperava que você o usasse neste fim de semana, no baile."

"Desculpe, o quê?"

Baile? Ele realmente acha que é o Fantasma.

"Eu te disse. O baile de máscaras da Dumont acontece todos os anos."

"Bem, para ser justa, tenho ouvido muito de Dumont isto e Dumont aquilo - é difícil de acompanhar. E de qualquer forma, se eu ouvisse você

mencionar uma festa, eu teria assumido que não seria convidada. Por causa de toda essa coisa de você-ser-visto-comigo."

Eu espero que ele revire os olhos, mas ao invés disso ele segura meu rosto nas mãos, e os olhos dele procurando intensamente meu rosto. "Eu não tenho vergonha de ser visto com você. Eu só... este é um assunto muito complicado. Você tem que entender. Mas, por favor, eu gostaria de poder mostrar-lhe para o mundo. Eu gostaria que todo mundo pudesse ver você, ver como você me faz feliz."

Um caroço se forma na minha garganta. "Eu te faço feliz?"

"Oh, *mon lapin,*" ele sussurra, beijando-me suavemente. "Você é a única coisa boa, pura e real em toda a minha vida."

Maldição. Ele está falando sério. Eu posso sentir as emoções nele, sentir como ele está sendo cru e aberto.

"Você significa tudo para mim," diz com seus lábios deixando pequenos beijos e mordidas na minha boca ao longo de toda a minha mandíbula até o meu pescoço. Enquanto isso, sua mão alcança a faixa ao redor da minha cintura e a desfaz.

Ele dá um passo para trás e abre o casaco mais para me dar uma olhada. Naquele momento eu gostaria de ter saltos altos em vez desses minis, mas posso dizer pelo olhar aquecido em seus olhos que ele nem percebe.

Ele me toma como o último suspiro de um homem moribundo.

"Você é linda demais para este mundo se conter," ele me diz.

Droga.

Eu sinto isso direto no meu coração, causando uma explosão de fogos de artifício na minha espinha.

Mas esses fogos de artifício são rapidamente substituídos por outros ainda maiores quando ele me toma em seus braços e me beija apaixonadamente. Estou ofegando em segundos, meu corpo pegando fogo desse jeito desesperado e primitivo. Minhas mãos correm para cima e para baixo em seu terno, querendo mais dele, enquanto ele devora meus lábios, orelhas, pescoço, fazendo seu caminho para baixo.

Puxa de lado a renda do meu sutiã e traz meu peito a seus lábios sugando meu mamilo com um puxão longo e duro. Eu sinto isso viajar através de mim em arrepios quentes, e eu já estou ofegante, querendo mais.

O casaco cai no chão, e então suas mãos seguram minha bunda, e ele me levanta como se eu não pesasse nada. Instintivamente, eu envolvo minhas pernas ao redor de sua cintura, os minúsculos saltos pressionando contra as suas costas.

"Você precisa tirar a roupa," eu digo a ele, tentando desfazer sua camisa e segurar firme ao mesmo tempo, mas ele apenas me dá um sorriso aquecido e me gira ao redor até que eu estou pressionada contra as janelas de vidro.

Eu viro minha cabeça e tento olhar para baixo. Estamos apenas quatro andares acima, mas mesmo assim, é um pouco enervante ser pressionada contra um vidro como este, como se pudéssemos ir para a morte a qualquer momento.

Sem mencionar o fato de que qualquer um poderia nos ver.

"Uh, eu sei que os franceses são bem relaxados em relação ao sexo e a nudez, mas você tem certeza disso?" Eu pergunto, enquanto ele continua a me devorar. Suas mãos estão escorregando para as calças e ele está desfazendo seu zíper.

"Eu tenho certeza que os vizinhos lá fora estão acostumados com isso," ele murmura no meu pescoço, onde ele suga e lambe e faz minha pele se sentir viva. “E eles não podem ver seu rosto. Não podem ver o meu também.”

Ele está certo. Ele não mora aqui, este é apenas um quarto de hotel. Um hotel que ele possui, mas um hotel, no entanto. Somos completamente anônimos.

E até mesmo a ideia de alguém nos ver fazendo sexo é um pouco excitante. Talvez não tenha sido em minha vida anterior, mas aqui e agora, com minha bunda vestida de lingerie pressionada contra a janela, é.

E eu não tenho que ter vergonha de admitir isso, mesmo que seja apenas para mim mesma.

Ele puxa seu pau para fora e me segura mais contra o vidro para me equilibrar enquanto ele tira um preservativo do bolso da calça.

"Se eu for ficar mais tempo, sugiro que façamos o teste," digo a ele. "Eu já estou tomando pílula."

Ele olha para mim através de sua máscara, e eu sinto vontade de pedir desculpas pela conversa nada sexy sobre sexo seguro em um momento como este, mas ele diz: "Se você estivesse ficando mais tempo."

Eu engulo em seco, não querendo pensar nisso agora.

"Se apenas."

Ele enrola o preservativo, e eu corto meus calcanhares nele, segurando firmemente enquanto ele empurra cada vez mais fundo para dentro.

Eu suspiro, e então meu suspiro se transforma em um gemido, e então eu estou tentando recuperar o fôlego enquanto todo o ar me deixa e tudo que eu posso sentir é ele. Minhas mãos seguram a parte de trás do seu pescoço com força enquanto ele lambe o comprimento da minha garganta. Ele suga e geme logo abaixo do meu ouvido enquanto suas mãos cobrem meus seios, beliscando meus mamilos, e seu pau empurra de novo e de novo.

"Você é tão quente, tão apertada," ele sussurra com sua voz rouca. “Tão perfeita para mim. Como pode ser tão perfeita?” Ele se afasta um pouco e dirige de volta para dentro, empurrando-me com mais força contra o vidro. Cada célula do meu corpo está dançando de excitação e prazer, e meu coração está batendo tão rápido que tenho medo de fugir e nunca mais voltar.

Ele bombeia para dentro de mim novamente, arqueando seus quadris para cima, seu pênis grosso e duro, preenchendo cada centímetro de mim. Eu posso sentir sua bunda flexionada contra as minhas pernas enquanto ele empurra mais profundo e mais forte, intenso e primitivo. Sua boca está molhada e com fome quando ele arrebata meu pescoço, e eu me sinto tão estranhamente poderosa agora, como se ele fizesse qualquer coisa por mim, como se ele fosse um escravo para o meu prazer.

Nosso ritmo acelera, e mesmo que eu esteja preocupada com o vidro, eu não me importo se alguém está assistindo. Tudo que eu me importo é com ele, esse homem com máscara que está bombeando em mim, selvagem em sua luxúria e perdido em seu desejo.

Ele grunhe com outro impulso longo e duro, e eu estou gritando o nome dele.

"Meu nome nunca soou tão bem," ele diz rouco enquanto continua a se afundar em mim, o suor da sobrancelha dele pingando nos meus seios. "Não pare."

"*Você* não para," eu o aviso assim que a mão dele desliza para o meu clitóris e ele coloca seu polegar lá, esfregando com cada impulso. "Oh Deus, especialmente não agora."

Mesmo que eu esteja mais perto de gozar agora do que nunca, e quando eu gozar, tudo estará acabado.

Eu o agarro mais apertado, minhas unhas cavando, e no vislumbre de seus olhos atrás da máscara, vejo algo mudar. Isso me assusta da

maneira mais deliciosa. É como se algo dentro dele estivesse invertido, e agora ele está em outro lugar, onde ele é um animal selvagem e eu sou sua presa. Seu ritmo acelera, seus quadris disparando em êxtase, de novo e de novo, até que eu acho que ou ele vai me quebrar em dois ou estamos atravessando a janela.

Que morte doce isso seria.

E então o orgasmo vem, escorregando lentamente por trás até que eu estou totalmente estupefata. Ele dispara no meu sexo, espalhando-se em uma onda de luxúria até me aniquilar. Eu grito palavras incompletas, segurando-o tão apertado que posso estar machucando-o, mas não me importo. Tudo o que eu posso sentir é ele, e meu corpo responde em espécie, empurrando e tremendo ao redor dele, mal aguentando.

Ele goza com grunhidos ásperos em alguns impulsos finais e poderosos, como se ele estivesse realmente tentando se encaixar em mim, e mesmo que a janela nos segure, ainda parece que estamos caindo.

Caindo, caindo.

Um no outro.

Eu caí em seus braços, nem mesmo capaz de manter minha cabeça erguida, minhas pernas caindo para o lado como se eu fosse uma boneca de pano.

Ele agarra minha cintura e me puxa para fora do vidro, me virando e colocando na cama imaculadamente elaborada, então se deita ao meu lado.

Abro os olhos, tentando me concentrar quando ele tira a máscara.

"Acontece que fui eu o tempo todo," ele diz de brincadeira.

Mas há alguma verdade no que ele diz.

Foi ele o tempo todo.

Todo esse tempo, todos esses anos, eu estive procurando alguém que incendiasse meu mundo e me fizesse sentir realmente viva.

Era ele o tempo todo.

Capítulo Onze

Olivier

"Indo para o visual Fantasma da Opera, não é?"

Olho para Blaise quando passo por ele no corredor. Ele está recebendo os convites dos convidados e estou surpreso que ele não tenha me incomodado, ainda.

"Sabe, o Fantasma não tem o privilégio exclusivo das máscaras brancas," sublinho e depois faço um gesto para o rosto de Blaise, que está coberto por uma máscara de veludo vermelha com lantejoulas douradas nas extremidades. "Parece que roubou essa máscara de uma dançarina do Moulin Rouge."

"Muito engraçado," diz ele. "Você sabe, o Fantasma conhecia uma coisa sobre marcar a si mesmo. Talvez você devesse tomar um pouco dessa inspiração."

"O que é que isso quer dizer?”

"Significa que a marca Olivier Dumont é inexistente," diz ele com um calmo encolher de ombros, um olhar de desdém nos seus olhos enquanto eles me atacam. "Sempre o mesmo, o típico playboy bilionário hoteleiro."

"Melhor do que o cara que dirige uma maldita Ferrari vermelha, com uma máscara de dançarina de cancã."

"Pelo menos eu sou conhecido por alguma coisa," diz ele, e então sua atenção é desviada para um casal mascarado que atravessa a ponte do fosso com seus convites para sair.

Certo. O fosso.

Você vê, o baile é quase sempre realizado em um dos vinhedos que possuímos. Já o fizemos em um dos meus hotéis uma ou duas vezes - na verdade, no Hôtel Rouge Royale onde encontrei Sadie na outra noite - mas meu pai sempre insistiu que é mais especial quando está em algum lugar fora da cidade.

Neste caso, é muito fora da cidade.

Estamos na vinícola Château la Tour Carnet[23], uma das que Renaud opera de longe, que não só está localizada em Bordeaux, mas também em um verdadeiro castelo. É um pequeno castelo, mas um castelo mesmo assim, completo com um fosso, uma ponte levadiça e terrenos cultivados cheios de pavões e cisnes. Os pavões são muito bem tratados, e há até um

23 - 

branco raro. Os cisnes são criaturas malignas que adoram aterrorizar os hóspedes que vagueiam no terraço dos fundos.

No primeiro andar do castelo, há uma sala medieval repleta de armaduras de cavaleiros antigos, armas, livros raros e tapeçarias, além de outras pequenas salas que foram transformadas em cabines e estações de champanhe para a festa. No andar de cima, o grande restaurante.

O salão e a sala de música foram transformados em pista de dança e nas suas principais áreas de festas, enquanto o escritório e os quartos estão fora dos limites. Há ainda a cozinha, onde inúmeros chefes e empregados do restaurante criam banquetes e bebidas, e uma longa escadaria em espiral até ao topo, onde os hóspedes adoram inclinar-se pelas janelas e ouvir a banda reunida no terraço embaixo.

É extravagante, com cada centímetro do castelo transformado para celebrar a próxima semana da moda e o lançamento de outono - mas, é claro, tudo é chique e luxuoso no mundo da moda. As pessoas vieram de todas as partes do mundo - Nova Iorque, Londres e Dubai - todas lutando para conseguir um convite para este evento muito famoso e exclusivo.

Mas há um convidado que não teve de tentar nada.

Sadie Reynolds.

Ela ainda não chegou, mas eu estive a procura dela como um falcão - uma das razões pelas quais estou ao lado de Blaise. Ele não parece suspeitar que eu esteja sem um encontro, mas ele não gosta muito de me ter por perto também.

"Olivier, posso falar com você?" Meu pai pergunta, aparecendo ao meu lado.

Ele parece bem: terno preto, máscara preta. Muito simples e tradicional.

"Claro," eu lhe digo.

Ele começa a afastar-me e diz a Blaise por cima do ombro. "Esta noite seja mais vigilante, Blaise. Havia rumores de convites que estavam sendo vendidos no mercado negro."

"Isso é verdade?" Pergunto ao meu pai quando saímos pela sala das armaduras e portas dos fundos para o terraço. A banda está tocando, e algumas pessoas já estão dançando. São sete da noite, mas o sol ainda está lá fora, e está quente, embora mais fresco aqui fora do que lá dentro. Sendo meu pai, ele nunca pensou em adicionar ar-condicionado para o evento. Ele pensaria que fazer tal coisa a um castelo seria um sacrilégio.

"O que é verdade?"

"Esses convites estarem sendo vendidos no mercado negro." O pensamento disso faz meu estômago afundar. Sei que eu mesmo adicionei Sadie à lista, depois de tê-la enviado para o quarto do Hôtel Rouge Royale, e que teria vindo diretamente da assistente de Seraphine. Mas mesmo assim, não quero que Blaise a interrogue. Não quero que ninguém a interrogue.

"Oh, não, eu inventei isso," diz ele. "Dar algo para Blaise fazer, faz com que ele se sinta importante."

Devia sentir-me mais aliviado do que sinto. Eu acho que a ideia de Sadie aparecer aqui está me bagunçando mais do que eu pensava. Eu só quero que ela esteja aqui comigo, para ver minha família - mesmo que de longe - conhecer essa parte da minha vida. Mesmo que seja uma parte que eu nem sempre goste.

Pelo menos, eu costumava gostar mais. Mas desde que a conheci, toda a minha vida acelerada, com o brilho e o glamour, já não tem o mesmo significado, já não tem o mesmo sabor, já não tem o mesmo valor. Agora que ela está na minha vida, o verdadeiro valor está nela.

E ela vai deixar você em uma semana, eu me lembro. *De volta à sua vida real, e você terá que voltar à sua.*

Eu tenho tentado não me deter nisso, e certamente ajudou-me ter estado tão ocupado com o trabalho e com esta festa. Mas agora que a noite chegou, a verdade está começando a me atingir.

O relógio está correndo.

"Você está bem?" Meu pai me pergunta enquanto paramos ao lado do salgueiro, fora do alcance das vozes da festa. Estivemos atravessando o gramado dos fundos, que estava cuidadosamente limpo para que não tenha nenhum cocô de ganso nele, mas isso não me impede de verificar cada pedaço de grama a nossa frente.

"Sim, estou bem," eu digo a ele.

Ele olha para mim por baixo da máscara. "Eu não tenho certeza disso," ele diz. "Eu te conheço, meu filho. Eu sei quando há algo em sua

mente, e sua mente esteve em outro lugar na semana passada, não tenho certeza se foi em algum lugar bom."

Eu tento sorrir. "Estou bem. Realmente."

"Eu não gosto quando você guarda segredos de mim."

Eu levanto minhas mãos na inocência. "Não há segredos."

"As mulheres escondem segredos terríveis," ele diz em voz baixa, e por um momento terrível eu temo que ele saiba. Eu temo que ele possa estar falando sobre Marine. Sobre a minha traição e o fracasso de todos aqueles anos atrás.

Mas então eu acho que ele pode estar falando sobre Sadie, o que também não é bom.

"Olha, Olivier," diz ele depois que eu não disse nada. Eu praticamente me incriminei. “Tudo o que eu sempre quis para você é que fosse feliz. Na verdade, isso não é verdade. Eu queria que você assumisse minha posição. Mas talvez você não esteja disposto a fazer meu trabalho.”

Eu engulo em seco, desejando que eu pudesse apenas confessar. Desejando poder contar-lhe a verdade sobre seu próprio irmão, desejando poder alertá-lo.

Mas meu pai sempre viu o melhor nas pessoas, e isso inclui a família e isso inclui as pessoas erradas. Ele viu o melhor de mim quando não faz ideia do que fiz. Quando eu não mereço isso. E ele vê o melhor em seu irmão, meu tio, que não tem nada de bom nele.

Eu ainda não posso dizer isso a ele. Eu não posso abalar sua crença em mim assim, especialmente depois de tanto tempo. Pode até ser que meu pai tenha uma boa ideia de quanto Gautier pode ser podre, e mesmo assim ele teimosamente o ama.

Ele é bom assim. Um homem tão melhor do que eu jamais serei.

"Eu acho que Seraphine seria muito melhor no seu trabalho," digo-lhe a mesma coisa que sempre digo.

"Você sempre diz isso," ele aponta. “E Seraphine sempre diz isso também. Mas... e isso pode ser o velho tradicionalista em mim, mas... você é meu filho, Olivier. E desde tão jovem, você sempre foi o único interessado em assumir a marca. Continuando o nome. Você estava sempre aprendendo comigo, você passava todos os seus dias no meu escritório. Lembra disso? Você queria ser eu. Era comovente, de verdade. E isso era certo. Você foi feito para este trabalho, sempre foi e você sabia disso. E então um dia, um dia você apenas... *poof*, foi embora por alguns meses, viajou pelo mundo e mudou de ideia.”

"As pessoas sempre mudam quando viajam," eu digo baixinho, observando a brisa chicotear os ramos de salgueiro ao redor.

"Não," diz ele, balançando a cabeça, as mãos atrás das costas enquanto ele anda ao meu redor. “Não, não foi esse o caso com você. Você foi viajar porque estava fugindo de alguma coisa. Isso eu sei. Quando você voltou, do que quer que você tenha fugido, ainda estava lá. Ainda está aqui, Olivier.” Ele pressiona o dedo no meu peito. “Eu posso ver em seus olhos. Está sempre lá, esse fantasma, essa culpa. Esse medo. Você vive

com medo, nunca se aproximando de ninguém, exceto da sua própria família. Por quê?"

Eu tenho dificuldade em respirar, querendo desviar o olhar. Mesmo através das fendas estreitas da máscara, posso ver os olhos sinceros e amorosos do meu pai, e Deus, eu só quero ser um bom filho para ele. Eu sei o quanto ele quer que eu assuma, e ele nunca saberá porque eu não posso.

Eu odeio ter que viver com o fato de que estou decepcionando-o.

Isso é o que está em meus olhos, junto com a culpa e o medo.

Por causa dos meus erros, nunca serei verdadeiramente o homem que ele precisa que eu seja.

Eu sou um fracasso.

"Ei," ele disse-me, colocando a mão dele no meu ombro e apertando-a com firmeza. "Eu sou seu pai, e eu te amo. Eu sempre te aceitarei e sempre te perdoarei, não importa o que tenha feito, não importa o que faça. Sua mãe sempre dizia que você era a criança com maior potencial, não apenas pela grandeza no sucesso, mas pela grandeza do coração. Vocês têm um bom coração. Eu gostaria que um dia você parasse de fingir que não tem. Eu desejo que você se aproprie de seu coração de ouro e o use com orgulho. Faça o bem, seja bom, tenha orgulho de quem você é. Eu tenho. Eu me orgulho tanto de você."

Porra. Agora esse nó na garganta está ficando maior. Não tenho palavras, exceto "Obrigado". As palavras saem distorcidas e silenciosas,

mas só posso esperar que ele saiba o quanto isso significa para mim. Ele tem fé em alguém que ele não deveria, mas é a fé dele mesmo assim. E vou segurá-lo o máximo que puder, o quanto puder, mesmo que não mereça.

Ele se inclina e me abraça em um abraço apertado, me dando tapinhas nas costas.

"Quem quer que ela seja, ela é uma mulher de sorte," ele diz para mim.

Eu me afasto e rio. "Ela? Eu te disse... não há ninguém."

Ele sorri para mim. "Oh, Olivier." Então ele se vira e volta para a festa, comigo o seguindo.

Claro, agora estou mais paranoico de que algo possa dar errado esta noite. Se meu pai deduziu que me apaixonei por alguém, e quanto a todos? Eu sei que meu pai e até mesmo Seraphine não se importariam tanto assim - eles apenas ficariam felizes por mim - mas são os outros com os quais eu tenho que me preocupar. E eu sei que quando meu tio faz uma ameaça, é uma ameaça que dura por toda a vida. Nunca se esquece de uma luta. Nunca é apagado.

Nós voltamos para a festa que lentamente começa a se encher de mais e mais convidados. Os trajes desta vez parecem ainda mais elaborados. O código de vestimenta da festa é apenas usar uma máscara, mas como isso acontece em um castelo, muitas pessoas passaram a usar o Renascimento, a Idade Média e todos os outros períodos antigos, como

inspiração. Já vi algumas senhoras que poderiam passar por Marie Antoinette.

Não é até que outra hora passa e eu estou começando a me preocupar que eu vejo Sadie vindo pela ponte. Estou olhando pela janela do andar de cima, o sol já se pôs e lá está ela, iluminada como um anjo.

Eu não disse a ela o que vestir. Eu só lhe dei a máscara, mas ela brincou com as penas usando um simples vestido branco de verão e um par de sandálias rasteiras, o cabelo dela espalhado pelos ombros em ondas cintilantes.

Prendo a respiração quando ela se aproxima de Blaise e lhe entrega o convite. Ele o examina como tem feito com todos os outros, observando-a e depois o segurando contra a luz. Em seguida, ele a deixa passar, sem dar-lhe um segundo olhar.

Pelo menos isso correu bem. Porque ela teve que tomar o trem de Paris, que, felizmente, é de apenas duas horas, e depois entrar no carro contratado de Bordeaux até a propriedade, há muita coisa que poderia ter dado errado. Mandei-lhe uma ou duas mensagens de texto, mas não tenho a certeza se ela recebeu ou não. O serviço do celular dela tem sido bastante fraco - talvez porque o seu celular seja uma relíquia.

Por uma fração de segundo, digo a mim mesmo que devo comprar um novo para ela, mas depois percebo como isso é bobo. Não é como se ela ficasse aqui para sempre.

Tento colocar o meu coração pesado de lado e atravessar a multidão de pessoas. Pego uma taça de champanhe de uma das bandejas do garçom e desço as escadas, esperando alcançá-la sem que ninguém perceba.

Eu a vejo no canto da sala de armaduras, olhando para a boca enjaulada de um dos capacetes. Meus olhos fazem uma rápida varredura, e eu me pergunto se há alguém que iria tomar conhecimento de mim. Blaise ainda está lá fora, embora ele provavelmente venha em breve, já que a maioria dos convidados está aqui. Eu ainda não vi Pascal - eu não o vi a semana toda, na verdade - mas isso não significa que ele não irá aparecer. Eu vi meu pai falando com Seraphine lá em cima, e eu vi Gautier, mas ele fingiu não me ver e vice-versa.

Aproveito minhas chances.

Aproximo-me dela, segurando a taça de champanhe. "Madame," eu digo, e os olhos dela se alargam debaixo da máscara. "Permita-me dar-lhe as boas vindas ao baile de máscaras. Champanhe?"

"É do rótulo Dumont?" Ela diz duramente, empinando o nariz. "Porque essa é a única marca que eu bebo. A única marca que eu visto."

"Oh, é isso mesmo," eu digo, aproveitando nossa atuação. Inclino-me atrás dela, puxando a parte de trás do vestido para longe da pele, olhando para a etiqueta. "É por isso que isso é da H&M?"

"Mmm," diz ela, afastando-se, com os olhos atordoados, captando minha perplexidade. "Eu não gosto de ostentar minha fortuna."

Estou ficando duro só de olhar para ela. "Você sabe, você faz esse papel tão bem," eu murmuro, dando um passo em direção a ela até que ela esteja contra a parede.

“Cuidado," diz ela, colocando o copo entre nós. "A gente não se conhece. Jamais nos vimos antes."

"Isso é verdade. Você chegou bem aqui?"

Ela limpa a garganta, parecendo envergonhada. "Eu posso ter perdido o primeiro trem, mas sim."

"Elegantemente atrasada. Felizmente, a multidão aqui sente o mesmo."

Ela sorri para mim, e seus olhos passam por cima do meu ombro até a porta da frente, onde Pascal entra. Meu coração palpita como um tambor. Estamos o mais longe possível nas sombras, e ele nem sequer olha para esse lado, apenas para as portas secundárias, onde duas garotas risonhas em montes de tule e renda saem segurando suas saias.

Eu o observo com cuidado, prendendo minha respiração. Pascal perde o interesse nas garotas, embora elas certamente saibam muito bem quem ele é. Sua máscara pode disfarçar seus olhos - até mesmo seu nariz, nesse caso, já que sua máscara é elaboradamente veneziana - mas elas reconhecem seu queixo. Ele dá a elas apenas um sorriso presunçoso e sobe as escadas com elas atrás, como patos apanhando migalhas de pão.

Eu expiro devagar e olho para Sadie. Ela também está observando Pascal e tem o olhar confuso em seu rosto.

"O quê?" Eu pergunto a ela.

"Quem era aquele?" Ela pergunta.

Eu gemo. Por que todo mundo quer conhecer Pascal? "Era meu primo. Pascal Dumont."

"Oh," ela diz, e eu posso dizer que ela franziu os olhos debaixo da máscara. "Eu pensei que talvez eu o conhecesse de algum lugar."

"Bem, você disse que estava procurando minha família online. Ele é definitivamente um dos assim chamados meninos maus que a imprensa gosta de abordar."

Ela me dá um olhar perspicaz. "Os meninos maus? Não é contra ele que seu pai e sua irmã estão sempre lutando?"

"Sim," digo com relutância. "Ele e meu tio. E o homem que examinou o seu bilhete, aquele era o meu primo Blaise."

"O lado mau da família," ela medita suavemente.

Normalmente eu a corrigiria, mas eu estive falando merda sobre eles o tempo todo. E para ser honesto, é um pouco arriscado ela não saber toda a verdade.

Quero dizer a ela.

Eu só não sei se eu deveria fazer isso aqui e agora.

Mas eu já estou conversando com ela há muito tempo.

"Você pode me fazer uma promessa hoje à noite?" Eu pergunto a ela, procurando seus olhos.

Ela acena e olha para mim de tal forma que eu sei que ela vai manter qualquer promessa para mim.

"Você pode ficar longe deles? Eles não são boas pessoas, e eu não confio neles perto de você."

"Mas eles não sabem quem eu sou," ela diz. "Certo?" As palavras dela saem duras e amedrontadas.

"Não sabem," asseguro-lhe. "Eu só quero que continue assim. Já estou muito tempo falando com você e preciso voltar para o meu pai e os convidados. Apenas me prometa que você vai ficar longe, e se por alguma razão eles falarem com você, não diga nada a eles, e se você tiver que lhes dizer algo, então minta. Ok? Que seja uma mentira."

"O que está acontecendo, Olivier?" A voz dela está calma, quase trêmula.

"Eu explico depois. Essa é a minha promessa para você. D'accord?"

Ela acena com a cabeça. "*D'accord,*" ela sussurra.

É preciso tudo em mim para não beijá-la na bochecha. "Aprecie a festa, *mon lapin*. Eu vou falar com você em breve."

Aí eu me viro. E a deixo.

O anjo na sala de armaduras.

Quem me dera poder envolvê-la em tudo isso.

Capítulo Doze

Sadie

Nunca fui a um baile de máscaras antes.

Ou a qualquer baile, na verdade.

Fui ao baile de boas-vindas e ao baile de formatura, mas isso não conta.

Esse é o tipo de baile que você lê em romances históricos e assiste em filmes sexy. Eles sempre parecem tão opulentos, legais e divertidos.

E, bem, são certamente os dois primeiros.

Ou seja, é opulento, está sendo realizado em um autêntico castelo.

E ver todos esses trajes e todos se misturando com suas máscaras e os garçons aparecendo com bebidas e coisas saborosas e estranhas em bandejas prateadas são definitivamente legais.

Mas divertido? Bem. Nem tanto assim.

Provavelmente tem muito a ver com o fato de que não conheço ninguém aqui, exceto Olivier, e ele tem que fingir que não me conhece.

Quando eu concordei em vir ao baile, eu sabia que isso faria parte do acordo. Que eu teria que fingir não conhecê-lo, que permaneceria uma pessoa desconhecida. Pensei que não me importaria.

Mas eu me importo. É uma merda. Não posso deixar de observar cada movimento dele, meus olhos são atraídos por seus movimentos, como uma mariposa à luz. Vejo como ele fala com cada convidado, sempre encantador, sempre sorridente, como se a pessoa com quem ele está conversando dissesse algo hilariante, e tenho certeza de que não é verdade.

Esse homem é meu. É tudo o que consigo pensar. Ele é meu e de ninguém mais, e ainda assim eu sou mantida nas sombras, uma garota atrás de uma máscara, desejando que ela possa removê-la, desejando que ela possa remover a dele. Desejando que pudéssemos ficar juntos. Sem segredos, sem vergonha.

Mas ele tem segredos, se não vergonha.

E todos eles estão relacionados com seus primos e tio.

Eu sei que é o motivo.

Eu sei que é por isso que ele não quer ser visto comigo.

Eu vi o pai dele, ele aproximou-se de mim e me cumprimentou. Foi breve, mas muito gentil. Vi sua irmã também, ela é absolutamente a mulher mais linda que eu já vi, eu estava quase babando em mim mesma. Ambos parecem as boas pessoas que ele me disse que eram.

Eles exalavam bondade.

E depois há Blaise, Pascal e Gautier.

Gautier tem que ser o pior deles.

Ele é mais novo que o irmão e ainda assim parece mais velho. Felizmente, eu não fiz contato visual com ele, mesmo quando o senti olhando para mim por um longo momento. Mas a partir dos vislumbres que vi de seus olhos quando olhei ao redor da sala ou conversando com outras pessoas, eles parecem brilhar com malícia, não estou exagerando. Há uma frieza nele, uma confiança que não vem de saber quem você é, mas sim de saber que você faria o possível e impossível para chegar ao topo. Ele é uma cobra com duas pernas, e mesmo se Olivier não tivesse me avisado para ficar longe dele, eu teria feito isso naturalmente.

E aqui está outra razão pela qual os bailes de máscaras não são tudo o que eles estão dispostos a ser.

São arrepiantes para caralho!

Vou descer as escadas para ir até o terraço dos fundos e pegar um pouco de ar fresco, já que ainda está muito quente lá dentro, quando eu literalmente encontro um homem com uma máscara que tem três conjuntos de olhos.

Ele ri de forma maníaca em nosso encontro, estende a mão para beliscar meu traseiro, e então sobe as escadas. Eu nem tenho tempo para gritar com ele ou reagir, e, pelo que eu sei, ele poderia ir e trocar para outra máscara, e eu nunca saberei quem ele é.

Sim. Ter pessoas olhando para você sem sequer saber é uma coisa, assédio sexual evidente é outra.

"*Ugh*," eu digo a mim mesma, alisando a parte de trás do meu vestido e me sentindo suja. Eu vou dizer ao Olivier quando tiver um instante para falar com ele, porque eu não suporto essa merda, e não me importo se vai ser um problema. Essa é provavelmente a vibração que estou captando nessa festa. Como uma versão de Marie Antoinette do The Purge[24], onde todos são livres para flertar e rir, agarrar, olhar e se embebedar estupidamente, tudo enquanto permanecem modestos e supostamente anônimos.

Lá fora está um pouco mais fresco, e enquanto a banda está tocando e as pessoas estão dançando no terraço e no gramado, há um cisne que parece se interessar por mim, e não de um modo bom. Com a minha máscara de penas e vestido branco, posso parecer com um dos seus parentes.

Começo a voltar para dentro, mas antes de chegar às portas, vejo Ludovic, Gautier e Pascal saindo de uma sala que o Ludovic tranca atrás deles. Eu me afasto e espero, Gautier e Ludovic passam pela sala de armaduras em direção às escadas, mas Pascal se vira para as portas.

Para o terraço.

---

*[24] - **The Purge** é um filme de terror dos EUA de 2013, onde no período anual de 12 horas no qual todo e qualquer crime é permitido, com pouquíssimas restrições, a ideia é que isto é uma forma de os humanos liberarem seus instintos assassinos e transgressores, que só os ricos conseguem ficar protegidos durante o período, enquanto que os pobres ficam entregues à própria sorte.*

Para mim.

Eu respiro internamente e depois me viro rapidamente para que ele não me veja.

O que, infelizmente, me deixa quase cara a cara com aquele cisne.

Ele abre a boca e assobia.

Eu abro a boca e assobio de volta.

Por um momento o cisne parece atordoado, e acho que talvez tenha funcionado. Se ele pensa que eu sou um cisne, talvez ele pense que eu tenha dito: *"Vai se foder,"* na língua dos cisnes.

Então ele vira na minha direção e assobia levemente.

"Não se preocupe - seu som é pior que a sua mordida," uma voz suave diz por trás de mim, e de repente Pascal vem e fica bem entre mim e o cisne, de costas para mim. Ele murmura algo para o cisne em francês e faz um movimento para afastá-lo. Isso faz com que o cisne gire ao redor, batendo as asas e indo embora.

Estou olhando para as costas de Pascal que já é familiar para mim.

Eu conheço você? Eu quero dizer.

Mas não falo nada.

E Pascal vira-se para mim e sorri. "Mas, é claro, sua mordida é muito ruim."

Eu pestanejo para ele, tentando lembrar do que dizer e fazer.

"Você fala inglês, não fala?" Ele me pergunta.

Eu aceno devagar. "Eu falo. Como você sabia disso?"

"Eu ouvi você falando com alguns dos convidados. Seu sotaque se destaca, como uma sirene entre um mar de tubarões."

Analogia estranha. E ainda me lembra tanto de Olivier.

"Você deve ser Pascal Dumont," eu digo a ele, endireitando meus ombros e levantando minha cabeça, me forçando a ser outra pessoa.

Ele inclina a cabeça e passa a mão lentamente sobre o queixo.

Esse queixo.

Se eu me deixasse pensar demais sobre isso, eu poderia jurar que era Pascal me seguindo nas ruas no outro dia. Mas eu não quero me preocupar com isso porque então eu vou entrar em pânico.

"Você sabe quem eu sou," ele pergunta e mesmo debaixo da máscara eu posso sentir a fria intensidade em seus olhos, como se eu fosse muito mais importante para ele do que ele deixa transparecer, mas apenas do jeito como um rato é importante para um gato.

"Claro que sim. Eu não estaria aqui se não soubesse."

Seus olhos se estreitam sob a máscara, um pouco. Eu não posso dizer de que cor eles são - está muito escuro - e o efeito é um pouco

angustiante. "Mas se você sabe quem eu sou, eu não posso dizer que sei quem você é."

"Sadie Reynolds," eu digo a ele, fazendo uma falsa reverência. Eu sei melhor do que inventar um nome para mim - por fora no convite, diz Sadie no envelope. Se ele ou alguém quiser me procurar online, eles não vão encontrar muito de mim.

"E o que te traz à minha festa, Sadie Reynolds de Seattle?"

Eu congelo. O que ele acabou de dizer?

Eu tento sorrir, agir alegremente. "Como você sabia que eu sou de Seattle?"

"Eu percebi. Sou muito bom com sotaques. Tem a ver com o negócio," diz ele. "Sabe, temos uma conta na Nordstrom. Foi à primeira loja americana a vender as bolsas Dumont."

"Eu não sabia disso."

Ok. Eu quero terminar esta conversa agora. Olho em volta, tentando ver se talvez haja um garçom com uma bebida que eu possa conseguir ou alguém que eu conheça. Eu até me contento com o cara de três olhos.

"Planejando sua fuga?" Pascal diz, a voz dele estranhamente suave. Ele dá um passo na minha direção. O canto da boca dele se transforma em um sorriso torto. "Eu estou te deixando nervosa?"

Eu rio. Nervosamente. "Nervosa? Não. Eu estava procurando algo para beber. Está tão quente aqui fora."

"É," ele diz com um suspiro, balançando ligeiramente os pés para trás. "Embora eu tenha esse efeito nas mulheres."

"Deixá-las nervosas?" Eu olho para ele rapidamente antes de procurar por algo, qualquer coisa.

"Fazer com que fiquem quentes."

Agora estou me virando para enfrentá-lo, com as sobrancelhas levantadas. "Só um homem pequeno ficaria com o crédito do clima."

Eu sei que estou brincando com fogo aqui, e depois de tudo o que Olivier me disse, tudo o que ele me fez prometer, eu sei que preciso entrar, sair daqui. A última coisa que eu deveria estar fazendo é disparar insultos contra Pascal.

Mas Pascal parece gostar. Ele está rindo. Uma risada genuína, mesmo.

"Eu gosto de você, Sadie," ele diz. "Eu realmente gosto. Aqui eu estava pensando que talvez você fosse alguma estúpida turista americana que decidiu entrar na festa sem ser convidada, mas agora eu não tenho tanta certeza disso."

As palavras dele me enchem de medo novamente. "Eu não sou estúpida, não estou invadindo sua festa. Eu fui convidada."

"Por quem?"

Eu tinha me preparado para isso. "Por Seraphine. Sua prima".

"Hmm, e como você conhece Seraphine?"

"Aulas de dança." Estou arriscando com essa mentira. Não tanto que se possa perguntar a Seraphine quem eu sou, porque ela aparentemente tem uma memória ruim e conhece muitas pessoas e diria que me conhece de qualquer maneira. Mas que eu não sou uma bailarina. Quero dizer, eu sonhava em ser quando eu era jovem, e tive aulas antes do meu pai partir, mas se Pascal está prestes a me pedir para fazer algum tipo de movimento de dança, eu vou falhar miseravelmente e provavelmente ser expulsa da festa.

Os olhos dele batem em mim, para cima e para baixo, pausando em minhas pernas, minha virilha, meu peito, e então meus lábios. "Eu diria que você esta mais para uma ginasta. Tenho certeza que você é muito, muito... *flexível*."

Santa merda. Isso foi uma insinuação definitivamente, como se soubesse de algo.

Então eu estou olhando para sua boca, a maneira como ele está lambendo seus lábios. O brilho de um bigode, a barbicha ao longo do queixo. Esse queixo muito familiar.

E mais uma vez uma lembrança entra na minha cabeça em uma névoa vermelha e quente.

O sexo com Olivier.

Um rosto na janela, olhos nas sombras.

O mesmo rosto que estou olhando agora.

Eu não posso nem mesmo esconder o medo, e não há dúvida de que ele pode ver isso.

Mas eu tenho que fingir. Pelo bem de Olivier, eu tenho que fingir.

E então eu preciso sair daqui.

Não importa o quê, eu tenho que fazer Pascal acreditar na minha mentira.

"Um pouco flexível demais para pessoas como você," eu digo a ele, estendendo a mão e batendo em seu peito. "Desculpe, amigo, eu sei que você tem muitas garotas por causa da sua pequena campanha de perfumes, mas eu não estou interessada."

Isso funciona. Sua boca fica azeda, em um beicinho. "Eu não estou dando em cima de você," diz ele.

Eu encolho os ombros e aceno minha mão para ele. "Tanto faz."

Então eu me afasto.

Eu até faço um pequeno gesto de dança, balançando meus quadris, como se eu estivesse orgulhosa de tê-lo recusado, e só posso esperar que fosse o suficiente para ele comprar, o suficiente para ele esquecer seu objetivo. Espero que seu orgulho ferido e ego machucado, algo que ele nunca colocou em risco, seja uma distração suficiente para que ele esqueça tudo o mais que ele pensa que sabe sobre mim.

Entro pelas portas, e regresso à sala das armaduras, em direção às escadas.

Começo a subir.

E o cabelo dos meus braços começa a se arrepiar.

Eu olho por cima do meu ombro para ver Pascal me seguindo, a boca dele em uma amargura sinistra. Ele não parece mais tão descontraído. O gato não gostou de perder o rato.

Chego ao topo das escadas e olho o mais sutilmente que posso, tentando não parecer que estou procurando por Olivier.

Mas eu estou.

E eu o vejo, parado nas portas da sala de música, conversando com seu pai e outro homem, tenho certeza que é o Tom Ford. Não conheço os estilistas, mas este homem é tão reconhecível quanto o papa e tão bonito que deveria ser ilegal.

Mesmo que os três estejam conversando, há uma pequena multidão ao seu redor, dando-lhes espaço, mas também olhando para eles com adoração. E por que não? Este é o mundo da moda, e estes homens são alguns dos deuses. Não é de admirar que todos estejam agarrados a cada palavra e acenando como se também fizessem parte da conversa.

Eu faço uma pausa, olhando para eles, esperando que eu seja ignorada da mesma forma que todos os outros.

E ainda assim eu sinto Pascal parar bem atrás do meu ombro.

Ele não diz nada, mas está ali, na minha pele parece que eu recebi um choque elétrico e não posso me mover.

Devia ir embora, devia ir a algum lugar. Mas eu me sinto impotente diante do medo. Como se eu estivesse esperando que ele fizesse alguma coisa.

E ele também está esperando. Talvez para eu fazer algo.

Então algo acontece.

Algo do outro lado da sala.

Há um grito, e por um momento eu acho que talvez alguém tenha tido uma surpresa ou deixado cair alguma coisa.

Mas quando meus olhos vagueiam, eu vejo Ludovic agarrando seu peito, com o rosto vermelho e tenso enquanto ele arranca sua máscara. Outro homem está se inclinando em preocupação, e então as pernas de Ludovic estão dobrando e Olivier está bem atrás dele, tentando segurá-lo.

Olivier começa a gritar algo em francês, e as pessoas estão tirando seus telefones, e, oh meu Deus, acho que seu pai está tendo um ataque cardíaco.

Outro homem está atrás de Ludovic, ajudando Olivier, mas depois ele escorrega para o chão, sem reagir. A multidão está se reunindo, e eu não consigo ver nada, mas ouço Olivier gritando por seu pai.

Eu tenho que estar lá para ele.

Corro para Olivier, olhando para trás e ver Pascal, pensando que ele deve estar me seguindo, indo ajudar seu tio.

Mas Pascal fica para trás.

Parado ali, completamente imóvel.

Sua boca e rosto estão ilegíveis.

Seus olhos estão escuros.

Tudo o que sei é que eles estão seguindo todos os meus movimentos.

Eu chego à multidão, tentando entrar, chegar a Olivier, mas há muita gente, e eles estão em pânico. Blaise está na frente deles, mandando todos se afastarem, gritando em francês. Eu gostaria de poder entender o que diabos está acontecendo, mas eu sei que não é bom.

Não é nada bom.

Eu nem consigo respirar.

Isso não pode estar acontecendo. O pai dele estava indo bem antes, pelo menos ele parecia que estava.

Agora Gautier está em cena, ladrando para as pessoas e apontando. Seraphine vem correndo pela multidão, chorando. É uma bagunça, e eu faço o meu melhor para ficar fora do caminho e deixar as pessoas ajudarem. Alguém na multidão parece ser um médico e está fazendo RCP. Nada parece bom, não soa bem.

Então as sirenes enchem o ar, e um caminhão de bombeiros aparece, seguido logo pelos paramédicos, que levam Ludovic numa maca. Depois a polícia, que manda todos embora.

Eu também tenho que ir. Todos nós temos. Eu quero ficar com Olivier, mas ele nem sequer me procura. Ele não precisa. Seu pai é a única coisa que ele está pensando agora, e quando Olivier arranca sua máscara e a joga no chão, seus olhos estão molhados e vermelhos de lágrimas, e eu sei que seu pai provavelmente está morto.

Eu quebro por ele. Eu quero estar lá para ele. Eu quero carregar sua dor e seus fardos e ser seu ombro para chorar.

Mas ele tem sua irmã, que está soluçando em seu ombro, linda mesmo quando ela está chorando. E eles seguem os paramédicos para fora, como o resto de nós, reunidos na frente do castelo nesta noite quente de verão, o ar cheio de cigarras e os cheiros doces dos vinhedos.

Nem sei para onde ir. Todos aqui parecem conhecer-se, e estão todos hospedados em hotéis e vinícolas próximas ou em pousadas. Tudo o que sei é que eu deveria ficar com o Olivier quando tudo isso acabasse, em um dos muitos quartos do castelo.

Mas isso não vai acontecer.

Pela primeira vez em muito tempo, me sinto absolutamente perdida e desamparada, e sei que meus sentimentos importam tão pouco agora.

Mas isso também dói. Sabendo que eles importam tão pouco.

Que eu importe tão pouco no momento.

Estou sozinha, uma desconhecida, uma garota escondida, prestes a ser abandonada no campo. Não conheço a língua, e não tenho muito dinheiro em meu nome, tenho dependido de Olivier para tudo até agora, e tenho sido mantida em segredo.

E agora o pai dele morreu.

Agora o mundo dele mudou completamente.

Eu não tenho ideia de onde ele vai me colocar.

Eu suspiro e tento recuperar alguma resiliência. Eu tenho minha bolsa de viagem com passagens de trem e um cartão de crédito, e tenho meu telefone. Não vou incomodar Olivier, e por enquanto posso pelo menos pensar em alguma coisa.

Estou pesquisando no Google o táxi local, já que o carro que me levou até aqui da estação de trem de Bordeaux certamente não será arranjado para mim agora, quando eu sinto uma presença ao meu lado.

Olho para cima para ver Pascal, tirar a máscara, e fumar um cigarro. O fato de eu estar tão descaradamente olhando para seu rosto é momentaneamente chocante, como se eu estivesse vendo algo que eu não deveria ver.

Mas assim como ele estava com a máscara, sua expressão também é ilegível.

"Eu sinto muito por seu tio," eu digo suavemente, tentando encontrar palavras. Eu posso pensar que Pascal ser um cretino, mas eu não sou insensível. "Ele era... isso foi horrível."

Pascal acena devagar. "Foi."

"Será que ele vai ficar bem?"

Pascal olha em volta, o luar refletindo em seus olhos escuros. Então ele dá de ombros. *"Je ne sais pas*[25]*."* Então olha para mim. "Onde você vai?"

Não posso dizer-lhe a verdade. "Eu ia encontrar um jeito de voltar à cidade. Para Bordeaux. Hospedar-me num hotel."

"Você não tem carona," diz ele.

Eu aceno meu telefone para ele. "Meu telefone não está achando o motorista que me trouxe mais cedo."

Ele se enfurece. "Você pode pegar uma carona comigo."

"Não," eu digo rapidamente. "Por favor. Está tudo bem."

Eu prefiro andar.

Ele me dá um sorriso tosco. "Eu quis dizer uma carona de minha parte. Eu vou chamar um dos meus motoristas, vou ficar aqui esta noite." Ele pausa. "A menos que você queira ficar aqui também? Não se

[25] - *Não sei.*

preocupe... Eu não estou dando em cima de você. Você saberia disso se eu estivesse."

Eu juro por Deus, às vezes ele soa tão parecido com Olivier que chega a ser estranho. E ainda assim os dois não podiam ser mais diferentes.

Eu me lembro do tio dele, e eu resisto ao desejo de dizer algo engraçado. "Eu realmente apreciaria se você pudesse ligar para o seu motorista por mim."

Ele acena e sopra fumaça para longe do meu rosto, e enquanto ele se vira, e encara as luzes do castelo, eu vejo os olhos dele. Eles não são escuros, mas um azul mais pálido e ardente. Ele manda uma mensagem no telefone e o coloca de volta no bolso. "Ele está no final da entrada da garagem. Estará aqui em um minuto. É uma Mercedes preta."

Então Pascal vira e lentamente e volta para o castelo, e é essa visão de suas costas de novo, a maneira como ele se move, que me faz pensar que foi realmente ele que eu vi na rua no outro dia.

Ele estava me seguindo.

Por quê?

Como é que ele sabia de mim ou quem eu era?

Por que é da conta dele com quem Olivier está?

Não posso deixá-lo saber que eu sei, mas também não posso ser complacente.

"Espere," eu grito atrás dele. "Como eu sei que esse motorista não vai me matar e despejar meu corpo na beira da estrada?"

Mas no momento em que digo isso, percebo que não é exatamente a melhor coisa a dizer depois que todos nós vimos alguém morrendo.

Ele nem sequer olha para mim, apenas acena com a mão, o cigarro fazendo trilhas leves. "Há um grupo de pessoas indo para Bordeaux. Tenho certeza de que algumas delas não se importariam de pegar uma carona com você."

Então ele sai, volta pela ponte levadiça e entra no castelo.

Pela primeira vez durante toda a noite, o ar perde o calor e a brisa fica fria.

E eu percebo que ainda estou com a máscara no rosto.

Tiro-a, contente pelo pouco anonimato que tinha, e depois dirijo-me ao grupo de convidados desorientados e deslocados, encontrando alguém para vir comigo na viagem de volta a Bordeaux.

Capítulo Treze

Olivier

Luto.

Não sou estranho ao luto.

Quando minha mãe morreu no acidente de carro, a dor se instalou na minha vida e se tornou uma companheira constante. Era uma espécie de amiga, o tipo de amiga que você sabia que só tinha boas intenções, mesmo que esmagasse tudo ao seu redor. Não havia como escapar da dor, era natural, era algo que tinha que ser sentido. Minha mãe era uma pessoa gentil, maravilhosa, carinhosa, e merecia a dor que todos nós sentimos, porque era o quanto a sua perda nos magoava.

A tristeza nunca partiu, apenas ficou mais fácil de administrar. Minha irmã, meu irmão, meu pai - todos nós dependíamos um do outro para passar por isso. Nós éramos as muletas que permitiam um ao outro continuar. Sem a nossa família, nenhum de nós podia pôr um pé à frente do outro.

Mas agora... agora o meu pai está morto.

Ele se foi.

Sou só eu e Seraphine agora, e Renaud, a quem tenho de ligar dentro de algumas horas e contar a notícia horrível. Somos só nós, e sem o nosso pai, como podemos continuar? Somos seus filhos, agora órfãos. Estamos sozinhos, abandonados, desamparados, quebrados de dentro para fora.

Eu nem consigo pensar. Quem me dera não poder sentir, mas sinto, muito bem.

A confusão.

A raiva.

Num minuto meu pai estava bem.

No outro ele tinha caído no chão.

Ele foi declarado morto quando chegou ao hospital, e mesmo agora, quando Seraphine e eu conversamos com os médicos, não entendo como tudo isso pode ser real.

Dizem que foi um ataque cardíaco.

Acontece, dizem eles.

Mas não acontece com alguém como meu pai. Não na sua boa saúde e na sua boa forma. Não acontece com alguém que, literalmente, acabou de ter um atestado de saúde perfeito em seu check-up anual. Não acontece conosco... não pode acontecer de novo assim.

"É tarde," diz Seraphine baixinho, com a mão no meu ombro. "Você deveria ir para o castelo. Durma um pouco."

Eu olho para os olhos vermelhos dela, só agora percebo a profundidade da minha exaustão. "Eu vou para Bordeaux," eu digo a ela. Porque é onde Sadie está. Eu tenho estado em contato com ela, não me esqueci dela. Eu preciso dela mais do que nunca, e ela se sente tão leve e translúcida, como se talvez nunca tivesse existido, e ela foi apenas um sonho, ou talvez eu a tenha perdido também, quando eu perdi todo o resto.

Seraphine acena com a cabeça. Ela não pergunta. Talvez ela pense que eu precise ficar sozinho, talvez ela não me culpe por não querer voltar para o castelo.

"Você vai ficar bem?" Eu pergunto a ela.

Ela balança a cabeça, mas em seus olhos eu vejo tudo. Ela não vai ficar bem, nem eu. Meu pai era meu ídolo. Eu acho que ele era seu melhor amigo. Essa perda vai pesar em nós mais do que qualquer um de nós poderia ter imaginado.

Eu me levanto, não querendo deixá-la. “Venha para Bordeaux comigo, vou arranjar um quarto para você.”

Ela sacode a cabeça, enxugando uma lágrima que havia caído há muito tempo. "Não, eu quero ficar aqui."

Eu olho em volta. Não há mais ninguém aqui. Gautier esteve aqui por um segundo quando a ambulância trouxe papai. Nem Pascal nem Blaise

apareceram. Alguns amigos do meu pai tentaram ficar por perto, mas foram mandados embora.

É uma sensação fria saber que somos o fim da linha. Que somos todos que sobraram deste lado do legado.

"Não há mais nada para nós aqui," digo a ela. "Ele se foi."

Ela balança a cabeça, e eu sei que ela está em choque, que ela não consegue entender o que aconteceu, que ele não vai se levantar e voltar para nós.

"Você vai pedir uma autópsia?" Ela pergunta.

"Não," eu digo a ela. “Eu perguntei para o médico, mas ele disse que não há necessidade. Ele teve um ataque cardíaco."

Ela me dá um olhar penetrante. "Você não acredita seriamente nisso."

Eu suspiro, correndo minha mão pelo meu rosto, desejando que eu pudesse afundar no chão e nunca mais me levantar. "Eu tenho que acreditar. Olha, não faz sentido, mas vou ter que confiar nos médicos. Precisamos ser capazes de enlutá-lo, e uma autópsia só vai atrasar isso. Além disso, o que você espera encontrar?”

"Eu não estou esperando encontrar nada," diz ela suavemente.

"Quer que eu ligue para Cyril?" Eu pergunto.

Ela endurece com a menção do ex-marido. “Não se atreva. Você sabe que ele só iria fingir.”

Eu concordo. Cyril era encantador (por isso, como ele foi capaz de atrair alguém tão ardente quanto Seraphine), mas seu charme não foi o suficiente quando Seraphine percebeu que ele se casou com ela somente por seu dinheiro.

"Basta ir a Bordeaux," diz ela com um aceno cansado. "Eu vou ficar bem."

"Você quer que eu ligue para Renaud?"

Ela sacode a cabeça. “Não, eu vou fazer isso. Eu preciso falar com ele."

Eu sou grato por isso. Eu teria feito isso, mas Renaud não é um homem emocional. Ele se fechou de muitas maneiras, e acho que sua irmã seria melhor em dar a notícia.

Eu abraço Seraphine e me dirijo para o meu motorista, que está me esperando à noite toda.

A viagem até Bordeaux parece longa no escuro, um contraste tão grande com as luzes brilhantes do hospital. Meu motorista não fala, exceto para oferecer algumas palavras de condolências, deixando-me sozinho em meus pensamentos. Mas quanto mais tempo eu estou no carro, mais me sinto distante e isolado. Como o que aconteceu no baile, no hospital, aconteceu a outra pessoa.

Eu deveria me divertir com a dormência.

Eu deveria envolvê-la em torno de mim como uma mortalha e colocar outra máscara, uma vez que diz que o show deve continuar. Mas eu não quero. Parece uma afronta ao meu pai.

Eu continuo vendo a imagem dele na minha cabeça quando ele caiu no chão, e eu me sinto afogado nela porque não quero esquecer, não quero fingir que não aconteceu.

Havia tal horror em seus olhos. Ele olhou diretamente para mim enquanto agarrava seu peito. Com medo, descrente e com dor, e ainda havia outra coisa. Algo que não consigo descrever, talvez porque seja algo que você só sente quando está morrendo. Mas seja o que for, vai me assombrar pelo resto da vida. É como se ele se sentisse traído, e eu acho que ele foi, pelo seu próprio corpo.

No momento em que o carro estaciona no hotel em frente à casa de ópera em Bordeaux, sinto que estou no piloto automático, revivendo sua morte de novo e de novo.

Eu faço minha mente mudar para Sadie.

Sadie, que eu deixei no baile porque eu só conseguia pensar no meu pai no momento.

Sadie, que é independente e destemida o suficiente para encontrar seu caminho até aqui.

Sadie, que eu disse para fazer o check-in, que eu iria encontrá-la.

Meu telefone morreu nesse meio tempo, então eu fui até a recepção para pegar a chave extra e me dirigi para o quarto. Os quartos mais grandiosos não estavam disponíveis em tão pouco tempo, mas isso não importa. Ninguém está tentando impressionar mais ninguém.

Eu bato na porta, e quando não ouço uma resposta, eu tiro a chave e entro, com a porta se fechando atrás de mim. Por alguma razão eu temo o pior, como se a morte também tivesse vindo para ela, mas então a vejo deitada na cama em seu vestido branco, seus olhos se abrindo lentamente enquanto ela me encara.

"Olivier?" Sussurra enquanto se levanta nos cotovelos.

Seu cabelo está caindo em seu rosto e com seu vestido, ela parece um anjo.

Eu pensei que poderia atravessar a sala, mas não posso.

A visão dela me deixa de joelhos.

Isso faz com que toda a perda e tristeza cresçam como um balão antes que ele se rompa, e então está me puxando para baixo e estou me afogando.

"Olivier," ela grita baixinho, e então ela está ao meu lado, com os braços em volta de mim enquanto as lágrimas caem. O choque se esgotou, ou talvez seja mais forte, mas não consigo mais me manter firme. Eu não posso nem ficar de pé.

Eu choro nos braços dela e digo a ela que sinto muito por deixá-la como eu fiz na festa, e sinto muito por ela ter que assistir a tudo, e sinto muito por tê-la escondido, porque afinal eu precisava dela mais do que tudo.

Ela é tudo para mim, e sem ela, acho que não conseguiria levantar-me de novo.

Ela apenas me abraça e me diz que está aqui para mim e me diz que não está indo a lugar algum e que sou dela. Não tenta fazer-me sentir melhor, não tenta parar as minhas lágrimas, não tenta levantar-me.

Ela apenas me deixa sentir tudo, sinto tudo, e ela continua me segurando em seus braços, me segurando de tal forma que eu sei que posso continuar quebrando, mas nunca vou me desfazer de verdade.



Não sei como sobrevivi aos próximos dias. Tudo que eu sei é que eu não poderia ter feito isso sem Sadie ao meu lado, me apoiando de todas as maneiras que ela sabe. Mesmo apenas olhando para o rosto dela me dá uma onda de força, sabendo que ela está lá por mim.

Infelizmente, ela não pode estar comigo a cada passo do caminho. Há tanta papelada e tantos telefonemas e assuntos para resolver que me

puxaram em todas as direções. Não sou o parente mais velho ou mais próximo - que seria Renaud - mas apesar de estar agora em Paris conosco, ele está fora de si. Renaud vive na Califórnia e dirige as vinícolas há oito anos, e não creio que tenha pisado na Europa mais do que algumas vezes desde então. Ele não faz ideia do que se passa nem do que fazer, mas nenhum de nós faz.

Agora é a manhã do funeral. Sadie e eu chegamos separadamente. Eu sei que ela está lá fora na multidão de pessoas que apareceram cedo e, como de costume, vou ter que fingir que não a conheço, especialmente em um dia como hoje. Não quero que nada me tire do meu pai.

Estou na funerária esperando Seraphine e Renaud chegarem. O padre deve estar aqui em breve também, odeio o cheiro daqui, odeio o peso no ar, detesto conhecer a tristeza e a dor que tem neste lugar, algumas delas tão nítidas que nunca poderão sair, como o fumo do cigarro que permanece muito tempo depois que a chama se apaga.

Estou sentado numa cadeira com um dos melhores ternos da etiqueta Dumont, e não consigo deixar de olhar para os botões dos punhos – obsidiana preta- escurecendo meu coração e lamentando porque me lembro de meu pai falando sobre esses mesmos botões uma vez. Sobre como ele queria algo discreto e elegante, que os círculos cinza na obsidiana dessem ao usuário um senso de elegância toda vez que ele olhasse para eles. Mas eu não sinto elegância, apenas sinto a perda. A perda por um homem tão sensato e inteligente. Um bom homem, um dos poucos bons homens que restaram.

“Olivier.” A voz de Gautier vem da porta atrás de mim, e é como se alguém escurecesse o sol, a dor dentro de mim se transformando em algo ardiloso.

Viro a cabeça e vejo Gautier, sua esposa, Camille, Pascal e Blaise, como uma tropa de pesadelos esperando na porta.

"Eu não sabia se você precisava de mais algum tempo sozinho," diz Gautier cautelosamente. Parece que ele está preocupado, mas eu juro que há algo de zombeteiro em sua voz. Ou talvez eu esteja ouvindo o que quero ouvir. Você não poderia me culpar neste momento.

"Está tudo bem," eu digo a eles, minha voz rouca, e volto a me inclinar para frente no meu assento, os cotovelos nas coxas. Eu não estou me levantando.

"Sentimos muito, Olivier," Camille diz, se aproximando. Ela fica de joelhos ao meu lado, com a mão no meu braço, e olha para mim. Eu tento não estremecer. Camille é uma mulher bonita, vinte anos mais nova que Gautier, e sempre desempenha perfeitamente seu papel. Neste momento, ela está sendo a tia simpática, embora eu saiba que ela não tem um osso simpático em seu corpo magro.

Mas eu jogo junto. Eu não tenho força para fazer o contrário.

Além disso, eu sei porque eles estão todos aqui. Não é por causa do meu pai. Não é porque todos queriam chegar cedo ao funeral dele.

Mas por causa dos negócios.

Eu levanto a cabeça e acolho os outros. Meu tio com suas sobrancelhas arqueadas e seu sorriso azedo, Pascal e sua expressão em branco, exceto por seus olhos, que têm um brilho estranho neles. Blaise pelo menos tem o respeito de parecer abatido. E Camille, claro, é apenas um ato.

Vendo todos eles aqui assim, minha família pelo sangue, eles contra mim, me faz lamentar novamente de uma maneira diferente. O que deu errado com a gente? Quais segredos de família originalmente afastaram nossos pais? Eu sei que não poderia ter sido apenas rivalidade entre irmãos antiquados ou uma diferença de egos e temperamentos. Tinha que haver algo mais que causou a ruptura entre eles, e que criou uma brecha entre todos nós.

Mas eu não receberei respostas hoje.

"Dão-me um minuto a sós com Olivier?" Gautier pergunta-lhes, e todos saem pela porta, mais do que dispostos a partir.

Eu deveria estar nervoso. Não me lembro da última vez que estive sozinho com o meu tio. Fiz tudo o que pude para evitar exatamente isso, caso ele quisesse acrescentar algo mais ao nosso acordo. Mas não tenho mais medo. Não há mais nada a perder.

Gautier puxa uma cadeira à minha frente, confortável e elegante, e me lembro daquele fatídico dia a dez anos.

"Precisamos ter uma conversa, Olivier," diz ele com suavidade, colocando um vinco que eu acho que é suposto ser vergonhoso. "Eu sei

que este não é o momento certo, mas nunca é o momento certo, não é? E você é um homem difícil de encontrar."

"Eu tenho estado ocupado," eu murmuro, evitando seus olhos, não querendo que ele obtenha qualquer informação de mim, informação que ele pode usar em seu benefício.

"Eu entendo," diz ele, dobrando as mãos. "Mas a verdade é que tínhamos um acordo. Você assinou um contrato. Em uma semana, você tem que fazer uma escolha."

"Tenho?" Agora ele tem toda a minha atenção.

"Sim, porque, bem, meu irmão está morto, e você atualmente tem suas ações, ações que foram dispostas a você, somando com as suas... você percebe que tem o controle total da empresa, não percebe?"

Percebo. Encontrei-me com os advogados, eu sei que com minhas ações combinadas com as do meu pai, eu tenho todas as cartas.

Exceto que eu não tenho.

Meu tio tem.

Apenas uma carta, assinada com sangue, mas é o suficiente para roubar todo o baralho.

"Eu sei que você não quer o controle da empresa, Olivier," diz Gautier. "Eu sei que você prefere se concentrar em seus hotéis. Isso é tudo para você, algo que você construiu do zero, e em apenas dez anos. Você deveria estar orgulhoso de si mesmo. Eu sei que seu pai nunca agiu como se

estivesse, porque tudo o que ele queria era que você fizesse exatamente como ele fez, mas estou orgulhoso de você, Olivier."

Meu olhar se fixa nele, duro e frio. "Meu pai estava orgulhoso de mim."

Gautier sorri e encolhe os ombros. “É claro que ele estava. Claro. Mas ele também sabia que você não queria a marca Dumont. Nunca descobriu o porquê. Mas todos nós esperamos continuar assim, mesmo depois de sua morte.”

"O que você está dizendo?"

“Estou dizendo que o contrato foi modificado. Preciso que você desista de suas ações - e das ações de seu pai - agora. Não na próxima semana. Hoje, agora."

"E se eu não fizer?"

"Você sabe o que vai acontecer."

"Meu pai está morto," eu grito, e minha mandíbula está tão tensa que parece que meus dentes vão quebrar.

Ele acena com a cabeça. "Ele está. Eu não tenho certeza se eu vou me acostumar com a ideia. Nós estávamos mais próximos do que você imagina, sabe. E eu o amava muito. Não havia um homem melhor lá fora, tanto quanto eu sei é verdade. Todos nós sabemos disso."

Ele pausa, respirando fundo pelo nariz, com os olhos fechados. Neste momento eu só posso sentir o conflito dentro dele. Ele pode até estar sendo sincero.

Quando ele abre os olhos, eles estão molhados e cheios de angústia. "Ele está morto. Ele se foi. Mas seu legado permanece. Seu legado continua. Você quer jogar tudo isso fora? Quer manchar a sua memória?"

"Foi um erro meu, não dele," rosnei.

"Você está errado. Os pecados do pai passam para o filho, e os pecados do filho passam para o pai. Se viesse à tona o que você fez, que teve um caso com a esposa de seu primo, isso arruinaria o nome Dumont. Não só por causa do seu pai, mas por todos nós. Você traria todos nós para o inferno, incluindo seu irmão e irmã. Incluindo a mim."

"Então não diga ao mundo."

Ele suspira e passa a mão por cima do cabelo. "Às vezes eu acho que você não entende nada de negócios, meu sobrinho." Ele levanta-se e me encara.

Eu olho para o outro lado, tentando pensar, mas a dor confundiu meu cérebro, tornando mais difícil ver a imagem clara. Eu sempre tive tanto medo de decepcionar meu pai, e deixei que isso me alimentasse com segredos. Mas a verdade é mais do que isso. É o meu próprio orgulho. É o orgulho da minha família. Se fosse algo que eu pudesse admitir a Seraphine ou Renaud e guardá-lo entre nós, eu o faria. Eu aceitaria, e sei que eles não me evitariam.

Mas não é assim que o meu tio trabalha. Se esta verdade se revelar, vai ser maior e pior do que alguma vez imaginei. Ele se certificaria disso.

Isso é o que ele faz.

"Vamos lá," ele me diz, estendendo a mão para me ajudar a levantar, e é preciso tudo em mim para não quebrar o braço dele. Eu o faria se eu não soubesse que ele teria alguém fazendo exatamente a mesma coisa comigo depois. "Vamos contar à sua família o que está acontecendo. Que você está desistindo de suas ações e das ações de seu pai, e entregando-as a mim."

"E Seraphine?"

"Ela terá o emprego dela. Não se preocupe. Você também pode ter um emprego conosco, sabe, se você ficar entediado." Ele diz me oferecendo a mão para levantar.

Eu ignoro sua mão e me levanto sozinho.

Sinto que estou traindo minha família de novo.

"Você está fazendo a coisa certa, Olivier," meu tio diz, a voz dele é tranquila e sedosa. "Eu lhe asseguro, fazendo isso você vai ficar mais feliz em longo prazo. Afaste-se de nós, isso é o que você sempre quis de qualquer maneira. Concentre-se no seu próprio legado. Se apaixone. Construa uma família." Nisso, olho para ele com nitidez. Ele sorri de modo frio. "Mas eu te prometo, se você não fizer isso, você nunca mais vai encontrar o amor novamente."

Eu sei pela forma que ele está olhando para mim, que ele sabe sobre Sadie. O que quer que eu tenha tentado fazer para protegê-la, para escondê-la, tem sido um desperdício do meu tempo. Ele sabe sobre ela e vai usá-la como alavanca se for preciso.

Outra razão pela qual eu tenho que fazer isso.

Eu vou dar todo o poder ao diabo se isso salvar Sadie do seu domínio.

Capítulo Quatorze

Sadie

Você pensaria que ir ao funeral de alguém que você não conhece seria uma coisa fácil de fazer, mas de certa forma eu acho que é mais difícil. Você não tem certeza de como agir, o que dizer. Sente-se tão distante da pessoa e da situação e de todas as pessoas em luto à sua volta que quer pedir perdão por isso.

Foi assim que me senti no funeral do Ludovic.

É verdade que não era imperceptível, e nem uma única alma estava olhando para mim me perguntando o que eu estava fazendo lá ou se importando se eu estava chorando ou parecia perturbada ou não.

Todos estavam focados em Ludovic Dumont e no seu legado.

Havia celebridades, modelos, atores, chefs, designers de moda, socialites e bilionários. Tantas pessoas ricas e influentes que você não poderia mexer um braço sem atingir um deles.

As flores eram lindas, o cortejo foi lindo.

Os discursos eram intermináveis, sentimentais e desoladores.

Especialmente o de Olivier.

Seu discurso é aquele que fez as lágrimas brotarem dos meus olhos e caírem livremente pelas minhas bochechas. Parecia que eu estava de luto por Ludovic, mas em vez disso eu estava de luto por Olivier.

Eu estava de luto pelo fato de que agora ele, juntamente com Seraphine e Renaud, eram órfãos. Que perdeu um homem que significava tanto para ele, pouco depois de ter perdido a mãe. Eu sabia que a família significava absolutamente tudo para Olivier e que ele falava do seu pai com frequência e com um grande sentimento de orgulho. Ele era tão orgulhoso de ser seu filho.

E isso ficou especialmente evidente no seu discurso, que ele teve que parar algumas vezes para se recompor, porque o sofrimento era muito grande.

Mas mesmo depois de tudo isso, ainda sinto que não deveria estar aqui. Quer dizer, eu nem sequer estou com ele. Ele não falou mais em "nos esconder", mas disse que não queria que os jornais se concentrassem na mulher misteriosa que ele trouxe para o funeral, então seria melhor eu me sentar com o público em geral.

Então é onde eu estou agora, observando quando o caixão está abaixado no chão, me sentindo como um peixe fora d'água, quando todos os outros estão tão afetados.

Olhando Olivier enquanto ele se despede de seu pai, sua irmã encostada nele de um lado, e seu irmão mais velho, Renaud, encostado no outro.

Muita coisa vai mudar agora. A empresa, o testamento, já posso dizer que as coisas vão ficar muito feias com seu tio e com todos os outros. Eles estavam na garganta um do outro antes que isso acontecesse, então agora...

É realmente a desculpa perfeita para ir embora.

Se eu fosse outra pessoa, eu o faria.

Na verdade, acho que se eu fosse a Sadie Reynolds que eu estava fingindo ser todo esse tempo, aquela que jogou a precaução ao vento e escolheu ficar na Riviera Francesa com um estranho e seguí-lo até Paris para fazer sexo quente, eu acho que Sadie diria *au revoir.*

Afinal, Olivier vai estar mais ocupado agora.

Ele não vai ter tempo para mim.

Ele vai estar lidando com toda essa mudança, a dor e perda e o estresse, e eu sou a última coisa que ele precisa para se preocupar.

Eu preciso ir.

Preciso ir a Madrid e embarcar no avião depois de amanhã e ir embora.

Seria melhor para ele lidar com tudo isso sozinho, sem maiores distrações.

Mas essa não sou eu.

Eu não sou aquela pessoa que sai. Pelo menos eu não quero ser essa pessoa.

Eu quero ficar.

Eu quero ter certeza de que Olivier está bem.

Eu quero ser esse ombro para ele se apoiar, do mesmo jeito que ele me deixa me apoiar nele.

Eu não quero ser a pessoa que se vira porque uma situação fica difícil.

Não é o que ele faria por mim.

Se esta situação fosse invertida, ele faria tudo ao seu alcance para ter certeza de que eu ficaria bem, de que eu estava sendo cuidada.

Uma coisa é ele me dizer para ir.

Mas mesmo se ele fizesse, eu não o faria.

É assustador decidir isso, aqui e agora.

Mas eu estou decidindo isso.

Vou ter que adiar meus estudos por mais um ano, mas pelo menos eles ainda estarão lá quando eu voltar (um bônus adicional é que Tom não estará mais nas minhas aulas, mas quem se importa com Tom).

E eu não vou estar com minha mãe.

Essa é a pior coisa. Essa é a única coisa real que me mantém ligada a Seattle. Eu não quero a deixar sozinha. Mas quanto mais eu tenho conversado com minha mãe ultimamente, mais eu percebi que o sonho dela não era apenas sobre eu abrindo minhas asas e aprendendo a voar - era sobre ela. Ela confiou em mim, e foi essa confiança que me fez confiar nela. Agora ela está melhor. Lentamente, mas com certeza, ela está se tornando uma pessoa melhor e mais independente.

Ainda vou ter que ligar para ela e explicar a verdade e esperar por Deus que ela entenda. Se houver algum tremor em sua voz, o tipo que me diria que sua vida entrará em colapso sem mim, então eu estou voltando no primeiro avião.

Mas se isso não acontecer, se ela estiver convencida de que vai ficar bem sozinha, e se ela conseguir não se preocupar muito comigo, então ficarei.

Preciso admitir que minha decisão me assusta.

Mas não se trata apenas do nosso relacionamento - sim, tenho receio de que Olivier ainda me queira por perto (não foi o que concordamos) - é sobre o que significa levá-lo para um próximo nível, para transformar isso de um caso de férias em um relacionamento autêntico.

Mas isso me assusta porque...

Sua família me assusta.

E Ludovic era a alma bondosa, inteligente e gentil, segurando todos os seus membros.

Agora que ele se foi, os laços vão começar a desfazer-se.

E goste ou não, agora eu sei que de alguma forma, eu vou ser emaranhada nesses mesmos laços.

Pode não ser bonito.

Estou me afastando lentamente do cemitério com a multidão, permanecendo junto às árvores, quando sinto uma brisa fria passar por cima dos meus braços e então ouço. "Aí está você de novo." A voz vem de trás de mim, mas não me surpreende.

Um pouco assustada, mas não surpresa.

Eu paro e viro para enfrentar Pascal.

Seu rosto é estoico, sem sorriso torto encantador, sem frio ou calor em seus olhos. Não me dá nada, não me prepara para nada.

"Como você me reconheceu sem a máscara?" Eu pergunto, e sou grata por minha voz não estar trêmula. Eu estou imediatamente assumindo a pose de poder com ele - queixo para cima, ombros retos, e apenas uma pitada de desprezo em meus olhos.

Seus lábios se contraem. "Quem disse que você não está usando uma máscara agora?"

Eu só posso olhar para ele, querendo que ele mostre suas cartas, o motivo dessa conversa. Seu interesse em mim.

"Eu confio que o meu motorista levou você para Bordeaux em segurança?" Pergunta Pascal. "Você está aqui inteira, não num saco de cadáver à beira da estrada."

Eu faço uma breve pausa. "Sim, obrigada por isso. Não sei o que eu teria feito caso contrário."

"Você poderia ter passado uma noite em um castelo. Não foi sempre esse o plano?"

Meu coração começa a subir pela garganta. "Plano? Eu nunca soube que o baile também era uma festa de pijama."

"Festa do pijama. Oh, vocês americanos têm palavras engraçadas para descrever qualquer coisa. E o que você está fazendo no funeral?"

"Ludovic era um grande homem."

"Você não o conhecia."

"Alguém aqui o conhecia realmente?"

"Sim, eu conhecia. Ele era meu tio."

Um tio com quem você não se identificou, um tio com quem parece tão indiferente.

"Eu só queria prestar as minhas condolências," eu digo. "Devo ir andando."

Eu me viro, mas ele estende a mão e agarra meu pulso, seu aperto é forte e quente.

"Não. Não. Acho que temos muito o que conversar."

"O quê?" Eu pergunto, sutilmente tentando tirar meu pulso do aperto dele, mas falhando. Seus dedos só apertam, e eu não quero causar uma cena.

"Por um lado, eu sei que você sabe quem eu sou."

"Claro que eu sei."

"Não," ele diz suavemente e aperta minha mão. "Não, assim não. Mais que isso. Você me viu por aí. Não finja."

"Eu não estou fingindo," eu digo arrogantemente. "Eu vi seu rosto nos anúncios. Eu te disse - isso não me impressiona, e o perfume que cheira a bunda."

Outra contração dos lábios dele. "Você está tentando ser engraçada de novo. Funcionou comigo na primeira vez, mas não acho que funcionará na segunda. Sadie Reynolds, americana. Uma estudante fazendo seu diploma de comunicação na Universidade de Washington, que está viajando pela Europa."

Jesus. Merda.

Merda.

Eu respiro profundamente pelo nariz, tentando esconder o medo que deve estar nadando em meus olhos. "Posso dizer, você parece muito obcecado por mim."

"Eu estou," diz ele simplesmente. “Você é uma mulher muito bonita e adoro coisas bonitas. Eu gosto de colecioná-las e possuí-las e tê-las. E eu não gosto de compartilhar. Eu sou como meu primo. Assim como o Olivier.”

Ele sabe. Mas é claro que ele sabe. Ele não estava me perseguindo por qualquer outro motivo.

"Parece que você pode ter alguns problemas com o seu primo," eu digo a ele, e finalmente tiro minha mão para fora de seu alcance. "Eu não acho que seus problemas sejam comigo."

Eu me viro e tento sair de lá, para ser engolida pela multidão de enlutados, mas Pascal me chama tão suavemente que quase se deixa levar pela brisa. “Isso é o que você não entende. Você é meu problema agora. O momento em que você decidiu ficar com ele foi o maior erro que você poderia ter cometido.”

Eu paro. Congelo. Não consigo me mexer.

Isso é algum tipo de ameaça?

Eu fecho meus olhos e respiro fundo, mas entra trêmulo e sai em um tremor. Eu preciso manter-me firme, eu preciso descobrir o que isso tudo significa.

Uma mão vai para o meu ombro e eu salto ofegante, esperando ver Pascal.

Mas uma mulher mais velha, vestida de preto, está ao meu lado e sussurra algo simpático em francês e continua andando.

Eu me viro para encarar Pascal.

Mas ele não está mais lá.

Na verdade, eu não o vejo em lugar nenhum.

Ok, acabou, você está segura, eu digo a mim mesma. *Lembre-se do que Olivier disse e vá encontrá-lo.*

Eu suspiro, reunindo alguma coragem, e vou até o grande carvalho na curva do cemitério perto dos portões. Mais abaixo na rua, pessoas se reuniram na estrada, entrando em limusines e carros da cidade, e há filas de câmeras e equipes de filmagem tentando captar todos os momentos.

Com as mãos trêmulas, eu verifico meu telefone e vejo um texto de Olivier.

Fique bem aí, diz.

Acho que consigo respirar um pouco mais tranquila, e não demora muito para que todos da família saiam, junto com os convidados mais importantes, e então Olivier se afasta da multidão e se aproxima de mim.

Instintivamente, eu me escondo atrás da árvore.

"Não importa," ele diz para mim, sua voz áspera e quebrada. "Quem se importa com o que fotografam?"

As palavras estão na ponta da minha língua, quase derramando no ar:

Estou me escondendo de Pascal.

Mas dou uma olhada em Olivier e sei que Pascal é o menor de seus problemas agora. Na minha frente está um homem quebrado - olhos vermelhos, cabelos despenteados, lábios crus de mastigar eles.

Eu coloco meus braços ao redor dele e o puxo para um abraço. Ele está relutante no começo, e eu sei que não é porque sou eu, mas porque ele quer continuar sendo forte, especialmente aqui.

Mas então ele cede e desaba em mim, e eu acho que ele pode quebrar completamente se não for pelo fato de um carro alugado parar ao nosso lado e dar uma buzinada leve.

Olivier faz uma pausa e se afasta, depois me leva ao banco de trás do carro. Uma vez lá, ele se inclina para trás, desfazendo a gravata, segurando as duas mãos no rosto.

"Você foi bem," digo a ele, sabendo que minhas palavras são fracas e não significam nada agora.

Ele sacode a cabeça. "Eu deveria ter dito mais." Ele exala, e seu peito subindo com respirações irregulares, e então suas mãos caem de seu rosto. Seus olhos perdidos e doloridos me procuram. "Eu poderia ter feito mais."

“Você fez tudo que podia. Ele teria ficado orgulhoso.”

Ele olha pela janela. "Eu não posso nem mesmo processar isso, não consigo. Eu não sei o que fazer, entende?" Então ele cai numa sequência de murmúrios franceses que eu não entendo, mas que eu certamente sinto.

"Eu sei," eu digo a ele, esfregando minha mão na sua perna, tentando confortá-lo. "Está tudo bem. Tudo o que você está sentindo, está bem."

"Não está tudo bem. Eu não quero sentir isso. Eu não quero sentir nada disso. Eu só quero... Desligar. Como uma torneira. Fazê-lo parar. Eu quero ficar dormente. Eu não quero sentir nada."

"Você também não quer isso," eu digo a ele. "Confie em mim. É o vazio. A princípio, o vazio parece ser o lugar mais fácil de estar, porque você não precisa sentir nada. Sem tristeza. Sem dor. Às vezes raiva, mas nem sequer é raiva de verdade. É fraco. E então você não sente mais felicidade, alegria ou criatividade. Nada."

"Eu não me importaria. Eu preciso disso."

“Você se importaria, sim. Depois de um tempo lá, você se importaria. Você não sente nada no vazio, não porque para de sentir, mas porque para de processar e para de... ser você, entende? Todos nós precisamos sentir, até as coisas ruins. É o que nos torna humanos. Se você permanecer no vazio por muito tempo, começará a questionar sua humanidade. Se você é uma pessoa. Se você é real. Se você está aqui. E quando você começa com essas perguntas... então você já está lá muito, muito profundamente."

Ele olha para mim, mordendo o lábio por um momento antes de dizer. "Você fala como se já tivesse ido a esse lugar."

"Eu tive. E eu saí. Simplesmente sei que não é um lugar que você queira estar. Mas acredite em mim, eu vou fazer o que puder para ajudá-lo. Estar aqui para você. Você não vai enfrentar nada disso sozinho."

Ele faz careta e solta um suspiro agudo. "Mas eu vou. Você não estará aqui. Está partindo em um dia."

Eu abanei a cabeça, sorrindo um pouco. "Não, não estou. Eu não vou a lugar nenhum."

"Do que você está falando?”

"Eu vou ficar, Olivier. Em Paris. Com você. Mesmo que você ache que é demais e muito cedo, eu posso ficar em um albergue por um tempo, talvez trabalhar sem precisar de visto. Ou seja, acho que teria de fazer."

"Não," diz ele, vacilando como se eu lhe tivesse dado uma bofetada.

Não é exatamente a reação que eu esperava encontrar.

Eu absorvo meu orgulho e tento fazer com que ele compreenda. "Eu não quero te deixar. Não agora. E realmente, nunca mais. Eu posso adiar meus estudos para o próximo ano, não é uma grande coisa."

Seus olhos se fecham, e agora minhas bochechas estão queimando de vergonha.

"Eu sei que você está passando por muita coisa, e não quero aumentar seus problemas," eu digo rapidamente. "Eu só quero ficar com você."

Ele se inclina para trás em seu assento, seus olhos focados no teto, estão selvagens e crus, e ainda não consigo ler nenhuma das milhões de emoções que estão correndo por eles.

Eventualmente, ele fala: "Você não pode estar aqui."

“É por causa do meu visto de permanência? Porque eu posso arranjar uma solução." Mas eu sei que ele não está referindo-se ao período de validade do meu visto.

"Por favor, você tem que confiar em mim sobre isso."

Eu abro a boca para dizer ok e dar-lhe crédito porque ele está de luto, mas por outro lado... não. Estou cansada de estar escondida e ser mantida no escuro. Ele nunca sequer me disse qual era o seu problema na noite do baile. Tantos segredos estão sendo guardados de mim, o tempo todo, dele, de Pascal.

"Não posso confiar em você," disse a ele. "Porque não quero que continue a mentir para mim. Eu quero a verdade. Por que não posso ficar? Por que você me escondeu? O que seus primos querem de mim?"

Ele exala profundamente, com os olhos se voltando para o motorista que não está prestando atenção, então ele se aproxima de mim. Seus olhos estão dançando com esperança, dor e medo, agarrando-se aos meus, e eu não posso desviar o olhar.

"Sadie," diz ele, numa voz muito séria e baixa, do tipo que me provoca arrepios. "Quero que permaneça aqui comigo." Ele pega minha mão nas suas e a aperta. "Eu preciso de você. Mais do que você imagina. Essa não é a questão. A questão é... algo que eu nunca disse a ninguém. Algo de que estou profundamente envergonhado."

Isso é uma surpresa. Eu aperto a mão dele de volta. "Você pode me dizer qualquer coisa."

Sua expressão fica tensa. "Você vai pensar menos de mim."

“Eu não vou. Eu não faria. Por favor, Olivier, quero confiar em você e quero que você confie em mim, mas não posso, não pode acontecer até sermos honestos, estou sendo honesta com você. Eu quero estar com você porque... estou me apaixonando por você. De uma forma muito intensa, e eu não posso lidar com a ideia de apenas deixar você, deixando-nos e tudo o que temos a chance de nos tornar.”

Ele mantém um pequeno e triste sorriso e suspira. "Eu quero nos dar essa chance também."

"Então me diga a verdade, por favor."

Ele acena com a cabeça, o foco dele agora está em nossas mãos entrelaçadas. "Quando eu tinha vinte anos, cometi um erro bobo."

"Todos nós cometemos erros quando somos jovens. Eu acho que vamos cometer erros quando formos velhos também."

“Sim, bem. Isso foi... mau. Eu me apaixonei.” Endureço, não esperando por isso. "Eu me apaixonei por uma mulher que não me pertencia. Tivemos um caso. Eu... eu não estava pensando. Ela era mais velha por cinco anos, e ela se aproximou de mim, mostrou interesse, e me fez sentir especial. E, claro, ela era linda."

Eu deveria ter ciúmes da maneira como ele está falando sobre ela, mas não há amor em suas palavras, apenas amargura, como se ele tivesse um gosto ruim na boca que não conseguia se livrar.

“Mas ela não era minha. Ela era de outra pessoa. Ela era a esposa de Pascal.”

Oh. Meu. Deus.

Isto explica tudo.

Ele me olha ansiosamente, depois olha para mim novamente. "Talvez eu já odiasse Pascal, e fiz isso por vingança. Nossas famílias sempre estiveram em desacordo umas com as outras. Talvez eu tenha ficado tão impressionado com Marine e com a maneira como ela veio atrás de mim, me perseguindo, que não importava que ela fosse sua esposa. Eles só

tinham estado juntos por um curto período de tempo, e ela parecia tão solitária que eu pensei... talvez eu estava fazendo um favor a ela. Eu era um idiota de merda."

"E Pascal sabe," eu digo.

"O que faz você dizer isso?" Ele franze as sobrancelhas.

Por causa de tudo que está acontecendo.

"Porque deveria." Eu dou um pequeno encolher de ombros, sem querer entrar nisso agora no momento.

Ele me estuda por um instante, depois suspira. "Acho que sim. Sim, ele deve. Nunca discutimos isso. Foi o pai dele que nos apanhou. Ele prometeu que nunca contaria a Pascal, isso tudo fazia parte do acordo, mas quem sabe. Tanto tempo se passou."

"Que acordo? Você fez um acordo com seu tio?"

Ele fecha os olhos. "Sim," ele sussurra. "Eu fiz um acordo. Assinado com sangue."

"Qual foi o acordo? O que você concordou em fazer? Isso não é chantagem?"

"Sim, é chantagem. Ele está me chantageando há dez anos, e vai fazer isso até o fim da minha vida. Ou, foda-se, quem sabe agora. Eu fiz isso para que ele nunca contasse ao meu pai, e até onde eu sabia, ele cumpriu essa parte do acordo. E agora... meu pai está morto. Acho que não importa."

"Qual era o acordo, Olivier? O que você concordou em fazer?"

"Eu concordei em me afastar de qualquer questão relacionada à empresa. Eu assinei um contrato que diz que em dez anos eu teria que renunciar a todas as minhas ações da empresa e dá-las à Gautier."

"Mas você acabou de dizer que tudo isso aconteceu há dez anos."

Ele acena com a cabeça. "E assim, o prazo estava próximo. E agora..."

"É por isso que você não queria ter nada a ver com a marca Dumont?"

"Dez anos atrás, eu tive que tomar uma decisão que eu iria em uma direção diferente. Eu nunca iria trabalhar no ramo hoteleiro originalmente. Ia ter o emprego de Seraphine, depois o de meu pai. Era o que eu queria, era o que meu pai queria para mim. Era esperado, era necessário... e tive de me afastar. Faz tanto tempo que estou bem com isso - eu gosto de ser um hoteleiro, gosto do que faço e sou bom nisso. Mas nunca pude dizer ao meu pai, nem a ninguém, que não me afastei porque não o queria. Fiz isso porque tive que fazer."

Isso está me enlouquecendo. "Você teve que viver essa mentira todo esse tempo?"

"Todo esse tempo."

"E seu maldito tio. Como ele se atreve? Como ele se atreve a chantagear seu sobrinho de vinte anos para fazer isso?" De repente, estou tão furiosa que acho que vou explodir de raiva. Aquele homem horrível

com os olhos horríveis. "Ele poderia ter lhe dado um sermão, não ameaçado, não extorquido."

"Eu concordei com isso. Teria feito qualquer coisa para que ele não contasse a Pascal ou ao meu pai. Eu tinha tanta vergonha. Sabia que quebraria minha família, destruindo-a mais do que já era. E... Gautier... ele não te deixa muita escolha. Você entende? Ele não é como nós."

"Você já disse isso várias vezes. Evidentemente, eu vejo o porquê."

"Não, quero dizer," ele diz rapidamente, lambendo os lábios enquanto se posiciona mais perto de mim, segurando minha mão mais firme. "Ele é um homem perigoso. Ok? Ele era na época, e é ainda mais agora. Ele tem amigos em lugares de destaque e lugares baixos. Na máfia. Cartéis. Na Rússia. Quem sabe? Não se chega ao seu nível de sucesso jogando limpo."

"Mas o seu pai sim."

"Ele fez isso trabalhando duro e mantendo-se fiel às suas convicções. Gautier não fez nada. Ele só está onde está por causa de quem era quando nasceu. Meu pai era o mais velho, foi preparado para isso. Gautier só se interessou e se tornou co-presidente porque meu pai era muito gentil. Muito leal. Muito confiante. E agora..."

"Agora?”

"Agora Gautier vai assumir a empresa."

"E Seraphine?" Eu pergunto.

Ele balança a cabeça lentamente. "O acordo era que eu me afastasse. Eu era o último obstáculo, e fui removido. Há testamentos e documentos que dizem que sou o próximo chefe, que estou assumindo o papel de meu pai. E vou ter que me apresentar publicamente e dizer que estou entregando as cartas a Gautier. Não há dúvida de que Pascal assumirá então o papel de Gautier e Blaise o de Pascal. Seraphine ficará onde está... se tiver sorte."

"Isto é uma loucura. Olivier, você não pode deixá-los fazer isso. Você não pode deixá-los ganhar."

"Todos nós sabemos o que vai acontecer se eu não o fizer."

"Quem se importa? Você acha que Pascal não sabe que você dormiu com a ex-mulher dele? Ele sabe. Você mesmo disse, e quanto a Seraphine? Renaud? Eles são sua família. A sua verdadeira família. Os bons. Eles não se importam."

"Não é assim tão fácil."

"É sim."

"Você não compreende, não se trata apenas de manter tudo isso em segredo para me poupar da vergonha. É sobre poder. Eu lhes dei poder, e agora é tarde demais. Se eu não fizer isso, haverá consequências. Perigosas. Eu disse a você a quem meu tio está relacionado. Nem por um segundo pense que ele não vai retaliar. Ele sabe sobre você, e eu sei que ele vai se esforçar para ter certeza de que estamos separados." Ele fica quieto. "Ou pior."

Eu abro minha boca. "O quê?"

"Isso é o que eu não podia te dizer. Você tem uma marca nas costas, um alvo, e são eles que seguram as flechas."

"Você não pode estar a falando sério," digo mas depois me calo, mais uma vez, agora tudo faz sentido. O que Pascal disse. Não só que está em busca de vingança, e quer o que Olivier supostamente tirou dele. Se Olivier dormiu com a esposa de Pascal, então seu tio provavelmente acha que ele tem o direito de arruinar nosso relacionamento da mesma forma que Olivier fez com o de seu filho.

“Eu gostaria de não estar, mas foi o que meu tio me disse, e não tenho motivos para não acreditar nele. Por que você acha que eu nunca namorei?”

"Uh, porque você é jovem, quente e muito rico. Por que você não teria uma modelo diferente toda semana?”

“Porque esse é um estereótipo que eu interpreto. Porque ninguém questiona. Porque é o que pessoas esperam, mas não é quem eu sou, Sadie, isso não sou eu.”

"Ele pode tentar foder o seu relacionamento o quanto quiser, mas se for um bom relacionamento, não vai desmoronar só porque ele se envolveu. O que ele vai me dizer? Que você está me traindo? Ele vai prepará-lo para que alguém te seduza? Seduzir-me? Haverá fotos encenadas vazando na imprensa? Não importa. Eu sou sua, Olivier. Eles não podem tirar isso de mim."

"E eu sou seu, Sadie. Mais do que você imagina." Ele me beija suavemente no canto da boca, e de repente eu estou com dor por esse homem, esse homem quebrado e machucado que não só perdeu seu pai, mas perdeu dez anos de sua vida por causa de uma mentira que ele não pode apagar. "Mas eles vão tentar nos separar. E quando não funcionar... me assusto ao pensar no que eles podem tentar fazer a seguir."

Rejeito até mesmo essa teoria. "Você diz eles. Então você acha que Pascal sabe."

"Eu nunca soube com certeza, mas... Ok, desculpe não ter dito isso antes, mas eu vi Pascal no hotel em Cannes."

Eu olho para ele, meu coração caindo mais fundo. "Ele estava lá?"

"Eu o encontrei na entrada. Ele não me disse por que estava lá ou há quanto tempo estava lá. Eu sabia que ele só queria me foder. Eu não sabia porquê, já que ele não é alguém com quem eu me encontro frequentemente. Eu me asseguro disso. Mas ele estava lá, e... e tenho a sensação de que pode ter tido algo a ver com você."

"Eu nunca o vi," digo.

Mas isso não é bem verdade, não é?

O homem na janela.

Isso não tinha sido uma ilusão. Era ele.

Conte a ele, minhas palavras atravessam minha cabeça. *Conte a ele sobre Pascal. No baile, agora no funeral. Diga-lhe.*

Mas eu não posso. Eu vou, mas não agora. Ele já está lidando com muita coisa. O fato de eu saber a verdade é suficiente. Agora eu sei com o que estou lidando, o que e contra quem estou lutando.

Isso não me assusta, desde que eu fique com ele.

Capítulo Quinze

Sadie

A culpa é uma coisa complicada. Mesmo quando você não tem motivo para sentí-la, mesmo quando ela não tem nenhum propósito em sua vida, ela encontra uma maneira de se enterrar em seu coração, como um verme perdido, mas determinado. Ela só quer que você a sinta, e uma vez alojada lá dentro, é quase impossível sair.

Caso em questão: Eu tenho me preparado para ligar para minha mãe e dizer a ela que eu não vou embarcar em um avião que sai de Madri hoje como planejei. Todo esse tempo, qualquer culpa que eu sentisse por adiar meus estudos e não voltar para casa foi empurrada para o lado. Eu tinha coisas mais importantes e urgentes para me concentrar - basicamente, tudo relacionado à Olivier. E eu estava tranquila com minha decisão.

Mas agora que liguei para o número dela e o telefone está tocando, é como se a culpa estivesse me esmurrando no estômago em cada toque.

Você vai abandoná-la.

Ela precisa de você.

Você é egoísta.

Ela é sua mãe.

Eu estou prestes a desligar em pânico quando minha mãe finalmente atendeu.

"Alô?"

"Ei, sou eu."

"Sadie? O que está errado? Você nunca me liga."

"Não tem nada de errado," eu digo rapidamente, sem querer assusta-la. "Eu estou bem. Realmente. Eu te liguei em um momento ruim?" É tão difícil saber com o seu horário de trabalho maluco e a diferença de fuso horário. É o início da noite aqui, o que significa que é de manhã lá. Olivier saiu para um de seus hotéis, então achei que era uma boa hora para ligar.

"Não, acordei há algumas horas. Tenho me levantado cedo, para aproveitar um pouco de sol antes que tudo fique escuro aqui no Noroeste do Pacífico. Eu realmente acho que a luz do sol é um remédio para a alma."

Bem, pelo menos a minha mãe parece muito mais positiva do que eu esperava.

"Então, por que você está ligando, querida? O que realmente está acontecendo?"

Eu respiro fundo pelo nariz e me mantenho firme. Por que é que as mães são tão estranhamente apavorantes às vezes?

"Eu tenho algumas novidades."

"Você decidiu ficar."

"O quê? Como você sabia disso?"

Ela suspira. "Oh, uma mãe sabe. Nós temos pressentimentos, uma ligação, sonhos. E você deveria estar no seu voo há algumas horas atrás, então..."

"Certo. Bem, então, sim. Essa é a novidade. Eu decidi ficar na França."

"Você não está nem na Espanha?"

"Nunca fui à Espanha," digo em silêncio.

"Ok. Quem é ele?"

"Uau, você está bem rápida hoje."

"Estou te dizendo, o sol desperta minha mente. Então me diga quem ele é. Eu sei que você não está faltando à faculdade porque só quer mais tempo para se deitar ao sol. Essa não é você. Essa não é a minha filha, nem pensaria em ficar se não houvesse alguém envolvido, e eu vou assumir que é um homem - embora se não for, não há julgamento aqui."

Eu rio e olho ao redor do apartamento de Olivier, tão feliz que posso finalmente compartilhar a verdade de onde estou e com quem estou. Aquele que tem o meu coração.

"É definitivamente um homem. Seu nome é Olivier. Ele é francês."

"Ele é bom?"

"Ele é muito bom. Um cavalheiro da velha guarda. Você realmente gostaria dele."

"E então você está com ele onde?”

"Em Paris. No seu apartamento."

"Entendo. E o que esse Olivier faz?”

"Ele possui uma rede de hotéis."

Uma longa pausa na linha. Minha mãe está obviamente em choque. "Repete...?"

"Eu disse que ele é dono de hotéis."

"E ele não está mentindo para você?"

Eu sorrio. "Não, ele não está mentindo. Eu já estive hospedada nele. É realmente verdade."

"Olivier o quê? Qual é o sobrenome dele?"

Eu hesito em falar por causa de todas as notícias à sua volta ultimamente, e não há dúvida de que ela vai imediatamente pesquisar no Google. "É Dumont."

"Dumont... Dumont," diz ela. "Espera, eu conheço esse nome. É como Chanel, mas para os franceses."

"Mãe, Chanel é francesa."

"Sim, mas quero dizer, Chanel está em todos os lugares, e Dumont, que é só na França."

"Bem, eles estão em todos os lugares também," eu digo. Pelo menos eles estarão depois que Gautier tenha assumido a presidência do grupo. "Mas, sim, é principalmente conhecido aqui na Europa, e também no Oriente Médio, Cingapura, Japão, China..."

"Você pode trabalhar para eles agora... Ele vai conseguir um emprego para você?"

"Uh..." Quero dizer, isso tinha passado por minha mente, até que eu percebi que eu estaria trabalhando para seu tio malvado, a pessoa que eu deveria evitar, mas eu não me sinto bem dizendo à minha mãe que Olivier é meu sugardaddy também. "Talvez. Talvez eu consiga um emprego em uma livraria ou algo assim, não pode ser legalizado por causa do meu visto, mas acho que Olivier pode dar um jeitinho, sim."

"Livraria? Querida, ele é um hoteleiro. Trabalhe em um de seus hotéis."

"Eu tenho certeza que algo vai funcionar," eu a tranquilizo. "Então você não está chateada por eu ficar?"

"Chateada? De jeito nenhum."

"Mas ainda estou desperdiçando um ano letivo por um cara que só conheço há três semanas. E eu estou te abandonando."

"Ouça," diz ela. "Nós duas sabemos o que é ser abandonada, e não é isso. Isso é apenas você sendo uma estudante de vinte e três anos de idade. Alguns fazem todos os seus anos de uma só vez. Outros desistem. Outros voltam atrás. O que você pode esperar? Você é jovem e está descobrindo o que você quer e se apaixonou."

"Eu não disse que o amava," eu lhe digo calmamente.

"Oh, vamos lá. Você está apaixonada. Eu sei. Você não estaria fazendo isso se não tivesse."

"Eu mal o conheço."

"Você o conhece muito mais do que pensa. Sadie, querida, aceite isso. Não se preocupe com a faculdade, e certamente não se preocupe comigo. Eu vou ficar bem. Na verdade, tenho me saído muito bem. Eu comecei a ir ao aconselhamento gratuito novamente, e fiz alguns amigos no trabalho. Acho que você ir para a Europa foi o empurrão que eu precisava, e acho que você também precisava."

As lágrimas brotam dos meus olhos. "Sinto sua falta."

"Também sinto sua falta e terei sempre saudades suas, mas é preciso fazer isso. Você é uma boa garota, Sadie, é inteligente, e só tem que confiar em si mesma. Eu confio em você."

Eu estou prestes a me transformar em uma bagunça quando de repente há uma batida na porta.

"Uh, espere, mãe, há alguém na porta," eu digo a ela, e meu coração está começando a acelerar, e o cabelo dos meus braços arrepiados.

"É melhor eu deixar você ir então..."

"Não," digo com firmeza. "Não, não, está tudo bem. Pode ser Olivier. Talvez ele tenha esquecido a chave."

Por favor, que seja Olivier, por favor, que seja Olivier.

Eu vou até a porta e olho pelo olho mágico, esperando ver Pascal parado ali. Se eu deixar minha imaginação correr mais longe, ele estará segurando uma arma.

Mas não é Pascal.

Também não é Olivier.

É Seraphine.

Oh, merda.

"Uh, mãe," eu disse no telefone. "Eu tenho que ir. Eu te amo, e te ligo amanhã."

"Eu também te amo."

Eu desliguei e então tentei inventar algum tipo de história enquanto eu abria a porta.

Mas no momento em que Seraphine me olha de cima a baixo, a história vai pela janela.

Eu não estava brincando quando disse que Seraphine era linda.

Ela é alta, quase 1,80 m, com pernas longas e grossas, cabelos exuberantes e olhos grandes e atraentes. Se eu não soubesse que ela tinha sido adotada pelos Dumonts, agora eu saberia, já que todos eles são muito brancos e franceses, e ela é de descendência indiana ou paquistanesa, seu sotaque é uma mistura de parisiense com britânico chique.

"Quem é você?" Ela diz para mim, afastando a franja pesada dos olhos.

Mais uma vez, alguém me abordando em inglês.

"Como você sabia que eu falo inglês?" Pergunto a ela.

Ela me olha de cima a baixo, outra vez. “Bem, você certamente não parece francesa. Olivier está?”

Balanço minha cabeça. "Ele foi para o escritório."

Ela suspira. "Eu estava lá."

“Não... esse escritório. Para o hotel.” É então que eu percebo por baixo de seus cílios grossos e do batom vermelho brilhante, que ela parece pálida e abatida. Ah, pobre garota. "Eu sinto muito por seu pai."

Seu lábio treme e ela balança a cabeça. "Obrigada." Ela inclina a cabeça. “Você estava no funeral. Eu vi você."

"Só queria prestar as minhas condolências." Afasto-me e faço um gesto para o apartamento. "Ele pode estar de volta em breve. Você quer

entrar? Eu sei como usar a máquina de café expresso agora e não me importaria com um treino extra."

Ela olha para mim por um momento, parecendo perdida, depois sorri. "Ok. *Merci*."

Ela entra e fecha a porta atrás dela, e eu vou até a máquina de café para tentar domar a besta. É um pouco embaraçoso e angustiante tê-la aqui, especialmente quando não sei o que dizer sobre mim, mas pelo menos ela tem uma maneira bastante gentil e tranquila sobre ela.

"Qual é o seu nome?" Me pergunta, andando devagar pela sala e espreitando as coisas de Olivier.

"É Sadie," eu respondo.

"Sadie do que?"

"Sadie Ninguém Importante." Ela para e olha para mim, e eu mexo na máquina. "Sadie Reynolds."

"Eu vi seu nome nos convites para o baile."

"Sim."

E então ela se detém na máscara branca de penas pendurada em uma das prateleiras. "E você estava lá. Usando isso."

"Era eu," eu digo alegremente.

"Entendo," ela medita e então vem para a ilha da cozinha, se encostando nela, as pulseiras de ouro brilhantes balançando contra o mármore. "Você é a garota."

"A garota?"

"Sim. A garota sobre o qual eu tenho andado incomodando Olivier. A garota secreta, aquela que ele tem negado que existe. Você é essa garota."

"Nossa, espero que você esteja certa, ou então preciso ter uma conversinha com ele."

Ela dá uma risada tímida. "Sim, bem. Eu tenho que dizer, é um alívio saber que estou certa. Eu só não entendo porque ele te esconde."

Eu congelei, e ela rapidamente continua. "Sem dizer que não há nada a esconder. Eu só não estou acostumada com a negação dele, e é por isso que eu estava desconfiada de qualquer maneira. Normalmente, se eu perguntar sobre uma garota, ele vai me dizer. Elas nunca duram muito. Oh merda, só estou piorando as coisas, não é mesmo?"

"Não, você não está," eu garanto a ela enquanto eu coloco a máquina em funcionamento com um zumbido barulhento. "Olivier tinha suas razões."

"O quê?" Ela grita sobre o barulho da máquina.

Faço um gesto para que ela espere um momento, e então eu finalmente pego o café, com uma camada leve de creme no topo, exatamente como Olivier me ensinou.

"Aqui está," eu digo a ela, colocando a xícara em sua frente.

Ela pega delicadamente. "Impressionante. Então o que você estava dizendo sobre as razões?"

"Só que Olivier tinha as dele." Gostaria de saber o quanto dizer a ela e depois percebo que não me compete dizer-lhe nada. Ela não pode saber, ou então ela vai ver como tudo isso começou. "Acho que ele só queria saber se nós daríamos certo antes que os paparazzi soubessem de nós."

"E você é uma coisa certa?"

Eu encolho os ombros. "Eu não vou a lugar nenhum. Na verdade, eu perdi meu voo de volta para casa há algumas horas."

"Então, isso parece sério," diz ela, tomando um gole. "Isso está muito bom. Tenho um pressentimento de que você será uma autêntica parisiense em pouco tempo."

"Tenho que aprender francês primeiro. Sabe, não fomos devidamente apresentadas."

Ela suspira. "Eu sei, como são terríveis as minhas maneiras, assumindo que todos sabem quem eu sou? Eu sou Seraphine."

"É bom finalmente conhecê-la. Eu só ouvi coisas boas sobre você através de Olivier."

"Olivier diz coisas boas sobre todos, eu não iria interpretar isso muito bem."

"Ele é muito parecido com o seu pai."

Seus olhos ficam visivelmente cheios de lágrimas. "Sim, ele é. Eu só... Eu não entendo por que Olivier está fazendo isso."

"Fazendo o quê?" Eu pergunto com cautela.

"Você já viu os jornais. Está em todo lugar," ela grita suavemente, parecendo confusa e enojada. "Ele se afastou. Refiro-me de todo esse tempo que ele queria ter o mínimo possível a ver com a empresa, mas nós ainda pensamos - nós ainda assumimos que se ele tivesse aparecido as vezes, se o pai nunca... morresse, que Olivier iria assumir o controle. Por amor ao nosso pai. Mas ele está apenas... ele está desistindo. Direto em suas malditas mãos. Isso vai arruinar tudo."

"Não é culpa dele," eu digo a ela. Eu estou tão automaticamente defensiva em relação a ele que me leva um momento para me corrigir. "Tenho certeza de que ele acha que seu tio faria um trabalho melhor."

As narinas dela acendem. "Meu tio. Oh, Olivier sabe que ele não vai. Ele sabe disso. Todos nós sabemos. Isso é o que meu tio queria desde o início. Agora com eles assumindo... Eu nem sequer sei se ainda me resta um emprego. Mas isso nem sequer é a questão... isso estava tudo planejado."

"Planejado?"

Ela termina seu café expresso e afasta sua franja. "Não sei. Estou chateada. Eu não estou pensando direito, sei disso. E estou tão zangada que quero alguém para culpar. Eu quero culpar Olivier porque seria muito

fácil para ele salvar a todos nós, mas ele não vai, e isso não é nada como ele." Ela faz uma pausa e olha para mim, sobrancelhas unidas. "Ele disse alguma coisa para você?"

Eu tento manter meu rosto em branco. "Sobre o que?"

"Sobre... Oh, isto vai parecer ridículo, mantenha isso em mente, tudo é tão ridículo agora." Ela bate as unhas vermelhas ao longo da mesa. "Meu pai estava em perfeita saúde. Ele nunca teve problemas de saúde, muito menos problemas cardíacos. Ele tinha acabado de fazer um check-up anual. E mesmo assim ele teve um ataque cardíaco, exatamente assim, na frente de todos, e ele apenas... Eu o vi, ele estava morto. Tão rápido, aconteceu tão rápido, que ele se foi... foi embora. Não parecia certo."

"A morte nunca parece certa," eu ofereço fracamente.

"Não é isso," diz ela sacudindo a cabeça. "Não sei, talvez seja isso. Eles declararam que foi um ataque cardíaco imediatamente, nem questionaram. Ninguém o fez. Mas eu acho que sim, e me pergunto se Olivier também sabe."

"Mas..." Respondo devagar. "Se não fosse um ataque cardíaco... o que seria? Um aneurisma?"

"Não. Se não foi um ataque cardíaco... então eu acho que talvez ele tenha sido assassinado."

Eu olho para ela, perplexa. "A... assassinado?" Repito.

E ainda assim, no momento em que a palavra deixa minha boca estranhamente, parece que é como se fosse verdade.

É claro, assassinato.

Que porra, obvio quem teria feito isso e porquê.

"Eu sei que soa... idiota," diz ela com um sorriso nervoso. "Oh, soa tão estúpido só de dizer isso, e eu estou dizendo isso para você, e eu nem te conheço. Mas... Eu não posso deixar de sentir que, no fundo, dentro de mim, que toda essa coisa foi planejada para tirar meu pai de cena, então assim Gautier se torna o chefe da empresa, para dar-lhes todo o controle. Para derrubar as nossas tradições e tudo o que temos acreditado."

"Então você acha que seu tio assassinou seu próprio irmão?"

Ela encolhe os ombros. "Não sei. Gautier é uma pessoa horrível, mas não consigo imaginá-lo matando seu próprio irmão. Parece muito horrível."

"E a sua tia? A mulher dele?"

"Camille? Oh, ela é uma bruxa. Mas por mais desagradável que ela seja, ela não é ambiciosa ou conspiradora o bastante. Para ser honesta, ela nem tem cérebro."

"Então, seria alguém que se beneficiaria com isso... seus primos."

Seus lábios se apertam um contra o outro, e ela parece lutar com o que está prestes a dizer. “Essa é a única coisa em que consigo pensar. E eu não quero.”

"Seria Pascal ou Blaise?"

"Você sabe muito sobre eles."

"Eu sei muito agora."

Ela suspira. "Você sabe o que? Eu nem deveria falar sobre isso. Quero dizer, é macabro. É fodido. Eu estou essencialmente acusando um membro da família de assassinato, e isso não é uma coisa que é considerada de forma leviana. Esqueça que eu disse qualquer coisa." Dizendo isso levanta-se de seu assento.

"Você está indo embora?" Eu pergunto a ela. "Você não pode simplesmente vir aqui e falar sobre assassinato e depois ir embora, *Jesus*."

Ela me dá um sorriso apertado. "Eu falei demais, e te sobrecarreguei com problemas que não são seus."

"Mas eles são seus problemas. Portanto, são problemas de Olivier. Portanto, são os meus problemas."

Ela levanta uma sobrancelha para mim enquanto se dirige para a porta. "Você é muito doce, sabia disso? Eu acho que você pode ser um pouco doce demais para esta família."

"Mas você é do lado bom," eu digo a ela enquanto abre a porta.

Ela sai pelo corredor e olha para mim. "Lado bom, lado ruim. Mais cedo ou mais tarde todos nós vamos sangrar uns nos outros. E quem sabe de que lado ficará." Ela se despede com um aceno. "Diga a Olivier que

passei por aqui. Por favor, diga a ele para me ligar. Eu preciso dele agora mais do que ele imagina."

Eu aceno com a cabeça. "Eu prometo."

E então ela saiu, e eu fiquei sozinha de novo no apartamento de Olivier com uma bomba ainda maior em minhas mãos. Eu sinto que se eu a colocar no chão por um minuto, ela pode explodir todo o apartamento.

Assassinato.

Foi mesmo isso que aconteceu?

Quando vi Pascal, Gautier e Ludovic deixando o escritório na noite do baile, pouco antes de Pascal vir falar comigo, Ludovic tomou alguma coisa de um deles? Por ambos?

Eu testemunhei um assassinato?

Ou todo mundo está tão desesperado para encontrar um culpado e algo para culpar, que vão para o bode expiatório mais fácil?

Um arrepio passa por mim, e eu vou direto para a porta, deslizando a corrente e fechando o ferrolho.

Já estou na cama quando Olivier chega em casa. Nem sequer é assim tão tarde. É que depois que Seraphine saiu, eu senti que a cama era o lugar mais seguro e confortável para estar.

E sejamos honestos - estou exausta.

Mesmo ignorando toda a conversa sobre assassinato, que me deixou extremamente nervosa, meu cérebro está finalmente processando o que realmente está acontecendo.

Eu perdi meu voo.

Vou ficar oficialmente aqui.

Isso mesmo!

Penso nisso por um longo tempo.

Em um país estrangeiro, onde não sei o idioma, e minha conta bancária está se aproximando rapidamente do negativo, eu estou aqui para ficar.

Confio inteiramente em Olivier, quando na verdade é ele quem precisa confiar em mim. Ele precisa de alguém que ajude a carregar o fardo, então eu estou carregando o dele enquanto lido com a minha própria merda.

Então, sim, exausta o suficiente para me enrolar embaixo dos cobertores e dormir.

Olivier parece tão exausto quanto eu me sinto, provavelmente ainda mais.

Ele para ao pé da cama, a luz do corredor iluminando-o por trás enquanto ele começa a se despir. "Désolé[26]," sussurra ele, e sua voz soa dura. "Eu não queria te acordar. Pensei que você ainda estivesse acordada."

"Estou cansada."

"Somo dois," diz ele, puxando as cobertas para trás e deslizando ao meu lado. Nu, como ele normalmente costuma ficar na hora de dormir.

Eu não entendo muito sobre isso. Nós não fazemos sexo desde antes do baile. Isso não tem estado na minha mente, e posso garantir que não tem estado na dele também.

Ele suspira e mergulha de volta no travesseiro, com os olhos fechados.

"Como foi o trabalho?" Eu pergunto baixinho.

Ele balança a cabeça levemente. "Não sei."

"Você não sabe? Não foi isso que você foi fazer?"

"Sim, eu estava lá, e coisas foram ditas, mas eu não me lembro de nada daquilo. Eu provavelmente deveria ter ficado aqui com você."

---

[26] - *Desculpe.*

"Você teria visto sua irmã."

Ele abre os olhos e os fixa em mim, com o cabelo desgrenhado, e a testa franzida. "O que você quer dizer? Minha irmã esteve aqui?"

"Você parece tão surpreso quanto eu. Ela apareceu procurando por você. Ela precisa conversar com você."

"Sobre o quê?"

Sério?

"Sobre o quê?" Eu repito. "Que tal tudo? Ela é sua irmã, Olivier, e você a jogou debaixo do ônibus."

Os olhos dele piscam para mim. "Atirou-a para debaixo do ônibus."

"É um ditado..."

"Sim, eu sei o que significa," diz ele. "Eu não tenho... Você sabe porque eu tive que fazer o que eu fiz."

"Eu sei, mas ela não sabe. Ela não entende. Diz que não é como você agiria."

"Estou fazendo o que preciso fazer. Eu não tenho escolha," ele grita. "Você deveria me apoiar nisso, eu não tenho mais ninguém que saiba da verdade."

"Eu te apoio, mas só quero que você saiba como o resto da família está lidando com isso. Ela tem medo de perder o emprego."

"Ela não vai perder o emprego," diz ele. "Gautier não a odeia do jeito que ele me odeia. Ela é útil, mais do que seus filhos. Ele vai mantê-la por perto. É só sobre isso que vocês conversaram? Ela não perguntou quem você era?"

"Ela disse que eu era a garota."

Ele grunhe em resposta.

"E," eu continuo. "Ela tem uma teoria, e é por isso que você precisa falar com ela, porque até eu tenho dificuldade em te contar."

"Diga-me o quê? Qual é a teoria? Teoria sobre o quê?"

Ele já está tão magoado que acho que dizer a ele só vai doer.

"É melhor você perguntar a ela mesma. Ela precisa falar com você, não através de mim."

Ele suspira e se acomoda de volta na cama. "Ok, eu vou vê-la amanhã."

"Prometa-me," eu digo a ele, segurando meu dedo mindinho.

Ele olha para o dedo. "O que você está fazendo?"

"Diga-me que vocês têm juras de dedo mindinho aqui na França."

"As crianças fazem..."

"Apenas toque o seu dedo mindinho com o meu."

Finalmente, um sorriso racha em seu rosto, e por um momento eu vejo o velho Olivier. "Tocando mindinhos. Não sei se estou pronto para isso."

Eu rio e me estendo, enrolando meu dedo mindinho ao redor dele. “Estou falando sério. Agora é oficial. Promete-me que você irá falar com sua irmã."

"Não mencione minha irmã quando estou pensando nas coisas sujas que quero fazer com você."

Eu coro. "Coisas sujas! Você conseguiu se excitar com um juramento de mindinho?"

Ele se encolhe preguiçosamente. "Você tem que admitir, há algo de sensual nisso."

Eu balanço a cabeça. "Eu não estou admitindo nada." Mas eu ainda estou rindo.

Ele traz meu dedo mindinho para a boca e suga lentamente, a língua dele está quente e molhada, imediatamente me mandando calafrios pelas costas. Ok, então eu nunca mais vou olhar para um mindinho e jurar da mesma maneira novamente.

Olivier tira lentamente o meu dedo da sua boca, e todos os pensamentos abandonam completamente minha mente, outra mão cobre meu queixo.

"Eu nunca te disse o quanto sou grato por você ter ficado," ele disse para mim, o tom dele suave e áspero de uma só vez. "Nunca te disse o quanto significou para mim que você esteja aqui. Que realmente está aqui."

"Eu estou aqui," eu sussurro, beijando-o suavemente a ponta do seu nariz. "Estou aqui."

"Eu estava tão assustado quando voltei, que pensei que talvez por um momento você tivesse ido embora. Imaginei como seria, entrar e ver sua mochila faltando e a cama vazia, como se você tivesse decidido pegar seu avião no final das contas. Fiquei paralisado de medo. Eu não conseguia respirar, não conseguia me mexer. Foi como se meu coração parasse, e foi quando eu soube que meu coração não mais me pertencia. Meu coração pertence a você."

Oh, caramba. Há um ninho de beija-flores dentro do meu peito, voando pela primeira vez. Temo pelo que ele possa dizer a seguir, porque dizer isso em voz alta, é diferente de sentir, e se o sentimento for grande demais para a minha alma controlar?

"Sadie, *mon lapin, je t'aime*, eu te amo," ele diz. "Eu te amo tanto que nem sei se você pode sentí-lo a partir dessas palavras, porque não há palavras que realmente possam explicar isso."

Ele me ama. Eu amo ele

"Eu te amo," sussurro. "Você não tem que me explicar. Eu sei disso. Eu conheço você, assim como conheço seus batimentos cardíacos, eu sinto

a respiração que você inspira. Pensei que era louca por sentir o que sentia por você desde o primeiro dia."

"E como você se sente comigo, *ma chérie*?" Sussurra, com suas mãos desaparecendo no meu cabelo.

"Como... havia algo dentro de mim que via algo familiar dentro de você. Como se eu tivesse reconhecido que as suas células e as minhas células fossem quase as mesmas." Afasto o olhar, grata por meu cabelo cair sobre meu rosto. "Parece tão estúpido dizer em voz alta, mas fazia sentido antes."

"Faz sentido," diz ele, puxando meu queixo para cima para encontrar o seu olhar. Os olhos dele estão tão intensos, ricos e ardentes, que eu não consigo desviar o olhar. "Você sempre fez sentido para mim."

Eu sinto como ele está duro.

Sorrio enquanto ele se desloca para baixo na cama, e sua cabeça desce, lambendo o centro do meu estômago até que ele fique entre minhas pernas. Ele adora levar seu tempo ali, e normalmente eu não tenho queixas, mas agora, com meu coração transbordando de amor por ele, nosso amor um pelo outro, eu o quero dentro de mim.

Ele beija e mordisca meu quadril, então ele desliza sua língua molhada ao longo de onde minhas pernas e pélvis se encontram. A pele lá é tão sensível que eu quase grito quando ele gentilmente retorna para cima, chegando perto do meu clitóris e depois recuando.

"Por favor," eu não posso deixar de lamentar. “Entra em mim, Olivier."

Ele me ignora. A língua dele percorre o meu clitóris, e eu respiro fundo, tentando me acalmar. Estou a segundos de gozar, e ele sabe disso. Ele apenas quer que eu goze de qualquer jeito, e acho que como já não transamos há algum tempo, posso aproveitar tudo o que ele me oferece.

A língua dele se movimenta rapidamente e com tanta força que eu me inclino para debaixo dele, a pressão na minha boceta e corpo, mais forte e mais quente.

Então ele se afasta, e eu fico arfando por ele.

Desamparada.

Desesperada.

"É melhor você colocar seu pau dentro de mim ou sua língua de volta lá embaixo, ou haverá um inferno para pagar," eu digo a ele.

Ele sorri para mim, convencido como tudo o mais. Ele sabe que me deixou remoendo por ele.

"Eu já te disse o quanto eu amo quando você implora?"

"Sim, você ama," eu digo. Ele me monta com suas coxas pesadas, e eu me sinto posicionar a ponta dura de seu pau em mim. Com lentidão, ele empurra para dentro enquanto eu me estico ao redor dele, meu corpo precisando dele, ansiando por ele. Em segundos ele está ao todo dentro de mim, ele é uma parte de mim, e acho que nunca me senti tão viva assim antes.

"Sadie," ele geme enquanto puxa para fora e empurra para dentro de novo, seu pau rígido arrastando por todos os pontos certos. "Você está tão linda. Você me resgatou, sabia? O tempo todo. Você torna tudo à minha volta mais fácil de suportar."

Meu coração pulsa freneticamente diante se sua admissão.

É tudo o que eu quero.

Eu só quero fazê-lo feliz.

Amado.

Então eu suspiro enquanto ele entra com mais força e então puxa para fora, muito devagar por alguns segundos antes dele começar a bombear mais rápido, e eu pego a bunda dele, cavando minhas unhas e empurrando ele para mais fundo.

O gemido que sai de seus lábios é o som mais erótico que eu já ouvi.

Suor pingando do seu corpo para o meu, e eu estou surpresa de não estar ardendo de calor. Ele desliza a mão para baixo, sacudindo o seu pau enquanto ele desliza para dentro de mim, e na sua voz baixa e sem fôlego, ele me diz como eu estou linda, como ele não quer que isso nunca acabe.

Diz-me o quanto me ama.

Meu coração responde na mesma proporção, inchando sobre suas palavras, enquanto o resto de mim arde por seu corpo.

Seus dedos então deslizam sobre o meu clitóris, no ritmo de seus impulsos impiedosos.

E é isso.

Eu gozo, gemendo alto, gritando o nome dele enquanto estrelas se formam atrás dos meus olhos e meu corpo explode em uma onda quente como champanhe borbulhante. Eu estou me contorcendo, balançando, flutuando em pura felicidade, fora dessa cama e nas estrelas.

Ele está gozando também, gemendo meu nome enquanto a cama treme. Estou tão feliz que resolvemos fazer o teste porque ter ele me enchendo assim, sentindo o calor dele dentro de mim, é mais íntimo do que qualquer outra coisa.

Eventualmente recuperamos o fôlego, e o quarto para de girar.

Mas meu coração não vai parar de girar por ele.

É dele agora.

Capítulo Dezesseis

Olivier

Levou dez anos para realmente saber como é se apaixonar.

Talvez isso seja normal.

Talvez não seja.

Tudo o que sei é que, quando pensava que amava Marine, estava apenas apaixonado pela intriga, pelo proibido, pela adoração e, claro, pelo sexo.

Quando conheci Sadie, esperava que fosse mais ou menos a mesma coisa.

Eu estava pronto para isso.

Sim, ela era diferente, mas mais do que isso, ela me fazia me sentir diferente. Mas eu não sabia o que significava, o que poderia significar. Eu sempre pensei no fundo da minha mente que não importava o quão apaixonado fosse o sexo. E quando chegasse sua hora de ir, eu estaria preparado e pronto. Que ela iria voar para longe, e eu teria a lembrança de uma garota americana que eu encontrei uma vez.

Mas esse não era o caso. Quando eu a convidei para vir a Paris, eu sabia que estava me apaixonando por ela, que me encontrava no limite, como se fosse um lugar onde não podia escapar, e se o fizesse, estaria de mãos atadas.

É onde estou agora.

De mãos atadas.

O meu coração pertencia a ela.

Eu não o desejaria de outra forma.

Eu estava tão enganado sobre o que era o amor, tanto para evitá-lo, tão facilmente passando adiante.

Mas esse nunca foi o meu verdadeiro eu.

Somente com Sadie eu finalmente senti minha máscara escorregar e as algemas caírem dos meus pés, não mais me acorrentando à pessoa que o mundo precisa que eu seja.

Apenas a pessoa que eu preciso ser.

A pessoa que ela precisa que eu seja.

Eu a amo, e isso mudou todo o meu mundo em um momento em que meu mundo inteiro acabou de mudar.

Isso me faz perceber o quanto vou me esforçar para nos proteger, para mantê-la segura.

Não queria ir ao escritório hoje. Eu não me importo um pouco com o calor ou o trânsito ou mesmo com os repórteres que estão mais na minha cola nestes dias por causa da morte do meu pai e dos recentes anúncios na empresa. Nada disso realmente importa agora.
Só não queria ficar longe dela.

E, ainda assim, ela me fez prometer ver Seraphine, e eu amo a minha irmã. Não senti nada além de culpa na posição em que a coloquei, sabendo que estou mentindo para ela, sabendo que ela não entenderia. Ela acha que eu me virei contra ela. Ela acha que eu me tornei um deles.

Quando chego ao escritório, escapando do temporal por um triz, fico surpreso ao ver que tudo está exatamente igual. Eu teria pensado que quando Gautier finalmente colocasse suas mãos sangrentas sobre a empresa, ele mudaria de prédio, as logomarcas, e do quadro de funcionários.

Mas quando entro, todos os rostos familiares estão lá: Nadia, a recepcionista e um grupo de pessoas que trabalham no marketing e vendas, e de diferentes departamentos. Há algumas pessoas que parecem novas, mas numa empresa como esta, as coisas estão sempre em crescimento.

Preciso admitir que a vibração mudou.

Embora ainda possa ser uma mistura do branco e preto, e vidro, toda a elegância calma desapareceu. Parece manchado de alguma forma, como se eu olhasse atentamente, veria merda escorrendo das paredes.

"Olá, estou aqui para ver minha irmã," digo a Nadia, observando-a cuidadosamente. Apesar de serem sempre negligenciadas, as recepcionistas são muitas vezes a espinha dorsal da empresa, o esqueleto onde todo o resto fica caído.

Os olhos de Nadia parecem inchar de alívio quando olha para mim.

Isso pode não ser um bom sinal.

Eu nunca deveria ser o alívio de alguém.

"Estou tão feliz em ver você," ela me diz calmamente, e seu sorriso vacilando. "Quando eu ouvi a notícia..."

"A boa notícia, você quer dizer?"

A voz do meu tio atravessa o escritório.

Eu encontro os olhos de Nadia por um segundo, e há um flash de puro medo neles. Medo de perder o emprego sem razão, medo de que sua situação piore.

Tento transmitir que tudo vai ficar bem.

Mas eu não posso mais fazer promessas.

Eu entreguei a este homem as rédeas.

Eu me viro para enfrentar meu tio e ofereço o sorriso mais falso que consigo formar.

"Tio," respondo a ele.

Meu tio não é um homem feio. Em muitos aspectos ele se parece com meu pai - não tão alto, mas ainda assim de estatura atlética. O queixo dele é mais pronunciado, o suficiente para eu imaginar que isso o irrita, mas o cabelo dele é grosso e escuro, preto como a noite, com apenas os menores sinais de grisalho nas têmporas, e eu não acho que ele nunca tenha tocado numa caixa de tinta.

Suas sobrancelhas estão acentuadas, como se fossem pintadas em arcos perfeitos com pinceladas grossas de marcador permanente. É um rosto comprido, um rosto estranho, mas sedutor e encantador ao mesmo tempo.

Se você não o conhece, claro.

Eu o conheço, e enxergo através do charme, enxergo através das profundezas frias e insondáveis de seus olhos, e sei que esse homem é tudo que tem de podre no mundo, e me enoja que o mesmo sangue que tem em suas veias chegando até seu coração, como lodo preto seja o sangue que está no meu.

Odeio estar olhando para o rosto dele agora mesmo.

Eu deveria estar olhando para o meu pai.

É preciso tudo dentro de mim para não desmoronar aqui mesmo.

"Olivier, eu não esperava que você viesse aqui," ele diz, e a sua voz é cortante, suas palavras são afiadas como lâminas de barbear. Ele acha que estou aqui para foder com tudo, tenho certeza.

"Vou apenas visitar Seraphine," digo a ele. Não preciso dizer mais nada. Ele não tem direito a isso.

"Estou percebendo," diz ele. "Ela é uma garota maravilhosa, não é?"

"Sua sobrinha? Sim, e ela está passando por muita coisa no momento."

"Não estamos todos?" Ele pergunta suavemente, com um sorriso que não chega aos olhos.

"Sim, estamos," digo. Eu faço um gesto para passar por ele. "Agora se você me der licença."

Mas ele pisa no meu caminho, bloqueando minha saída. Eu olho para ele, tentando controlar a minha respiração, com os punhos fechados.

"Tem certeza de que tem o direito de estar aqui, Olivier?" Ele pergunta, sua voz tão baixa agora que eu presumo que Nadia não consegue ouví-lo. "Talvez você precise ser lembrado de seu lugar... o lugar que você abandonou."

Minha mandíbula se aperta, meus dentes rangendo até doer. "Estou ciente do meu lugar. Mas ainda somos uma família, não somos?"

Seu olhar não vacila. "Nós somos."

"Então eu vou apenas visitar minha irmã."

Eu não sei porquê ele está tão desconfiado que eu a veja. Ele deveria saber que eu não vou desistir do acordo. Ele deveria saber.

E talvez isso finalmente se ilumine em sua cabeça, porque ele acena e se afasta.

"Claro que sim." E gesticula para que eu prossiga.

Ando o mais confiante e rápido que posso pelo corredor até o escritório de Seraphine, com o coração apertado diante da visão do ainda vazio escritório do meu pai, e nem sequer bato na porta dela. Entro imediatamente.

Ela não está sozinha.

Blaise está lá. Está sentado na mesa dela. Ela está de pé e o encara quase pronta para jogar um copo de água nele.

"Eu vim na hora errada?" Pergunto, fazendo uma pausa na porta. "Ou na hora certa?"

Ambos olham para mim em sintonia.

"Feche a porta." Seraphine zomba.

Eu levanto as sobrancelhas, mas faço o que ela diz. Não me surpreenderia que estes dois estivessem assim, sem meu pai como mediador, eles não têm limites. E Gautier não poderia se importar menos - na verdade, ele provavelmente mandou seu filho aqui para hostilizá-la. Ele quer que eles se devorem vivos.

"O que está acontecendo?" Indago, cruzando os braços.

"Sua irmã é maluca," Blaise diz. O comportamento dele se dissipou desta vez, os olhos dele ficam furiosos enquanto eles se afastam dela até mim.

"Eu não vou discutir com isso," eu digo. "Seraphine?"

"Ele sabe," diz ela, apontando o dedo para ele. "Ele sabe o que aconteceu."

"O que aconteceu?" Eu pergunto com cuidado. Eu me sinto como se tivesse entrado em uma arena de tourada, e não tenho certeza de quem está ganhando ou qual é o resultado do jogo.

"Eu nem quero repetir," Blaise murmura, balançando a cabeça. Mas por todas as razões que ele a está dispensando, tudo o que ela disse o abalou. As mãos dele estão suadas, e seu cabelo está um pouco desgrenhado, como se suas mãos estivessem passando constantemente por ele. Além de quando ele perde a paciência e explode como um foguete, eliminando todos ao seu redor com os insultos mais cruéis, ele normalmente é calmo.

"Provavelmente devíamos ir tomar um café," eu digo à Seraphine, querendo tirá-la deste escritório. "Ou uma bebida. Quem sabe várias bebidas."

"Não vamos a lugar nenhum sem ele," diz ela.

"Por que somos suas babás?”

"Ainda não terminamos de conversar," diz ela num comunicado deliberado, encostando-se na mesa ao lado de Blaise.

Passei a mão por meu rosto, sem entender nada e sabendo que não vai ficar evidente tão cedo.

"Este escritório está provavelmente grampeado," ela me diz, como se isso fosse algo óbvio. Ela chuta a perna da cadeira de Blaise. "Não é verdade?"

Blaise cruza os braços e olha para o lado, sem dizer nada.

"Ok, bem, eu vou dar uma volta e..." Eu digo. "... Porque, acredite em mim, este escritório é o último lugar na terra onde eu gostaria de estar. Se você quiser vir me encontrar para beber alguma coisa ou conversar, tudo bem, mas eu não estou ficando por aqui enrolado em seja lá qual for o jogo que vocês estão sempre jogando."

"O pai foi assassinado," diz Seraphine baixinho.

Eu quase ri, mas o tom dela foi tão sério que fez meu estômago ficar gelado, me viro para enfrentá-la, e essa mesma severidade está em seus olhos. Ela não está brincando.

O que torna as coisas mais difíceis.

"O quê?" Eu consigo dizer. "O que é que você... vamos lá... não siga por este caminho."

"Foi o que eu disse," Blaise diz tranquilamente.

"Cala a boca, porra," ela grita com ele. "Você é o responsável por tudo isso."

A cabeça dele recua, e olha para ela com pura hostilidade. "Você honestamente acredita nisso? Que eu assassinei seu pai? Meu tio? Que eu faria isso com você?"

Fazer isso com você? Essa é uma maneira interessante de dizer isso, como se os dois devessem ser importantes um para o outro.

Eu sacudo a cabeça. A coisa inteira... Eu não posso nem mesmo imaginar o que isso significa.

"Seraphine," eu digo devagar, caminhando na direção dela com as mãos estendidas como se eu estivesse prestes a prender um cachorro ferido. "Do que você está falando?"

"Por que eu deveria te dizer? Você está agindo como se eu já estivesse louca."

"Porque você está louca," Blaise diz.

"Vai se foder!" Seraphine grita, e então voa nele com socos. Ele é rápido o suficiente para agarrá-la e prendê-la com força.

"Ei, ei, ei, ei!" Grito, dando a volta na mesa e me colocando entre eles. "Jesus Cristo, que diabos está acontecendo aqui?"

Há uma batida na porta, e todos nós congelamos.

A porta se abre silenciosamente, e todos nós prendemos a respiração. Apenas uma pessoa entra aqui sem se anunciar. Bem, uma pessoa além de mim.

É Gautier, olhando para todos nós com cautela. "Está tudo bem aqui?"

Eu limpo minha garganta. Eu e Seraphinee dissemos ao mesmo tempo: "Coisas de trabalho."

"Você sabe onde Pascal está?" Blaise pergunta cansado. "Ele deveria estar aqui hoje."

Gautier encolhe os ombros de maneira imperceptível. "Eu não sei. Não está aqui."

"Ok, ótimo," Blaise diz sarcasticamente, acenando com o pai para longe. "Está tudo bem, obrigado."

Gautier olha para todos nós por um instante, e então a porta se fecha lentamente.

"Que porra está acontecendo?" Pergunto-lhes depois de um momento. "Diga-me porque vocês estão brigando, para eu ir embora."

"Eu disse a você," ela fala. "Mas agora eu realmente não confio em falar disso aqui." Ela agarra a bolsa das costas da cadeira. "Vamos lá. Blaise, você também vem conosco. Eu ainda não terminei com você."

"Por quê, para que você possa me torturar em outro lugar?"

Para minha surpresa, Blaise finalmente se levanta e segue Seraphine até a porta, comigo atrás deles.

Gautier não está por perto, quando saímos o que eu tomo como um bom sinal. Tenho a certeza que ele já pensa que Blaise está confraternizando com o inimigo, ou talvez ele tenha sido enviado como espião.

E depois há esta conversa sobre... assassinato?

Ele não foi assassinado.

Ele teve um ataque cardíaco.

Eu vi isso acontecer bem na frente dos meus olhos.

Seraphine só veio depois que ele já estava morto.

A imagem está gravada na minha memória, e eu estou tão perdido nela que mal ouço Seraphine me perguntar se estou bem.

Eu aceno, tentando trazer minha mente de volta para o presente, mesmo que não seja muito melhor.

A chuva não passa de um chuvisco suave quando Seraphine nos leva até seu carro - um pequeno Fiat bordô - e então destranca as portas.

Estou prestes a sentar-me no banco da frente, como costumo fazer quando Seraphine diz: "Você está no banco de trás, Olivier."

Blaise passa por mim e abre a porta, evitando meus olhos.

Talvez ele não estivesse muito longe daquela coisa de tortura.

Com um suspiro, resigno-me ao banco de trás e coloco o cinto de segurança, muito confuso e desejando não ter prometido a Sadie que viria conversar com Seraphine hoje. Meu objetivo era evitar esses escritórios enquanto eu vivesse. Sem o meu pai aqui e com Gautier no comando, estou apenas piorando as coisas.

"Futuramente, você vai se encontrar comigo em um café," digo a ela enquanto dirige o carro para a Avenida Charles de Gaulle, em direção a La Défense. "Para onde você está nos levando, afinal?"

Ela não responde. Suas mãos apenas agarram o volante com mais força.

"Seraphine?" Eu digo. "Eu nem acho que você deveria estar dirigindo neste momento."

"Está tudo bem," ela diz mais calma, e eu encontro os olhos de Blaise no espelho retrovisor. Ele ainda parece um pouco abalado, o que me faz pensar exatamente sobre o que eles estavam conversando antes de eu chegar.

"Então, alguém pode me explicar porque você estava falando sobre assassinato?" Meu rosto se embrulha quando eu digo isso. Eu nem consigo imaginar. Sinto que estamos traindo nosso pai apenas dizendo a palavra.

"Por que você não pergunta a Blaise?" Seraphine diz. "Ele é o único que sabia de tudo."

"Oh, cale a boca," Blaise diz. "Você sabe o quanto isso é ultrajante?"

"Por que Blaise mataria nosso pai?"

"Eu não assassinei ninguém." Ele grita.

"Eu concordo," eu digo a ele. "E você precisa parar de usar essa palavra. Olha, eu sei que você está chateada e quer culpar alguém, Seraphine, mas essa não é a resposta. Papai teve um ataque cardíaco. Eu vi isso acontecer."

"Você o viu morrer. Ele foi envenenado. Ataques cardíacos não acontecem assim."

"Na verdade, eu penso que sim."

"Ele estava perfeitamente saudável, havia acabado de fazer seu check-up anual na semana anterior. Nunca teve pressão alta, doença cardíaca, colesterol elevado ou qualquer coisa assim. Por que diabos ele simplesmente... não, não faz sentido. Alguém o envenenou naquela noite."

"E você acha que foi Blaise?" Isso está ficando cada vez mais insano.

"Não," ela diz. "Talvez. Sim. Eu acredito que Blaise ao menos sabe."

"Eu nem vou falar sobre isso com você," ele diz, cruzando os braços e olhando para fora da janela.

"Tudo bem, eu vou falar sobre isso com Olivier," ela diz, olhando para mim. "Eu sei que isso parece loucura para você, mas é algo que eu sinto e acredito, no fundo do meu coração. Você não acha que algo estava tão

errado naquele baile? Sobre a forma como a empresa se integrou? Como foi tudo tão fácil uma vez que papai estava fora de cena? Todos se beneficiaram."

"Exceto Olivier," diz Blaise em silêncio.

"Certo," diz Seraphine quando me olha atentamente. "Exceto você. Eu. E Renaud. Mas você olha para Blaise, Pascal e Gautier, todos eles subiram e agora têm controle total. Se eu não estivesse na empresa, eles teriam tudo."

“Você se manterá na empresa, se fizer bem o seu trabalho," diz Blaise, mas mesmo assim, parece desconfortável.

Seraphine vira à esquerda quando a luz fica vermelha, o Fiat desliza ligeiramente nas estradas molhadas, e correndo ao longo do Sena, parques e quadras de tênis passando por nós.

"O que você está fazendo?" Pergunto-lhe. "Acabou de passar um sinal vermelho."

"Eu pensei que estava sendo seguida," ela diz.

"Seguida?"

Oh, agora minha irmã realmente perdeu o juízo. Até Blaise olha por cima do ombro dele para mim, sobrancelhas erguidas, como se dissesse que estamos fodidos.

"Sim," diz ela em voz alta, prestando atenção constante aos carros atrás de si. "Era um Land Rover preto com placas escuras. Seguiu-nos desde o escritório até ao cais."

"O que não foi muito longe."

"Parecia que ele só me esperava para sair do estacionamento quando partimos. Reparei no motorista. Careca, de óculos. Olhando para mim."

"Honestamente, Seraphine," eu digo a ela, inclinando-me para frente e colocando minha mão no seu ombro. "Eu só estou cuidando de você como um irmão. Mas você precisa voltar para casa. Blaise e eu vamos encontrar nosso próprio jeito de retornar. Primeiro essa conversa sobre o pai ser assassinado, agora você acha que estamos sendo seguidos. Eu odeio..."

"Cuidado!" Blaise grita, e eu chicoteio minha cabeça ao redor para ver um SUV preto sair correndo de uma estrada lateral por um parque de estacionamento, atravessando a pista de tráfego em direção a nós.

Seraphine tem os reflexos de um gato. Ela puxa o carro para a faixa mais adiante e ao mesmo tempo pisa no acelerador, o carro derrapando na estrada antes de se ajustar.

Eu volto para o banco e consigo virar-me a tempo de ver o Land Rover em cima de nós ficar mais perto.

"Mas que porra!" Eu grito.

"É ele!" Ela grita.

"Foda-se," diz Blaise. "Quem diabos são? O que eles querem?”

De repente, o Land Rover vem a toda a velocidade e bate nas costas do Fiat. Todos nós somos impulsionados para frente, o carro gira fora de controle, lâminas de dor esfaqueando meu pescoço do cinto de segurança.

Seraphine grita, mas consegue controlar o carro.

"Foda-se, dirija, dirija, dirija, dirija!" Blaise grita.

Seraphine grita de forma distorcida e pisa no acelerador, desviando-se brevemente para a faixa oposta e quase se chocando contra um carro de frente antes de desviar para trás. Enquanto isso, estou segurando meu pescoço, tentando ver o Land Rover imitando todos os nossos movimentos e se aproximando de nós.

Esse cara não está apenas nos seguindo.

Ele também não quer que a gente encoste.

Ele quer nos matar.

"Onde diabos a polícia está?" Blaise grita, a voz dele arrancada pelo pânico enquanto passamos pelo trânsito, tentando sair do caminho. "Por que ninguém está fazendo nada?" Ele puxa o telefone para fora, prestes a discar quando ele começa a tocar.

Diz *Pai* na tela.

Blaise olha para ele por um momento, como se não tivesse a certeza se deveria atender, como se preferisse deixá-lo ir para o correio de voz,

como se não estivéssemos sendo perseguidos nas ruas de Paris por um maníaco.

"Blaise!" Eu grito com ele, mas é como se ele estivesse em choque.

Na verdade, ele provavelmente está em choque.

"Eu vou pegar essa saída," Seraphine diz e atira na rampa para a ponte em direção ao Sena na Hauts-de-Seine. Há tráfego na ponte, mas isso não diminui a velocidade de Seraphine. Ela só manobra entre os carros e do lado de concreto da rampa, arrancando o espelho do lado de Blaise.

Mas o tráfego também não diminui a velocidade do motorista do Land Rover, que está quente na nossa trilha, atravessando o tráfego da mesma forma até que estejamos ambos correndo sobre a ponte em direção ao outro lado.

"Bem, você está chamando a maldita polícia ou o quê?" Eu grito com Blaise, tentando pegar meu próprio telefone. Assim como eu faço, o Land Rover acelera, indo para a esquerda de nós na faixa oposta de tráfego e então trazendo o carro para o nosso lado.

Seraphine grita, e eu me abaixo enquanto o lado do Land Rover colide com o nosso, nas janelas laterais quebrando e enviando estilhaços de vidro por cima de mim.

O carro gira ao redor, e de alguma forma, antes mesmo que eu possa levantar minha cabeça, eu posso sentir o carro girando para o lado oposto.

Sento-me a tempo de ver Seraphine dirigindo o mais rápido que pode, seus braços e bochechas pontilhados de sangue e pedaços de vidro, e o Land Rover fazendo uma curva brusca e vindo atrás de nós.

Implacável.

"Você está bem?" Consegui perguntar assim quando o telefone de Blaise toca de novo.

Seraphine acena com a cabeça, mas o lábio dela está tremendo, e está claro que ela está sobrevivendo só de adrenalina e instinto agora, assim como eu.

Eu olho para Blaise, e ele está atendendo ao telefone dele.

"Pai," ele diz, a voz dele é lenta e metódica. "Você tem que chamar a polícia. Há um homem na estrada tentando nos matar. Ele está dirigindo um..." Ele faz uma pausa. "Sim, estou com Seraphine e Olivier. Eu não sei, eu vim para o carro, eu..." Ele tira o telefone da orelha e olha para ele. "Ele desligou o telefone, deve estar chamando a polícia."

"Eu não acho que eles vão chegar a tempo," diz Seraphine, sinistramente à medida que o Land Rover se aproxima novamente. O carro está quase tão batido quanto este e no entanto, continua vindo, ainda mais rápido agora, pois acho que o Fiat ou a Seraphine estão perdendo energia.

Olho para o carro, tentando absorver o olhar do motorista, e depois reparo que ele atende o telefone. No meio de uma perseguição em alta velocidade, tentando nos matar, ele atende o maldito telefone.

E então, de repente, ele desliga.

E trava com os freios, virando o SUV e decolando em outra direção.

Deixando-nos em paz.

Como se ele nunca tivesse estado lá.

"Que porra é essa? Ele foi embora!" Eu grito.

"O quê?" Seraphine grita, olhando freneticamente por cima do ombro.

Blaise se vira em seu assento, franzindo o rosto, olhando para mim enquanto o Land Rover desaparece sobre a ponte.

"Diga-me que você conseguiu o número da placa," diz Seraphine.

"Sim, mas aposto que não existe."

"E aposto que esse carro vai ser transformado em sucata dentro de cinco minutos," diz Blaise lentamente. "Talvez até mais cedo."

"Temos de ir à delegacia mais próxima," digo-lhes. "Depois ao hospital. Foda-se, surpreende-me que não tenhamos tido vans de notícias e helicópteros para essa... perseguição? Que porra foi essa?"

"Parou tão rápido quanto começou," diz Blaise em uma voz estranha, olhando fixamente pela janela.

Olho para ele de perto. Ele está muito mais abalado do que eu pensava. "Hey, você está bem? Você se machucou em algum lugar?"

Ele balança a cabeça, não. Então ele pisca, como se estivesse saindo de um transe, e olha para Seraphine. "Você está sangrando," ele diz horrorizado.

"Estou bem," diz ela. "É só um pouco de vidro."

"Encoste, aqui ao lado," eu digo a Seraphine, e ela puxa para uma estrada estreita que curva através de um parque arborizado, parando no cascalho ao lado.

O carro parece um pouco claustrofóbico.

Eu saio pela outra porta, a que não está esmagada, e me levanto. Só dou alguns passos antes de colocar as mãos nas coxas e tentar respirar.

Nada disso faz sentido.

Quem era aquele homem?

Por que ele estava tentando nos matar?

Por quê?

Em plena luz do dia, sem nenhum cuidado no mundo, como se ele nunca pudesse ser pego?

E por que ele parou, de repente?

É como se alguém que estivesse ao telefone lhe dissesse para parar.

Eu respiro fundo, tentando montar tudo, tentando descobrir o nosso curso de ação.

Temos que denunciar isso à polícia.

Temos de ir ao hospital.

Temos de resolver isto antes que seja abafado.

Volto para o carro e abro a porta de Blaise.

Ele olha para mim com os olhos doloridos, mas se é por causa da dor real, medo, ou outra coisa, eu não sei.

"O que seu pai queria? Por que ele estava te ligando?"

"Eu não sei," ele diz suavemente. "Eu disse a ele... eu disse a ele que eu estava com você, e ele pareceu tão chocado e desligou..."

Eu não quero dizer minhas próximas palavras. "E logo depois disso, o motorista atrás de nós recebeu uma chamada. Você viu isso. E você o viu sair. Assim sem mais nem menos."

Ele engole desconfortavelmente. "O que você está dizendo?"

"Ele está dizendo que você não deveria estar no carro," Seraphine diz calmamente quando ela sai do carro, dando alguns passos e apoiando-se no capô. "Isso é o que significa."

"Você está dizendo que meu pai coordenou isso? Que ele tentou nos matar?"

Eu abanei a cabeça. "Não sei se ele estava tentando nos matar. Talvez apenas nos assustar."

"Ele estava tentando se livrar de mim," diz Seraphine. "Talvez o veneno fosse muito sutil para ele. Talvez ele tenha experiência com isso. Você sabe, eu nunca quis acusar seu pai, Blaise. Eu sempre assumi que era uma coisa de Pascal fazer isso, matar alguém, se livrar de alguém, considerando quem ele conhece e com quem anda. Mas agora... agora talvez seu pai está tão doente como eu temia que ele estava, para assassinar seu próprio irmão. Para tentar matar sua sobrinha em seguida."

"Você não está fazendo sentido," Blaise diz, mas há algo em seus olhos que está me dizendo que tudo faz sentido para ele. É que ele não quer acreditar.

"É uma grande coincidência," eu digo a ele. "Se é nisso que você quer acreditar. Mas eu posso dizer que você sabe da verdade. Temos todas as razões, Blaise."

"Não," diz ele. "Não, eles nunca iriam tão longe. Quero dizer, eles fizeram alguma merda fodida, acredite em mim. Eles fizeram coisas... coisas para você, Olivier. Mas não a Seraphine, não a Ludovic. Isso não se encaixa. Eles são ruins, mas não são assim tão ruins."

O que você quer dizer com "Fizeram coisas comigo?" Eu pergunto-lhe.

Seus olhos se movem para Seraphine, e ela se encolhe. Ele olha para mim. "Você sabe."

É eu sei.

Então Blaise sabia da chantagem também.

"Você sempre esteve envolvido nisso?" Eu consigo dizer, sentindo raiva rodopiando através de mim. "Você sempre soube? Por todo esse tempo? Todos estes anos?"

Uma onda de medo passa pelos olhos dele, então vergonha.

Ele abaixa a cabeça. "Só recentemente. Eu sou sempre o último, a saber."

"Saber o quê?" Pergunta Seraphine.

"Por que você não diz a ela?" Blaise pergunta. "Por que você não conta a sua irmã o que você fez? E o que custou a todos." Faz uma pausa, e um olhar presunçoso atravessa em seu rosto. "Você gosta de fingir que é tão bom, nobre e leal, mas, ao contrário, é apenas uma fraude. Não melhor que o resto de nós. Apenas um filho da puta, sujo e mentiroso que nem sequer tem coragem de admitir o que é..."

Eu nem sequer penso.

Meu punho avança e eu dou um soco no nariz de Blaise.

Sua cabeça voa e bate contra o batente da porta do carro com um ruído metálico. Sangue escorre de seu nariz enquanto ele o cobre com a mão, ganindo de dor.

"Olivier!" Seraphine grita comigo.

Mas eu não me importo. Por muito tempo, ele pediu por isso, e é preciso tudo o que eu tenho para não bater nele novamente. A raiva está queimando através de mim a uma velocidade assustadora.

"Você é um idiota," ele rosna para mim.

"E você tem sido cúmplice da maldita chantagem." Eu zombei dele. "Você sabe como isso destruiu a minha vida? Você sabe a dor que você ajudou a causar?"

"Olivier, por favor, do que você está falando? Blaise, que chantagem?"

Ele se encolhe. "Olivier dormiu com Marine," ele diz cansado. Seraphine ofega, e eu não posso acreditar que finalmente está acabando. "Dez anos atrás. Meu pai descobriu e fez um acordo com Olivier. Na verdade, vários acordos," ele diz e depois olha para mim, encolhendo-se através da dor. "Um deles era que você sentiria o mesmo que tinha feito Pascal sentir... Diga-me, se você acha que o motorista que estava atrás de nós... onde acha que ele pode ter ido em seguida?"

Pisco para ele, respirando fundo. "Eu não entendo."

"*Sadie*," Seraphine suspira. Eu me deparo com os olhos dela. "Sua namorada. Onde ela está agora?"

Oh, merda, não.

Eu subo no banco de trás e começo a olhar freneticamente para o meu telefone.

"Não, não, não, não," eu repito sob minha respiração, me recusando a pensar sobre isso, precisando que ela fique bem. Eu finalmente o encontro debaixo do assento, a tela está rachada, mas eu consigo discar o número dela.

"Eu não estou dizendo que é o que vai acontecer," diz Blaise. "Eu não sei mais o que está acontecendo. Mas se o que você acha está certo... então há outras maneiras de vir atrás de você se o trabalho não tiver terminado na primeira vez."

Eu mal o ouço.

Eu levo o telefone ao meu ouvido, e ele está tocando, tocando, tocando.

Sem resposta.

Sem resposta.

Capítulo Dezessete

Sadie

"Un billet, s'il vous plaît," digo à mulher atrás da cabine. Ou ela não fala inglês ou meu francês está suficientemente bom para entender, porque ela me responde alegremente em francês - para alguém que trabalha nas catacumbas.

Quando Olivier saiu para conversar com Seraphine, eu sabia que não me faria bem passar mais uma tarde de luto dentro de seu apartamento. Mas com a chuva prevista, ou eram os museus, que estariam absolutamente lotados, ou uma visita subterrânea às Catacumbas de Paris.

Eu nunca tinha estado lá antes - Tom estava muito perturbado com a ideia de passarelas cheias de ossos - e eu não estava prestes a esperar que Olivier brincasse de turista comigo.

Foi um pouco exaustivo pegar os vários metrôs até aqui, e eu desci em diversas paradas erradas, mas agora que estou aqui, estou feliz por ter vindo - mesmo que esteja descendo uma escadaria muito estreita, muito

tortuosa, cada vez mais e mais profundo por baixo das ruas da cidade. Eu puxo meu telefone para verificar a rede e naturalmente, não há nenhuma.

Uma vez que chego ao nível principal, a arrepiante morbidez aumenta vários níveis. É apenas um covil de ossos. Ossos humanos reais. É um labirinto sinuoso com pilhas e pilhas de crânios, tudo pouco iluminado, ossos empoeirados, e ar úmido. É frio, também, do tipo que se agarra a você.

Mas há algo de muito bonito na forma como os ossos são expostos, artisticamente e em reverência, uma forma artística de prestar respeito se não apenas um conservador de espaço quando se trata de enterros. Afinal, há seis milhões de pessoas enterradas nesses túneis, o que me deixa completamente impressionada. O fato do público ter permissão para ver apenas uma pequena fração é bastante perturbadora.

Eu sinto que já estou andando a algum tempo, passando por turistas tirando fotos e selfies com caveiras e ossos. É confuso, a maneira como os túneis vão, e a umidade e a escuridão parecem realmente deixar o lugar um tanto esquisito.

Não ajuda que isso seja uma coisa muito mórbida que estou fazendo, especialmente depois de ver Ludovic morrer, depois do funeral, e ouvir a teoria de Seraphine, para não mencionar a verdade do que aconteceu a Olivier.

Uma brisa fria sopra nos meus braços nus, e eu tremo, desejando ter prestado mais atenção às previsões online e trazido um casaco. É como

se, mesmo com a chuva acontecendo bem acima no solo, estivesse ainda mais frio aqui embaixo.

Também não há muitos turistas, nem tantos quanto eu pensava que haveria. Há algumas passagens de túneis onde não vejo ninguém. Eu só ouço vozes abafadas. E quando eu viro a esquina, ninguém está lá. Talvez a chuva os tenha todos encerrados nos museus do Louvre e do Orsay. Ou talvez eles fossem espertos e achassem que as catacumbas eram na verdade o pior lugar para estar em um dia sombrio de verão.

Há várias passagens escuras que vão para longe do túnel principal a cada instante. Todos eles têm sinais de *NE PAS ENTRER* e *STOP*, avisando as pessoas para não entrarem. Alguns têm portas que estão trancadas, outros são apenas rachaduras longas e escuras que desaparecem no calcário.

Eu tremo quando ouço a batida molhada de passos atrás de mim.

Viro-me, mas vejo apenas uma coluna redonda de ossos subindo do meio dos assoalhos lamacentos.

Nada.

Deve ser a água pingando do teto, eu digo a mim mesma.

Respiro fundo e continuo caminhando, aliviada por virar a esquina e ver um casal mais velho lendo uma das placas nas paredes.

Ainda assim, novamente eu ouço o som de passos e sinto a mudança para uma brisa fria, com arrepios espetando meus braços. Eu juro que vejo uma sombra se mover para trás, mais fundo nas outras sombras.

"Olá," eu grito, mas a única resposta que recebo é um curioso "*Olá*?" do casal na minha frente.

Eu dou a eles um aceno estranho e depois passo por eles, querendo muito sair daqui agora.

Mas só há uma saída dos túneis, pelo menos para o público, e a saída parece nunca chegar. Continuo caminhando, às vezes por salas com poucas pessoas, às vezes por espaços sem mais ninguém.

E todo esse tempo eu tenho a sensação perturbadora de que estou sendo seguida.

E, sim, claro que estou sendo seguida. Há sempre turistas atrás de mim, embora ao meu ritmo eu esteja passando por todos.

Não, esse sentimento é outra coisa.

São sombras que não param de se mover.

É o brilho dos olhos antes que eles desapareçam no escuro.

É saber no fundo do meu coração que eu estou sendo vigiada.

Caçada.

Quando eu tenho esse sentimento pela milionésima vez, eu giro ao redor, preparada para enfrentar meu atacante.

Mas eu não vejo ninguém além de um garoto sozinho no fim do corredor, tocando em um crânio.

Então eu me virei e o vi.

Desta vez à minha frente, não atrás de mim.

Um homem passando pelo túnel e desaparecendo no escuro, indo e vindo de um lugar que ele não deveria.

Eu ando para frente.

Há duas passagens, ambas com sinais de *NÃO ENTRE*. Uma delas está completamente escura. Uma delas tem uma luz fraca pendurada em algum lugar mais distante dentro dela, como se fosse uma grande caverna.

Eu sei que devo continuar.

Eu sei que deveria sair deste lugar.

Mas agora estou mais curiosa, que assustada.

Eu ando cuidadosamente pela passagem estreita, ignorando o letreiro, meus dedos escovando ao longo das paredes úmidas de calcário.

E então eu o vejo.

Em uma pequena sala entalhada na pedra.

Uma pilha de caixas quebradas em um canto.

Montes de ossos quebrados.

Uma única lâmpada balançando que emite uma luz sépia apagada.

E Pascal, bem abaixo dela.

Esperando por mim.

Eu deveria ter esperado vê-lo, eu deveria saber que era ele me seguindo. Esse lugar parece o tipo de lugar onde ele iria emergir, em qualquer lugar entre o mundo real e o inferno.

Ainda assim, estou surpreendida.

Surpreendida o suficiente para congelar no lugar, com o meu fôlego na garganta.

"Você é uma garota difícil de encontrar," diz Pascal com a voz baixa. Ele avança, a luz da lâmpada atingindo seus olhos, fazendo-os brilhar intensamente.

"E você não parece entender muito bem," eu digo a ele, levantando meu queixo e prendendo-o com meu mais confiante olhar, mesmo que por dentro eu queira correr, talvez vomitar em algum lugar.

Eu me virei e iniciei o caminho que vim, porque eu posso ter sido estúpida o suficiente para entrar aqui, mas eu não sou estúpida o suficiente para ficar.

"E você não parece aceitar ameaças muito bem," diz ele bruscamente. Há tal vantagem em sua voz que eu não tenho escolha a não ser parar. "Você é uma garota esperta, Sadie. Sabe o que vai acontecer com você, com Olivier, se você não começar a fazer as escolhas certas. Você pode sair

daqui e fingir que nunca me viu, mas eu vou ter certeza de te seguir onde quer que você vá. Para onde quer que seus entes queridos vão. Onde quer que seus entes queridos estejam." Ele pausa. "Eu ouvi dizer que Seattle é linda nessa época do ano."

Meu coração pulsa alto em meus ouvidos, e eu lentamente me viro para enfrentá-lo.

Ele não pode estar falando sério.

Ele acabou de ameaçar minha mãe?

Mas ele está falando sério. Ele está mais sério do que eu jamais o vi. Aquela máscara que ele às vezes usa desapareceu, e não há nada além de ambição gelada, o tipo de olhar que eu tenho certeza que a maioria dos assassinos em série tem enquanto eles estão planejando sua próxima morte.

"O que você quer de mim?" Eu pergunto calmamente.

"Eu quero te mostrar algo," ele diz, tirando o telefone do bolso e caminhando em minha direção.

Recuo até ser pressionada contra a parede fria e me pergunto se gritasse, minha voz ecoaria nos túneis ou seria engolida pelos ossos.

"Não entre em pânico," ele me diz, chegando tão perto que ele está quase pressionado contra mim, deixando apenas alguns centímetros que parecem não ter nenhum espaço. Mal consigo respirar. Seu rosto se aproxima, seus lábios sobem naquele sorriso desequilibrado, um que diz

gostar muito do que está fazendo. "Eu não vou te machucar. Podemos discutir as coisas como adultos. Podemos decidir o que vamos fazer a seguir."

Eu não digo nada, apenas olho para ele, e sei que meus olhos estão mostrando cada grama de medo passando por mim.

"Você tem olhos tão lindos," ele diz. "Como um animal, apanhado, encurralado. Uma vez confiante, e agora com medo."

Eu lambo meus lábios, minha boca secando tanto que é como se um saco de areia tivesse sido derramado nela.

"Você não precisa ter medo de mim se você me ouvir," ele murmura, seu olhar agora está passando por minha boca. "Você não tem nada a temer se jogar da maneira correta."

"E que maneira é essa?" Sussurro.

Ele levanta a testa. "Você é curiosa. A curiosidade matou o gato, não é isso que eles dizem de onde você vem? Mas você é mais esperta do que isso. É por isso que você vai me ouvir. É por isso que você vai embora."

"Eu vou embora de bom grado." Faço um movimento para ir, mas ele se encosta contra mim, se posicionando para que eu fique presa entre ele e a parede. Eu respiro fundo, tentando reunir energia suficiente para gritar, quando ele coloca sua mão na minha boca.

"Shh, shh, shh, shh," ele sussurra duramente. "O que eu disse? Você fica quieta e escuta, e tudo vai dar certo. Se você gritar, se correr, então

será eu no próximo avião de volta a Seattle, não você. Você me entendeu? Sei que meu inglês pode ser ruim às vezes, mas estou tentando explicar algo muito importante aqui. Você compreende alguma coisa disso?"

Eu não entendo.

A única coisa que eu reconheço é o medo.

O medo de que algo terrível esteja prestes a acontecer comigo.

E ao mesmo tempo, como isso poderia acontecer?

Eu poderia lutar, eu poderia escapar, eu poderia gritar, e as pessoas viriam correndo em um segundo. Estamos em uma sala com apenas uma saída, e há um mundo de turistas ao virar da esquina.

Eu poderia fazer todas essas coisas e escapar.

Isso só iria piorar as coisas.

Eu tento me acalmar, jogar junto, mas com a mão dele pressionada contra minha boca, com seu corpo duro e forte me prendendo no lugar, é impossível.

"Boa menina," diz ele. "Você está aprendendo, e está ouvindo. Isso é bom. Hey, deixe-me te mostrar uma coisa." Ele tira a mão da minha boca, e eu respiro. Ele traz seu telefone até os meus olhos e pressiona "Play". "Você reconhece isso?”

É um vídeo. A filmagem é granulada no início, depois focada.

É de um hotel.

Um quarto de hotel no Rouge Royale.

É de uma janela. Estou nua, pressionada contra o vidro. Olivier está me fodendo contra ele. A câmera faz zoom cada vez mais perto, e embora eu esteja de costas para a maior parte dela, ocasionalmente minha cabeça vira para o lado, ou em êxtase ou para olhar para o mundo abaixo, e você pode ver claramente que sou eu.

Minhas bochechas ficam vermelhas imediatamente, e eu fecho meus olhos de vergonha.

Eu sabia que era um erro ser tão atrevida, foder onde qualquer um pudesse nos ver. Era parte da emoção. Fiquei tão entusiasmada com o encontro no hotel, com tudo.

E Pascal viu tudo.

Ele filmou tudo do prédio do outro lado da rua, talvez daquele quarto escuro com as persianas meio fechadas.

Ele guarda o telefone. "A princípio eu achei que você era uma '*artista*' incrível," Pascal murmura na minha orelha, sua respiração quente. "Eu pensei que não havia como meu primo ser assim tão bom. Mas acho que é a verdade. Embora você sabe, se eu me divertisse com você, Olivier mal seria uma recordação."

"Vai sonhando," consigo dizer, olhando para ele.

"Não tenho que sonhar", diz ele com um sorriso. "Eu tenho isso. Você sabe quantas vezes eu gozei assistindo a isso? Quantas vezes eu imaginei

que era eu com meu pau dentro de você, fazendo você gozar contra o vidro? Estou me excitando só de falar sobre isso de novo, ser capaz de sentir você assim, cheirar você quando você está quente e desesperada. Eu faço você ficar desesperada agora?"

Eu olho para longe da emoção lasciva dos olhos dele, me recusando a responder a ele, sabendo que não importa o que eu diga, ele vai encontrar uma maneira de distorcer isso para se ajustar a ele.

"Assustada de repente? Eu entendo. Bem, eu suponho que é sempre um choque ver você mesma em um momento tão íntimo. Será um choque maior quando o mundo o ver."

"De que porra você está falando?" Eu me atiro nele.

Ele sorri. Parece um maníaco de merda. "Eu tenho sua atenção. Muito bom. Bem, veja, essa é apenas uma das coisas que vai acontecer se você ficar com Olivier. Vou compartilhar isso com a imprensa. Vai estar em todos os lugares. Claro, não é nada mais do que um escândalo, e eu não acho que isso vai machucar Olivier de alguma forma. Mas deve ser embaraçoso para você. Ter todas as pessoas em casa te vendo assim. Sua mãe..."

"Não fale nela, porra."

Ele se encolhe. "Eu tenho que o fazer. Faz parte do plano."

"O teu plano para nos separar, para manter Olivier longe de qualquer felicidade, não é isso? É isso que você quer?"

Ele inclina a cabeça, franzindo o nariz enquanto me estuda. "Você faz parecer que eu odeio meu primo."

"Você odeia. E ele te odeia."

"Oh, eu estou muito consciente disso."

"É por isso que ele fodeu sua esposa," eu cuspo, esperando que Pascal pareça chocado ou insultado ou algo assim.

Mas aquele sorriso torto e contraído retorna, e os olhos dele estão praticamente dançando de alegria. "Não foi por isso que ele fodeu minha esposa," diz Pascal. "Ele fodeu com minha esposa porque isso incomodava o quanto sua família pensava pouco dele. Como eu me importava pouco com ele. Ele fodeu com minha esposa porque ela era linda, e ela disse que o desejava, e ele caiu nessa."

Eu franzi meu cenho. "Caiu nessa?"

"Sim, sim. Caiu por ela. Marine era ambiciosa, mas estúpida, uma combinação terrível. Muito parecida com a minha mãe, na verdade. É provavelmente por isso que eu a pedi em casamento - você sabe como todas essas relações podem ser bagunçadas. De qualquer forma, quando você é estúpido, e ambicioso, você vai fazer qualquer coisa e nunca pensar nas consequências. Marine nunca quis estar comigo - ela só queria o meu dinheiro. Isso acontece com todos nós. Tenho certeza que com a minha mãe foi a mesma coisa. Foi certamente o mesmo para o ex-marido de Seraphine. Você nunca pode ter certeza das intenções de alguém. Quando

você é um Dumont, todo mundo quer um pedaço de você, mesmo que isso signifique cortar a si mesmo no processo."

Ele passa um dedo pelo lado da minha bochecha, pressionando lentamente com mais e mais força. "Marine era um alvo fácil, e ela era descartável. Eu disse a ela o plano. Ela iria seduzir Olivier, ter um caso com ele, levá-lo, e deixá-lo acreditar que ela o amava. Então nós esperaríamos que eles fossem descobertos."

Ah. Meu Deus. Meu Deus.

"Depois disso, o acordo foi feito. Olivier perdeu tudo. Meu pai e eu ganhamos tudo - teríamos que esperar um tempo. Chegou muito mais cedo do que eu pensava, para ser honesto com você."

"Marine... você fez sua esposa seduzir Olivier? Você armou-lhe uma cilada!"

"Nós tramamos. Foi ideia do meu pai, naturalmente. Ele sempre tem as melhores ideias. Eu era muito jovem na época, não tinha evoluído para isso ainda. Não se preocupe com Marine, no entanto, ela teve o que merecia. Assim que acabou, eu me divorciei dela, e ela não recebeu nem um centavo de mim. Veja, ela estava me traindo com meu primo, e havia aquela cláusula de infidelidade em nosso acordo pré-nupcial."

Logo quando eu não achava que esse cara poderia ficar mais maléfico...

"Oh, eu enjoo você," ele fala divertido. "Eu estou bem com isso. É melhor ter uma reação do que nenhuma. É como a arte, você vê."

"Como você se atreve a comparar assassinato com arte?"

"Assassinato?" Pascal diz. "Você está sendo um pouco dramática, não acha?"

"Eu sei que você fez isso. Todo mundo sabe. Você assassinou Ludovic para tomar conta da empresa."

Pascal franziu os lábios por um momento, e posso dizer que isso o pegou desprevenido, o fato de que eu sei a verdade. "Ele teve um ataque cardíaco."

"Você o matou."

"Posso assegurar-lhe que não o fiz. Eu não concordava com meu tio, mas também não o odiava. Eu nunca faria tal coisa. Tão tumultuado."

"Eu vi você. Eu vi você saindo do escritório com ele e seu pai, logo antes de Ludovic morrer. Você poderia ter feito isso lá dentro. Envenenando-o."

Pascal se enfurece, parecendo pensar em alguma coisa. Então balança a cabeça. "Você acredita no que quiser. Eu realmente não me importo neste momento. O que eu me importo é com você, indo embora agora. E ao sair, eu quero dizer pegar seu voo hoje à noite."

"Que voo?"

"O voo que você vai fazer em três horas, de volta a Seattle."

Eu me recuso. "Eu não vou a lugar nenhum."

"Sim, minha querida, você vai. Você sabe as consequências se ficar."

"Por que quer tanto que eu vá embora?"

"Porque você não tem lugar nisto, aqui. Talvez eu esteja apenas cuidando de você. Talvez você tenha razão, e eu odeie Olivier e quero que ele saiba que eu tenho todo o poder, todas as cartas. Eu posso fazer com que a amada dele o deixe que eu possa fazê-lo ficar aqui, sozinho. Você sabe que ele nunca te seguiria. Não com Seraphine aqui, sozinha e exposta. Não com seus hotéis. Ele lamentará, e isso lhe quebrará o coração, e nunca mais te verá."

Eu engulo em seco, mal me mantendo em pé, enquanto a água fria escorre sobre meu ombro, vindo do teto. Pascal ainda está tão perto de mim, eu sinto que ele é esse grande buraco negro que está lentamente me devorando, corroendo minha determinação.

"Eu não estou indo a lugar nenhum."

Ele fecha os olhos brevemente e suspira. "Eu gosto de você, sabe. Muito. Eu acho que se você fosse mais liberal, você poderia até me preferir ao meu primo. Mas isso não é nem aqui nem ali. A questão é, eu não quero ter que machucar você, Olivier ou sua família. Mas se não fizer exatamente o que eu digo esta noite, eu farei." Os olhos dele se concentram nos meus com uma convicção impressionante. "E eu farei com que doa mais do que você possa imaginar," ele sussurra.

Então ele se afasta, e a umidade da caverna subterrânea corre por cima de mim, me fazendo sentir doente. Ele pega seu telefone novamente e puxa uma passagem aérea na tela.

"Seu voo," diz ele. "Se eu fosse você, voltaria correndo para casa, faria as malas e iria embora." Ele mexe no celular até que outra passagem apareça. "Como você pode ver, eu também tenho um bilhete. Vejo você no aeroporto. Ou talvez, se eu confie em você, talvez eu não confie. De qualquer modo, alguém vai voar para Seattle para ver sua mãe. *Comprenez-vous?"*

Eu aceno com a cabeça. "Sim."

"Soa melhor quando você fala em francês," ele diz.

Eu mal consigo falar. "Oui."

"Ah," ele diz. "Ok, talvez você fique com o seu inglês então." Ele guarda o telefone e sai da caverna, falando por cima do ombro, suas palavras ecoando pelas paredes, "Não se atrase, Sadie. Você não pode se dar ao luxo de se atrasar."

E então eu estou sozinha.

Eu caio contra a parede, deslizando para baixo, tentando respirar, tentando pensar.

Tentando descobrir a coisa certa a fazer.

E se é a única coisa a fazer.

Capítulo Dezoito

Olivier

"Você pode dirigir um pouco mais rápido?" Eu pergunto ao meu motorista, Hugo, mesmo que ele já esteja ultrapassando o limite de velocidade enquanto passamos por Quai d'Orsay em direção ao meu apartamento em Le Marais.

Ele levanta as sobrancelhas, mas continua a pisar no acelerador.

Viro-me e olho para trás, para Blaise e Seraphine. "Bem?" Eu digo a Blaise. "Você estava dizendo?"

No momento em que ele sugeriu que Sadie poderia ter sido ameaçada por Pascal de alguma forma, eu sabia que eu não tinha escolha a não ser chegar até ela imediatamente. O Fiat se recusou a ligar depois de todos os danos que sofreu, então o abandonamos no parque, e chamei um dos meus motoristas para me buscar.

Também me certifiquei de não ir sozinho. Preciso de Blaise comigo. Ele é a chave de tudo isso, a única pessoa que pode consertar as coisas.

O que é muito ingênuo da minha parte pensar, porque Blaise ainda é um deles, e não tenho certeza se posso confiar nele. Mas, atualmente, ele é tudo o que eu tenho.

Então há Seraphine, que eu posso dizer que está se recuperando tanto de quase morrer em um acidente de carro, quanto da confissão que ouviu no parque do meu acordo com Gautier.

Ela está zangada comigo, eu sei. Se não estiver, quando o choque passar, ficará. Eu não posso culpá-la. Mesmo que ela opte por me afastar, cortar os laços comigo e renegar-me como seu irmão, não posso culpá-la. Eu tenho mentido para ela por muito tempo, e é uma mentira que pode custar-lhe caro, uma mentira baseada no meu próprio egoísmo e estupidez.

Mas por enquanto, ela está tirando pedaços de vidro quebrado de suas mãos e fazendo o melhor para tirar respostas de Blaise. Eu insisti para que a levássemos diretamente para o hospital, mesmo que ela tenha dito que não está tão ruim quanto parece, para que ela possa fazer a jogada com os arquivos do seguro, os relatórios da polícia e tudo mais, apesar de eu saber no meu coração que vai ser inútil. Claro, ela vai receber algum dinheiro pelo carro - não que ela precise- mas é só conversa fiada neste momento. O homem atrás do volante pode muito bem nunca ter existido, e mesmo que isso tenha algo a ver com o meu tio - que eu estou tentando chegar ao fundo do poço - ele nunca vai ver a luz do dia.

Esse é o problema de ser tão corrupto assim. Quando você tem o poder da máfia e de várias organizações criminosas ao seu dispor, quando

você tem todo o dinheiro do mundo, então você controla o que a polícia faz ou não faz.

"Eu não estava dizendo nada," Blaise corta, ainda esfregando o nariz, gemendo enquanto ele pressionava com força.

"Sim, você estava," diz Seraphine. "Você disse que Pascal tinha um parafuso solto, o que, francamente, não é uma surpresa para ninguém aqui."

"Se ele a machucar," eu o avisei, a raiva subindo na minha garganta como bílis, "Eu te machuco. Mais do que eu já fiz. Mais do que você possa imaginar."

Blaise amaldiçoa. "O que Pascal faz não é da minha conta."

"Então porque você o está traindo?" Pergunta Seraphine.

Ele olha para ela, os olhos dele se encontrando com os dela e a fitando por mais tempo do que o normal. Ele absorve, esfregando os lábios por um momento, como se estivesse lutando com algum monstro dentro dele. Então ele diz. "Porque eu o odeio."

Seraphine olha para mim, chocada, e depois volta para Blaise. "O quê?"

Blaise respira fundo. "Eu imaginei que você soubesse disso."

"Por que diabos eu saberia isso? Você está sempre com eles."

"Como o terceiro mosqueteiro," eu digo.

Blaise olha para mim e depois olha para Seraphine, como se eu não existisse. "Estou trabalhando com você muito mais do que com eles," diz. Então ele se encolhe. "Tanto faz. Não preciso me explicar."

"Meu Deus, você é um bastardo mal-humorado," diz ela.

Ele sorri para ela. "E você não me aceitaria de outra forma." Então estremece, segurando o nariz. "*Ow.*"

"Desculpe," eu digo. "Mas nós temos problemas mais urgentes em mãos. Claro, nós quase morremos, e, sim, é chocante que você de repente odeie seu irmão, mas a vida de Sadie está em jogo aqui."

"Ele não vai machucá-la," Blaise diz. "Talvez seja um pouco grosseiro. Você sabe como ele é. Assustá-la. Mas ele não vai machucá-la."

"Então agora você está defendendo-o?" Seraphine pergunta.

"Não estou defendendo ninguém. Estou apenas dizendo a verdade. Pascal vai ameaçá-la, e ele vai fazer com que ela saia."

"Por quê?" Seraphine pergunta. "O que ela fez para ele?"

"Nada," diz Blaise. "É apenas um jogo. Você já deveria ter percebido até agora. É um jogo para aqueles dois, e sempre foi. Eles têm que estar no topo. Eles têm que estar controlando o percurso em todos os momentos ou... as coisas ficam feias."

"As coisas já estão feias," eu digo a ele horrivelmente. "Basta olhar para nós."

"Então é por isso que está acontecendo," ele diz, como falar sobre tudo isso está o esgotando. Ou aborrecendo. "Sadie é algo novo na sua vida, e ela realmente não pertence a esse mundo. No que diz respeito a eles, quanto mais eles te jogam no chão, mais alto eles se elevam. Não se esqueça... eles têm medo de você."

"Medo de mim?”

"Você não envia bandidos poloneses quando está seguro consigo mesmo. Eles estão muito cientes de que estão chantageando você para chegar ao topo. Eles não queriam te matar hoje, queriam te assustar, te lembrar do seu lugar."

"Então foram eles," diz Seraphine. "Você admite."

"Eu não sei de nada," diz ele rapidamente. "Mas faz mais sentido. Ao contrário da sua teoria de assassinato, que não existe. Desculpe, eu sei que você quer culpar alguém, mas eu acho que você deveria simplesmente esquecer esse assunto."

"Meu pai está morto," diz Seraphine friamente. "Eu não posso deixar isso ir."

"Então eu acho que você terá um enorme problema se continuar perseguindo isso," diz Blaise, olhando para ela com firmeza. "Confie em mim. Por favor. Eu não acho que meu pai ou meu irmão tiveram nada a ver com a morte de Ludovic. Mas se você começar a investigar, se você começar a agir como eles agiram, se você começar a mexer nas coisas...

eles vão retaliar. É melhor você esquecer isso. Lamentar e chorar por seu pai. Mas não vá à procura de algo para piorar a situação."

Eu tenho que dizer, eu concordo com Blaise neste caso. Talvez seja porque eu não quero pensar nisso, talvez porque eu sei que vai piorar as coisas, mas estaríamos todos em melhor situação se deixarmos isso ir.

Por agora.

Além disso, isso não está na dianteira da minha mente. Eu não tenho certeza se eu confio em Blaise quando ele diz que Pascal não vai machucá-la, e eu odeio pensar no que isso pode significar. Tudo que eu sei é que se Pascal esteve com Sadie, ela vai ficar aterrorizada, perdida e confusa. Ela vai se machucar de alguma forma e conhecendo-a, se Pascal a fizer escolher, se a intenção dele for fazê-la se afastar, ela vai embora.

Ela fará isso para me proteger.

É parte da razão pela qual me apaixonei por ela.

Ela é uma das poucas pessoas que iria acima e além por mim, assim como eu iria por ela.

Deus, parece que foi há muito tempo, naqueles dias felizes naquele quarto de hotel ensolarado, onde nossos únicos problemas eram o que pedir de serviço de quarto.

Sinto falta dessa vida.

Sinto falta dela.

Sinto falta de nós.

Agora está tudo tão fodido.

"Ei," Seraphine diz gentilmente, tocando-me no ombro. Viro a cabeça para contemplar a simpatia nos olhos dela. "Ela vai ficar bem."

"Sim. E se ela não estiver?"

"Ela vai estar."

"Isso não significa que ficaremos bem."

Eu percebo que ela entende exatamente o que quero dizer.

Isso era muito para qualquer casal, quanto mais um novo.

Felizmente, não falta muito para o carro estacionar na rua molhada do lado de fora do meu prédio. Passei pelo porteiro, que faz um duplo e depois triplo exame enquanto Blaise e Seraphine correm pelo saguão atrás de mim. Estou realmente espantado que Blaise ainda esteja aqui, mas talvez ele esteja tentando se distanciar de Pascal e Gautier.

Ou talvez tenha algo a ver com Seraphine.

Ele parece protegê-la de uma forma estranha. Talvez de um modo irmão-irmã, o que ainda seria bastante estranho, porque eles são de lados diferentes, e nunca se deram bem. Tudo o que sei é que se Blaise realmente odeia Pascal - e parece que ele também não gosta muito de seu pai - talvez Seraphine não esteja sozinha neste jogo, afinal.

Assim que eu entro no meu apartamento, é óbvio que Sadie foi embora.

A mala dela está arrumada para isso.

E há um bilhete.

O bilhete me traz um pouco de alívio, só por saber que ela está bem.

Querido Olivier,

Lamento muito, mas tenho que ir embora. Não tenho tempo para explicar, mas vou pegar um voo no Charles De Gal, ou como se soletra isso, e vou para casa. Por favor, saiba que estou bem, estou bem e que não estou machucada, mas tenho que ir para casa. Por favor, entenda isso. Não tem nada a ver com você.

Eu te ligo quando pousar. Eu te amo.

Eu realmente, realmente te amo.

Eu o escreveria em francês, mas...

Eu te amo.

Sadie

"Ela está bem?" Seraphine pergunta, tentando olhar por cima do meu ombro para lê-lo.

Eu dobro e coloco no meu bolso, longe dos olhos dela. "Ela está bem, eu acho. Eu não sei. Ela está indo para casa."

"Casa?"

"Ela pegou um voo de volta para Seattle."

"O que significa que Pascal comprou para ela," Blaise medita enquanto olha para uma pintura na minha parede, mãos apertadas atrás das suas costas. "Eu imaginei isso."

"Como você está se sentindo?" Seraphine me pergunta, vasculhando meu armário de bebidas por uma garrafa de algo para beber.

"Não sei," admito.

Porque eu não sei.

Ela se foi.

Meu amor se foi.

E, no entanto, sei que não vou deixá-la ir tão facilmente.

Seraphine seleciona uma garrafa de brandy e tira a rolha com os dentes. "Se você não se importa, vou me servir disso."

Eu a observo distraidamente enquanto ela toma vários longos goles da garrafa.

"Impressionante," Blaise fala sua atenção sobre ela agora, vendo-a engolir de uma maneira que eu não acho que seja tão adequada a familiares.

Eu desaprovo isto, mas minha mente avança. "Por que você odeia seu irmão?"

Blaise sorri. "Por que você o odeia?"

"Porque... ele é uma merda do caralho. Implacável, um lixo sem classe."

"Oh, somos todos um pouco impiedosos, Olivier," diz Blaise. "Todos nós temos nossas maneiras de subir ao topo. Você foi. Não com a marca Dumont, mas com os hotéis. E você também, Seraphine, para chegar à posição que você tem. Se pudesse, você estaria no topo. Eu vejo essa ambição em você. Ela corre em nosso sangue. Acho que o meu lado da família acabou por alimentá-la mais."

Ele caminha até Seraphine e tira a garrafa de suas mãos, tomando um gole ele mesmo, sem quebrar o contato visual com ela. Quando termina, ele limpa a boca e diz: "Este rótulo é nosso, ou é realmente algo bom? Para mim tudo tem gosto de fogo."

"Você nunca respondeu a pergunta," eu o lembro.

Ele se encolhe. "O que importa por que eu o odeio? Só porque alguém é seu irmão, sua família não significa que você tem que gostar dele. Vamos apenas dizer que eu vivi uma vida diferente de você em uma casa diferente. Mas minhas aspirações, meus objetivos, são todos iguais."

Para chegar ao topo, acho eu. Se ele conseguir tirar Pascal de cena de alguma forma, então ele pode tomar sua posição. Mas não sei se Blaise percebe que o pai e Pascal são uma frente unida que nunca conseguirá ultrapassar. Há favoritos nessa família.

"Então, o que você vai fazer?" Seraphine me pergunta quando Blaise me dá a garrafa.

Eu aceito. Por que não?

Tem gosto de fogo, mas do tipo que te batiza.

Do tipo que consome o nevoeiro e traz certo tipo de claridade à cabeça.

Eu sei o que tenho de fazer quando o digo.

"Vou para Seattle," eu digo. "Esta noite. E eu não sei se, ou quando vou voltar."

Eu espero que Seraphine faça um escândalo. Espero que ela me diga que estou fazendo o que eles querem, que eles vão ganhar dessa maneira, que o papai iria desaprovar.

Mas a verdade é que o meu pai sempre quis que eu fosse feliz.

E eu sei o que me faz feliz.

É Sadie.

É Sadie e nada mais.

"Bem," diz Seraphine, e mesmo que eles não sejam parentes de sangue, eu posso ver meu pai nela, ouvi-lo em sua voz. Eu sei que ele está falando através dela, ou ela está falando através dele. "Acho que é a coisa certa a se fazer. Talvez seja a única coisa a fazer."

"Você não se importa?"

Ela ri secamente. "Importar? Eu vou sentir sua falta, mas se você está preocupado em me deixar sozinha, não fique."

"Eu vou garantir que ela fique bem," Blaise diz.

Seraphine olha para ele, com os olhos arregalados de surpresa. Ele apenas prende o olhar nela, e naquele momento eu sei que ele está dizendo a verdade. Pelo que vale, ela vai ficar bem sem mim. Talvez ela fique ainda melhor. Talvez todos nos tornemos melhores versões de nós mesmos quando ficarmos sozinhos para descobrir quem realmente somos.

E o que realmente queremos.

E o que eu quero é embarcar em um avião e voar a milhares de quilômetros de distância, atravessando um oceano, para outra terra.

E eu sei que estou prestes a seguí-la até lá.

"Acho que tenho um voo para pegar," digo-lhes, indo para o meu quarto para pegar meu passaporte. Quando eu volto, Blaise e Seraphine estão passando a garrafa de brandy entre eles. "Posso confiar em vocês no meu apartamento?"

"Você acha que vamos começar uma luta de socos?" Seraphine pergunta.

Não particularmente.

"Tudo bem. Posso confiar em vocês para irem ao hospital pelo menos?"

"Eu vou levá-la," diz Blaise. "Você somente saia daqui."

Por uma fração de segundo, fiquei com a sensação de que estou fazendo exatamente o que eles querem, que minha saída de Paris só beneficiaria Gautier e Pascal, mas também Blaise.

Mas isso não significa que estou abandonando o barco.

Estou apenas seguindo em frente.

Só tenho de fazer uma parada a caminho do aeroporto.



A casa de Gautier está localizada nos arredores de Paris, em uma parte pacífica da cidade, onde colinas ondulantes se encontram com florestas de carvalhos, um lugar que eu conheço como a palma da minha mão. Todos aqueles verões que passei lá enquanto eu estava crescendo,

meus dias naquela casa e correndo ao redor de sua propriedade, alternando com todos os dias que meus primos passaram na minha casa.

Aparentemente, as memórias parecem puras. Sem manchas. Talvez seja assim para tanta gente. Sua infância é cheia de sol e cheiro de grama fresca, sabor de sorvete, sensação de nostalgia. Você se lembra de tudo o que é bom e enterra o que é ruim.

Até recentemente, eu acreditava que minhas interações com meu tio, minha tia e meus primos fossem perfeitas.

Começo a perceber que me enganei.

Que mesmo através dos óculos cor-de-rosa da infância, as coisas já estavam em andamento. Gautier e Camille usavam seus filhos e nós uns contra os outros como peças de xadrez, tudo num esforço para minar o vínculo familiar.

E agora, quando estou dirigindo pela estrada arborizada em direção à propriedade de Gautier, as lembranças me atingem. As verdadeiras memórias - as lascas de sujeira que cortam todos os sorrisos, os risos e as brincadeiras.

Eu me lembro de ver minha mãe chorando no banheiro depois de uma discussão com meu tio. Eu me lembro de minha tia dizer a Pascal que ele não era tão bonito ou tão esperto quanto eu, o que fez Pascal me atacar. Eu me lembro de Blaise me empurrando um dia, me dizendo que eu não era bem-vindo. Eu me lembro de meu tio me comparando continuamente com seus filhos, me usando sempre como uma coisa à

altura, mesmo que eu fosse apenas um garoto e não tivesse feito nada de errado. Eu me lembro de que ele usava o medo para fazê-los agir como ele desejava, e quando as coisas não corriam como ele queria, ele se transformava em uma besta violenta.

Eu me lembro de ver Blaise com um hematoma na bochecha.

Pascal chorando depois que seu pai o trancou no porão durante sua própria festa de aniversário.

Camille tentando deixar minha mãe cada vez mais bêbada.

Meu tio me dizendo que eu venho de uma linhagem de mentirosos.

Agora eu me lembro de todos aqueles momentos escuros que eu tentei desesperadamente esconder, e eles estão rastejando através das fileiras de carvalhos como aquela lanterna de verão que está morrendo.

Eu cheguei à sua casa, e com todas as obscuridades e novas lembranças, a mansão de trezentos anos de idade parece particularmente sinistra.

Também parece que não há ninguém em casa. Há apenas um carro estacionado do lado de fora. Eu teria pensado que pelo menos Pascal estaria em casa já que ele passa aqui a maior parte do tempo, mas eu vou ter que lidar com meu tio.

Ele é o único que controla Pascal de qualquer forma.

Eu estaciono e saio do carro, olhando para as janelas do andar de cima. Eu vejo a figura sombria da minha tia enquanto ela olha para mim e depois desaparece.

Eu bato na porta, e só há silêncio por um longo tempo. Se este fosse um filme de terror, haveria grandes cães demoníacos ladrando de algum lugar da casa, mas Gautier e Camille têm aversão à maioria dos animais.

A memória me bate forte, apenas um flash de quando pegamos um gatinho chamado Felipe no abrigo, graças aos apelos de Seraphine por um. Pascal estava tão apaixonado por aquele gato, que cada vez que passava na nossa propriedade, passava horas com ele.

Ele não parava de pedir um aos seus pais, mas eles estavam convencidos de que nunca teriam animais nojentos em sua casa. O máximo que Pascal podia fazer era economizar o suficiente para ter um hamster. Ele comprou a gaiola e o animal com o dinheiro que tinha poupado, e eu me lembro de quando ele me levou ao seu quarto para me gabar do fato de que ele finalmente tinha conseguido um animal de estimação também.

Só que o hamster desapareceu. A jaula estava vazia.

E depois de termos passado uns bons vinte minutos procurando freneticamente pelo quarto, a sua mãe apareceu e disse-lhe que tinha atirado o hamster pela janela.

Pascal mudou depois daquele episódio. É como se qualquer inocência infantil que ele possuía naquela idade tivesse sido extinguida, e algo frio e

impessoal tomasse seu lugar. Lembro-me de sentir todo o choque, horror e repugnância pelo que sua mãe havia feito com tanta naturalidade a uma criatura viva, mas, acima de tudo, lembro-me de ter medo de Pascal depois disso, como se o único lado bom dele tivesse sido apagado.

Respirando profundamente, prestes a bater de novo, quando por fim as gigantescas portas se abrem, e Charlotte, a jovem e pequenina empregada, aparece.

"Olá?" Diz ela suavemente.

"Charlotte," eu digo com um aceno de cabeça. "Pascal está em casa?"

Ela balança a cabeça, parecendo temerosa.

"E meu tio?"

E pela sua linguagem corporal, posso dizer que ela está se preparando para fechar a porta na minha cara.

Então atrás dela, "Está tudo bem, Charlotte, deixe-o entrar."

A voz de Gautier.

Ela abre a porta mais amplamente e sai do caminho. Eu entro para ver Gautier na entrada da biblioteca dele, segurando um copo de xerez.

"É bom ver você, Olivier. Venha, junte-se a mim."

Ele se vira e vai embora, desaparecendo na sala.

Eu vou até a biblioteca, tentando controlar a raiva correndo através de mim, os impulsos que fazem meus punhos fecharem e abrir.

Gautier está no meio da sala, trajando um terno - embora eu ache que seja Gucci, não Dumont. O homem nem sequer usa a sua própria marca.

"A que devo esta visita inesperada, Olivier?" Diz ele, tomando um gole casual no seu xerez.

"Onde está Pascal?" Eu pergunto. Parei onde estava, na sala. Não quero me aproximar dele. Tenho medo do que possa fazer.

Ele se encolhe. "Não faço ideia," diz ele. "Eu não vigio os meus filhos."

Eu sorrio, dando uma risada seca. "Sim, você sabe. Enviou-o hoje. Você o mandou hoje para intimidar Sadie, assim como mandou aquele motorista para nos matar."

Gautier levanta as sobrancelhas. Ele não parece surpreso. "Sadie? Matar? Você tem certeza que está tudo bem, Olivier? Você esteve bebendo? Porque você não está fazendo nenhum sentido."

"Você pode fingir o quanto quiser," eu dissimulo. "Não vai fazer diferença. Eu sei o que você fez. Eu vejo seu plano. Eu sei que você queria que saíssemos de cena hoje, não apenas para nos assustar. Bem, funcionou. Funcionou para mim e Seraphine. Funcionou para Blaise também."

Seus olhos se estreitaram. "Não mencione meu filho."

"Por que não? Você quase o matou hoje, sabia disso? Como você acha que isso o fez sentir?"

Ele quer morder a isca, quer saber como Blaise se sente. Ele quer saber se está bem. Entretanto, se recompõe. "Eu não sei do que você está falando."

"E Sadie. Você mandou Pascal intimidá-la, fazer seu trabalho sujo. Achava que se você se livrasse dela, isso me enfraqueceria. Que isso iria baixar minha determinação e eu fugiria com meu rabo entre as pernas, mas você estava errado."

"Olivier, por favor. Eu nem sei quem é essa Sadie. Alguma nova prostituta sua?"

Eu não sei como isso acontece, mas eu voo pela sala e ataco meu tio, derrubando-o no chão no piso de madeira, com o xerez voando pelo ar.

Toda lógica e contenção me deixam, e estou esmurrando ele, uma explosão no maxilar, no nariz, na mandíbula. Eu acho que eu poderia bater sua cabeça no chão até que se assemelhe a carne de vaca.

Meu tio está gritando por socorro, ele está tentando retaliar. Ele é forte para a idade que tem, e através do sangue em seu rosto eu posso ver a raiva em seus olhos e o medo de que eu possa simplesmente matá-lo, ou talvez o choque de estar perdendo. O orgulho é uma coisa perigosa nesta família, especialmente para ele. É a coisa que ele mais teme.

Nem mesmo quando os meus dedos estão duros.

Nem mesmo quando Camille e Charlotte estão tentando me segurar, e Camille diz que está chamando a polícia.

Nem mesmo quando estou sobre o corpo ferido de Gautier, ofegante, me sentindo mais animal que homem, eu sei que ganhei essa pequena rodada.

"Eu sei o que você fez, Gautier," eu grito para ele, muito consciente de que Camille está tentando chamar a polícia, consciente de que eles estão no bolso de Gautier e vão fazer o pior para mim. "Todos nós sabemos o que você fez. Você pode pensar por enquanto que você se safou, mas não se safou. Quando sua guarda estiver baixa, quando você achar que ninguém está olhando, é quando seu próprio mundo vai entrar em colapso, e você vai desejar que tudo o que você conseguiu de mim fosse essa surra."

Depois, eu o chuto para o lado. Em inglês, eles dizem para não chutar um homem quando ele está no chão. Mas também dizem que o carma é uma cadela.

Com Gautier gemendo e praguejando contra mim, eu me afasto das garras de Charlotte e Camille, e saio. Eu saio de lá antes que a polícia tenha a chance de fazer alguma coisa comigo.

Eu saio de lá sabendo que eu danifiquei seu orgulho na frente da sua esposa.

Eu saio de lá sabendo exatamente para onde vou em seguida e quem vou ver.

Capítulo Dezenove

Sadie

Eu não tenho certeza se é por causa de tudo que aconteceu, ou se é o jeito que o mundo funciona, mas o voo de Paris para casa parece demorar um milhão de horas a mais do que o voo que fiz de ida.

Passo às onze horas contorcendo-me no meu assento, roendo as unhas e bebendo copos de vinho até que a aeromoça gentilmente sugere que já estou satisfeita, e a pessoa ao meu lado está convencida de que sou a pior passageira do mundo.

A única coisa que pude esconder foram as minhas lágrimas. Toda vez que sentia meu nariz ficando quente e meus olhos queimando, levanto-me do meu assento e vou ao banheiro para chorar a vontade, eles provavelmente estão todos pensando que eu vou para vomitar lá, mas na verdade estou chorando.

Estou de luto por tudo o que perdi.

Estou de luto por Olivier.

O homem que eu amo, o homem que eu temo não voltar a ver.

Depois que Pascal me confrontou nas catacumbas, eu sabia que não tinha muita escolha sobre o assunto, e não havia muito tempo para tomar nenhuma decisão. Sim, eu queria ir à polícia e dizer a eles que eu estava sendo ameaçada, que minha mãe também estava. Eu queria que eles soubessem o que tinha acontecido.

Mas eu sabia que não seria fácil. Sou uma mochileira que está oficialmente na Europa por muito tempo, excedendo seu visto, e a pessoa que eu estaria acusando é um dos homens mais ricos da França. Eu seria ridicularizada, com o fato porque Olivier me escondeu durante todo esse período, e não havia nenhuma evidência real de que eu estivesse envolvida com ele.

E o fato é que meu voo estaria saindo em breve, não queria arriscar tudo, e não conseguir tempo para fazer o check-in, e Pascal embarcar no avião, como tinha sugerido.

Então eu fiz a única coisa que podia fazer.

Eu parti.

Voltei ao apartamento de Oliver, e fiz minhas malas numa correria. Deixei uma nota que se eu tivesse mais tempo, teria sido preenchida com um milhão de frases sobre o quanto eu o amo, o quanto ele é importante para mim. O quanto ele mudou meu mundo, minha vida. Eu não estou apenas deixando ele para trás, estou deixando a pessoa que eu nunca soube que poderia me tornar.

A única coisa que eu podia escrever era que eu o amava, e que eu tinha que fazer isso, e eu estava muito arrependida de não poder agir de outra forma.

"Vamos pousar em breve," a aeromoça me diz, acenando para o encosto que eu tinha reclinado o mais que pude, considerando que estou na classe executiva. Eu não sei o que Pascal estava pensando, você pensaria que ele teria se esforçado ao máximo para ser extremamente cruel e me colocar em um lugar no meio do corredor do avião, é uma pena não poder desfrutar nem um pouquinho, de todo esse conforto. "Desculpe, eu não devo ter ouvido o anúncio," murmuro enquanto retorno meu assento.

"Tudo bem," ela diz e então me dá um sorriso simpático. "Não se preocupe, tenho certeza que você estará de volta a Paris antes que perceba."

Ela continua caminhando pelo corredor, checando todos os outros, suponho que ela perceba no rosto das pessoas que precisam de uma palavra de consolo antes de sair do avião.

A verdade é que eu nunca estaria pronta para partir. Quando decidi ficar com Olivier, nunca pensei quanto tempo teríamos. Qual seria o meu futuro. Será que pensei que viveria na França para sempre, ilegalmente? Será que pensei que poderíamos continuar o nosso período de lua-de-mel por meses, anos? E depois? Será que eu voltaria para a faculdade? Será que alguma vez veria a minha mãe? Será que eu esperava que Olivier viesse para os Estados Unidos e morasse lá?

Quero dizer, Pascal tinha razão. Eu odeio admitir, mas a vida de Olivier está enraizada na França. Sempre foi uma rua de sentido único conosco. Apesar de nos amarmos, as coisas estavam sempre no seu terreno, na sua vida.

Talvez seja melhor assim. Talvez Pascal esteja fazendo um favor a ambos.

Eu abanei a cabeça, tendo dificuldade em aceitar isso. Pascal é um verdadeiro demônio, é isso que ele é. Ou pelo menos parcialmente mau. Embora todos os sinais apontem para que ele tenha algo a ver com a morte de Ludovic, tenho uma estranha sensação de que ele não teve nada a ver com isso. Ou melhor, que talvez a teoria de Seraphine fosse apenas isso: uma teoria. Talvez tenha sido realmente um ataque cardíaco. Acontece o tempo todo, mesmo com pessoas saudáveis, e não era segredo que seu pai estava sob muito estresse na época. Essa é a razão pela qual Olivier estava ajudando no início.

Ah, não importa mais qual é a verdade. A única verdade que realmente importa é que estou em um avião prestes a pousar no aeroporto de Seattle sem o homem que amo. Sua ausência parece mais real agora do que nunca.

Mas mesmo com o meu coração pesado, faço o possível para voltar para casa. Saio do avião, pego minhas malas, e me deslumbro com os sons e imagens de algo tão simples como o aeroporto, a transição do ritmo europeu tranquilo e caótico para a maneira brusca e eficiente como as coisas nos Estados Unidos são. Apanho um táxi e lembro-me

imediatamente do quanto os taxistas daqui gostam de conversar, e agora consigo compreender cada palavra.

De certa forma, gostaria de poder continuar a permanecer em silêncio, permanecer no anonimato, pelo menos até me recompor e voltar a ser uma pessoa.

Mas eu sobrevivo à conversa inútil, e logo estamos parando em frente ao apartamento que eu compartilhei com minha mãe.

Não, compartilho, me lembro muito bem. *Tempo presente. As coisas estão voltando ao que eram.*

Eu suspiro, saindo do táxi e dando gorjetas ao motorista com o último dinheiro que tenho. Bem agora é oficial, estou realmente falida.

Mas no momento em que eu bato na porta e minha mãe abre, uma onda de alívio percorre meu corpo.

"Sadie?" Ela exclama.

"Mãe," eu grito, transbordando em lágrimas e caindo em seus braços.

Ela me agarra - bem, principalmente a minha mochila - e ficamos assim por alguns minutos enquanto eu choro.

Então ela me leva até o sofá e vai me preparar um chá, e eu olho em volta. Pela primeira vez em algum tempo, eu me sinto segura. Sempre me senti segura quando estava com Olivier, mas nunca enquanto não estava. Aqui, estou segura, estou em casa, apenas sentada na minha sala de estar e olhando para as imagens de merda que fiz quando eu era jovem e que a

minha mãe insistiu em emoldurar, e os álbuns de fotos com o rosto do meu pai cortado deles, e o gato espreitando na estante, e...

Espere. *De onde diabos veio aquele gato?*

"Mãe, você pegou um gato?" Eu pergunto. "Ou você está consciente de que há um gato aqui?"

O gato esta me observado o tempo todo, e agora que eu notei, sua cauda começa a tremer. É completamente preto, exceto por uma pata branca.

"Esse é o Kismet," ela me diz, trazendo o bule para a sala e colocando-o sobre a mesa de café gasta. "Nós somos melhores amigos."

Eu levanto minhas sobrancelhas e olho para ela. "Eu pensei que você..."

"Não gostava de gatos?" Diz ela com um riso. "Bem, foi o que eu pensei. Mas enquanto você esteve fora, eu estava me sentindo sozinha, e depois de um tempo eu percebi que poderia ser bom cuidar de algo mais. Achei que finalmente estava bem o suficiente para fazer isso. Então fui para o abrigo e o vi, e quando o voluntário mencionou que os gatos negros raramente são adotados, eu sabia que tinha que levá-lo para casa."

Não posso deixar de ir abraçá-la. "Estou orgulhosa de você." Nunca pensei que minha mãe estivesse em um lugar onde ela não só pudesse manter um emprego, fazer amigos, mas também adotar um animal de estimação - mas aqui está ela.

E aqui estou eu.

Ela me dá um sorriso triste. "Eu só estou vivendo um dia de cada vez. Essa é a única coisa que realmente me mantém em funcionamento. Se eu fizer asneira, bem, isso foi hoje. Há sempre amanhã, e amanhã nunca é o final." Ela me serve uma xícara de chá verde e me entrega. "Sinto muito que você esteja aqui."

Eu pego a xícara, piscando para ela. "Você sente?"

"Quero dizer, estou feliz que você esteja aqui. Foi a maior surpresa que eu poderia ter. Mas eu sei que se você está aqui, isso significa que as coisas não deram certo. E eu queria muito que elas funcionassem para você, querida."

Eu exalei em voz alta, de repente, exausta até mesmo com a ideia de tentar contar a ela tudo o que aconteceu. "Eu também queria que elas funcionassem," é tudo o que consigo dizer.

"Bem, não temos que falar sobre isso agora. Você passou por um longo voo, deve estar exausta. Vamos tomar um chá, e se você estiver com fome, podemos pedir pizza. Aposto que você não come pizza de verdade há muito tempo."

Não lhe digo que comi muita pizza de verdade quando eu estive na Itália. Em vez disso, eu falo: "Pizza seria incrível."

Mas mesmo antes que ela possa ligar para a *Domino's*, eu estou no sofá deitada, fechando os olhos e entrando num sono profundo.



Na manhã seguinte, acordei às nove horas, tendo dormido mais de doze horas.

De alguma forma, acabei na minha velha cama, e acho que minha mãe me colocou lá, apesar de não me lembrar de nada depois de adormecer no sofá. A casa está muito quieta, e quando entro na cozinha para fazer café, o gato se movimenta entre minhas pernas, fazendo-me gritar.

O gato também grita e depois corre pela sala, correndo em busca da segurança nas alturas da estante.

"Desculpa," murmuro, com a mão no peito, tentando baixar minha frequência cardíaca. Estou muito nervosa, e acho que não posso me culpar, considerando que fui forçada a voltar para casa em um avião para salvar aqueles que amo. Essa coisa toda.

Isso é uma coisa que eu vou deixar de fora da conversa com minha mãe. Quanto menos eu disser sobre Pascal ou Gautier ou qualquer um deles, melhor. É apenas sobre Olivier e eu, que é o que deveria ter sido o tempo todo. É como se no minuto que chegamos a Paris, qualquer coisa valiosa que Olivier e eu tínhamos entre nós fosse dividida em um milhão

de direções diferentes, seja pelo trabalho ou pelos seus deveres familiares ou pelo seu primo pervertido e traiçoeiro. Estou começando a me perguntar, se nós realmente teríamos uma chance de ser mais do que aquilo que éramos. Era como se o sexo que fazíamos todas as noites fosse a única coisa que nos mantinha juntos.

E ainda assim eu sei que se nós tivéssemos tido uma chance de fazer isso, apenas nós dois, em algum outro lugar em alguma outra vida, poderíamos ter tido algo incrível.

Eu me sirvo de uma xícara de café da cafeteira e vejo um bilhete da minha mãe, dizendo que ela foi trabalhar e estava fazendo um turno duplo, e ela vai ver se consegue sair mais cedo. Além disso, há pizza na geladeira.

Eu abro a geladeira, pego uma fatia de pepperoni e começo a comer, tentando decidir o próximo passo.

A primeira coisa que fiz depois que o avião pousou foi checar meu telefone para ver se havia alguma mensagem de Olivier. Então eu mandei algumas mensagens e e-mails, querendo falar com ele, para ter certeza de que ele estava bem, para explicar o que aconteceu comigo. A última coisa que eu queria era que pensasse que realmente fui embora porque eu queria.

Mas os textos não foram entregues, e os e-mails nunca foram respondidos.

Talvez ele esteja bravo comigo - eu não o culparia - ou se ele está bem. Quem me dera ter o número de telefone de Seraphine para poder verificar como realmente ele estava.

Eu sei que deveria começar a fazer planos realistas. Descobrir se ainda posso ir à faculdade, embora com uma semana de atraso. Se não, se eu consigo continuar no próximo semestre. Ou talvez - talvez até mesmo me transferir de universidade. Eu não quero pisar na Europa por um tempo - na verdade, eu nem acho que estou autorizada a voltar tão cedo. Mas talvez em algum lugar dos EUA. Eu não quero deixar minha mãe de novo, e ainda assim, enquanto estou aqui na cozinha, bebendo café morno, não me sinto em casa também. Sinto como se não fosse à pessoa que preciso ser até estar em qualquer outro lugar, seja perto ou longe.

E mesmo assim, mesmo com essa compreensão me dando algum propósito e alguma força, eu sei que não importa onde eu esteja, meu coração não estará comigo.

Deixei-o para trás em Paris.

De volta àquele apartamento.

Com a pessoa a quem pertence.

A pessoa que o merece.

A dor no coração vem tão depressa que mal tenho tempo de reagir.

Num minuto estou segurando a xícara de café.

No minuto seguinte, estou no chão, com a xícara ao meu lado, despedaçada.

Claro, isso me faz lembrar Olivier também.

Naquela primeira manhã.

Depois que ele me salvou.

Ele me salvou de muitas maneiras diferentes.

E agora seria a minha vez de salvá-lo.

Eu soltei um grito distorcido, um tipo de tristeza violenta que ultrapassa todo o seu corpo, faz seu coração e suas tripas e meus pulmões sentirem que estão sendo rasgados ao meio. Eu choro, e soluço, e estou de joelhos agora, com as mãos cobertas de café derramado, lágrimas caindo dos meus olhos e nos azulejos pegajosos.

Não foi assim com o Tom, foi apenas um arranhão.

Esse foi um golpe em cheio, criado pela lâmina mais afiada, me cortando da cabeça aos pés até eu me perguntar se alguma vez estive inteira em algum momento.

Não sei se vou ficar inteira novamente.

Eu não sei se alguma vez conseguirei recuperar uma parte do meu coração depois de tê-lo dado a outra pessoa.

Eu fico no chão por muito tempo, tempo suficiente para que o gato fique curioso o bastante para vir me averiguar. Kismet toca minha cabeça,

então começa a dar voltas no café antes que ele se afaste, parecendo enojado.

Isso me traz de volta à vida um pouco, apenas me concentrando no gato, e no fato de eu estar deitada no chão da cozinha, o mesmo chão que está aqui desde que eu era uma menina, quando minha mãe e eu nos mudamos de Wenatchee, abandonadas por meu pai para cuidar de nós mesmas. De certa forma, é um círculo quase completo, só que fui eu quem saiu.

No começo eu não ouço a batida na porta. Meu cérebro o processa como ruído de fundo junto com o barulho alto da geladeira.

Mas então eu o ouço de novo. Alto e forte.

Eu lentamente me levanto, sentando, ouvindo.

Um a um, os cabelos dos meus braços se arrepiaram.

Meus nervos estão arrasados.

A adrenalina está zumbindo em algum lugar no meu cérebro primitivo.

Não se precipite, eu me lembro. Relaxe. Poderia ser o carteiro, um vizinho, uma Testemunha de Jeová. Qualquer um.

Levanto-me, desejando não estar tremendo. Lentamente e cuidadosamente saio da cozinha, com atenção para não pisar na cerâmica quebrada, então eu penso melhor e pego uma faca da gaveta.

Segurando-a ao meu lado, passei furtivamente pelo gato, que me observa com os olhos bem abertos.

Se realmente não é ninguém, apenas uma pessoa qualquer, eu vou parecer uma mulher louca, com meu cabelo desgrenhado, lágrimas, olhos vermelhos e calças manchadas de café, empunhando uma faca.

Deus, por favor, que seja uma pessoa normal.

A batida se repete, a porta quase tremendo, e meu coração vibra na garganta, dificultando a respiração.

Eu olho pelo olho mágico, mas sempre esteve tão enferrujado e manchado de arranhões que tudo o que vejo é a silhueta alta de um homem.

Oh meu Deus.

Tenho medo do que possa acontecer se eu não abrir a porta. Eu acho que talvez eu devesse abaixar a faca e pegar meu telefone e ligar para o 911.

Estou prestes a fazer isso quando ouço uma voz alta. "Sadie?"

E mesmo que seja familiar, eu não acho que Pascal ou Gautier se anunciariam antes de me matarem.

Ainda assim, eu pego a faca com mais força e abro a porta.

Eu quase larguei a faca.

Um Olivier desgastado, desgrenhado e desesperado está do outro lado. Sua camisa está suja, seu cabelo está uma bagunça, seus olhos estão assombrados.

Mas quando eles olham para mim, realmente olham para mim como se eu estivesse olhando para ele, eles ganham vida novamente.

"*Mon Lapin*," ele sussurra rouco. "É você."

"Olivier," eu grito, minha respiração voltando ao normal, meu corpo balançando em choque. "O que você está fazendo aqui?" Eu solto a faca e instintivamente atiro meus braços ao redor dele, e ele me segura tão apertado que eu não consigo respirar.

Mas eu não preciso respirar agora que estou com ele.

"Eu estava tão preocupado com você," diz Olivier no meu pescoço, com a voz dele quebrando. "Você não tem ideia das coisas que eu imaginei."

"Eu sinto muito ter ido embora assim," eu disse a ele. "Eu não tive escolha... Pascal..."

"Eu sei," ele diz, com seus olhos cheios de fúria enquanto cobre meu rosto. "Blaise me contou tudo."

"Blaise? E você confiou nele?"

"Vamos apenas dizer que Blaise não é mais fã do seu pai ou do irmão do que somos. Eu não confio nele, mas confio no que ele me disse. Que Pascal te intimidou... e eu sabia que você teria feito qualquer coisa para proteger sua mãe. E eu."

"Eu não sabia mais o que fazer," eu explico, segurando a porta aberta para ele entrar. "Eu não podia arriscar."

"Eu sei", diz ele, entrando e olhando ao redor. "É estranho que eu tenha imaginado sua casa dessa maneira?"

"Não sei o que isso diz sobre mim," eu digo. "Como diabos você me encontrou aqui?"

"Você não é tão difícil de encontrar."

"Oh, sério? Porque eu me lembro de você dizer uma vez que não sabia nada sobre mim, que eu era praticamente indetectável online."

"Essa pode ter sido a minha maneira de te fazer falar," diz ele com um sorriso. "Funcionou."

"Não me diga que você tem acesso às redes de espionagem francesas."

"Eu poderia..." Diz ele. "Mas também poderia ter acesso a uma pequena coisa chamada Google."

Eu dou risada. Porque ele está aqui, e é tão incrível e impossível que ele esteja aqui.

Ele está aqui.

"Como você chegou?"

"Um avião," diz ele, puxando-me em sua direção. "Do mesmo tipo que você tomou."

"Oh, a sua passagem também foi adquirida por Pascal?"

O aperto dele nos meus braços fica mais forte, e seus olhos duros. "Eu preciso que você me conte tudo o que aconteceu. Ele te machucou? Ele..." Sua voz quebra de raiva. "Fez alguma coisa com você?"

Eu abanei minha cabeça. "Não. Quero dizer, ele foi um idiota, cretino e um pervertido de merda."

"Pervertido?" Ele pergunta agudamente.

"Você está surpreso?"

"O que ele fez com você?" Parece que ele está pronto para jogar a poltrona do outro lado da sala.

"Acalme-se," eu digo a ele. "Ele não fez nada. Ele só... ele foi lascivo. E ele pode ter um vídeo de nós fazendo sexo, e pode ter se masturbado mais do que apenas algumas vezes, com ele."

Os olhos de Olivier se estreitam em fendas verdes. *"O quê?"* Ele sibila.

"Eu vi o vídeo. É, hum, estamos encostados contra o vidro do seu hotel. Mas não é nada que você deva se preocupar... ou talvez na próxima vez que você o ver no escritório, você poderia confiscar seu telefone." Como se não houvesse uma chance de ele ter salvo o arquivo em uma nuvem. Eu tento não pensar sobre isso.

"Que fodido doente," ele pragueja. Eu posso ver as veias latejando em sua têmpora. Jesus, eu provavelmente não deveria ter dito isso a ele.

"Sim, mas pelo lado positivo, nós estamos muito sexy," eu consigo dizer, mas ele não acha graça. "Então eu acho que ele vai merecer um soco ou dois na cara quando você voltar?"

"Eu não vou voltar."

"O quê?"

"Eu disse que não vou voltar."

Eu olho para ele de cima para baixo. "Você nem tem uma bagagem."

"No momento em que Blaise me disse, no momento em que eu vi o bilhete, eu tive que vir. Fui direto para o aeroporto e peguei o primeiro voo. Eu disse a Seraphine que havia uma chance de eu não voltar por um tempo."

"Quanto tempo é um tempo?" Pergunto, com esperança e medo de ouvir a resposta.

Ele mastiga o lábio por um momento enquanto olha para mim, talvez sentindo o mesmo que eu. "O tempo que for preciso. Talvez anos."

"Anos?" Eu praticamente cuspo.

Ele se encolhe. "Sem pressão. Mas eu achei que agora era uma chance tão boa quanto qualquer outra de finalmente conseguir aquele hotel em Napa Valley. No vinhedo de Renaud."

"Você está brincando comigo?" Isso parece tudo tão precioso e delicado, que tenho medo de questioná-lo caso ele quebre, mas... "Você não vai voltar para casa?"

Ele balança a cabeça. "As coisas ficaram um pouco loucas por lá. Eu não gostaria de ter nada a ver com isso."

"Mas Seraphine! Ela é sua irmã."

Ele fica perturbado, e eu imediatamente me sinto mal, com um sentimento de culpa.

"Ela é minha irmã, mas é uma garota grande. Ela queria que eu viesse atrás de você. Ela queria que eu me afastasse."

"Mas a empresa... eles vão comê-la viva."

"Ela pode lutar. Ela vai lutar."

"Mas..."

"Eu sei," diz ele com um suspiro, correndo a mão pelo rosto. "Mas é o que é. E eu não acho que ela esteja tão sozinha como você pensa."

"Mas assim eles ganham. Você poderia assumir o comando, proteger seu legado."

"Gostem ou não, o nome da família é Dumont. Se Gautier quer arruiná-lo ou fazê-lo subir no próximo século, adaptando-se aos tempos, isso é com ele. Não comigo. Olha, eu não fui feito para isso. Talvez eu estivesse em algum momento, mas eu sou muito bom no que faço agora,

e eu gosto disso. E acho que cortar meus laços com Paris por enquanto pode ser a melhor ideia que já tive. Você não sentiu o mesmo quando partiu daqui?"

Eu aceno devagar, acho que Olivier só trabalhou, trabalhou e trabalhou. Talvez seja a hora dele ser outra pessoa.

"Eu não gostava da pessoa que eu era em Paris, e não teria ficado melhor, só pior," ele diz. "Você sabe disso. Tínhamos as probabilidades contra nós no momento em que pisamos na cidade, nunca fomos capazes de capturar o que tínhamos no início."

"Todas as relações não vão por esse caminho?"

"Talvez se você aceitar isso e desistir delas. Mas eu não vou desistir de nós. Eu não vou desistir de você. Nós merecemos mais do que isso, *mon lapin.*"

Eu estou sorrindo e chorando de uma só vez, maravilhada com a felicidade, meu corpo tremendo da transição do puro desgosto para o medo e de repente ter tudo o que eu sempre quis.

"E," Olivier continua. "Eu espero que você venha comigo. Para a Califórnia. Talvez você possa terminar seus estudos em São Francisco. Ou fazer o que você quiser. Eu só quero você comigo em cada etapa desta nova vida."

"Claro que vou com você," eu sussurro para ele, minha voz sufocou, permanecendo na ponta dos pés para lhe dar um suave beijo. "E eu estou

honrada de fazer parte de qualquer vida que você escolher, mas... você não está preocupado com a vida que você está deixando para trás?"

Ele acena com a cabeça. "Estou. Aconteceu muita coisa antes de eu partir, mais do que você imagina."

"Então, o que aconteceu com Seraphine? Você ouviu o que ela tinha a dizer sobre a teoria dela?"

"Oui," diz ele lentamente. "Eu ouvi."

"E?"

"E eu não sei. Eu realmente não sei."

"Sim, bem, eu falei com Pascal sobre isso."

Ele franziu uma sobrancelha. "Você falou?"

"Muitas coisas foram ditas. Mas honestamente, por mais horrível que ele seja não tenho certeza de que ele tenha feito isso."

"Eu também não acho. O que deixa o meu tio... e sei que nunca vou conseguir incriminá-lo."

"Então o que você vai fazer? Você não pode investigar enquanto estiver aqui."

"Eu não posso investigar nada. Eu não sou da polícia. E, bem, vamos apenas dizer que eu não tenho certeza se a polícia está do nosso lado. Eu acho que eles estão do lado deles."

"O que faz você dizer isso?"

"Nada para você se preocupar," diz ele com suavidade, o que, claro, me deixa desconfiada. Tenho certeza de que o que quer que seja, é algo com que me preocupar. Mas eu sei que vou dar passos de bebê com Olivier agora. Afinal, temos todo o tempo do mundo.

Mas ainda assim...

"Então, quando você disse que Blaise lhe contou tudo, o que ele disse exatamente?" Eu pergunto.

"Só que Pascal pode ter ameaçado você. Oh, e que fui enganado."

"Por Marine e Pascal?"

Sua mandíbula se aperta e ele olha para o outro lado. "Sim. O que mais me incomoda em tudo isso é que eu deveria ter percebido. Eu deveria saber que tudo isso estava pronto desde o início. Eu era tão jovem. Apenas um jovem, estúpido de merda."

"E você estava apaixonado. Não seja tão duro consigo mesmo."

"Não," diz ele, as mãos dele passando pelo meu cabelo, me agarrando pelo pescoço, de forma possessiva. Do jeito que eu precisava dele. "Não, eu não estava apaixonado. Eu sei o que é o amor agora, Sadie, e ele vive em você. É por isso que estou aqui. Porque você está aqui. Porque você é minha tanto quanto eu sou seu."

Eu não posso deixar de sorrir. "Olhe para você, sendo todo romântico."

"Eu sou sempre romântico," ele diz, beijando meu pescoço. "Porque é impossível não ser nada além de um escravo apaixonado ao seu redor." Repousa a testa dele contra a minha, respirando fundo. "Diga-me que eu fiz a coisa certa ao vir para cá. Diga-me que você quer isso. Que você me quer."

Oh Deus. Ele já não sabe?

"Eu só saí porque eu precisava," eu digo a ele. "Talvez Pascal tenha feito um monte de ameaças vazias, mas talvez não tenha. Não sei. Não houve tempo para decidir."

"Eu sei. Você tinha que proteger o que ama. E foi por isso que eu te segui. Porque eu te amo. E eu sempre te seguirei."

"E eu te seguirei. Para Cannes, Paris, Califórnia. A cada passo do caminho. Eu te amo."

Nós nos beijamos, profundamente, intenso, e doce, cheio de todas as emoções dos últimos dias, transbordando de luxúria, de amor e saudade.

Beijamo-nos e beijamos até eu sentir o gato se contorcendo ao redor de nossas pernas.

"De quem é esse gato?" Olivier pergunta quando ele se afasta, vendo como Kismet enrola ao nosso redor, ronronando contente.

"Da minha mãe. Quem eu acho que você vai conhecer mais tarde hoje."

"Mal posso esperar."

"Ela está trabalhando em um turno duplo e vai chegar tarde em casa, mas, garoto, ela vai se surpreender ao te ver."

"O que você disse a ela sobre mim?”

"Bem, eu só disse coisas boas, é claro."

"Mesmo que você tenha voltado mais cedo?"

"Sim, bem, eu sei que ela queria que as coisas se resolvessem entre nós. Acho que as mães têm um instinto de amor jovem, ou pelo menos gostam de te dar conselhos e fingem que gostam," eu digo com uma risada. "Entretanto... quer pizza?"

"Pizza? Para o café da manhã?" Ele encolhe os ombros. "Acho que estou na América."

Eu bati em seu peito. "Ei! São sobras, e eu vou assumir que você está no horário de Paris, e você parece que não comeu nada. Então, pizza?"

"Lidere o caminho."

Eu o levo para a cozinha, e ele olha a xícara de café quebrada no chão.

"Você estava praticando seu momento Hitchcock esta manhã?"

"Algo assim," eu digo a ele, abrindo a geladeira e puxando a pizza, e então indo direto para o meu quarto.

"Onde você está indo?" Ele pergunta, seguindo-me. "Não quer esquentar isso?"

"Pizza fria é o jeito americano," eu digo a ele, e uma vez que estamos os dois lá dentro, eu fecho a porta e faço um gesto para ele subir na cama. "Tire os sapatos, e vá para a cama."

"Isso é muito bizarro," diz ele enquanto tira os sapatos. "É assim que vocês todos comem no café da manhã?"

"Não," eu digo a ele, escalando na cama indo em sua direção. "Eu apenas soube que eu iria devastar você depois que tivesse algumas mordidas, então eu pensei que eu iria matar dois coelhos com uma cajadada só."

Ele sorri para mim. Tão lindo. "Devastar-me?" Ele pergunta, as sobrancelhas levantadas, pega a caixa de pizza das minhas mãos e a joga pelo quarto. "A comida pode esperar, porra."

Olivier me agarra como um animal, e eu solto um grito alto e me dissolvo em risadas enquanto ele me beija da cabeça aos pés, e suas mãos rastejam por todo meu corpo.

Eu não sinto nada além de alívio com ele em cima de mim.

Eu não sinto nada além de borboletas no meu peito e amor no meu coração.

Eu me deixei devastar pelo meu francês - mente, corpo e alma.

Epílogo

Olivier

Seis meses depois

"Bon matin," ouço Sadie sussurrar no meu ouvido.

Eu afasto os pedaços dos meus sonhos e lentamente abro meus olhos para ver a luz suave do sol derramando através das janelas. A luz aqui na Califórnia é tão semelhante à luz do sul da França, especialmente no inverno. É pálida, e brilha, apenas o suficiente para te dar calor, o suficiente para manter seus ânimos elevados.

Mas a luz não é a única coisa que me mantém acordado.

Sadie.

Minha querida e linda Sadie, deitada de lado na cama comigo, absolutamente angelical nesta luz.

Quando eu decidi vir para a América e começar de novo com ela, no que ela chamaria de um passo corajoso, eu sabia que seria um risco. Eu sabia que seria um desafio. Mas nem por um momento pensei que me arrependeria.

E estava certo. Valeu a pena dez vezes, não, um milhão de vezes dar esse salto com ela e me concentrar em construir uma vida juntos.

Neste momento, a nossa vida está apenas começando a se estabelecer, reencontrar seus fundamentos, e enraizar.

Estamos vivendo em uma casa de hóspedes no vinhedo de Renaud.

A sua casa fica do outro lado dos milhares de acres de merlot e cabernet sauvignon. E entre nós, na proximidade da Adega Dumont Napa e das instalações de produção, está à fundação do Hotel Dumont.

As pessoas trabalham rápido nos EUA. Nós começamos a trabalhar há um mês atrás, e em mais alguns meses, bem a tempo do verão, o hotel pode estar funcionando.

Nunca estive tão entusiasmado com um projeto em toda a minha vida.

Especialmente agora que tenho dois projetos.

O primeiro é o hotel, que será não só o meu primeiro hotel boutique[27] de luxo com apenas vinte quartos, mas também o meu primeiro na América.

O segundo é que eu planejo fazer de Sadie minha esposa.

Sei que na verdade nos conhecemos há apenas sete meses, mas a verdade é que descobri mais sobre mim nesses sete meses do que em toda

[27] *- Hotel Boutique – é um hotel que tem poucos quartos, mas uma completa infraestrutura de lazer e serviços oferecidos por um grande hotel.*

a minha vida. E mais do que isso, eu aprendi o que é conhecer meu coração.

Saber o que é amar.

Saber o que é ser amado.

Com Sadie, eu encontrei tudo isso. Eu me encontrei nela - o verdadeiro Olivier que não está preso a contratos, prazos e culpa. Um lugar onde posso finalmente ser livre.

Mas, é claro, tudo isso tem um preço.

A empresa ainda está nas mãos de Gautier, Pascal e Blaise.

Minha irmã ainda está trabalhando lá... trabalhando para eles.

Me dói até pensar, que aquilo pelo que tanto trabalhamos, toda a moral e realizações do meu pai, tenha sido desperdiçado. Claro, o seu legado vai sempre sobreviver, mas Gautier está administrando a empresa de forma completamente diferente agora. A loja online está funcionando. Ele está colaborando com artistas como Jean-Michel Basquiat em edições limitadas, o que está produzindo um movimento nas lojas. Até mesmo a marca mudou, tornando-se em algo chamativo e barato.

As vendas estão em alta. Acho que nunca assumi que seus planos e ambições para a empresa não funcionassem - ao contrário, nunca foram necessários. As vendas estão em alta porque isso é uma novidade, mas tenho dúvidas de que elas fiquem em alta em longo prazo.

E Seraphine está lá, tentando lidar com tudo isso, sabendo que meu pai provavelmente está rolando em seu túmulo.

Mas ela não desiste. Eu falo com ela pelo menos uma vez por semana, tentando convencê-la a sair, ou pelo menos visitar a região.

Mas não virá. Ela é leal demais para isso. Muito determinada e teimosa. Ela quer fazer isso por nosso pai. Ela quer ficar a bordo para que ela possa intervir, mesmo que ninguém a ouça. Ela quer estar lá só por precaução, para manter nossos inimigos mais próximos.

Ela diz que é a única coisa que sabe fazer, a única coisa que quer fazer.

Eu me preocupo com ela. Não só sobre sua segurança, mas também por sua sanidade. O que significa trabalhar todo o dia naquele edifício ao lado de Blaise. Ela insiste que ele a deixa louca, e eu acredito nisso. Também me preocupa que ela possa começar a confiar nele quando não deveria. Ela diz que Blaise se afastou do irmão e do tio e que as suas confissões continuam sendo verdadeiras. Mas não sei. Ela pode confiar demais nas pessoas erradas, e eu gostaria de estar lá para ficar de olho nas coisas por mim mesmo.

Mas não quero deixar Sadie, apesar de ela estar acostumada a ter o meu irmão, Renaud, por perto, e de eu levar muitas vezes a mãe dela para visitá-la. Também não quero sair da construção, não neste momento crucial.

Sei que meu regresso a Paris terá de acontecer mais cedo ou mais tarde. Posso conduzir os meus negócios daqui sem ter de estar na Europa, especialmente com um conselho de administração e diretores por trás, para fazer o trabalho, mas mesmo assim, preciso examinar pessoalmente Seraphine.

Tenho de ir ver como está o meu tio.

Preciso, de alguma forma, fazer com que ele saiba que não fugi, estou apenas dando um tempo. Nem ele nem Pascal me contataram. Acho que não há necessidade. Eu saí de cena. Eu perdi. Meu pai está morto. Eu não tenho controle sobre a empresa. Eles armaram-me uma armadilha e ganharam.

Ainda assim, sinto que o meu tio não me vai deixar esquecer o que lhe fiz. Ele não leva a humilhação de forma leviana, só posso esperar que ele esteja muito envolvido com a empresa para vir atrás de nós, mesmo que eu fique de olho em minhas costas para o resto da minha vida.

Mas eu não me importo.

Porque tenho o amor da minha vida ao meu lado.

Eu tenho uma nova vida aqui, uma vida que transcende a que eu tinha antes, uma que se sente mais verdadeira e real do que eu poderia ter imaginado.

Isso é o que o amor faz com você.

Ele te acorda. Ele te torna verdadeiro.

Mesmo assim, eu tenho dificuldade em acreditar que Sadie está aqui ao meu lado, assim como tem sido todas as manhãs. Eu poderia ter tanta sorte em tê-la encontrado, que eu não a deixei ir, e que ela não me deixou ir.

"O que está acontecendo nesse seu cérebro?" Ela pergunta, estendendo o dedo entre minhas sobrancelhas. "Você normalmente não é tão carrancudo logo pela manhã."

Eu dou a ela um olhar irônico. "Eu acho que você me confundiu com outra pessoa. Desde que me mudei para a nossa pitoresca cabana no vinhedo, descobri a alegria de dormir e fazer as coisas com calma."

"Ok, bem, você normalmente não pensa tanto quando acorda," diz ela. "O que você está pensando?"

"Apenas em você," eu digo a ela. Eu inclino-me, afastando o cabelo bagunçado da sua testa e beijando-a gentilmente. "Você está sempre na minha mente."

"Mesmo quando eu estou bem na sua frente?"

"Mesmo quando você está bem na minha frente." Eu estico a mão e tento puxá-la para perto de mim, mas ela ri e sai da cama, parecendo adoravelmente sexy em sua roupa íntima rendada e uma pequena camiseta com um unicórnio.

"Oh não, você não sabe," ela diz. "É que eu tenho lugares para ir e pessoas para ver."

"Você sabe que temos que ir aos mesmos lugares e ver as mesmas pessoas, certo?" Eu digo a enquanto ela vai para a cozinha.

"E eu sei como você é de manhã," ela grita, e eu posso ouvi-la enchendo a máquina de café com água. "Você gosta de tomar seu tempo, e nós não temos tempo esta manhã."

Ela tem razão. Hoje vamos a São Francisco, primeiro buscar sua mãe no aeroporto, que vem nos visitar por alguns dias, e depois visitar a Universidade da Califórnia, em Berkeley, juntos. Sadie estava pensando em transferir seu curso nessa universidade, para que ela possa continuar seu curso de comunicação no outono, mas ultimamente ela tem pensado em outras opções.

Por mais que eu queira que ela tenha uma formação universitária, não gosto da ideia de ela se mudar para a São Francisco por tanto tempo, mesmo que, é claro, eu vá morar com ela. Eu gosto da pequena vida que construímos para nós, aqui na vinícola. Felizmente, uma das opções que Sadie quer explorar é tornar-se uma *sommelier*. Estar aqui e estar perto de Renaud e ver a sua paixão pelo vinho a seduziu.

Francamente, acho que ela seria fantástica no que quer que se proponha a fazer, desde que fosse feliz. Mas, no final, sinto que a visita de hoje à universidade é apenas para apaziguar sua mãe. Embora a mãe dela me ame e aprove esta nova vida que temos, acho que ela ainda se preocupa com o seu futuro.

Com sorte, quando eu lhe pedir em casamento, e Sadie se tornar minha esposa, ela se preocupará um pouco menos.

Com isso em mente, entro na cozinha e fico na entrada da porta, vendo-a apertar os botões da máquina e desanimar quando nada acontece. Eu não sei o que isso tem a ver, mas ela está sempre lutando com a maldita coisa.

"Por que não podemos ter uma cafeteira americana normal?" Ela reclama, batendo na lateral e depois abrindo-a, espreitando onde se põem os cartuchos. "Eu poderia até lidar com uma máquina francesa. Quero dizer, isso é francês, você deveria aprovar."

"Fazemos assim," digo eu. "Que tal pedirmos uma cafeteira antiquada como presente de casamento? Tenho certeza de que alguém nos dará uma."

Ela para de mexer com a máquina.

Eu realmente não estava planejando fazer isso dessa maneira, mas acho que agora é um momento tão bom quanto qualquer outro.

"Presente de casamento?" Sua voz é alta, enquanto se vira lentamente para olhar para mim.

Eu sorrio, e espero que pareça estável, porque estou começando a tremer por dentro.

Talvez eu devesse ter pensado nisso melhor.

Eu ia fazer isso no vinhedo sob as estrelas.

Eu ia fazer isso em uma lancha sob a ponte Golden Gate.

Eu ia fazer isso em um milhão de momentos românticos.

Sou francês, caramba. Eu não deveria estar propondo na cozinha logo pela manhã, quando nós dois estamos malvestidos.

Mas aqui estou eu.

Caminhando até ela, agarrando sua mão - a mesma mão que estava agarrando a máquina de café - e fico de joelhos.

Pedindo ao meu amor para ser minha esposa.

"Sadie, *mon lapin*. Você vai se casar comigo?"

Ela está sem palavras.

Ela não previa isso. Eu não previ isso.

Mas as melhores coisas da vida acontecem assim.

"Você está falando sério?" Ela pergunta, sua outra mão vai ao seu peito em choque.

Eu aceno, sentindo as lágrimas, e o calor no meu nariz, e na minha garganta. "Nunca estive tão sério antes na minha vida. Mesmo que eu não pareça agora."

"Sim, sim, *mon Dieu,*" ela diz, e eu rio. Eu ri tanto porque estou tão entusiasmado, e tão assustado por ela ter concordado em se casar comigo. "Eu vou me casar com você, Olivier. Claro que vou me casar com você."

Eu sorrio para ela. Meu coração está explodindo de alegria. Não tenho certeza se vou sobreviver. "Você não está apenas dizendo isso por causa da máquina de café, está?"

Ela está rindo agora, sorrindo de orelha a orelha, e eu me levanto, puxando-a para mim, beijando-a com força. "Estou dizendo sim porque te amo," diz ela, e então olha para sua mão na minha. "Você não precisa de um anel?"

"Volto já," eu digo a ela e corro para o quarto, rapidamente pegando o anel que eu escondi na gaveta das meias. Está lá há alguns meses, um anel de safira e diamante que combina com seus olhos. No momento em que entrei na loja de antiguidades, soube que era ele.

Assim como eu sabia que ela era a única desde o momento em que a vi pela primeira vez. Primeiro a salvei. Desde o momento em que eu percebi que ela foi à única que me salvou.

Volto para a cozinha, ponho-me de joelhos e depois proponho com o anel.

Ela aceita.

O anel se encaixa.

Ele se encaixa.

No meu coração, nesta vida, na próxima vida também.

"Eu te amo, Sadie," eu sussurro para ela enquanto enrolo meus braços ao seu redor e a seguro firme. Eu vou segurá-la para sempre. "Obrigado por sair do trem."

Eu sinto o sorriso dela contra mim quando ela percebe do que estou falando. "A melhor decisão que já tomei," diz ela.

"E decidir agora mesmo ser minha esposa?"

"A decisão mais fácil que já tomei," diz ela. "Eu fui sua desde o início."

"Agora você é minha para sempre."

"Bien sûr," diz ela e depois se afasta para olhar para mim, franzindo o nariz através de suas lágrimas felizes. "Eu disse isso certo, não disse?"

Eu gargalhei. "Você vai chegar lá, *mon lapin*. Você vai chegar lá."

Vamos pelo menos chegar lá juntos.